

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Adriana dos Santos Sales

**JANE AUSTEN E SEU FANDOM DIGITAL:
Emergências e Propiciamentos em um Sistema Adaptativo Complexo**

Belo Horizonte

2018

Adriana dos Santos Sales

**JANE AUSTEN E SEU *FANDOM* DIGITAL:
Emergências e Propiciamentos em um Sistema Adaptativo Complexo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Língua Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada
Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia

Orientadora: Professora Doutora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Junho de 2018

S163] Sales, Adriana dos Santos.
Jane Austen e seu *fandom* digital [manuscrito] : emergências e propiciamentos em um Sistema Adaptativo Complexo / Adriana dos Santos Sales. – 2018.
275 f., enc. : il., tabs, grafs (color)
Orientadora: Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva.
Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de Pesquisa: Linguagem e Tecnologia.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 235-266.
Anexos: f. 267-275.

1. Austen, Jane, 1775-1817. – Crítica e interpretação – Teses. 2. Jane Austen Sociedade do Brasil – Teses. 3. Ambientes virtuais compartilhados – Teses. 4. Listas de discussão – Teses. 5. Colaboração online – Teses. 6. Linguística aplicada – Teses. 7. Gêneros textuais – Teses. 8. Produção de textos – Teses. I. Paiva, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

JANE AUSTEN E SEU FANDOM DIGITAL: Emergências e Propiciamentos em um Sistema Adaptativo Complexo

ADRIANA DOS SANTOS SALES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Linguagem e Tecnologia.

Aprovada em 14 de junho de 2018, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva - Orientadora
UFMG

Prof(a). Vicente Aguiar Parreiras
CEFET-MG

Prof(a). Magda Velloso Fernandes de Tolentino
UFSJ

Prof(a). Carlos Henrique Silva de Castro
UFVJM

Prof(a). Luciana de Oliveira Silva
UFMG

Belo Horizonte, 14 de junho de 2018.

Dedicatória

Dedico à minha família que tanto me incentivou! Dedico aos meus pais Rita e Fenelon (*in memoriam*) pelos ensinamentos e pelo amor! Vocês foram pessoas admiráveis! Dedico à minha filha Isabella por ser uma filha querida, da qual me orgulho muito. Isa, você é um presente na minha vida!

Agradecimentos

Agradeço aos meus irmãos (João, Fernando, Airton, José, Rose, Rogério e Alessandra) que em vários momentos da minha jornada como estudante me ofereceram ajuda e incentivo. Agradeço aos meus colegas de profissão pelo exemplo e pelo incentivo, aos colegas de doutorado pela amizade e apoio! Mateus Peres dos Santos e Isabella Sales Zardini agradeço pelo carinho e paciência, apesar das minhas ausências e viagens sempre estiveram ao meu lado!

Aos amigos de todas as horas Lília dos Anjos, Cláudia Cristino, Amilcar Figueroa, Sérgio Gartner e Marcos Racilan que me ajudaram nas horas difíceis, muito obrigada! Às amigas: Raquel Bambirra, Rosângela Neres e Luciana Viter pelas dicas e sugestões! Muito obrigada!

Agradeço à minha orientadora que sempre foi fonte de inspiração para mim, com suas pesquisas inovadoras e impactantes. Vera, meu sincero obrigada por ter sido a voz inquietante na minha cabeça em busca de um texto melhor e de uma pesquisa de qualidade! Agradeço aos professores que gentilmente aceitaram o convite para participar da banca examinadora. Fico muito feliz e agradecida pelas sugestões que todos vocês fizeram ao lerem meu texto de qualificação e pelas contribuições valiosas de suas observações. Ao Professor Vicente Parreiras, minha gratidão pela leitura atenta de minha tese, além de meu muito obrigada por sua paciência e colaboração durante todos esses anos de percurso acadêmico. À Professora Raquel Recuero, pelas importantes recomendações. À Professora Magda Velloso pelas contribuições e por dividir comigo a paixão por Jane Austen. Aos professores Luciana Oliveira e Carlos Henrique Castro pela leitura cuidadosa e preciosas observações.

Em memória, agradeço a Jane Austen por ter nos presenteado com um legado literário fantástico!

“Conheça sua própria felicidade, só precisa de paciência... ou dê-lhe um nome mais fascinante, chame-a de esperança.” Jane Austen

“Às vezes, se você tiver sorte e a iluminação adequada – um novo elemento/construto/conceito é inserido em seu campo de visão e subitamente transforma a maneira como tudo o mais é e pode ser visto.” Aviva Freedman

RESUMO

Sob a perspectiva de um estudo de viés netnográfico, esta tese analisa a comunidade Jane Austen Sociedade do Brasil (JASBRA) como um sistema adaptativo complexo, cuja interação no Facebook propicia a emergência de gêneros diversificados, entre eles os *memes*, a publicidade de livros e o fórum de discussão. Favorecidos pela comunicação em rede, os membros dessa comunidade podem ser considerados um *fandom* digital, ativo e produtivo. Para analisar as interações e os gêneros produzidos pelos membros, foram usadas como referencial teórico as características de redes sociais (RECUERO, 2006, 2009b), as comunidades de prática (WENGER, 2000, 2012), os sistemas adaptativos complexos (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; HOLLAND, 1995, PAIVA, 2006, 2011), as condições para a emergência complexa (DAVIS E SUMARA, 2006), os propiciamentos (GIBSON, 1978; GAVER, 1991; NORMAN, 1999), a inteligência emergente (JOHNSON, 2003) e a teoria do capital social (RECUERO, 2012b). O principal objetivo deste estudo foi analisar as produções textuais, especificamente os gêneros emergentes no contexto digital. Para alcançar este propósito, conto com seis objetivos específicos: 1) descrever as interações na comunidade JASBRA sob a perspectiva dos sistemas adaptativos complexos; 2) identificar e analisar os comportamentos emergentes no grupo; 3) identificar e analisar as produções de gêneros que emergem nesta comunidade; 4) identificar e analisar os propiciamentos e como eles afetam e são afetados pelos padrões de comportamento desse sistema complexo; 5) analisar as interações sob o ponto de vista do capital emergente/capital social; e, 6) compreender o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet. O percurso metodológico seguiu quatro etapas: 1) coleta de dados via questionário, *Facebook* e *Sociograph*; 2) análise de dados com base no referencial teórico; 3) seleção e análise de gêneros emergentes na comunidade da JASBRA; e, 4) contraste e análise de todos os dados. Os resultados obtidos indicam que as bases teóricas confirmam a natureza complexa da comunidade pesquisada, os propiciamentos e as emergências favorecem a construção de gêneros discursivos que emergem como o capital social do grupo e fortalecem a popularidade de Jane Austen.

Palavras-chave: sistemas adaptativos complexos, emergências, comunidades de prática, *fandom*, Jane Austen.

ABSTRACT

Conducted as a netnographic study, this thesis analyzes the community of Jane Austen Society of Brazil (JASBRA) as a complex adaptive system, whose interaction in Facebook allows the emergence of multiple genres, such as: memes, publicity and discussion boards. Stimulated by networked communication, the members of this community can be considered a digital, active and productive fandom. In order to analyze the interactions among the members, the following theoretical references were used: the characteristics of social networks (RECUERO, 2006, 2009b), communities of practice (WENGER, 2000, 2012), the complex adaptive systems (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; HOLLAND, 1995, PAIVA, 2006, 2011), the conditions for complex emergence (DAVIS AND SUMARA, 2006), the emergent intelligence (JOHNSON, 2003), affordances theory (GIBLSON, 1979, GAVER, 1991; NORMAN, 1999) and the theory of social capital (RECUERO, 2012b). The main goal of this study is to analyze the textual productions as emerging genres in the digital context (MARCUSCHI, 2005). For this purpose there are six specific goals: 1) to describe the interactions in JASBRA's community using the perspective of the complex adaptive systems; 2) to identify and analyze emergent behaviors in the group; 3) to identify and analyze the genres emerged in this group; 4) to identify and analyze affordances and how they affect and are affected by the behavior patterns of this complex system; 5) to analyze the interactions from the social capital theory; and, 6) to understand the phenomenon of Jane Austen's popularity on the Internet. The methodology followed four stages: 1) data collection via questionnaire, Facebook and Sociograph; 2) data analysis based on the theoretical framework; 3) selection and analysis of emerging genres in the community; and, 4) contrast and analysis of all data collected. The results indicate that the theoretical bases confirm the complex nature of the community; the affordances and emergencies allow the construction of multiple genres that form the group's social capital and strengthen the popularity of Jane Austen.

Keywords: complex adaptive systems, emergencies, communities of practice, *fandom*, Jane Austen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos seguidores @austen_brasil no <i>Twitter</i>	52
Figura 2– Detalhes do crescimento da comunidade JASBRA	101
Figura 3 – Detalhes do envolvimento com destaque para publicações	102
Figura 4 – Detalhes do envolvimento com detalhes para publicações	103
Figura 5 – Detalhes do envolvimento com destaque para datas mais populares.....	103
Figura 6– Publicações mais relevantes	104
Figura 7 – Principais colaboradores do grupo	105
Figura 8 - Visão geral dos dados da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	106
Figura 9 - Visão geral dos dados da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	107
Figura 10 – Página Inicial da Comunidade JASBRA.....	112
Figura 11 – Exemplo de interação em outra rede social da JASBRA (<i>Twitter</i>).....	121
Figura 12 – Exemplo de eventos agendados no grupo da JASBRA	121
Figura 13 – Exemplo de amizade duradoura no grupo.....	122
Figura 14 – Exemplo de publicação originada de outra página	123
Figura 15 – Publicação com número de compartilhamentos, reações e comentários	124
Figura 16 – Exemplo de publicação com replicação em outra comunidade	125
Figura 17 – Citação da JASBRA na <i>Fanpage</i> do Jane Austen’s House Museum	126
Figura 18 – Principais colaboradores do grupo	127
Figura 19 – Exemplo de replicação de replicação de publicações no <i>Facebook</i>	128
Figura 20 – Exemplo de indivíduos-ponte na comunidade da JASBRA	129
Figura 21 – Exemplo de publicação que marca outra comunidade dentro do <i>Facebook</i>	130

Figura 22 – Exemplo de publicação que gera polêmica na comunidade da JASBRA.....	136
Figura 23– Participação dos membros.....	137
Figura 24 – Publicação da segunda edição Literausten.....	138
Figura 25 – Publicação informal no grupo da JASBRA	139
Figura 26 – Detalhe de atividade da comunidade da JASBRA.....	140
Figura 27 – Inauguração da estátua da escritora na Inglaterra	141
Figura 28 – Lançamento da nota de dez libras	142
Figura 29 - Publicação sobre a interpretação de um personagem	143
Figura 30 - Postagem sobre os atores da novela <i>Orgulho e Paixão</i>	144
Figura 31 - Página Inicial do <i>Site Jane Austen Fanfics</i>	145
Figura 32 – Exemplos de uso de <i>hashtags</i>	146
Figura 33 – Exemplo de enquete na comunidade da JASBRA.....	148
Figura 34 – Exemplo de antecipação de opinião.....	149
Figura 35 – Exemplo de publicação com <i>memes</i>	150
Figura 36 – Exemplo de publicação sobre a novela da Rede Globo	151
Figura 37 – Guia de Visitação produzido por Raquel Mathias	152
Figura 38 – Capa do livro ‘Querida Jane Austen’	152
Figura 39 – Regras da Comunidade da JASBRA.....	155
Figura 40 – Publicações repetidas	156
Figura 41 – Publicações duplicadas em línguas diferentes	156
Figura 42 – Página inicial da Revista Literausten	162
Figura 43 – Páginas da reportagem na Revista MRV	164
Figura 44 – Publicação sobre a JASBRA na Revista JARW edição 63.....	165

Figura 45 – Imagem da capa ‘Contos de Fim de ano’	166
Figura 46 – Publicação de Moira Bianchi inspirada em Jane Austen	166
Figura 47 – Página inicial da seção Cartas para Madame Austen.....	169
Figura 48 – Apresentação teatral da JASBRA	171
Figura 49 – Canal Fantástico Mundo de Jane Austen	171
Figura 50 – Logomarca da JASBRA.....	172
Figura 51 – Austen na Copa 2014	172
Figura 52 - <i>Lettering</i>	173
Figura 53 – Imãs comemorativos da JASBRA.....	173
Figura 54 – Camisetas da JASBRA.....	174
Figura 55– Canecas da JASBRA.....	175
Figura 56 – <i>Ecobags</i> da JASBRA	175
Figura 57 – Exemplo 1 de <i>meme</i> da página Jane Austen Irônica.....	176
Figura 58 - Exemplo 2 de <i>meme</i> da <i>fanpage</i> Jane Austen Irônica	177
Figura 59 - Exemplo 3 de <i>meme</i> da <i>fanpage</i> Jane Austen Irônica.....	178
Figura 60 - Exemplo 4 de <i>meme</i> da <i>fanpage</i> Jane Austen Irônica	178
Figura 61 – Exemplos 1 e 2 de <i>Memes</i> publicados pelo Austequila	179
Figura 62 – Exemplo de <i>meme</i> mimético	180
Figura 63 – Exemplos de memes Austequila <i>Records</i>	181
Figura 64 – <i>Meme</i> Leia Jane Austen	182
Figura 65 – <i>Meme</i> Jane Austen Boladona	182
Figura 66 – Exemplo de <i>meme</i> com traduções de legenda e dublagem	183
Figura 67 – Exemplo 1 de publicidade de livros na comunidade.....	185

Figura 68 - Exemplo 2 de publicidade de livros na comunidade	187
Figura 69 - Exemplo 3 de publicidade de livros na comunidade	188
Figura 70 - Exemplo 4 de publicidade de livros na comunidade	189
Figura 71 – Tópico de discussão 1	193
Figura 72 - Tópico de discussão 2	194
Figura 73 - Tópico de discussão 3	195
Figura 74 – Vídeo com cenas do filme Aromas e Sensibilidade.....	200
Figura 75 – Exemplos de compartilhamentos originados na comunidade da JASBRA	201
Figura 76 – Opções de busca de informações da comunidade JASBRA	203
Figura 77– Exemplo de publicação sobre atores de filmes e séries de televisão	204
Figura 78- Publicação da Jane Austen Boladona replicada no <i>Facebook</i>	205
Figura 79- Comunidade Austenistan	206
Figura 80– Exemplo de publicação com uso de arroba e <i>hashtag</i>	207
Figura 81- Exemplo de uso de <i>hashtag</i>	208
Figura 82– Produtos comercializados na Internet	216
Figura 83 – Produtos comercializados durante o 1o encontro nacional da JASBRA	218
Figura 84 - Seção Detalhes dos Membros – Países e Cidades	267
Figura 85 – Detalhes da interação no dia 17/07/2017	268
Figura 86 – Detalhes dos tipos de publicações no dia 17/07/2017.....	268
Figura 87– Detalhes dos tipos de publicações no dia 31/01/2013.....	269
Figura 88 - Detalhes da interação no dia 31/01/2013.....	269

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fãs das Jane Austen Societies no <i>Facebook</i>	49
Gráfico 2 – Idade e Gênero dos membros do grupo da JASBRA	116
Gráfico 3– Nacionalidade dos Membros da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	116
Gráfico 4 - Atividades da comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	140
Gráfico 5 – São fãs de Jane Austen há quanto tempo?.....	153
Gráfico 6 – Interesse por Jane Austen e suas obras.....	154
Gráfico 7 – Produção relacionada à Jane Austen	158
Gráfico 8 – Formação escolar.....	162
Gráfico 9– Contribuição do conhecimento sobre Austen.....	210
Gráfico 10 – Tempo que é fã de Jane Austen.....	215
Gráfico 11– DVDs distribuídos no Brasil	218

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Mapa Social da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	117
Tabela 2 – Mapa Espacial da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	118
Tabela 3 – Mapa Temporal da Comunidade JASBRA no <i>Facebook</i>	119
Tabela 4- Lista Completa de Membros e seus respectivos países.....	267
Tabela 5 – Filmes e séries de televisão	270
Quadro 1 – Estrutura das Redes na Comunidade JASBRA	126
Quadro 2 - Gêneros Produzidos pelos membros da JASBRA	159
Quadro 3 – Entrevistas e Artigos em Jornais e Revistas	163
Quadro 4 – Fanfictions escritas pelos membros da JASBRA	165
Quadro 5 – Publicações em <i>blogs</i> e outras redes sociais	167
Quadro 6 – Programas de TV ou Canais no <i>Youtube</i>	170
Quadro 7 – Grupos de propiciamentos	198

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

DVD Digital Video Disc

IBPAD Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados

JARW Jane Austen's Regency World

JAS Jane Austen Societies

JASA Jane Austen Society of Australia

JASBRA Jane Austen Sociedade do Brasil

JASES Jane Austen Society of Spain

JASIT Jane Austen Society of Italy

JASNA Jane Austen Society of North America

JASNL Jane Austen Society of Netherland

JASPK Jane Austen Society of Pakistan

JASUK Jane Austen Society of United Kingdom

LABIC Laboratório de Pesquisa sobre Imagem e Cibercultura

RSI Redes Sociais de Internet

SAC Sistemas Adaptativos Complexos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
1.1 Definição do Problema	24
1.2 Objetivos e questões de pesquisa	30
1.3 Organização deste trabalho.....	35
2 INTERNET, FÃS E JANE AUSTEN	36
2.1 Literatura na Internet	36
2.2 O universo de fãs	40
2.3 A popularidade de Jane Austen	44
2.4 A JASBRA na Internet	50
3 REDES SOCIAIS DE INTERNET E LITERATURA.....	54
3.1 Redes Sociais de Internet.....	54
3.1.1 <i>As pesquisas acadêmicas sobre Redes Sociais de Internet</i>	60
3.2 Comunidade de Prática.....	62
3.3 Facebook.....	65
4 COMPLEXIDADE, EMERGÊNCIA E PROPICIAMENTOS	75
4.1 Complexidade.....	75
4.2 Sistemas adaptativos complexos	78
4.2.1 <i>Características dos SAC</i>	79
4.3 Emergência	83
4.4 Propiciamentos	86
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	92
5.1 Natureza da pesquisa	92
5.2 Instrumentos e Procedimentos para coleta dados	98
5.2.1 <i>Coleta de dados via questionário</i>	99
5.2.2 <i>Coleta de dados via Facebook</i>	100
5.2.3 <i>Coleta de dados via Sociograph</i>	105

5.3 Instrumentos e Procedimentos para análise de dados.....	107
5.4 Contexto da pesquisa.....	112
5.5 A autonetnografia do grupo da JASBRA.....	113
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	115
6.1 Qualificação do objeto de pesquisa.....	115
6.2 O grupo da JASBRA como Rede social de Internet.....	120
6.3 A comunidade da JASBRA como um sistema adaptativo complexo.....	134
6.4 Emergências da comunidade JASBRA.....	149
6.5 Os gêneros que emergem na comunidade da JASBRA.....	157
6.5.1 Gêneros diversos produzidos pelos membros da JASBRA.....	159
6.5.2 Análise de Memes.....	176
6.5.3 Análise de publicidade.....	184
6.5.4 Análise de tópicos de discussão.....	191
6.6 Os propiciamentos da comunidade JASBRA.....	198
6.7 A produção dos fãs e o conhecimento/capital emergente.....	209
6.8 A popularidade de Jane Austen na Internet.....	213
7 CONCLUSÕES.....	221
REFERÊNCIAS.....	235
ANEXO I – Dados coletados no <i>Facebook</i>	267
ANEXO II – Dados coletados no <i>Sociograph</i>	268
ANEXO IV – Questionário.....	271

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, sob a perspectiva da complexidade, tem por objetivo observar como as interações entre os usuários da comunidade da Jane Austen Sociedade do Brasil (JABRA) no *Facebook* modificam o ambiente e influenciam os outros membros, propiciando comportamentos diversificados; entender as emergências e os propiciamentos gerados neste grupo; analisar os gêneros que emergem nesse grupo; e, por fim, compreender o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet, tendo em vista que as participações nas redes sociais não são comportamentos preestabelecidos ou obrigatórios, mas um movimento espontâneo dos numerosos fãs da escritora. A comunidade da JASBRA no *Facebook* é um sistema adaptativo complexo (SAC), propenso a mudanças constantes. A adaptação que ocorre nos momentos de trocas e a interação entre os participantes geram emergências e propiciamentos, e entre as principais produções do grupo se destacam as produções de gêneros discursivos diversos, com destaque para aqueles que circulam exclusivamente dentro da comunidade no *Facebook*. Optei por esse caminho por concordar com uma abordagem que considera processos de interação como parte integrante e significativa das dinâmicas de um sistema. Sob essa ótica, meu objetivo principal foi analisar a produção de gêneros desse grupo, considerando-o como um sistema adaptativo complexo, rico em emergências e propiciamentos.

A reunião de pessoas para discussão dos livros que leram não é um fenômeno recente. Na atualidade, com a facilidade de acesso à Internet e a um número maior de pessoas, com saberes e visões de mundo diferentes, a diversidade de interações nos meios digitais acaba sendo um elemento chave que contribui para a aprendizagem em diversas áreas do conhecimento.

Ao longo dos séculos, nossa civilização procurou contar suas histórias, quer seja por meio de pinturas rupestres nas paredes das cavernas, nas imagens em monumentos do antigo Egito ou por histórias contadas de geração em geração. Desde a invenção da escrita até a utilização dos papiros e, posteriormente, com o uso do papel, os seres humanos desejam expressar suas opiniões sobre o mundo e contar suas histórias.

Com a invenção da prensa de Gutenberg, a publicação de livros passou a ser mais rápida e, assim, as histórias puderam ser registradas e lidas por um número cada vez maior de pessoas. Além de democratizar os conhecimentos guardados nos manuscritos, a inovação de Gutenberg promoveu a difusão de todo tipo de informação antes restrita a um grupo seletivo de

aristocratas e sacerdotes, que, na maioria dos casos, podiam manipular as informações do modo que lhes fosse conveniente (XAVIER, 2009). De item de difícil acesso dado ao elevado valor, o livro deixou de ser um bem apenas das classes ricas e letradas e passou a ser parte também da vida das pessoas mais simples e que não eram alfabetizadas, já que era costume ler em voz alta os livros em casa ou para um público.

A partir da alfabetização de um número cada vez maior de pessoas e com o aumento do acesso aos livros, o mercado literário também passou por uma fase de crescente expansão ao longo dos séculos. Assim, uma vez que a impressão e a venda de livros se tornaram cada vez mais acessíveis, ler histórias passou a ocupar mais espaço na vida das pessoas. A aquisição de livros deixou de ser vista apenas como uma atividade de luxo e uma forma de obtenção do conhecimento, mas também para se tornar um meio de entretenimento. Desse modo, as famílias que tinham alguma condição para comprar livros e obviamente alguém que pudesse lê-los, providenciavam o que podemos chamar de verdadeiros saraus literários em casa, fazendo com que a leitura das histórias contidas nos livros trouxesse prazer e despertasse a curiosidade. Todavia, os livros eram publicados por um número restrito de pessoas e adquiridos por um grupo que, além de posses para a compra de novos exemplares, também era interessado na leitura pelo prazer.

É interessante observar que a publicação de livros no século XIX obedecia a critérios que iam desde a popularidade do escritor até o investimento pessoal de quem quisesse se aventurar a escrever e publicar suas histórias. Nesse sentido, constata-se que os autores literários da época eram, majoritariamente, do sexo masculino, visto que, até o final do século XIX, pouquíssimas mulheres puderam frequentar universidades, ter uma profissão, e muito menos tornarem-se escritoras.

Almeida (2008) discute a transição dos salões de discussão literária, muito comuns no final do século XIX, para as discussões virtuais e ainda apresenta algumas vantagens da transposição da literatura do formato impresso para o meio digital. Ao ler o trabalho de Almeida (2008), estabeleci conexões com o que eu já havia lido a respeito de leitura e discussão literária fora dos espaços ditos formais e constatei que um importante avanço no campo literário se deu quando o livro tornou-se objeto de debates em encontros literários, indo além das fronteiras acadêmicas e familiares. A partir do século XX, os salões literários ou saraus literários se popularizaram e a literatura saiu dos espaços escolares e domésticos para alcançar um público cada vez maior. Nos salões ou saraus literários, as pessoas se

reuniam para discutirem literatura como forma de prazer e, principalmente, para comentarem suas impressões sobre autores e obras.

No contexto brasileiro, o livro ainda está distante da maior parte da população, sendo que não é apenas o poder aquisitivo que dificulta o acesso às obras, há também a falta de interesse das pessoas, de um modo geral, fato este que pode ser observado nas inúmeras pesquisas a respeito do número de livros que o brasileiro lê por ano. Em uma pesquisa publicada pelo *site* G1¹, em abril de 2015, dados da Fecomércio-RJ indicam que 70% dos brasileiros não leram um livro sequer no ano de 2014, o que significa que 30% da população leu pelo menos um livro nesse ano.

Historicamente a população brasileira lê pouco devido a questões com baixos níveis de letramento. Contudo, talvez por termos um contingente populacional de mais de 200 milhões de habitantes, os números de livros comercializados são volumosos e vêm crescendo nos últimos anos. Só em 2011, a venda de livros ultrapassou o número de 470 milhões de publicações aqui no Brasil, de acordo com o *site* UOL² em 2012, e, mesmo após um período de crise econômica, o primeiro trimestre de 2017 já mostra um aumento significativo em vendas, de acordo com a pesquisa do jornal O Globo, de 13 de abril de 2017. A possibilidade de publicação literária foi ampliada graças aos investimentos de *sites*, como o *Amazon*, por exemplo, ao divulgar e vender livros de autores desconhecidos no formato digital.

As maneiras como as pessoas se comunicam sofreram grandes transformações graças à criação da comunicação mediada pelo computador (CMC) e sua prática por meios de ferramentas proporcionadas pela Internet (RECUERO, 2009a). E com a expansão da Internet sem fio e acesso aos dispositivos para conexão rápida e por meio de *sites* de redes sociais (BOYD; ELISSON, 2008). É notável o quanto as pessoas estão conectadas à Internet. Cerca de um terço da população possui acesso à rede mundial de computadores, de acordo com o *site* G1³ (2012), sendo que, no Brasil, esse número sobe para 58% (BOCCHINI, 2016). Parece, portanto, ser muito provável que os ambientes digitais sejam um espaço profícuo para os grupos de literatura, tendo em vista a preferência das pessoas por usar plataformas digitais, o tempo que passamos conectados às redes sociais e a facilidade com que um dispositivo

¹ <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>.

² <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/11/venda-de-livros-cresce-no-brasil-e-chega-a-470-milhoes-de-exemplares-em-2011-diz-pesquisa.htm>>.

³ <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-esta-conectada-internet.html>>.

conectado à Internet nos propicia interação com outras pessoas. Essas razões justificam o foco de interesse em pesquisa sobre tecnologia e literatura.

No caso da literatura, a formação de diversos grupos nas plataformas digitais foi favorecida pelo advento da *Internet* e pelo crescente acesso da população aos computadores e aos celulares conectados à rede.

De um modo geral, a Internet possibilitou a socialização de periódicos, artigos, livros e textos em diferentes línguas, que passaram a ser compartilhados por pessoas das mais variadas culturas e de diferentes países. Hoje em dia, é muito comum observar que um lançamento literário é disponibilizado para venda (do livro físico ou nos formatos digitais) na *web*. Além da comodidade e facilidade de compra, a Internet também possibilita a troca de conhecimento, realizado por meio da divulgação de opiniões e impressões literárias – quer seja através de um texto escrito, vídeos nos canais literários do *Youtube*⁴, perfis de editoras, autores e fãs no *Facebook*⁵ ou *Instagram*⁶.

Basicamente, o que diferencia as experiências literárias presenciais das experiências literárias no meio digital é que a Internet favorece encontros virtuais e discussões, sem a necessidade de um determinado lugar e horário pré-estabelecidos para que ocorram. Além disso, o espaço virtual oferece aplicativos para catalogação, divulgação e acesso a livros, como o caso do *Skoob*⁷ e *Goodreads*⁸. *Skoob* é uma rede social colaborativa, lançada pelo brasileiro Lindeberg Moreira em 2009, que é um *site* onde o leitor e escritor trocam impressões e sugestões de leitura e até organizam reuniões em livrarias; já o *Goodreads* pertence ao grupo *Amazon* e foi fundado em 2006, por meio do qual os usuários se inscrevem e registram livros para gerar catálogos e listas de leituras.

Se, no passado, era necessário ir a uma biblioteca ou livraria para ter acesso a uma obra, hoje em dia os livros nos formatos digitais são disponibilizados com mais facilidade e agilidade para os leitores. E até o *marketing* de livros utiliza nossas buscas nos *Google*, *Facebook* ou livrarias virtuais para nos oferecer produtos, incluindo livros, baseados nos assuntos que digitamos nos campos de pesquisa. As livrarias virtuais são também um meio de acesso à leitura, porém, não devemos nos esquecer de que, no universo de leitores, há aqueles que não gostam dos livros digitais, por preferirem os livros físicos. Mas esses leitores se

⁴ <www.youtube.com>

⁵ Facebook é uma rede social lançada em 2004, fundada por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. <www.facebook.com>.

⁶ Instagram é uma rede social de fotos, em que os usuários enviam fotos e vídeos, podem aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus contatos. <www.instagram.com>.

⁷ <www.skoob.com.br>

⁸ <www.goodreads.com>

beneficiam da facilidade e agilidade da Internet ao comprarem livros impressos nas livrarias virtuais e em outras editoras.

Estudos recentes apontam que a Internet influencia os hábitos de leitura das pessoas e os pesquisadores interessados em analisar as influências das novas tecnologias na formação de leitores se dedicaram a compreender esse universo em constante expansão. Cristóvão (2010) analisou a influência de *softwares* na Internet e uso de CD-ROM para a formação de novos leitores, especificamente no contexto infantil, e concluiu que tais recursos são importantes para a leitura e facilitadores para a educação. Furtado e Oliveira (2011) investigaram os benefícios do uso do *software Biblon* para incentivar a prática de leitura literária e afirmam que, no contexto atual, a nova geração de leitores é fortemente influenciada pelo uso das redes sociais, tanto na prática de leitura quanto de escrita.

Além disso, a Internet é responsável, também, pela formação de novos leitores. Em sua pesquisa, Duarte (2010, p. 57) afirma que a literatura digital “é uma realidade e está cada vez mais presente na formação de novos leitores”. Buscando aproximação com os leitores, as editoras e livrarias passaram a usar as redes sociais e seus próprios *sites* na Internet para divulgação de livros. A promoção de livros nas redes sociais como *Instagram* ou *Facebook* é um fenômeno que vem acontecendo recentemente e tem diminuído a distância entre editoras, autores e leitores. No Brasil, muitas dessas editoras fazem sorteios exclusivos para os seus seguidores que indiquem alguns amigos nas redes sociais. Assim, quanto mais seguidores divulgarem o sorteio, maior popularidade a editora e/ou autor terá entre os leitores.

Como o mundo da Internet também é regido por profissionais do *marketing*, a atuação dos profissionais dessa área é fundamental, já que estão interessados em promover seus produtos. Gomes *et al.* (2012) analisaram o uso do *marketing* para incentivo à leitura e concluíram que as estratégias usadas pelos vídeos, as adaptações para o cinema e a televisão e os *booktrailers* (*trailers* usados para divulgação de livros) influenciam fortemente os leitores literários.

Além de analisarmos o fenômeno digital, também poderemos compreender o processo de interação e apropriação digital de leitores e oferecer reflexões sobre o assunto, pode-se fazer uma adequação e a aplicação de tais espaços também nos contextos educacionais, para a formação de novos leitores e na discussão em torno da temática. O conceito de apropriação utilizado nesta tese é o defendido por Dourish (2003, p. 465) que define esse termo como o

“modo pelo qual as tecnologias são adotadas, adaptadas e incorporadas nas práticas de trabalho”⁹.

A compreensão e a análise da utilização dos espaços digitais para discussões literárias promovem reflexões que podem ser úteis quando colocados em prática escolar. Lin (1997), por exemplo, enumera alguns benefícios da literatura na Internet para o ensino e a aprendizagem e também apresenta um guia para essa integração. Além disso, há pesquisadores que também discutem o assunto e fazem algumas reflexões sobre a introdução das tecnologias digitais no ensino de literatura. Azzari e Custódio (2013) analisam a escrita de *fanfics* por meio da ferramenta Google Docs. As autoras consideram essa escrita uma atividade essencialmente colaborativa já que envolve pensar sobre e como escrever, revisão de texto, leitura pelos pares e a composição de textos por mais de uma pessoa.

Por ser um ambiente rico em interação, a Internet favorece as pesquisas acadêmicas, pois mostra os usuários em contexto de interação e participação. Além disso, a maioria dos *sites* de redes sociais fornece aos seus administradores dados para análise, sem a necessidade de coleta de dados complexa ou exaustiva. A Internet há muito tempo já é foco da atenção de pesquisadores interessados nos ambientes digitais como suporte de suas pesquisas. Há quase vinte anos, Jones (1999) defendia a pesquisa na Internet com artigos que discutiam questões críticas e métodos para realização de pesquisa nesse ambiente. Como método de pesquisa, Wittel (2000) analisou as implicações da pesquisa de natureza etnográfica virtual realizada em ambientes digitais e concluiu que se trata de uma inovação e novo desafio para os pesquisadores. Amaral, Natal e Viana (2008) também justificam a escolha da netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Franciscato *et al.* (2008) fizeram um estudo comparativo a respeito do uso de ambientes virtuais de aprendizagem (*Moodle*, *TelEduc* e *Tidia*) com a finalidade de confecção de um instrumento de pesquisa e sua aplicação nesses ambientes e Torres (2017) publicou uma coletânea de diversos artigos com resultados de pesquisas sobre o uso e da interferência das mídias, das tecnologias, das redes sociais e das demais interfaces na educação.

1.1 Definição do Problema

De um modo geral, as comunidades em plataformas digitais relacionadas à literatura apresentam pontos positivos, como: a) a aprendizagem colaborativa; b) o compartilhamento

⁹ “Appropriation is the way in which technologies are adopted, adapted and incorporated into working practice.” (Tradução nossa)

de recursos entre participantes; c) a troca de expressões de encorajamento entre os participantes (PALLOF; PRATT, 2002); d) o aumento da qualidade das respostas numa discussão *on-line* porque os envolvidos têm tempo para pensar, processar e relacionar as suas ideias; e) o fato de a comunicação poder ser feita no “contexto assíncrono dá aos estudantes tempo para ler, compreender, responder, sem a pressão das interações em tempo real”¹⁰ (CRYSTAL, 2001, p. 234). Rheingold (1996) chama de comunidades virtuais aquelas redes caracterizadas pela coatuação de seus participantes, que compartilham valores, interesses e comportamentos, através das interações no universo digital.

No campo da literatura, Cavanaugh (2006) chama esses grupos de grupos de discussão literária, círculo de literatura, clube do livro, estudos literários e grupos de discussão literária. Entretanto, independentemente dos nomes que recebem esses ambientes têm a função de

constituir-se espaço para a discussão de um tema, além de oferecer condições para a construção de um ambiente colaborativo, em que o conhecimento é construído coletivamente por diferentes interlocutores e compartilhado para a construção ou a reconfiguração de conceitos. (SILVA, 2009, p. 48).

Os encontros face a face comumente promovidos por essas comunidades virtuais ampliam as possibilidades de interações entre esses leitores para o contexto presencial. Basicamente, o ambiente presencial distingue-se do virtual porque no meio digital praticamente não existem as fronteiras de tempo e de espaço. O pesquisador que analisa espaços virtuais pode fazer sua pesquisa morando em qualquer parte do globo, além de contar com recursos que facilitam a coletas de dados e análise, como é o caso dos dados estatísticos fornecidos pelo *Facebook*, por exemplo. Nesse sentido, a facilidade de se pesquisar um ambiente virtual, além de ele estar sempre em constante crescimento, é justificada por ser uma prática de fácil acesso e imersão no ambiente pesquisado. Outro fator que justifica esta pesquisa baseia-se no fato de que esses ambientes digitais apresentam um grande apelo e conseguem captar quantidades cada vez maiores de adeptos, participantes de grupos e comunidades virtuais.

Ao pesquisar a respeito das discussões literárias propiciadas pelo acesso aos computadores conectados à Internet, Porter (1999) afirma que, naquela época, haviam poucas pesquisas na área, sendo que o foco ainda se limitava à discussão da transição do livro impresso para o digital ou aos grupos de discussão presenciais *versus* grupos *on-line*, como

¹⁰ “The asynchronous context gives students time to read, understand, and respond, without the pressures of real-time interaction.” (Tradução nossa)

afirma Almeida (2008). Mesmo alguns anos após a pesquisa de Potter, Wolsey (2004) afirmava serem poucas as contribuições nesse campo de investigação, por se tratar de um fenômeno relativamente novo na época, apesar de haver avanços nas pesquisas. Entretanto, ao longo dos anos, pesquisas no exterior e no Brasil destacaram a Internet como espécie de ‘mola propulsora’ para a divulgação de livros e, conseqüentemente, a criação de comunidades com interesse comum na discussão literária.

As pesquisas sobre literatura nas redes sociais e as interações entre leitores literários cresceram ao longo dos últimos vinte anos. Alguns estudos comparam os benefícios do uso da tecnologia para a literatura (AUGER, 2003; DANIELS, 2006; WALTERS, 2003; LEBRANC et al, 2012; STRACHAN, 2008), outros analisam a transição do impresso para o digital (RIBEIRO, 2011; FREITAS 2011; PAULINO, 2011) e os relatos de experiência e as pesquisas sobre os grupos de discussão literária (ZARDINI; AFONSO, 2013), por exemplo.

A Internet está repleta de ambientes que propiciam a divulgação e discussão literária, como sugerem Wolsey (2004), Porter (1999), Almeida (2008), Mcgrath (2009), Nunes e Moura (2009), Zardini e Afonso (2016; 2013; 2011). Percebe-se que existem a necessidade e o interesse em literatura, mesmo fora dos ambientes formais de educação, e tal movimento é perceptível também nas redes sociais, o que pode ser percebido pelo crescente número de comunidades, *fanpages*¹¹ e perfis no *Facebook* e *Instagram*, por exemplo. A partir das minhas experiências como moderadora da comunidade da Jane Austen¹² Sociedade do Brasil (JASBRA) desde 2010, no *Facebook*, e autora de um *blog* há mais de dez anos, pude constatar a riqueza das discussões literárias *on-line* e como os participantes utilizam a Internet para diversas modalidades de discussão e divulgação de livros e autores.

Uma simples leitura pode gerar discussões a respeito da temática presente em um livro (impresso ou digital), a busca por outros textos para uma melhor compreensão de determinado assunto, a colaboração e a interação entre os debatedores, o que certamente favorece ainda mais a leitura e divulgação de livros. Segundo Fraisse (2011), a oferta de literatura digital cresceu de maneira exponencial. Esse autor ainda afirma que “a digitalização de textos tem uma influência direta e crescente sobre a produção, a circulação e as próprias formas do escrito, da informação em geral e da literatura em particular” (FRAISSE, 2011, p. 71). Vigna (2011, p. 124), por sua vez, reforça que a Internet realiza a função de divulgadora e

¹¹ *Fanpages* são páginas criadas por fãs ou empresas que desejam interagir com outros fãs e clientes.

¹² Jane Austen foi uma escritora inglesa (1775 – 1817), cujos trabalhos são reconhecidos e traduzidos em várias línguas. Suas principais obras são: *Orgulho e Preconceito*, *Razão e Sensibilidade*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Persuasão* e *Abadia de Northanger*.

distribuidora da literatura já existente, que era feita pela mídia tradicional, sendo apenas “um desdobramento sem mudanças estruturais dos sistemas de circulação de mercadorias do capitalismo”. Já a pesquisa de Reis e Araújo (2009) destaca a Internet como um dos principais meios de comunicação utilizados para manter uma relação com produção poética da cidade do Recife.

Como o objetivo geral desta pesquisa é focar nas interações de uma comunidade da JASBRA no *Facebook*, acredito ser importante fazer um breve levantamento a respeito de seus fãs em contextos digitais. A questão central desta pesquisa é analisar, a partir das interações entre os fãs da escritora, as produções textuais que emergem nesse sistema.

A literatura sobre o universo de fãs e a apropriação dos espaços digitais já é tema de pesquisas há algum tempo. O termo *fandom* que é uma expressão inglesa usada como diminutivo de ‘*fan kingdom*’, em português ‘reino dos fãs’, passou a ser usado com mais frequência. De um modo geral, o *fandom* pode ser descrito como um grupo de pessoas que são fãs de um determinado escritor, música, seriado de televisão, artista, filme, livro, etc. Só nos últimos cinco anos as pesquisas acadêmicas relacionadas a essa área tiveram um crescimento considerável, alguns autores analisaram o comportamento dos fãs de literatura (MALCOLM, 2015; SÁNCHEZ, 2015; BARBOSA, 2016; HELLEKSON e BUSSE, 2006) o universo dos *fandoms*¹³ e escrita de *fanfictions*¹⁴ feitas por fãs e escritores profissionais (VARGAS, 2005, 2011, 2015; BIAJOLI, 2017a, 2017b); a apropriação de citações literárias no *Pinterest*¹⁵ (POWERS, 2014), para citar alguns exemplos. Um dos campos que ainda precisam ser explorados é a avaliação do comportamento e os desdobramentos das ações dos leitores em ambientes digitais. O *fandom* de Jane Austen também não foge à regra e a produção dos fãs também é riquíssima.

De um modo geral, os grupos dedicados a Jane Austen são formados por leitores, fãs e pesquisadores da escritora, que se destacam por suas publicações em *blogs*, em comunidades e perfis em outras redes sociais como afirmam Yaffe (2013), Sánchez (2015) e Looser (2017). Apenas no *Facebook*, foi possível encontrar cerca de 100 grupos relacionados à Jane Austen em 12 de agosto de 2017.

No caso desta pesquisa, o contexto investigado foi o *Facebook*, por se tratar da maior e mais popular rede social utilizada na atualidade e por concentrar grande parte dos fãs de

¹³ Termo usado para designar universo de fãs.

¹⁴ *Fanfictions* são gêneros produzidos por fãs, normalmente são inspirados em livros, filmes, séries de televisão e músicas.

¹⁵ *Pinterest* é uma rede social de compartilhamento de imagens. <<https://br.pinterest.com>>

Jane Austen. O grupo da JASBRA no *Facebook* foi criado em 27 de março de 2010, com a finalidade de propiciar um espaço virtual para a interação entre os fãs, para discussão dos livros e do universo Jane Austen, além de um espaço para publicação de notícias e informações relativas à escritora. Há também uma *fanpage* que foi criada - em 04 de junho de 2012 - com o objetivo de manter um padrão seguido por outras JAS (*Jane Austen Societies*) de outros países, já que, nas outras sociedades, a interação se dá, basicamente, por meio de *fanpages* e não em comunidades. Entretanto, a escolha pela comunidade da JASBRA como objeto de pesquisa deve-se ao fato de essa ser mais antiga, se comparada à *fanpage* e por ser o local onde ocorre mais interação entre os membros do grupo.

Nesta tese, primeiramente, investigo os padrões emergentes do comportamento dos participantes e os propiciamentos¹⁶ que são gerados na comunidade JASBRA no *Facebook*, compreendido como um sistema adaptativo complexo (SAC). A partir da análise das emergências dessa comunidade, foi possível fazer um levantamento dos gêneros discursivos produzidos por esse grupo de fãs e, em seguida, selecionar e analisar alguns gêneros emergentes no contexto digital da comunidade. A investigação desse SAC é relevante por ser um grupo centrado sobre uma escritora e que produz contribuições para a literatura, como a promoção e divulgação das obras, além da produção de conteúdo centrada em literatura e das produções escritas de fãs como os *memes*, propagandas e discussões dos livros, por exemplo. Tais constatações serão apresentadas em detalhes no capítulo de análise de dados. Além da análise da comunidade da JASBRA trazer novos *insights* sobre a interação em comunidades de discussão literária também consideradas SAC.

Observo o grupo da JASBRA no *Facebook* como um ambiente marcado pelas características dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) do qual é possível detectar emergências e propiciamentos. Com o propósito de analisar as interações na comunidade JASBRA no *Facebook*, recorro ao referencial teórico que servirá de embasamento: a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos, especificamente os fenômenos da emergência e os propiciamentos.

Percebo o grupo da JASBRA no *Facebook* como uma rede social complexa, pois seus membros agem e reagem de maneira imprevisível e são suscetíveis às diversas condições e *feedbacks* entre os participantes, tornando-o um ambiente auto-organizado e adaptativo. Além

¹⁶ A palavra “propiciamentos” foi a tradução proposta por Paiva (2010) para o termo *affordances* (GIBSON, 1979) e passarei a utilizá-la no decorrer deste texto. *Affordances* foi um termo cunhado por Gibson (1979) para se referir aos recursos que um ambiente oferece a qualquer animal que possui capacidades de percebê-los ou usá-los.

disso, é uma rede social emergente, com sujeitos capazes de impactar sua estrutura, constantemente construída e reconstruída por meio das trocas sociais. Diante da multiplicidade de ferramentas que os integrantes desse grupo utilizam para se comunicarem e discutirem a obra de Jane Austen, é possível também identificar as emergências e os propiciamentos que surgem dessas interações.

Adota-se a definição e a caracterização da comunidade da JASBRA aqui apresentada como sistema adaptativo complexo, tendo em vista que o processo de funcionamento desse ambiente de interações segue regras lógicas (procedimentos, rotinas e decisões), mas, ao mesmo tempo, são em número elevado e fazem com que essas regras sejam ajustadas e adaptadas para operarem de forma harmônica. Esse processo ocorre de forma singular e dinâmica, permitindo a interação entre suas partes ou entre seus componentes, à medida que se configura como um sistema instável ao longo do tempo. Os SACs têm a propriedade de estarem em constantes transformações, ao mesmo tempo em que tendem ao equilíbrio, o que permite que um sistema adaptativo complexo seja investigado em um dado momento ou período de tempo.

Uma investigação a respeito dos desdobramentos das interações entre os participantes no *Facebook* relacionados à Jane Austen é interessante sob o ponto de vista da construção colaborativa do conhecimento, quando produzem artigos com estudos acadêmicos, publicações diversificadas sobre viagens à Inglaterra para visitar os lugares citados nos livros ou onde a escritora viveu, publicam notícias acerca de eventos, bem como discutir os livros da escritora. Além disso, pode-se investigar a apropriação dos recursos digitais favorecendo a construção de conhecimento sobre literatura e a produção de gêneros diversificados como as novas produções literárias por meio de *fanfictions*, a criação de memes, campanhas publicitárias e fórum de discussão, entre outros.

O ambiente pesquisado é um sistema adaptativo complexo, propenso a mudanças constantes. A adaptação ao que ocorre nos momentos de trocas e a interação entre os seus participantes gera emergências e propiciamentos que são resultado das apropriações que os usuários fazem dos recursos do *Facebook* (compartilhar, curtir ou comentar) e suas interações, além de fazer uma análise da produção de gêneros desse grupo. Ao escolher tal perspectiva, concordo com uma abordagem que considera processos de interação, como parte integrante e significativa das dinâmicas de um sistema. Sob essa ótica, meu objetivo principal foi focar a atenção para elementos fundamentais na constituição do sistema, tendo em vista seu potencial de oferecer emergências singulares e de propiciar desdobramentos.

A partir da observação das oportunidades de discussão e conhecimento desse grupo e levando em consideração as condições necessárias para a Emergência Complexa, proposta por Davis e Sumara (2006), foram verificadas quais emergências ocorrem no contexto pesquisado. Segundo os autores, as condições necessárias para a emergência complexa são: diversidade interna, redundância interna, interações entre vizinhos, controle distribuído, aleatoriedade e coerência. A ‘emergência’ neste contexto foi entendida como aquela que ocorre em um sistema cujos agentes interagem dinamicamente, seguindo o fluxo de regras locais, sem o comando de superior (JOHNSON, 2003). Assim, busco analisar as oportunidades e emergências neste grupo de discussão literária a respeito de Jane Austen.

O termo ‘propiciamento’, tradução de *affordance*, foi proposto por Gibson (1979) e também traduzido por Paiva (2011a) aqui no Brasil, e está relacionado ao que o ambiente oferece ao usuário em termos de relações, possibilidades, oportunidades e interação.

Como a comunidade da JASBRA pode ser analisada como um sistema adaptativo complexo, cujos propiciamentos e emergências favorecem a interação entre seus membros e, principalmente, a produção de gêneros dos discursos, uma das perguntas que esta pesquisa busca compreender é: Quais gêneros emergem das interações dos fãs de Jane Austen no grupo da JASBRA? Procuo identificar os gêneros que emergem desse grupo a partir dos propiciamentos do ambiente e da interação de seus participantes. Meu objetivo é elencar e discutir a respeito dos gêneros que emergiram no grupo da JASBRA, gêneros esses que contribuem para que o nome da escritora seja reconhecido e um número maior de pessoas seja alcançado. A observação e compreensão desse fenômeno, principalmente textual, serão úteis, pois contribuem para a análise e a discussão dos dados coletados na comunidade da JASBRA.

1.2 Objetivos e questões de pesquisa

A investigação desse SAC é relevante por ser um grupo centrado sobre uma escritora e que produz inúmeras contribuições para a literatura, como a promoção e divulgação das obras, além da produção de conteúdo centrada em literatura e das produções escritas de fãs como as *fanfictions*, *memes* e artigos científicos, por exemplo. Tais constatações serão apresentadas em detalhes no capítulo de análise de dados.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as interações em uma comunidade JASBRA como um SAC no qual emergem produções de gêneros diversificados. Para atingir esse objetivo, foi feito um recorte nos dados para alcançar os objetivos específicos:

- a) descrever as interações na comunidade JASBRA sob a perspectiva do SAC e verificar como modificam o ambiente e influenciam os outros membros;
- b) identificar e analisar comportamentos emergentes no grupo enquanto SAC, em específico as produções;
- c) identificar e analisar as produções de gêneros que emergem neste grupo.
- d) identificar e analisar os propiciamentos e discutir como afetam e são afetados pelos padrões de comportamento do SAC JASBRA;
- e) analisar as interações e as produções dos fãs deste grupo, sob o ponto de vista do capital emergente/capital social;
- f) compreender o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet, tendo em vista que as participações nas redes sociais não são comportamentos preestabelecidos ou obrigatórios, mas um movimento espontâneo dos numerosos fãs da escritora;

Partindo do pressuposto de que esta comunidade relacionada à escritora Jane Austen é um SAC, a pergunta que esta pesquisa busca responder é: como o comportamento dos elementos desse sistema adaptativo complexo interfere no desenvolvimento da interação entre os participantes do grupo pesquisado?

Para compreender melhor o fenômeno, as perguntas que nortearam este estudo foram:

- a) Em que aspectos as interações na comunidade da JASBRA caracterizam-na como um SAC e como modificam o ambiente e influenciam os outros membros?
- b) Quais são os comportamentos emergentes que surgem a partir da interação no SAC JASBRA?
- c) Quais são os gêneros que emergem da interação no SAC JASBRA?
- d) Quais são os propiciamentos e como afetam e são afetados pelos padrões de comportamento do SAC JASBRA?
- e) Como as interações e as produções dos fãs deste grupo podem ser analisadas sob o ponto de vista do capital emergente/capital social?
- f) Que fatores podem explicar o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet, tendo em vista que as participações nas redes sociais não são comportamentos pré-estabelecidos ou obrigatórios, mas um movimento espontâneo dos numerosos fãs da escritora?

Após a apresentação da definição do problema, objetivos e perguntas de pesquisa, na próxima seção, por fim, apresento a organização dos capítulos seguintes.

Além do referencial teórico sobre SAC, emergências, propiciamentos e comunidades de prática, que serão apresentados nos próximos capítulos, é preciso fazer uma breve discussão dos gêneros do discurso.

Segundo Rojo e Barbosa (2005), “a reflexão sobre o conceito de ‘gêneros’ começou na Grécia antiga com Platão e Aristóteles” (p. 35) e o primeiro autor a estender a “reflexão sobre gêneros a todos os textos sem distinção ou divisão, tanto na vida cotidiana como na arte foi Mikhail Bakhtin e seu círculo de discussões” (p. 38). Segundo Bakhtin (2003), os gêneros do discurso podem ser compreendidos como cada esfera da comunicação da língua que elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Para o autor, o enunciado é um dito concreto e utiliza a língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso. Existem dez esferas da comunicação: humorística, jurídica, jornalística, publicitária, religiosa, cotidiana, acadêmica, literária, científica e militar. Para Bakhtin gêneros e esferas são conceitos que se interpenetram, já que os gêneros “organizam as necessidades enunciativas dos sujeitos que participam de determinada esfera de atividade” e as esferas de atividades são “complexas organizações discursivas nas quais se inserem as pessoas” (ARAÚJO, 2016, p. 51).

Em uma entrevista, Bazerman (2011, p. 17) descreve os gêneros como “coleções percebidas de enunciados”. Miller (2009, p. 41) propõe uma compreensão do gênero retórico, porém, que não se presta à taxonomia, tendo em vista que “os gêneros mudam, evoluem e se deterioram; o número de gêneros correntes em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade da sociedade”. A autora considera o gênero como uma “ação social”, “um artefato cultural”, “passível de ser interpretado como uma ação recorrente e significativa” (MILLER, 2009, p. 45). Ainda segundo a autora, o gênero “refere-se a uma categoria convencional de discurso baseada na tipificação em grande escala da ação retórica” (MILLER, 2009, p. 41). Por sua vez, a ação retórica adquire significado da situação e do contexto social em que essa situação se originou.

Os gêneros “mudam de acordo com diferenças culturais, transformam-se historicamente no tempo e são flexíveis para concretizações enunciativas que fogem às regularidades estáveis” (ROJO; BARBOSA; 2015, p. 101). Embora sejam relativamente estáveis, existem mecanismos composicionais e estilísticos que podem flexibilizá-los como o hibridismo e intercalação, segundo Rojo e Barbosa (2015). Segundo as autoras, híbrido “é o

enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante, mas onde, na realidade, estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas ‘linguagens’, duas perspectivas semânticas e axiológicas”; já no mecanismo intercalado “podemos perceber fronteiras formais, composicionais e sintáticas” (ROJO; BARBOSA; 2015, p. 102).

Rojo e Barbosa (2015, p. 108) consideram multimodal o texto “que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição”. As autoras propõem quatro modalidades que compõem hoje os textos contemporâneos, tanto em veículos impressos, como, nas mídias analógicas e digitais: 1) modalidade verbal – língua oral e escrita; 2) modalidade gestual – linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas); 3) modalidade sonora – áudio (música e outros sons não verbais); 4) modalidades visuais – imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações).

No contexto brasileiro, ao discorrer sobre os gêneros digitais, Marcuschi (2005, p. 13) defende que eles são gêneros emergentes, já que “estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais”, são variados, e “a maioria tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. Os gêneros emergentes no contexto digital “apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contrapartes em gêneros prévios” (MARCUSCHI, 2008, p. 200).

Entretanto, em seu trabalho mais recente Araújo (2016, p. 51) afirma não existirem gêneros digitais, já que tal expressão não se sustenta como conceito, sobretudo se a base epistemológica for bakhtiniana. Sendo assim, “à luz dessa perspectiva, não existem esfera digital nem gêneros digitais, pois a *Web* não é capaz de fornecer uma instância concreta de gêneros que atendam às demandas de um suposto discurso digital” (ARAÚJO, 2016, p. 51). Em trabalhos anteriores, Araújo (2003, 2006) entendia a *Web* como uma esfera digital. Porém, ele corrige suas interpretações e considera a *Web* como “um ambiente plural de profundo poder de absorção que transmuta para si diversas esferas da atividade humana e, com elas, seus gêneros discursivos” (ARAÚJO, 2016, p. 52). Para que não exista uma confusão entre termos, Araújo (2016) sugere a expressão ‘gêneros discursivos digitais’ com a finalidade de evitar que a *Web* receba o status de uma instância do discurso.

Nas palavras de Lima-Neto (2014, p. 284) a emergência de novos gêneros no contexto digital ocorre, pois “como artefatos sócio-comunicativos, eles surgem por demandas enunciativas de uma determinada sociedade e deixam de ser utilizados por conta da

emergência de outras demandas, que encontrou novas maneiras de se comunicar”. Nessa linha de pensamento, acredito que os gêneros emergentes do meio digital estão ligados ao meio em que surgem.

Em sua pesquisa sobre gêneros no meio digital, Miller (2009) analisa o *weblog* e faz as seguintes considerações:

A migração e a adaptação de gêneros estabelecidos ao novo meio da Internet, como também a emergência de gêneros nativos, sugerem que as *affordances* não são determinantes; antes, interagem com a exigência, como necessidade social objetivada. (MILLER, 2009, p. 116)

A pesquisa sobre os gêneros digitais no Brasil também está em expansão. Em sua tese de doutorado, Lima-Neto (2014) analisou essas produções de *memes* no *Facebook* e constatou que uma das maneiras das redes sociais de *Internet* salientarem as características de auto-organização e emergência será a partir dos gêneros que ali ganham morada. Lima-Neto (2014, p. 107) esclarece que o termo *meme* “tem sido utilizado para nomear os mais variados tipos de artefatos verbo-visuais que se replicam na *Web* por um determinado tempo”. Recuero (2006, 2007 e 2011b) analisou os *memes* nos *Weblogs* e *Facebook* e concluiu que “existem tipos diferentes de *memes* nos *weblogs*, e que cada tipo de *meme* tem características e aspectos diferentes, além de efeitos diferentes nas redes sociais” (RECUERO, 2007, p. 28). Na opinião dos dois autores, os *memes* são gêneros emergentes que recebem nomes diferentes de acordo com o contexto em que são utilizados, ou, em até alguns casos, as pessoas não sabem o nome e continuam a utilizá-los e/ou replicá-los.

Um gênero comum em comunidades de fãs e que foi transposto para o contexto digital é a *fanfiction*. Normalmente produzida de maneira individual, com novos aplicativos que permite a escrita colaborativa, facilitam o acesso, a leitura, a avaliação e reescrita de textos inspirados nas obras literárias. *Memos* e *fanfictions* são exemplos de gêneros que emergem no contexto digital. Porém, como as *fanfics* escritas pelos membros da JASBRA são produzidas em outros ambientes digitais e apenas divulgadas na comunidade, a análise de *fanfics* não faz parte do escopo desta pesquisa. Os gêneros emergentes na comunidade que foram selecionados para análise são aqueles que circulam exclusivamente dentro da JASBRA, ou seja, não há necessidade de abrir um *link* para visitar determinado *blog* ou *site*, ou comprar um livro, por exemplo. Assim, selecionei para minha análise os *memes*, a publicidade de livros e os tópicos de discussão.

O objetivo específico desta pesquisa é analisar os gêneros que emergiram no grupo da JASBRA. A observação e compreensão desse fenômeno, principalmente textual, serão úteis, pois contribuem para a análise e a discussão dos dados coletados na comunidade da JASBRA.

1.3 Organização deste trabalho

Além deste capítulo, esta tese inclui mais seis capítulos. Os capítulos 2, 3 e 4 apresentam a fundamentação teórica desta tese. No capítulo 2, apresento um breve histórico acerca da literatura na Internet; em seguida, uma análise do universo de fãs, com um breve histórico sobre a presença da escritora Jane Austen na Internet, e uma descrição sobre a presença *on-line* da JASBRA. No capítulo 3, faço a conceituação das redes sociais de Internet, argumento sobre a literatura na Internet e as redes sociais que discutem literatura, em especial o *Facebook*. Além disso, faço uma discussão das comunidades de prática que auxiliará na compreensão do funcionamento da comunidade da JASBRA no *Facebook*. O capítulo 4 faz uma discussão da Teoria da Complexidade e os SACs, com ênfase nas emergências e também discute o conceito de propiciamentos. No capítulo 5, apresento a abordagem metodológica adotada neste estudo, com destaque para os instrumentos de coletas de dados, o contexto e os participantes da pesquisa. No capítulo 6, são apresentados os resultados, a análise e a discussão dos dados. No capítulo 7, faço as considerações finais, retomando as perguntas de pesquisa, e apresento também uma análise dos resultados discutindo a respeito das implicações da pesquisa sobre literatura na Internet, em face da compreensão do comportamento dos participantes de redes sociais. Apresento, ainda, impressões sobre algumas questões importantes que surgiram deste estudo e, por fim, faço sugestões para pesquisas futuras.

2 INTERNET, FÃS E JANE AUSTEN

Neste capítulo busco contextualizar o universo literário na Internet, apresentando um levantamento da literatura na Internet (2.1), em seguida, faço uma discussão do universo de fãs, especificamente os fãs da escritora Jane Austen (2.2), com um breve histórico sobre Jane Austen na Internet (2.3), e, para concluir, apresento uma descrição sobre a presença *on-line* da Jane Austen Sociedade do Brasil (2.4).

2.1 Literatura na Internet

A literatura é anterior à invenção do livro e era divulgada, principalmente, pelas histórias orais. Segundo Munari (2011), *sites* e *blogs* dedicados à literatura não são uma novidade em nosso meio. Entretanto, a forma como as redes sociais são utilizadas hoje em dia proporciona o surgimento de novos leitores, escritores e críticos, democratizando o consumo e a produção literária. Se, no passado recente da Internet, as informações acerca de escritores e livros se concentravam basicamente em *sites* e *blogs*, com o passar dos anos, os leitores passaram a utilizar diversas plataformas digitais para discutirem livros, apresentarem novidades e notícias do universo literário.

Ao fazer uma relação entre literatura e Internet, Munari (2011, p. 4) defende que a Internet “pode ser suporte, pode ser ambiente (sociopolítico e econômico) e pode ser ferramenta” e que ela serve como uma aproximação entre a literatura em livro impresso e o leitor. Assim sendo, como a leitura literária é influenciada fortemente pela Internet, promovendo a divulgação, a venda, a promoção e a discussão de livros e autores (MUNARI, 2011), faz-se necessário desenvolver pesquisas que tenham como objetivo analisar questões de uso dessas tecnologias por grupos de amantes e fãs de literatura.

Como usuária dessas plataformas, cuja temática são livros e escritores, destaco o uso de redes sociais para a discussão literária, como a lista de *e-mails*, as comunidades no *Facebook*, os fóruns (como na plataforma *Moodle*, por exemplo), canais que disponibilizam vídeos no *Youtube* (chamados de *Vlogs* e seus proprietários conhecidos como *Booktubers*). Segundo Montanha (2011, p. 154) os “*Vlogs* emergiram com o advento da conexão de Internet por banda larga”. Diferenciam-se dos *blogs* (contração de *web logs*, que significam ‘diários da rede’) por se tratarem de vídeos. Já o termo *booktuber* surgiu em 2011, foi cunhado pelo australiano de apelido Bumblesby, que também produzia vídeos para o *Youtube*

com críticas e comentários sobre lançamentos editoriais (MANS, 2015). Além disso, existem os perfis no *Twitter*, grupos no *Whatsapp*, a plataforma *Wattpad* – que oferece gratuitamente uma plataforma com diversos livros, e até mesmo *sites* de redes sociais onde os membros disponibilizam imagens e fotos relacionadas à literatura, como por exemplo, no *Pinterest* e no *Instagram*.

A literatura vem ganhando cada vez mais espaço nas redes sociais e, além de aparecer nos *blogs* e redes sociais, Munari (2011, p. 4) afirma que a literatura “costuma figurar em *websites* voltados especificamente para o mundo das letras: páginas de instituições, de editoras, dos próprios autores, revistas eletrônicas, e ainda em portais de comunicação, como os jornais digitais”. Inclusive, há alguns *sites* dedicados exclusivamente ao universo dos livros, com participação dos leitores como: *Goodreads*¹⁷ (considerado o maior), *Skoob*¹⁸ (principal rede brasileira), *Library Thing*¹⁹, *Anobbii*²⁰, *Bookjetty*²¹, *Bookglutton*²², entre outros. Destaca-se, portanto, o crescimento de ambientes digitais cuja temática é a literatura.

Já existem, há algum tempo, pesquisas dedicadas ao ensino e à discussão literária, entendida como qualquer tópico que promova debates acerca de autores e livros de literatura, não necessariamente a discussão acadêmica e formal. Daniels (2006) lembra que a prática de círculos literários presenciais em escolas americanas já era algo comum na década de 1980, e que as novas tecnologias tiveram um papel importante para que a literatura também sofresse transformações e estivesse presente na Internet, especialmente nos fóruns e círculos literários *on-line* (WALTERS, 2003; LEBLANC *et al.* 2012; STRACHAN, 2008).

O uso da Internet para assuntos relacionados à literatura tem obtido, inclusive, muito destaque pela mídia jornalística. Abos (2014) argumenta que o “consumo da literatura é mediado pelas redes sociais”, sendo que as citações são o modo mais utilizado para disseminar o texto literário nas redes sociais, existindo um vínculo entre autor e público. Quando o escritor ainda está vivo, os leitores buscam uma aproximação maior com a obra e o autor, mas existem inúmeros casos também de redes sociais dedicadas aos escritores que já morreram. A autora ainda cita o grupo Laboratório de Pesquisa sobre Imagem e Cibercultura (LABIC²³) da Universidade Federal do Espírito Santo, criada por Fábio Malini, em 2007, que,

¹⁷ <<https://www.goodreads.com/>>

¹⁸ <<https://www.skoob.com.br/>>

¹⁹ <<https://www.librarything.com/>>

²⁰ <<http://www.anobbii.com/>>

²¹ <<http://www.bookjetty.com/>>

²² <<http://www.bookglutton.com/>>

²³ <<http://www.labic.net/>>

entre outros assuntos, dedica-se a observar a propagação da literatura brasileira no *Twitter* e *Facebook*.

Em pesquisa sobre a blogosfera literária brasileira, os pesquisadores do LABIC Loyola e Malini (2010) fizeram uma análise dos gêneros, temas e características do leitor em 100 *blogs* voltados para a literatura. A pesquisa demonstrou que muitos desses *blogs* não possuem apenas textos, mas também recursos multimídia, como vídeos e imagens, por exemplo. Essa blogosfera literária era composta por anônimos e também por autores que buscavam notoriedade. Posteriormente, Malini (2014, p. 7) analisa a literatura na Internet, e destaca que as redes sociais se tornaram um “manancial de novos críticos, novos mediadores da literatura, por onde as obras da nova geração dos autores ‘mortos’ ganham vida e sobrevida”. Como exemplo dessa sobrevida dos escritores, cito o trabalho de Mirmohamadi (2014), que pesquisou as sobrevidas digitais de Jane Austen com foco no *Wattpad*, tendo encontrado diversas publicações de fãs de Austen sob a forma de contos baseados nas obras originais da escritora.

Após um levantamento das publicações em nosso país relativas ao universo literário e à Internet, é possível afirmar que pesquisadores brasileiros já, há algum tempo, se interessam pela temática. No livro organizado por Martins *et al.* (2011), alguns autores discutem a respeito da literatura no meio digital (FRAISSE, 2011; VIGNA, 2011), a tela e o livro (FREITAS, 2011), e a formação de leitores na Internet (PAULINO, 2011). Autores como Munari (2011) e Abos (2014) discutem como a Internet influencia a produção literária aqui no Brasil. Loyola e Malini (2010) analisam a blogosfera literária, com destaque para os gêneros, os temas e as características da participação do leitor em cerca de 100 *blogs*. Malini (2014) analisa as reações e a replicação de *tweets* dos usuários que são fãs de literatura brasileira nas redes sociais. Em outros trabalhos, alguns pesquisadores discutem a respeito das redes sociais e literatura (RIOS, OLIVEIRA, OLIVEIRA JÚNIOR, 2012); outros discutem o uso do Moodle em círculos literários virtuais (LEBLANC *et al.*, 2012).

São também recorrentes as pesquisas cujo foco é o *Facebook*. Alguns autores focalizam a utilização dessa rede social para o ensino e a prática de leitura em contextos escolares. Por exemplo, Santos (2015) analisa as propostas de ensino de literatura por meio de seu uso; enquanto Ferreira e Berssanette (2014) discutem as potencialidades do uso dessa rede social como recurso didático-pedagógico para desenvolver a prática da leitura e da escrita, por meio de ações de estímulo de leitura. Os autores destacam os benefícios do *site* para o manejo da prática pedagógica. Luna (2013) analisa a mediação de leitura literária para uma turma do

primeiro ano do Ensino Médio por meio do *Facebook*, enfocando as práticas de tradições orais, desde a *Ilíada* e *Odisseia* de Homero até as sociedades escandinava, francesa e inglesa, para, em seguida, analisar as práticas literárias nas redes sociais. Braga e Murta (2016) fazem um relato de experiência de um projeto que visou usar essa rede social para mediar a interação fora da sala de aula para o ensino e a aprendizagem de Literatura Brasileira. Há pesquisas que se preocupam com a utilização desta rede social e a apropriação de textos literários, como o caso dos pesquisadores Silva, Ribeiro e Borges-Gutierrez (2016) que fazem uma análise e discutem como os usuários do *Facebook* utilizam o texto literário nos *status* em seus perfis e questionam se essa prática não é uma nova forma de autoajuda.

Alguns pesquisadores analisam o uso que fãs fazem de tal rede social fora do contexto escolar e para discussão de assuntos variados, livros e autores específicos. Santos e Silva (2012) descrevem o uso do *Facebook* para discussão do escritor americano Edgar Allan Poe. Barbosa (2016) analisa a saga do *fandom* de Harry Potter e a escrita de *fanfictions*. Vila (2017) discute a reunião de fãs em torno do universo midiático criado após a tragédia do Titanic em 1912 e posterior criação de grupos compostos, também nas redes sociais, por admiradores da história do transatlântico.

Especificamente a respeito da escritora Jane Austen, Zardini e Afonso (2010) fazem um levantamento do perfil de participantes de um fórum da JASBRA e os desdobramentos nesse ambiente específico, tendo em vista que espaço não é tão público quanto o *Facebook* e exige participação contínua, já que não existem notificações de novas mensagens ou tópicos de discussão.

Como foi possível observar no levantamento de pesquisas na área, o espaço para discussão da transição do livro impresso para o digital, a leitura e a discussão literária em ambientes digitais, assim como relatos de experiência, são temáticas recorrentes. Entretanto, não encontrei pesquisas que discutam a apropriação de redes sociais por leitores e fãs sob a perspectiva da complexidade ou que analisem as emergências e propiciamentos gerados nesses ambientes.

Como o foco desta pesquisa é analisar a comunidade da JASBRA no *Facebook*, na próxima seção, faço uma discussão da comunidade de fãs com o objetivo de contextualizar os participantes desta pesquisa.

2.2 O universo de fãs

Hills (2002) apresenta uma definição para fã como sendo alguém que é obcecado por uma estrela, celebridade, filme, programa de televisão ou banda. Além disso, o autor faz uma distinção entre fã e academia, chamando a atenção para o *fan-academic*, isto é, aquele fã que usa a teoria acadêmica na sua escrita e na construção de uma identidade acadêmica de fã, em oposição ao profissional acadêmico que se utiliza de seu grupo de fãs como uma medalha de distinção dentro da academia. Hills (2002) também faz uma discussão dos termos *academic-fan* ou *scholar-fan* (termos mais contestados) e *fan-academic* ou *fan-scholar* (ignorados em silêncio). Por outro lado, em sua obra seminal sobre cultura participativa, Jenkins (1992) apresenta um conceito para fã como alguém menos alienado ou consumidor passivo. Na opinião do autor, os fãs são verdadeiros especialistas, ainda que sem reconhecimento oficial ou poder social.

Emmanouloudis (2015) considera as comunidades de fãs como tribos que compartilham interesses em comum. O autor descreve essas comunidades digitais em cinco categorias: fã simples; entusiasta; entusiasta vantajoso; criador; e transeunte. O fã simples é membro de uma comunidade de fãs, segue as publicações com regularidade e as compartilha com outras pessoas. O entusiasta é um pouco mais fanático, normalmente é assinante de uma página ou plataforma, para não perder nada do que é publicado e também participa das discussões. Já o entusiasta vantajoso é chamado assim porque tem outras vantagens sobre os entusiastas, como por exemplo, possuem condições financeiras para pagar pelo acesso *premium* para obter informações com exclusividade. O criador, por sua vez, possui elementos dos entusiastas e dos entusiastas vantajosos, porém se ocupa com produção textual. Normalmente são líderes de uma comunidade e espera-se que eles criem vídeos, imagens, publicações, etc. Por fim, o transeunte é aquele tipo de usuário que visita ou pertence a uma comunidade apenas por curiosidade e acaba sendo recrutado por outros fãs.

Quanto ao universo dos fãs ou *fandom*, a descrição mais comum é a de um grupo de pessoas que possuem uma admiração por uma obra pertencente à cultura impressa ou midiática (BARBOSA, 2016, p. 46). Vargas (2011, p. 11) traduz o termo *fandom* como reino, domínio ou espaço dos fãs.

O surgimento de produções envolvendo fãs, como por exemplo, a escrita de *fanfictions*, é citada por Ecks (2000) como um fenômeno que data do final do século XIX, quando fãs de Lewis Carroll parodiaram, reescreveram, revisaram e escreveram sequências

para as histórias do escritor, entre elas o famoso livro ‘Alice no País das Maravilhas’. Por volta da década de 1920, surgem os primeiros admiradores de Jane Austen a escreverem contos baseados em seus personagens (ECKS, 2000).

Apesar de não termos uma precisão exata quanto ao surgimento dos *fandoms*, segundo Nakagome e Murakami (2013) a cultura do fã no ocidente solidificou-se de maneira mais organizada na década de 1960, com os seriados de televisão, em especial com *Jornada nas Estrelas (Star Trek)*. Segundo Jenkins (2006, p. 138), o universo de fãs dessa série foi um modelo para outras comunidades de fãs criarem fóruns para debaterem interpretações, redes para circulação de trabalhos criativos e canais para pressionarem os produtores. Nessas comunidades era comum a produção de *fanzines*, ou seja, revistas confeccionadas artesanalmente e com tiragens limitadas, que favoreciam as trocas interativas entre os fãs (BARBOSA, 2016). Os *fanzines* são publicações de fãs, o nome vem da contração de duas palavras de origem inglesa *fan (fanatic) zine (magazine)*. Normalmente são produções independentes cujo objetivo é divulgar a opinião do(s) seu(s) autor(es). Os conteúdos das *fanzines* iam desde a escrita de histórias (*fanfictions*) até desenhos (*fanarts*).

No campo da literatura, as *fanfictions* começaram no final do século XIX, conforme ECKS (2000); já os estudiosos do *fandom* relacionado à ficção científica, afirmam que essas produções começaram na década de 1920, com as primeiras ‘*pulp magazines*²⁴’ (CAUSO, 2014). A respeito da produção escrita de fãs, Jenkins (1992) realizou um histórico completo sobre o universo de fãs que escrevem *fanfictions* e afirma que essas publicações passaram a fazer parte da chamada ‘cultura participativa’, na qual os interessados se envolvem ativamente na criação e na circulação de novos conteúdos.

No Brasil, a publicação de Mont’alvão Júnior²⁵ (2009) chama a atenção para a fundação da Associação Brasileira de Ficção Científica, em 1965, durante a I Convenção Brasileira de Ficção Científica, em São Paulo. Ainda segundo o autor, nesse evento foi publicado o primeiro *fanzine* brasileiro de ficção científica, chamado O CoBra (Convenção Brasileira), que perdurou até 1971. O *fandom* brasileiro moderno retorna em 1981 com a publicação dos *fanzines* ‘*Star News*’ (da Sociedade Astronômica Star Trek de São Paulo) e do Boletim Antares (do Clube de Ficção Científica Antares e Porto Alegre).

²⁴ Essas produções são denominadas *pulp magazines*, devido à qualidade do papel em que eram impressas essas publicações.

²⁵ As informações fornecidas por Mont’alvão Júnior (2009) são fruto de uma conversa por *e-mail* com Roberto de Souza Causo.

Com o surgimento da Internet e ambientes digitais, os fãs encontraram meios de comunicação e compartilhamento (textos, imagens e vídeos) em plataformas digitais. As primeiras plataformas a serem utilizadas pelos fãs foram as listas de *e-mails*, os *blogs*, os fóruns, e, por último, as redes sociais. Nesse sentido, a Internet facilita o encontro de uma cultura do entretenimento e uma cultura de leitura/escrita vinculada a obras literárias. Assim, as interações de fãs literários por meio de ambientes virtuais substituem os antigos círculos de leitores por uma série de leituras e releituras possíveis.

As pesquisas acadêmicas relacionadas à cultura de fãs e Internet já acontecem há algum tempo. Coppa (2006) apresenta uma breve história sobre o universo de fãs e suas produções na era da Internet, enquanto Hellekson e Busse (2006) fazem o levantamento de uma série de artigos que discutem a cultura de fãs. Vargas (2005, 2011 e 2015) fez inúmeras incursões no universo de fãs em suas pesquisas com o objetivo de compreender a popularidade das *fanfictions*. A autora buscou entender o processo de transição do fã consumidor para o fã autor (VARGAS, 2005), analisou a *fanfiction* homoerótica ‘*Slash*’ do fandom potteriano brasileiro (VARGAS, 2011), e, lançou um livro no qual são discutidas as novas leituras e escrituras em meio eletrônico (VARGAS, 2015). Barbosa (2016) também analisa a cultura de fãs aqui no Brasil a partir da produção de *fanfictions* no contexto *on-line*. Amaral e Parada (2015) discutem o papel dos fãs na cultura midiática, cuja atuação em ambientes digitais favorece a produção e o compartilhamento de conteúdos.

Nakagome e Murakami (2013) pesquisaram a relação dos fãs e dos estudantes com a literatura, discutiram as dificuldades de ensino de literatura e constataram que as *fanfictions* trazem contribuições que podem ser levadas à sala de aula, com o objetivo de trazer um estado de empatia em relação ao estudo literário. Os autores também discutem a utilização de *fanfictions* como ferramenta de leitura e escrita para o ensino de língua materna. Já Oliveira e Manzano (2015) analisam a prática de leitura e produção textual em tela para o desenvolvimento da língua inglesa e concluem que, como desdobramento da cultura de fãs, a *fanfiction* deve também ser usada em sala de aula, principalmente para a leitura e para a produção de textos colaborativos em língua estrangeira.

Na literatura, Jane Austen é uma das escritoras que já é tema de estudos acadêmicos há algum tempo, porém, nos últimos cinco anos, houve um aumento nas pesquisas voltadas para o universo dos seus fãs. Johnson (2012) e Lynch (2000) discutem a respeito de Janeites (fãs de Jane Austen) – termo cunhado por George Santisbury em 1894 para referir-se a alguém que sente profunda afeição pela escritora Jane Austen e seus livros – e como os fãs

agem como verdadeiros discípulos e devotos (TOOD, 2017) em diferentes culturas em torno do nome da escritora. Para exemplificar, foram publicados livros reunindo artigos sobre a popularidade e os fãs da escritora em várias partes do globo, com destaque para os países de língua inglesa (PUCCI; THOMPSON, 2003; HARMAN, 2009; WELLS, 2013; RAW, 2012; O'CONNEL, 2000; SCHOLER, 2009; YAFFE, 2013).

Com publicações inteiramente dedicadas aos fãs de língua espanhola, Sánchez (2015) analisa a recepção e o *fandom* de Jane Austen na Espanha, e Smith (2012) discute os grupos de leitura e fãs que falam espanhol na América Latina. O livro de Battaglia e Saglia (2004) traz uma série de artigos que discutem as diferentes culturas que envolvem o universo de fãs da escritora e como se deu a recepção de Austen em países como a Rússia e a Turquia. Mandal e Southam (2007) reuniram textos que também discutem a recepção de Austen por seus fãs na Suíça, França, Países Baixos, Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia, Espanha, Itália, Grécia, Hungria, Eslovênia, Croácia, Sérvia, Romênia, Polônia e Rússia. Em língua portuguesa, o livro organizado por Puga (2017) também traz capítulos escritos por pesquisadores portugueses e de outras partes do mundo que realizam pesquisas sobre os fãs de Jane Austen, as adaptações para o cinema e a televisão, e as traduções no contexto português, entre outras coisas.

Estudos na área da psicologia também ganharam espaço ao analisar, por exemplo, a construção de uma imagem da escritora, por meio da individualização retratada no filme *Becoming Jane*²⁶ (SILVA, 2009). Imagem esta que pode ser associada à visão romantizada da vida de Austen, o que contrasta com sua biografia e também com a adaptação *Jane Austen Regrets* (2009).

A apropriação do nome, da imagem e da produção literária da escritora é foco de pesquisas sobre Jane Austen e a Internet (KELLEHER, 2015); sobre o uso de ambientes digitais, como a produção de *fanfictions* no *Wattpad* (MIRMOHAMADI, 2014); e sobre outros ambientes digitais e posterior publicação de livros (STEENHUYSE, 2014; COLDWELL, 2014; BIAJOLI, 2016). Há, ainda, a apropriação e publicação de citações da autora pelos fãs no *Pinterest* (POWERS, 2014); a releitura das obras em vídeos muito populares no *Youtube* (AMORIN, 2015) e a cultura do consumismo e a transformação em tudo o que estiver relacionado à autora em produtos vendáveis, até o turismo literário (DOW; HANSON, 2012; THOMPSON, 2008).

²⁶ No Brasil, o filme foi lançado com o título 'Amor e Inocência', pela Focus Filmes, em 2007.

Aqui no Brasil, as pesquisas são centradas, em sua grande maioria, no livro *Orgulho e Preconceito* (1811), com foco nas variações modernas dessa obra (BIAJOLI, 2017a), além da análise do fenômeno *mash up* ‘*Orgulho e Preconceito e Zumbis*’ (SANTANA, 2012; BIAJOLI, 2013, 2017b; ROSSINI, 2012; GOMES, 2012; BURLAMAQUE E ROSSATO, 2014).

As pesquisas mencionadas são apenas alguns exemplos de como os fãs e a cultura participativa influenciam o meio em que estão presentes. A análise do *fandom* de Jane Austen contribuirá para uma percepção do comportamento desses fãs, além da análise sob a ótica da complexidade e os desdobramentos dessa interação (emergências e propiciamentos), os quais certamente irão fornecer uma visão diferenciada do grupo e quais gêneros são produzidos nesse ambiente digital.

Na próxima seção será abordada a participação dos fãs da escritora desde as listas de *e-mails* até a participação nas redes sociais de um modo geral.

2.3 A popularidade de Jane Austen

Yaffe (2013, p. 196) acredita que “a sobrevida de Jane Austen na Internet incorporou a tensão no coração de um *Fandom* apaixonado, o desejo tanto de comunidade quanto de exclusividade”²⁷. E por esse motivo, a escritora está cada vez mais popular na Internet. Entretanto, a fama de escritora só pôde ser observada no passado, principalmente, com a sua consagração nos meios acadêmicos para posteriormente ser reconhecida por uma multidão de fãs.

A reputação de Austen foi construída quase que inteiramente após sua morte, inicialmente por seus irmãos, sobrinhos e alguns críticos. Entretanto, com o passar dos anos, a autora passou a receber atenção de críticos e acadêmicos, tornando seu trabalho mais popular. Tamanha popularidade pode ser notada, já que ela é citada por políticos, atores, críticos, professores, artistas, escritores; ou seja, por todo tipo de pessoa que fala e trabalha com o público de um modo geral (LOOSER, 2017). Segundo a autora, Austen foi mencionada pela primeira vez em 1872, pelo político John Henry Scourfield, representante da ala conservadora norte-americana.

Um fato curioso que também contribuiu para a popularidade de Jane Austen foi um *banner*, confeccionado por Mary Lowndes, para uma passeata das sufragistas que saíram em

²⁷ “Jane Austen’s afterlife on Internet embodied the tension at the heart of passionate fandom, the desire for both community and exclusivity.” (Tradução nossa)

protesto pelas ruas de Londres em 13 de junho de 1908. O banner não trazia nenhuma citação das obras de Austen ou qualquer frase que ligação a autora ao movimento. Entretanto, ajudou na associação da escritora com a luta pelo empoderamento feminino. Porém, apenas nos anos 1970 é que as influências feministas de Austen começaram a serem discutidas. Um artigo escrito por Lloyd Brown, associando Austen à escritora Mary Woolstonecraft, autora de ‘Reivindicação dos Direitos da Mulher’, retomou a questão feminista. Entretanto, a consagração de Austen como feminista ou proto-feminista ocorreu devido às contribuições de Gilbert e Gubar (1979) com a publicação de *Madwoman in the attic*; Kirkham (1983), com *Jane Austen, Feminism and Fiction*, e Poovey (1984), que escreveu *The proper lady and the woman writer*. De um modo geral, Loosey (2017) acredita que todos nós que falamos sobre Austen, de alguma maneira, estamos contribuindo para seu legado.

Em relação aos estudos acadêmicos, são pouquíssimos os relatos de publicações a respeito da escritora durante o século XIX. Yaffe (2013) e Looser (2017) afirmam que, nos Estados Unidos, há um registro de que uma dissertação de Henry George Pellew, estudante de Harvard, considerado o primeiro trabalho acadêmico sobre Austen em 1883. Para Huff (2012) somente cem anos após a morte da escritora os críticos literários a levaram a sério, sendo que, antes disso, suas obras eram consideradas apenas para entretenimento. O que era divulgado a respeito de Jane Austen, na época do lançamento de seus livros e em alguns anúncios de jornal, restringia-se apenas à divulgação das obras e, salvo raríssimas exceções, surgiam algumas resenhas críticas.

Ao analisar os currículos das universidades britânicas, Yaffe (2013) afirma que os estudos de literatura inglesa voltados para Jane Austen só começaram a surgir nos primeiros anos do século XX. A partir de 1923, com as edições publicadas por R. W. Chapman (Editora Clarendon Press), os seis²⁸ romances principais de Austen ganharam o espaço nos estudos críticos sobre a escritora, pois traziam um prefácio com análises criteriosas da obra. Ray (2017) confirma que foram essas edições que colocaram Austen no cânone acadêmico.

Ao realizar um levantamento a respeito da popularidade de Austen, Looser (2017) chama a atenção para o fato de que os ilustradores de obras da escritora tiveram um profundo impacto após sua morte, muitas vezes mais impacto do que os escritos de alguns críticos. A autora ainda acrescenta que a obra mais famosa de Austen, *Orgulho e Preconceito*, foi por muitos anos o único livro que muitas pessoas já viram ou ouviram falar, porém nunca leram.

²⁸ Os seis livros de Jane Austen, com títulos originais em inglês, são: *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and Prejudice* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Persuasion* (1817) e *Northanger Abbey* (1817).

Fato hoje que também pode ser comprovado, pois muitos conhecem Austen não através de seus livros, mas por apresentações de teatro ou filmes para o cinema e a televisão.

Retomando o assunto sobre os leitores e os fãs de Jane Austen, de um modo geral, a escritora pode ser incluída em dois universos diferentes (YAFFE, 2013): o primeiro pertence ao panteão da literatura inglesa clássica; enquanto que o segundo estende-se ao domínio comercial da cultura pop. No final dos anos 1990, graças às adaptações dos livros para o cinema e a televisão Austen reforça sua popularidade e acaba se tornando uma marca comercial (YAFFE, 2003; HARMAN, 2009; MANDAL; 2009). Essas adaptações tornaram-se mais conhecidas do grande público a partir de *Razão e Sensibilidade*²⁹ (1995), que recebeu inúmeros prêmios cinematográficos. Com isso, o mercado editorial passou a publicar mais traduções e, conseqüentemente, outras pessoas se interessarem pelas obras de Austen.

Desde essa época, começou no mundo inteiro o que muitos autores denominam de Austenmania ou Austen idolatria, com diversas publicações a respeito da escritora (essencialmente em língua inglesa), novas adaptações para o cinema e a televisão (incluindo versões indianas), peças de teatro e musicais, incluindo o musical brasileiro ‘Nuvem de Lágrimas’ - adaptação livre de *Orgulho e Preconceito*, com músicas da dupla sertaneja Chitãozinho e Xororó, apresentada pela primeira vez em 2015. Todd (2017) afirma que Jane Austen entrou definitivamente no mercado e na cultura global na primeira década do século XXI, confirmando a constatação de Ball (2010), de que tudo que leva o nome Austen é passível de venda.

Só em língua inglesa é possível encontrar mais de 49 sequências modernas de *Orgulho e Preconceito* (SIMONS, 2009), sem contar os outros cinco livros principais de Austen. De acordo com o levantamento feito por Biajoli (2017a) apenas no *site* da Livraria *Amazon* havia 580 resultados para o termo ‘*Jane Austen Sequels*’ no ano de 2016. Inclusive em nosso país, nos últimos dez anos, essas sequências alcançam grande popularidade, quer sejam escritas ou traduzidas do inglês por fãs brasileiras. Para se ter uma ideia da crescente expansão desse universo, existia mais de 2000 *fanfictions* baseadas em Austen apenas no *site Fanfiction*³⁰ naquele ano.

No *Youtube* também é possível encontrar canais variados que produzem vídeos e discutem Jane Austen e suas obras. Os mais populares são em língua inglesa, por atingirem um número maior de público, como o ‘*The Lizzie Bennet Diaries*’³¹, com mais de 270 mil

²⁹ No original em inglês *Sense and Sensibility* (1995) dirigido por Ang Lee.

³⁰ <<https://www.fanfiction.net/>>

³¹ <<https://www.youtube.com/user/LizzieBennet>>

inscritos, por exemplo. Já a produção de arte gráfica, a chamada *fanart* (arte produzida por fãs), também é bastante conhecida e divulgada em *sites* específicos para fãs, como o *Deviantart*³² e *Pinterest*.

Os dispositivos eletrônicos conectados à Internet, os DVDs, as séries e os filmes para a televisão e o cinema trouxeram grande impulso para a apreciação das obras de Austen, transformando-a em uma celebridade. Segundo Simons (2009, p. 476), Austen “se tornou um ícone cultural, ocupando uma posição única no mundo moderno, seu nome incorpora uma série de valores que ressoam mesmo naqueles que nunca leram uma palavra do que ela escreveu”³³.

O crescimento dessa popularidade pode ser medido também, se observarmos a facilidade de acesso à Internet e mídias digitais (YAFFE, 2013). Segundo a autora, um dos primeiros meios de contato eletrônico entre os fãs da escritora ocorreu nas listas de *e-mails* para discussão das obras de Austen. Essas listas foram muito populares no final dos anos 1990, sendo que a mais conhecida foi criada em 1996, com o título ‘*Pride and Prejudice*’.

O *site* ‘*The Republic of Pemberley*’, cujo domínio foi registrado em 1997 – pertence à chamada fase RSI (Redes Sociais de Internet) 1.0 - é um dos mais antigos e famosos *sites* totalmente dedicado ao universo Austen, contando com cerca de 800 membros, segundo dados coletados por Yaffe (2013) no ano de 2012. Com o acesso cada vez maior à banda larga e a popularidade dos *blogs*, em meados dos anos 2000 - fase RSI 2.0 -, os *posts* passam a ser publicados não apenas por especialistas, mas também por anônimos. Os *blogs* mais populares em língua inglesa até hoje, são: *AustenBlog* (SULLIVAN, 2004); *Jane Austen's World* (SANBORN, 2006); e, *Austenprose* (NATTRESS, 2007). A primeira publicação inteiramente dedicada à escritora em língua portuguesa surgiu em 2008, com a criação do *blog* ‘Jane Austen Club’, criado em 23 de fevereiro de 2008, posteriormente rebatizado com o nome ‘Jane Austen Brasil’.

No Brasil, Austen conquistou um número maior de fãs graças à versão para o cinema de *Orgulho e Preconceito* de 2005, a observar a quantidade de comunidades sobre Austen e seus livros no *Orkut* naquela época, o que leva a entender que as adaptações para o cinema e a televisão exercem grande influência nas pessoas. Essa notoriedade ocorreu exatamente dez anos após os lançamentos dos filmes *Emma* (1995) e *Razão e Sensibilidade* (1995) terem sido

³² Deviantart é uma rede social que permite aos artistas exporem seus trabalhos. <<https://www.deviantart.com/?section=&global=1&q=jane+austen>>.

³³ “She has become a cultural icon, occupying a unique position in the modern world, her very name embodying a set of values which resonate even with those who have never read a word she wrote.” (Tradução nossa)

sucesso de bilheteria e, posteriormente, exibidas na televisão brasileira. Em um período de cerca de dez anos, Austen desponta como ícone pop e escritora que atinge multidões de fãs.

Em 2005, era possível encontrar vários grupos relacionados a Austen e suas obras em comunidades no *Orkut*, sendo que o maior grupo em língua portuguesa chamava-se ‘Orgulho e Preconceito’, com cerca de 10.000 membros ao longo dos anos, até a extinção do *site* em 2014. Entretanto, quando o *Facebook* passou a ser traduzido para o português, os milhares de usuários do *site Orkut* deixaram de participar desta rede e migraram para o *Facebook*. Desde então, inúmeros *sites* de redes sociais vêm sendo utilizados por fãs e especialistas para a discussão, divulgação e apreciação das obras e da vida de Jane Austen.

Assim como no caso do *Orkut*, os *blogs* dedicados a Jane Austen passaram por um declínio em relação ao número de visitantes e comentaristas. O número de publicações nos *blogs* diminuiu, e segundo Laurel Ann Nattress, “apenas as *Janeites* sérias permaneceram”³⁴ (Yaffe, 2013, p. 196). A constatação de Yaffe também foi percebida nos *blogs* brasileiros dedicados à escritora, apenas os mais antigos permaneceram com postagens atualizadas ao menos uma vez por semana. Entretanto, em 2017, foi possível constatar que as autoras de *blogs* americanas e brasileiras voltaram a publicar sobre Austen em seus *blogs* por ocasião das homenagens ao bicentenário de morte da escritora em todo o mundo. Além das publicações nos *blogs*, aumentaram também os perfis e *fanpages* no *Facebook*, *Instagram* e no *Youtube*.

Yaffe (2013) argumenta que parece perfeitamente natural que a paixão pelos livros escritos há duzentos anos se manifeste através da tecnologia. Ela afirma que, antes da Internet, existiam fãs de Jane Austen, porém, o *Fandom* de Jane Austen é uma criação da era digital. Sendo assim, nada mais comum do que encontrar o nome Jane Austen nas mais diversas redes sociais, mesmo que não tenham sido criadas com o objetivo de discussão literária. É possível encontrar o nome da escritora nas principais redes sociais utilizadas por brasileiros, por meio de grupos e *fanpages* no *Facebook*, perfis no *Twitter*, *Tumblr*, *Wattpad*, inclusive nas redes sociais de imagens e fotografias, como é o caso do *Pinterest* e do *Instagram*. Além das discussões literárias, da promoção de lançamentos de livros, filmes e DVDs, existem também publicações no *Facebook* voltadas para a diversão, como é o caso das páginas: *Drunk Austen*³⁵, *Austequila*³⁶ e Jane Austen Irônica³⁷.

³⁴ “... the serious Janeites have stayed”. (Tradução nossa)

³⁵ <www.facebook.com/DrunkAusten/>

³⁶ <<http://austequila.blogspot.com.br/>>

³⁷ <<http://www.facebook.com/AustenIronica/>>

A presença de grupos e *fanpages* relacionados à escritora no *Facebook* pode ser explicada pelo fato de essa rede social ser muito popular e por agregar publicações de outras redes sociais. Praticamente não é necessário sair do *site* para ler ou comentar publicações provenientes de outras redes sociais, como vídeos do *Youtube* ou imagens do *Instagram*, por exemplo.

As publicações normalmente consideradas como oficiais são realizadas pelas sociedades de estudos sobre Jane Austen em todo o mundo como JASNA³⁸, JASUK³⁹, JASA⁴⁰, JASBRA⁴¹, JASIT⁴², JASES⁴³, JASPK⁴⁴, JASNL⁴⁵, JASIsrael⁴⁶ etc.

Gráfico 1 - Fãs das Jane Austen Societies no *Facebook*⁴⁷



Fonte: dados coletados no *Facebook*

Como podemos observar no gráfico 1, em que se levou em consideração o número de fãs de cada *fanpage* e não número de membros oficiais das respectivas sociedades, as sociedades Jane Austen Norte Americana (Canadá e Estados Unidos), Reino Unido, Austrália, Brasil, Itália, Espanha e Holanda possuem *fanpages* no *Facebook* com considerável número de fãs.

Fora os grupos considerados oficiais, há uma infinidade de outras comunidades e *fanpages* relacionados à escritora, em países como Chile, Argentina, México, França e

³⁸ Jane Austen Society of North America (fanpage): <<http://www.facebook.com/JaneAustenSocietyofNorthAmerica/>>.

³⁹ Jane Austen Society of United Kingdom (fanpage): <<http://www.facebook.com/janeaustensoci/>>.

⁴⁰ Jane Austen Society of Australia (fanpage): <<http://www.facebook.com/JaneAustenSocietyofAustralia/>>.

⁴¹ Jane Austen Society do Brazil (comunidade): <<https://www.facebook.com/groups/janeaustenbrasil/>>.

⁴² Jane Austen Society of Italy (fanpage): <<http://www.facebook.com/JasitJaneAustenSocietyOfItaly/>>.

⁴³ Jane Austen Society of Espanã (fanpage): <<http://www.facebook.com/JaneAustenSocietyES/>>.

⁴⁴ Jane Austen Society of Pakistan (fanpage): <<http://www.facebook.com/JaneitesPakistan/>>.

⁴⁵ Jane Austen Society of Netherlands (fanpage): <<https://www.facebook.com/janeaustensocietynl/>>.

⁴⁶ Jane Austen Society Israel (comunidade): <<https://www.facebook.com/groups/janeaustenisrael/>>.

⁴⁷ Dados coletados em 12 de agosto de 2017.

Portugal. Só na categoria grupos, o *Facebook* possui cerca de 100⁴⁸ comunidades dedicadas à escritora.

Além do crescente número de fãs se apropriarem das redes sociais para celebrarem a escritora, ocorre também uma forte onda de popularidade dos vídeos produzidos por leitores com resenhas literárias em seus canais no *Youtube*. Possivelmente, o canal mais famoso é o *The Lizzie Bennet Diaries*⁴⁹, que possui atualmente mais de 270 mil inscritos e mais de 77 milhões de visualizações, segundo dados de janeiro de 2018. Posteriormente, os vídeos publicados nesse canal foram transformados em DVD⁵⁰ e em livro pelos autores Bernie Sue e Kate Rorick (2014), inclusive com traduções aqui no Brasil sob os títulos *O Diário Secreto de Lizzie Bennet* e *As Épicas Aventuras de Lydia Bennet*, ambos publicados pela editora Verus em 2014 e 2016, respectivamente.

No Brasil, existem inúmeros canais no *Youtube* que publicam vídeos sobre livros e resenhas, porém não são inteiramente dedicados à Austen como é o caso do canal de Thais Brito, chamado 'Fantástico Mundo de Jane Austen' criado em outubro de 2016 por Thais Brito. A popularidade de Austen como fenômeno transmídia é um tema que gera ampla discussão no campo das pesquisas acadêmicas e vem se consolidando também em nosso país.

As publicações escritas por fãs e estudiosos não se concentram apenas em torno das obras escritas por Jane Austen, pois as sequências modernas escritas por outros autores também ganharam mais adeptos e leitores. Para citar alguns exemplos mais recentes, a escritora Amanda Grange, se ocupou em reescrever as histórias de Austen através do olhar dos personagens masculinos, sob a forma de diários. E famosa escritora de livros de suspense, P. H. James escreveu *Death comes to Pemberley* que foi publicado aqui no Brasil com o título *A morte em Pemberley*.

2.4 A JASBRA na Internet

Como o objetivo deste trabalho é analisar as produções de gêneros na comunidade da JASBRA no *Facebook*, considero relevante fazer um breve relato das atividades que a Jane Austen Sociedade do Brasil⁵¹ desenvolveu nas redes sociais nos últimos anos até chegarmos à

⁴⁸ Levantamento realizado em 12 de agosto de 2017.

⁴⁹ *The Lizzie Bennet Diaries* foi uma adaptação livre por jovens americanos do livro *Orgulho e Preconceito*, com vídeos semanais para o Youtube: <www.youtube.com/user/LizzieBennet>.

⁵⁰ O DVD *The Lizzie Bennet Diaries* ainda não foi lançado no Brasil.

⁵¹ <<http://www.janeaustenbrasil.com.br>>

utilização do *Facebook* como principal meio de comunicação e interação entre os fãs brasileiros de Austen.

Minhas incursões no universo literário de Jane Austen começaram na graduação em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, especificamente no ano de 1998 quando tive contato com a obra da escritora, durante as aulas da professora Thaís Flores. Após esse contato inicial, as adaptações para o cinema e a televisão também foram responsáveis pela manutenção de meu interesse por Austen. Posteriormente, meu envolvimento com a escritora só foi aumentando sob influência das redes sociais de Internet até eu me decidir pela pesquisa no grupo da JASBRA no *Facebook*.

As publicações da JASBRA começaram em 23 de fevereiro de 2008, inicialmente o *blog* se chamava ‘Jane Austen Club’ para, mais tarde, receber o nome ‘Jane Austen Brasil. As publicações durante o primeiro semestre de 2008 foram as primeiras em língua portuguesa de que se tem notícia, já que, naquela época, nem mesmo a Wikipédia⁵² possuía uma página sobre a escritora em língua portuguesa. No ano seguinte, o *blog* se tornou a publicação oficial das JASBRA e me tornei presidente da sociedade. O *blog* tinha um caráter informativo, já que eram raras as publicações sobre a escritora em língua portuguesa.

Ao longo desses nove anos na Internet, a JASBRA passou por várias redes sociais e diversas pessoas entraram e saíram dessas redes das quais fazemos parte. As fundadoras da JASBRA (Adriana Sales, Ana Maria Almeida, Cláudia Cristino e Ivny Coura) se conheceram no *Orkut* em 2005 e, à medida que o grupo foi crescendo e o meio digital propiciou o fortalecimento dos laços de amizade, o *blog* passou a ser uma fonte de divulgação de notícias e discussões em torno do universo austeniano.

Ao longo de anos de experiência com o *blog* da JASBRA, pude perceber que o grupo de fãs brasileiros ocupou diversos espaços virtuais. No começo, o *blog* serviu de fonte de informações sobre a escritora em língua portuguesa e, posteriormente, o grupo passou a discutir assuntos relacionados à suas obras e vida nas comunidades do *Orkut*, fórum da JASBRA⁵³, Lista de *e-mails*⁵⁴, Comunidade⁵⁵ e *fanpage*⁵⁶ no *Facebook*, e perfis no *Tumblr*⁵⁷, *Flickr*⁵⁸, *Instagram*⁵⁹, *Twitter*⁶⁰ e *Pinterest*⁶¹. Além disso, alguns membros utilizam os grupos

⁵² <<https://pt.wikipedia.org/>>

⁵³ Fórum de discussão da Jane Austen Society of Brazil: <<http://jasbra.forumbrasil.net/>>.

⁵⁴ Lista de e-mails da JASBRA no Googlegroups: <<https://groups.google.com/forum/#!forum/jasbra>>.

⁵⁵ Comunidade Jane Austen Society of Brazil no Facebook: <<https://www.facebook.com/groups/janeaustenbrasil/>>.

⁵⁶ Fanpage no Facebook Jane Austen Brasil: <<https://www.facebook.com/JaneAustenBrasil/>>.

⁵⁷ <<http://jasbra.tumblr.com/>>

⁵⁸ <<https://www.flickr.com/people/65287145@N06/>>

Entretanto, é na comunidade da JASBRA no *Facebook* que se concentram os redirecionamentos com publicações para as demais redes sociais mencionadas, por ser um espaço de convergência e fácil visibilidade.

No *Facebook*, o grupo da JASBRA emergiu a partir do interesse dos administradores em manter uma comunidade para discussão das obras da escritora e a *fanpage* para seguir o modelo das outras sociedades ao redor do mundo. A JASBRA possui dois perfis: a comunidade Jane Austen Sociedade do Brasil e a *fanpage* Jane Austen Brasil. Atualmente, mesmo com as publicações oficiais no *blog*, o *Facebook* é a rede social mais utilizada pelos participantes, pois agrega texto, imagens, vídeos e outros recursos tecnológicos em um só lugar. Além disso, é muito comum replicarmos notícias de outras comunidades e *fanpages* em nossas páginas no *Facebook*, principalmente por alcançar um público maior de leitores e em outras línguas.

Diante do exposto neste capítulo, fica claro o quanto o universo de leitores e fãs de Jane Austen transforma o nome da escritora em um dos ícones da cultura pop atual. É possível encontrar um grande número de fãs nas principais redes sociais disponíveis, principalmente aquelas mais populares aqui no Brasil. Partindo do universo do cânon austeneano para o *fandom*, Austen parece sobreviver e encantar novos adeptos a cada dia. O legado da escritora permanece na visão que seus leitores e fãs têm dela: uma Jane Santa – *The Divine Miss Austen* (LYNCH, 2000) e uma Jane mais humana, como alguns preferem reconhecê-la. O que a transforma em um fenômeno que transita entre os estudos acadêmicos e as adaptações para o cinema, favorecendo o que Lynch (2000) chama de fronteira entre a cultura de elite e a cultura popular.

O capítulo três, a seguir, discutirá a questão da literatura na Internet, com ênfase para as redes sociais, especialmente, o *Facebook*.

3 REDES SOCIAIS DE INTERNET E LITERATURA

Com objetivo de compreender melhor o ambiente pesquisado, neste capítulo conceituo e discuto algumas características das redes sociais de Internet a partir de Wasserman e Faust (1994); Primo (2006); Boyd e Ellison (2007); Recuero (2004, 2009a, 2009b); e o conceito de influenciadores digitais proposto por Ishida (2016). Apresento uma discussão das comunidades de prática de Wenger e Lave (1998) e Wenger (2009 e 2012). Em seguida, discorro sobre alguns exemplos de redes sociais relacionadas à literatura, apresentando algumas pesquisas nesta área e, por último, faço a descrição de alguns grupos literários no *Facebook*, com destaque para o grupo da JASBRA.

Ao buscar uma conceituação sobre redes sociais, procuro compreender e discutir essa temática, além de aprofundar a análise a respeito da literatura em ambientes digitais. Além disso, as características do *Facebook* e a interação entre os participantes são questões importantes e que serão analisadas sob a ótica dos propiciamentos e emergências do grupo.

3.1 Redes Sociais de Internet

Com acesso cada vez mais rápido à Internet e ao uso de aplicativos para dispositivos móveis, as pessoas mudaram a forma de se comunicar. Em 'A Sociedade em Rede', Castells (1996) já chamava a atenção para as influências das tecnologias (em especial a Internet) sobre a cultura e as formas de comunicação entre as pessoas. O autor chama de sociedade em rede uma grande rede que conecta os indivíduos, favorecida pelo aumento de uso de mídias e da Internet, tornando o mundo cada vez mais digital. Lévy (2000, p. 127) considera que essa rede virtual “é construída sobre as infinitudes de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”.

Antes de iniciar a discussão das redes sociais de Internet, retomo as análises de Rheingold (1993), Lévy (1999) e Recuero (2002; 2005) sobre comunidades virtuais. O termo comunidade tem sua origem na sociologia, passando pelos conceitos de pertencimento, família, comunidade rural, até perder um pouco o sentido, quando houve a urbanização das vilas e passamos a morar nas grandes cidades.

Recuero (2002, p. 223) afirma que a noção de comunidade está baseada na orientação da ação social. Tal autora se baseia na afirmação de Weber (1987), ao concluir dizendo que a noção de comunidade nasce em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional.

Possibilitada pela comunicação mediada por computadores, as comunidades virtuais emergiram da rede de comunicação feita nesse suporte e funcionam como agregados sociais virtuais. Rheingold (1996) chama de comunidades virtuais aquelas redes caracterizadas pela coatuação de seus participantes, que compartilham valores, interesses e comportamentos, através das interações no universo digital. Lévy (1999) afirma que as comunidades virtuais são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, independentemente de distâncias geográficas ou das afiliações. Para esse autor, comunidade virtual é sinônimo de reciprocidade.

Para que essas comunidades existam, é preciso que haja interatividade entre seus membros. Primo (2000) considera dois tipos de interação: a mútua e a reativa. A interação mútua se dá através de um sistema aberto, não é composta por partes independentes, seus elementos são interdependentes. Já a interação reativa ocorre em um sistema fechado, apresenta reações lineares e unilaterais, no qual o reagente tem pouca ou nenhuma condição de alterar o agente. Tavares (2015) também concorda que, ao servirem de meio para troca de conhecimento, as interações ocorrem de duas maneiras diferentes: a primeira, em que cada usuário pode se expressar e receber *feedback* de suas postagens (interação mútua); e, a segunda, que depende da decisão de um usuário, por exemplo, quando há um moderador e ele tem que aceitar ou não outro usuário no grupo (interação reativa).

A existência das comunidades virtuais está intimamente ligada às redes sociais que lhes servem de suporte. Sendo assim, nos parágrafos a seguir, é feita uma discussão aprofundada a respeito das redes sociais.

Ao longo de mais de vinte anos, diversos autores discutiram a respeito da expansão das redes sociais e, principalmente, da apropriação e utilização cada vez mais frequentes por usuários do mundo inteiro. Primo (2006) afirma que as redes sociais de Internet suportam as interações típicas dos grupos sociais, além de serem responsáveis por modificá-las e ampliá-las. Por sua vez, a pesquisa de Boyd e Ellison (2007) faz uma análise a respeito da história e definição para essas redes e concluíram que, enquanto alguns desses *sites* fazem a manutenção de redes sociais preexistentes, outros auxiliam estranhos a se conectarem, baseados em interesses, visões e/ou posicionamentos políticos ou atividades. Esses pesquisadores preferem usar o termo *site* de rede social (*social network site*) para os serviços

que utilizam a Internet, que são únicos, pois, além de permitirem aos indivíduos encontrarem estranhos, também possibilitam aos usuários a articulação e a permanência nas redes sociais. Aqui no Brasil, Recuero (2004, 2009a, 2009b) afirma que as redes sociais de Internet são consideradas redes emergentes, já que são construídas através da apropriação desses *sites*. Além disso, a autora faz importantes contribuições sobre o tema e, inclusive, apresenta uma metodologia para estudos das redes sociais. Como a Internet facilita ainda mais a aproximação e a comunicação entre as pessoas com a possibilidade de interação em qualquer hora ou local, essas fronteiras territoriais e de tempo proporcionam o surgimento de comunidades virtuais em torno de interesses comuns, sendo que esse aspecto favorece a interconexão.

A popularização da comunicação mediada por computador proporcionou o surgimento de novas ferramentas que acabaram por fazer parte da comunicação diária de milhares de pessoas ao redor do mundo (RECUERO, 2009a). Entretanto, a prática de comunicação via redes sociais de Internet não exclui a comunicação face a face. Na realidade, as práticas de comunicação digital são realizadas, mesmo quando as pessoas se encontram todos os dias e convivem no mesmo espaço físico.

As interações on-line apresentam um aspecto colaborativo, visto que todos podem criar, compartilhar e interagir (BROWN; ADLER, 2008). Além do aspecto colaborativo, a comunicação mediada por computador favorece a interconectividade, fazendo com que os usuários deixem rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais (RECUERO, 2011). Essas redes são meios de extrema complexidade, pois alteram o contexto nos quais as interações comunicativas acontecem (RECUERO, 2009a). Como as características das interações no meio digital favorecem o trabalho colaborativo, a riqueza dessas interações se apresenta como meio bastante complexo, levando em consideração que o comportamento dos usuários não segue um padrão linear e, na maioria das vezes, é espontâneo.

Em português, utilizamos Redes Sociais de Internet (RSI) e, em inglês, a nomenclatura mais usual é *Social Network Sites* (SNS), ou seja, *sites* de redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007). Entretanto, é importante observar que as pessoas são responsáveis por criar as interações sociais (laços sociais) e não um *software* ou *site*, sendo que esses meios apenas possibilitam os comportamentos sociais. Assim, os usuários são as redes e “embora os *sites* de redes sociais atuem como suporte para as interações que constituirão as redes sociais, elas não são, por si, redes sociais” (RECUERO, 2009b, p. 103). Os *sites* são páginas na Internet que

têm como objetivo criar e manter as redes sociais, porém, são os usuários que, ao propagar, replicar e dar visibilidade a determinadas informações, se apropriam dos *sites* de redes sociais (RECUERO, 2011). Nesta tese, optou-se por chamá-las de redes sociais, de maneira simplificada, já que é um termo bastante popularizado no Brasil.

A função das redes sociais de Internet vai além da possibilidade de conhecer ou de estabelecer novas relações entre as pessoas, baseando-se fundamentalmente na oportunidade que cada usuário tem de articular e tornar visíveis e públicas suas relações e conexões sociais (BOYD E ELISSON, 2007; TREEM E LEONARDI, 2012). Ainda segundo Boyd e Ellison (2007), o conceito de redes sociais como serviços baseados na web permitem: 1) a construção de um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema; 2) a articulação de uma lista de outros usuários com os quais o indivíduo tem conexão; e, 3) a visualização da sua própria lista de conexões e de outras pessoas dentro de um mesmo sistema. Entretanto, tais conexões entre as pessoas não podem ser compreendidas como amizade, no sentido vernacular comum.

Entre os componentes básicos de uma rede social de Internet, Boyd (2010) cita: os perfis, que representam usuário e servem como local de interação; a lista de contatos, compostas por pessoas que desejam manter conexão entre si; as ferramentas de comentários públicos, que são suporte às interações, como por exemplo, a linha do tempo de cada usuário no *Facebook*; e a atualização de fluxo contínuo, que permite aos usuários distribuir conteúdo aos seus contatos.

A composição das redes sociais está baseada em dois conjuntos de elementos, segundo Recuero (2006): 1) **atores**: são as pessoas, instituições ou grupos que moldam as estruturas sociais, através da interação e constituição de laços sociais, os nós da rede; 2) **conexões**: são as interações ou laços sociais, que dependem dos atores sociais, multiplicidade de ferramentas que possibilitam e suportam a interação (interação que pode ser síncrona ou assíncrona). O sistema sem o grupo nada mais é do que um *site/software*; por outro lado, o grupo, mesmo sem o sistema, continua sendo um grupo.

As conexões entre os indivíduos são denominadas laços, sendo classificados em três (RECUERO, 2009b): 1) **laços sociais relacionais**, aqueles resultantes da reciprocidade e alta interatividade entre os indivíduos; 2) **laços sociais associativos**, aqueles cujos indivíduos apenas pertencem a um grupo ou instituição, sem realizar interações; 3) **laços sociais multiplexos**, em que os indivíduos demonstram relações tanto dentro quanto fora das redes.

Essas redes possibilitam diversas formas de interação e compartilhamento de informações e, por esse motivo, têm envolvido um número cada vez maior de pessoas, sendo

classificadas como emergentes ou de filiação/associação (RECUERO, 2012a). As redes emergentes são expressas a partir das interações entre os atores sociais e são constantemente construídas e reconstruídas através das trocas sociais. Um exemplo dessas redes são as *fanpages* e comunidades no *Facebook*, ambientes passíveis de observação de tais trocas sociais. As redes de filiação/associação são derivadas das conexões mantidas pelas ferramentas do sistema. São exemplos de filiação/associação as redes como *Instagram*, por exemplo, que permite ao usuário se conectar aos amigos de outras redes e replicar o que é publicado no *Instagram* em outras redes sociais como o *Facebook* e *Twitter*, por exemplo.

No contexto das redes sociais, os atores são, ao mesmo tempo, audiência e construtores do discurso, já que replicam, comentam e discutem nas redes, e o coletivo de atores funciona como um meio, interconectado, por onde a informação transita (RECUERO, 2013). O que caracteriza essas redes sociais é a replicação de informações provenientes de outro meio, favorecendo a diminuição da distância social e maior interação. Essas informações podem ser facilmente replicadas e acessadas, já que podem ser armazenadas.

Um perfil ou um grupo nas redes sociais pode influenciar os outros usuários à medida que suas publicações são levadas em consideração como referência ou como divulgadores de informações e/ou marcas. Os chamados influenciadores de rede podem ser chamados de *broadcasters*, conectores ou legitimadores, segundo Ishida (2016).

Os *broadcasters* são os perfis ou comunidades com número elevado de seguidores, cujas publicações são capazes de atingir muitas pessoas e tem a tendência de se replicar em outras redes (ISHIDA, 2016, p. 269). De um modo geral, as características desse tipo de influenciador são observadas pelo elevado número de seguidores; os comentários que são centrados no conteúdo nas publicações; e ao alto número de interações feitas, principalmente comentários e replicações. É importante notar que um perfil ou comunidade *broadcaster* não precisa ser necessariamente uma celebridade. Sendo possível a existência de perfis populares que atraem um público, quer seja pelo conteúdo ou pela personalidade e estilo, por exemplo. A comunidade da JASBRA no *Facebook* pode ser considerada *broadcaster*, pois possui um número razoável de seguidores e/ou participantes, e um elevado número de interações nas publicações, principalmente aquelas que geram mais discussões.

Os conectores são aqueles perfis ou grupos que possuem várias conexões com outros influenciadores sendo, em grande maioria, também *broadcasters*. Esse tipo de perfil age como uma espécie de referência para perfis populares e serve também para conectar diversos grupos com perfis distintos (ISHIDA, 2016, p. 270). É o tipo de perfil que consegue ‘transitar’ entre

grupos diversos. Normalmente recebem muitas menções de outros perfis, possuem alta taxa de engajamento (interações/seguidores) em suas publicações e um elevado poder de propagação, já que os compartilhamentos podem atingir outros usuários. Neste sentido, a comunidade JASBRA, além de *broadcaster*, também pode ser considerada conectora, já que suas publicações são replicadas em outros grupos e atingem usuários inclusive falantes de outras línguas.

E, por último, os legitimadores são aqueles perfis ou grupos que são considerados referências dentro da área que atuam. Normalmente são os primeiros a serem lembrados quando os usuários buscam informação, recomendação ou inspiração. Normalmente, esse tipo de perfil possui seguidores com interesses bastante similares, as publicações giram em torno de um mesmo assunto, o engajamento é elevado, e são mencionados espontaneamente por outros usuários ou veículos, por serem referências na área que atuam. O grupo da JASBRA também pode ser encaixado neste perfil, já que suas publicações são centradas em torno do universo Jane Austen, os seguidores e/ou participantes possuem interesse pela escritora, e são mencionados por outros perfis ou em outras redes sociais, artigos na imprensa ou pesquisas como Yaffe (2013) e Zardini; Afonso (2013, 2011).

Quanto à estrutura, Aguiar (2007) propõe que as redes possuem sete estruturas: a) **nós ativos**: são aqueles que alimentam as redes com informações, tendo a possibilidade de se tornar líderes de opinião ou influenciadores; b) **nós focais**: podem também se tornar líderes de opinião, controlam o fluxo de informações, como os moderadores, por exemplo; c) **nós especialistas**: são aqueles que detêm conhecimentos e experiências fundamentais para a dinâmica do grupo; d) **rede sociotécnica**: é aquela formada por integrantes que se reconhecem como especialistas; e) **indivíduos isolados**: são aqueles indivíduos que agem de forma passiva, apenas acompanhando o fluxo de informações; f) **indivíduos-ponte**: são os que fazem a ligação entre os grupos; e g) **cliques ou clusters**: são pequenos grupos de pessoas íntimas entre si que possuem interesses em comum. Na análise da comunidade da JASBRA, essas estruturas serão apresentadas sob a forma de quadro, sintetizando as principais características do grupo seguido de uma discussão do assunto.

Zanini (2016b) propõe a existência de três tamanhos de redes sociais: ego-centrada, sócio-centrada e infinita. Segunda a autora, as redes ego-centradas são construídas em torno de ponto de partida e suas conexões e podemos tomar como exemplo dessas redes os seguidores de um perfil do *Twitter* ou os *likes* de uma página no *Facebook*. As redes sócio-centradas são aquelas que existem dentro de um limite definido, como um grupo do *Facebook*

ou um fórum de discussão, por exemplo. E as redes infinitas são aquelas cujos limites não são claramente definidos ou conhecidos, como o caso dos influenciadores digitais ou determinada *hashtag*.

Os conceitos discutidos anteriormente: atores, conexões, redes emergentes e redes de filiação/associação e laços de Recuero (2009b, 2013), as considerações a respeito de nós proposta por Aguiar (2007), o conceito de influenciadores proposto por Ishida (2016) serão relevantes na análise dos dados, porque serão utilizados como elementos balizadores para as observações e análise acerca da comunidade JASBRA.

3.1.1 As pesquisas acadêmicas sobre Redes Sociais de Internet

Ao longo dos anos, as redes sociais ganharam muita atenção dos pesquisadores. Aqui no Brasil, o interesse pelo tema tem sido crescente, por exemplo, em maio de 2014, “o sistema de busca do Portal da Capes registrava 181.528 textos nos quais constava a palavra *Facebook*” (PAIVA, 2016, p. 66) e, em 08 de outubro de 2017, o número subiu para 270.983 ocorrências. Rains e Brunner (2015) fizeram uma análise de seis periódicos interdisciplinares, entre 1997 a 2013, a respeito de pesquisas⁶² em redes sociais (*social network sites*), e, baseados no que pesquisaram, concluíram que cerca de dois terços dos estudos focaram no *Facebook* (80% desses estudos). Buscando também fazer um levantamento acerca das pesquisas sobre redes sociais, Wilson, Gosling e Graham (2012, p. 205) identificaram 412 artigos relevantes, divididos em cinco categorias de pesquisa: 1) análise descritiva dos usuários; 2) motivação para usar o *Facebook*; 3) apresentação de identidade (perfil); 4) o papel do *Facebook* nas interações sociais; e, 5) privacidade e armazenamento de informação.

Entre as razões para estudar o *Facebook*, o principal motivo é que esse *site* oferece uma oportunidade sem precedentes para o estudo de uma variedade de fenômenos sociais em um ambiente naturalístico (WILSON; GOSLING; GRAHAM; 2012, p. 213).

Quanto às características provenientes dos SACs, as redes sociais de Internet são consideradas emergentes (RECUERO, 2012a), já que são construídas por meio do uso desses *sites* e as maneiras como os usuários se apropriam desses ambientes, e se constituem como fruto de dinâmicas coletivas dos atores na difusão de informações no espaço digital. Segundo

⁶² Para uma lista de pesquisa e artigos sobre *Facebook* e ciências sociais, consulte: <<http://psych.wustl.edu/robertwilson/>>.

essa autora, as redes sociais de Internet são meios de extrema complexidade, pois alteram o contexto em que as interações acontecem (RECUERO, 2009a).

Além de serem espaços que proporcionam as práticas ligadas à interação social, “as redes sociais também possibilitam o compartilhamento e a troca de informações” (ZAGO, 2012, p. 49). De um modo geral, as redes sociais interferem na circulação das informações, quer seja pela influência que um indivíduo pode realizar em outro; ou pela influência de grupos que compartilham informações, por exemplo.

Na pesquisa de Wilson, Gosling e Graham (2012), os dados indicam que, dentre os 412 artigos pesquisados, 27% fazem a discussão da maneira como o *Facebook* está afetando as relações entre grupos e entre as pessoas, considerando tanto os aspectos negativos quanto positivos. Os autores ainda acrescentam que 19% desses artigos exploram os motivos pelos quais as pessoas utilizam essa rede social.

Quanto à interferência na circulação das informações, Bittencourt (2016) afirma que o *Facebook*, por meio de filtros de personalização, afeta a produção e a circulação de conteúdos midiáticos. Ainda, segundo essa pesquisadora, esse mecanismo de concentração de conteúdo ocorre muitas vezes através de parcerias com veículos jornalísticos tradicionais, com o objetivo de reter o usuário no *site*. No Brasil, a emergência das redes sociais se dá a partir do aumento na transferência de dados na Internet do país, principalmente com a utilização do *Orkut*. Posteriormente, o *Facebook* ocupou lugar de destaque em utilização no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

Sob a perspectiva dos sistemas complexos, podemos observar essas redes como um ambiente construído entre suas partes, isto é, seus agentes/participantes. Como afirma Paiva (2006), “nada é fixo, ao contrário, existe um constante movimento de ação e reação e mudanças acontecem com o passar do tempo” (PAIVA, 2006, p. 91). Na comunidade da JASBRA, a não linearidade e imprevisibilidade são observadas no modo como os participantes reagem aos tópicos propostos, como eles contribuem para a expansão de novos conhecimentos, e as consequências da participação ativa ou passiva de seus integrantes. A emergência aparece com o surgimento de comportamentos coletivos, não centralizados.

Recuero (2009a) afirma que as redes sociais complexas sempre existiram, mas os desenvolvimentos tecnológicos permitiram sua emergência como uma forma dominante de organização social. Já que nascem da apropriação das ferramentas e das interações, os comportamentos dos atores sociais são quase sempre emergentes (RECUERO, 2009b).

Steven Johnson (2003) também percebe características emergentes nas redes sociais, levando em consideração que os membros estão conectados aos outros membros e alteram seus comportamentos em resposta ao comportamento dos outros dentro do grupo. O autor ainda destaca a existência de uma inteligência emergente nesses grupos, como a habilidade de armazenar e recuperar informação, reconhecer e responder a padrões no comportamento humano. Os ‘nós’ são os agentes de socialização e contribuem para essa interação emergente e o processo contínuo de auto-organização mantém o grupo unido por muito tempo.

No contexto desta pesquisa, é possível observar inicialmente que a comunidade, apesar de possuir regras predeterminadas de convivência e uma rotina de tópicos publicados, acaba exibindo padrões imprevisíveis de comportamentos, possibilitando inúmeros desdobramentos de discussões, leituras de obras inspiradas em Jane Austen, escrita de continuação das histórias (*fanfics* - um empréstimo da língua inglesa, que significa ficção de fã) e até mesmo criação de novos grupos.

A análise da comunidade da JASBRA como rede social será discutida detalhadamente no capítulo de análise de dados. Na próxima seção, o foco é centrado nas comunidades de prática e como essa teoria ajudará na análise dos dados.

3.2 Comunidade de Prática

A teoria da comunidade de prática é útil para este estudo no sentido de que os membros da comunidade da JASBRA, a partir da interação entre si, produzem conhecimento, ou seja, a aprendizagem é um dos elementos centrais provenientes da interação nesse grupo. Comunidade de prática foi um termo criado por E. Wenger e J. Lave (1991) enquanto estudavam modelos de aprendizagem inspirados na antropologia e na teoria social. Posteriormente, Wenger expandiu significativamente o conceito na publicação ‘*Communities of Practice*’ (WENGER, 1998). Esse conceito, em sua formulação original, foi usado para distinguir a prática do preceito, e ver a aprendizagem como inerente à prática, em vez de ser considerada em um ambiente educacional. O autor conceitua as comunidades de prática como “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem e aprendem como aprimorar o que fazem à medida que interagem regularmente⁶³” (WENGER, 2012, p.1). Essas comunidades reúnem pessoas em torno de atividades propostas em comum que geram, de maneira intencional ou não, aprendizado aos participantes do grupo.

⁶³ Tradução nossa: “communities of practice are groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly”.

As comunidades de prática apresentam três características segundo Wenger (2012, p. 2): 1) **Domínio**: a comunidade tem uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesse, e a associação implica compromisso com o domínio. Não se trata apenas de um clube de amigos ou uma rede de conexões entre as pessoas. 2) **Comunidade**: ao buscar o interesse em seus domínios, os membros se ajudam mutuamente e compartilham informações, transformando a aprendizagem em um ato social. 3) **Prática**: uma comunidade de prática não é composta apenas por interesse, os membros são praticantes, isto é, “desenvolvem um repertório compartilhado de recursos: experiências, histórias, ferramentas, formas de abordar, problemas recorrentes. Isso leva tempo e interação sustentada”⁶⁴ (WENGER, 2012, p. 2).

O conceito de comunidade de prática está bem alinhado à perspectiva da tradição dos sistemas. Uma comunidade de prática pode ser vista como um sistema social complexo, constituído por comunidades de prática inter-relacionadas (WENGER, 2009). O autor propõe que as comunidades de prática sejam vistas como sistemas de aprendizagem social e que exibem características dos sistemas como: estrutura emergente, relações complexas, auto-organização, limites dinâmicos, negociação contínua e de identidade e significado cultural. A análise da JASBRA como uma comunidade de prática vista como um sistema complexo será realizada no capítulo de análise de dados quando retomo as perguntas de pesquisa.

As comunidades de prática também são consideradas redes no sentido de que envolvem conexões entre os membros. Wenger (2011, *on-line*) chama de rede o “conjunto de relacionamentos, interações pessoais e conexões entre os participantes, vistos como um conjunto de nós e *links*, com suas possibilidades de fluxos de informações e vínculos úteis”⁶⁵. Por meio das interações entre seus membros, a comunidade da JASBRA se insere na classificação de uma rede de comunidade de prática tendo em vista que seus participantes mantêm relações entre si, estão conectados entre si, com múltiplas possibilidades de trocas de conhecimento. Em alguns casos, durante essas trocas ocorre a produção de gêneros discursivos diversos.

O conceito de aprendizagem é o elemento central da teoria da comunidade de prática, sendo que ela pode ser a razão pela qual a comunidade se reúne ou uma consequência incidental das interações entre seus membros. Normalmente, a “aprendizagem ocorre a partir

⁶⁴ Tradução nossa: “(...) develop a shared repertoire of resources: experiences, stories, tools, ways of addressing, recurring problems. This takes time and sustained interaction”.

⁶⁵ Tradução nossa: “communities of practice are networks in the sense that they involve connections among members. Network refers to the set of relationships, personal interactions, and connections among participants, viewed as a set of nodes and links, with its affordances for information flows and helpful linkages”.

da competência e experiência de seus membros que convergem para a comunidade existir⁶⁶, (WENGER, 2000, p. 233). Ainda segundo o autor, é necessário tempo e espaço para que os membros do grupo possam colaborar, sem exigência de administração. Entretanto, pode existir liderança, mas de um modo geral, os membros se auto-organizam.

Todo o conhecimento é criado, distribuído, organizado, revisado e passado adiante entre as comunidades de prática (WENGER, 1998). Ao se envolverem com os demais membros do grupo, os membros ativos normalmente realizam atividades típicas como envolvimento em atividades conjuntas, criação de artefatos, adaptação às circunstâncias que mudam frequentemente, renovação do interesse, comprometimento e relacionamentos. Assim, essas comunidades de prática produzem seus próprios artefatos, tais como: ferramentas, histórias, símbolos, documentos e *websites*, por exemplo.

A aprendizagem está ligada a quatro componentes (WENGER, 1998): significado, prática, comunidade e identidade. Esses elementos estão profundamente conectados e se definem mutuamente. A aprendizagem significativa está ligada à experiência, enquanto a prática transforma a aprendizagem em ‘fazer algo’. Por sua vez, a aprendizagem em comunidade está ligada à noção de pertencimento ao grupo, e, por último, a aprendizagem é vista como identidade, ou seja, parte do sujeito.

Enquanto comunidade, o grupo possui uma identidade que, por sua vez, molda as identidades dos membros. Wenger (2009, p. 4 - 5) considera que existem três modos de identidade: 1) **engajamento**: que é o modo mais imediato de prática, ou seja, ao se envolverem em atividades, trabalhando juntos ou individualmente, conversando, usando e produzindo artefatos. 2) **imaginação**, isto é, construindo a imagem de nós mesmos, nossas comunidades, do mundo, para que possamos nos orientar, refletir sobre nossas situações e explorar possibilidades. 3) **alinhamento**: garantir que nossas atividades locais estejam suficientemente alinhadas a outros processos de modo que possam ser efetivas. Assim, é possível existir processos mútuos de coordenação de perspectivas, interpretações e ações para alcançar objetivos em comum.

A identidade se torna crucial para os sistemas de aprendizagem social uma vez que nossas identidades combinam competência e experiência de modo a produzir conhecimento. A identidade, por si só, se torna um sistema (WENGER, 2012), que possui as seguintes características: 1) a **identidade como trajetória**, que ao longo do tempo, acumula memórias, competências, histórias e relações. 2) a **identidade como uma ligação de multi associação**,

⁶⁶ Tradução nossa: “Learning takes place because competence and experience need to converge for a community to exist.”

ou seja, um reflexo das multiplicidade de locais de identificação que a constituem. 3) **a identidade como multi nível**, por meio da combinação de engajamento, imaginação e alinhamento, inúmeros níveis de escala entram na constituição da identidade.

Ao se estender em vários níveis, a combinação de modos de identidade cria camadas ‘fractais’ de identidade. Por exemplo, se uma comunidade é grande, o ideal é que seja estruturada em camadas, como um fractal de subcomunidades incorporadas, vistas como ‘capítulos’ locais de uma comunidade global. “Alguns representantes dessas comunidades locais formam então uma comunidade global entre eles, cujo propósito é conectar as subcomunidades locais a uma grande comunidade global⁶⁷” (WENGER, 2000, p. 243).

Algumas pessoas agem como intermediadores entre comunidades. A intermediação desses agentes pode ocorrer de várias formas segundo Wenger (2000, p. 235 – 236): 1) **errantes**: que vão de uma comunidade a outra, criando fronteiras com o passar do tempo; 2) **avançados**: que trazem notícias e exploram novos territórios; 3) **pares**: muitas vezes a intermediação é feita através de um relacionamento pessoal entre duas pessoas de diferentes comunidades e é realmente o relacionamento que atua como dispositivo de intermediação.

A teoria da comunidade de prática e os conceitos de identidade e aprendizagem são elementos que contribuíram para a análise da comunidade da JASBRA como uma comunidade de prática que gira em torno da emergência de produção do conhecimento em um sistema complexo. O conhecimento gerado nesse grupo será analisado a partir da produção de gêneros discursivos na comunidade do *Facebook*. Na próxima seção discuto a respeito do Facebook, da apropriação desta rede social e sobre o capital social.

3.3 Facebook

Hoje em dia, o *Facebook* é a rede social de Internet mais utilizada no mundo inteiro, sendo muito popular também entre os grupos que discutem literatura. O *Facebook* possui usuários provenientes de vários países e está disponível em 70 línguas, (WILSON; GOSLING; GRAHAM; 2012). Portanto, estamos conectados a outras pessoas que estão conectadas aos nossos amigos e amigos de nossos amigos. Segundo Bhagat (2016), o *Facebook* explica que o grau de separação entre as pessoas não é mais seis, e sim três e meio pessoas de distância. Em seu portal de pesquisa, o *site* esclarece que, nos últimos anos, os graus de separação médios entre as pessoas caíram, mesmo com o crescimento do número de

⁶⁷ Tradução nossa: “Some representatives of these local communities then form a global community among them, whose purpose is to connect the local sub-communities into one large global one.”

usuários. Em 2011, com cerca de 721 milhões de usuários, o grau de separação era de 3,74 pessoas, sendo que, hoje em dia, o número de usuários é quase o dobro.

Essa rede acaba por transformar alguns aspectos das relações sociais, já que a colaboração em massa transformou não apenas o modo como as pessoas usam a Internet, mas também como a informação é encontrada (RHEINGOLD, 2012). Há alguns anos, era comum as pessoas obterem informação *on-line* por meio de visitas a *sites* de conteúdo (*sites* de jornais e *blogs*, por exemplo). Hoje em dia, é muito comum as pessoas buscarem informação dentro da mídia social *Facebook* e se limitarem a curtir e replicar postagens, fazendo, inclusive, com que essa se torne a principal mídia onde os americanos buscam informação (WILSON; GOSLING; GRAHAM; 2012) e, aqui no Brasil, cerca de 70% dos usuários ativos nesta rede social utilizam-na para se informarem (JUNIOR, 2015).

Por ser a mídia social mais popular, o *Facebook* se tornou a forma dominante de comunicação mediada em uma rede completamente virtual, e o seu maior atrativo se baseia na facilidade de compartilhamento de pensamentos, ideias e informação, além de ser possível ver o que há de novo e o que as outras pessoas estão fazendo. A rede também propicia uma espécie de *marketing* individual dos sujeitos, onde divulgamos nosso estilo de vida, os livros que lemos, os restaurantes que frequentamos, etc. (SCHOLZ, 2010). Confirmando a preferência por essa mídia social, Paiva (2016, p. 66) afirma que “atualmente, a tendência dos usuários da Internet é de se fixar no FB, que se constitui como um estado atrator da comunicação na Internet, um ambiente em que comportamentos semelhantes se repetem”.

Além de modificar a maneira como nos comunicamos e participamos de comunidades a partir de nossos interesses, o *Facebook* possibilita também a organização de grupos e eventos, promovendo uma espécie de documentação de fatos e acontecimentos por meio de texto, imagens e vídeos, o que permite absorver outras mídias (BOGOST, 2010, p. 28). A partir do que é publicado, seus administradores amplificam as notícias, com destaque para a mais recente, que sempre aparece no topo da página do *feed* de notícias. Além disso, o *Facebook* facilita o encontro de pessoas que moram distante umas das outras ou que não podem se encontrar com frequência, o que antigamente só era possível em reuniões presenciais ou por carta e posteriormente por telefone. Silva (2015) afirma que as redes sociais de Internet possibilitaram a troca rápida de informações, a atualização em tempo real do que acontece em todos os setores (acadêmicos, comerciais e empresariais), além do reencontro de amigos, familiares e colegas de escola.

Ao ultrapassar os limites físicos para que as conversas existam, essa mídia também conseguiu se tornar a mais popular, por gerar diversas maneiras de registros pessoais, ultrapassando assim os *sites* pessoais e os *blogs*, que eram muito populares há alguns anos. Assim como ocorreu com os *blogs*, o *Facebook* também se tornou uma poderosa ferramenta para que todos consigam audiência, possam influenciar outras pessoas e, de alguma maneira, contribuam de alguma forma com outros usuários.

Putman (1995) afirma que existem dois tipos de conexões nas redes sociais: vínculo (*bonding*) e ponte (*bridging*). As conexões do tipo vínculo são relações fortes, mantidas entre pessoas que possuem um relacionamento de confiança entre si e que depositam tempo, interesse e interação constante umas com as outras. Um exemplo disso são os vínculos de amizade mantidos pelas redes sociais que perduram, mesmo com as dificuldades de tempo e espaço. Por sua vez, as conexões do tipo ponte são consideradas as relações mais fracas e abrange pessoas de realidades sociais distintas. O exemplo para esse tipo de conexão são as conexões estabelecidas por interesses em comum, porém, que não se desenvolvem além da simples permanência nos mesmos grupos ou redes sociais.

O movimento social e cultural que estabelece uma nova relação entre o conhecimento e o saber é chamado de cibercultura por Pierre Lévy (2000). Em consonância com a proposta de Lévy a respeito de cibercultura, porém, no contexto escolar, Allegretti *et al.* (2012) afirmam que a possibilidade de integração de tecnologias digitais proporciona o surgimento de um conhecimento, fruto de uma construção simultaneamente individual e coletiva, uma aprendizagem participativa.

Ao analisar essa temática, Pierre Lévy apresenta a noção de Inteligência Coletiva, que pode ser entendida como a “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 2003, p. 28). De forma semelhante, Rheingold (2012) denomina esse movimento de publicação de ideias e informações de inteligência coletiva e inteligência colaborativa. Para o autor, a Inteligência Coletiva “visa ao reconhecimento das habilidades que se distribuem nos indivíduos, a fim de coordená-las para serem usadas em prol da coletividade” (RHEINGOLD, 2012). A inteligência colaborativa é aquela distribuída entre todos os indivíduos (LÉVY, 2003), sendo que tal inteligência pode ser reunida pelas mediações das redes sociais. O laço social é construído por meio do saber, que não é apenas o saber científico, mas também o coextensivo à vida.

Se o indivíduo publica, curte e usa *hashtags*⁶⁸, isso já o torna parte do que se denomina Inteligência Coletiva da Web, já que o uso de *hashtags* pode ser visto como uma maneira de atribuir conteúdo às *tags*, para que outras pessoas possam seguir as representações de determinadas informações em um clique. O uso de *hashtags* facilita a indexação de conteúdo, tornando mais fácil e mais precisa a pesquisa. Esse compartilhamento de informações pode ser interativo ou passivo. Muhr e Pederson (2010, p. 267) chamam de interativo o comportamento que “envolve engajamento ativo, escolhendo coisas ou fazendo parte delas”⁶⁹ e a interpassividade não significa ser inativo, mas ser influenciado por algo ou submetido à outra coisa.

No sentido de construção do conhecimento, o *Facebook* funciona como a formação e a manutenção do capital social, sendo que esse termo pode ser definido como fruto da interação, da relação e dos laços sociais entre as pessoas (RECUERO, 2009b). Steinfield *et al.* (2012, p. 3) concordam que esse termo vem sendo “amplamente usado para se referir a recursos acumulados que se originam das relações entre as pessoas dentro de um contexto social ou rede”⁷⁰. O capital social é fruto das experiências digitais e emerge das relações sociais e da capacidade da população (uma rede ou comunidade) de realizar uma ação coletiva (RHEINGOLD, 2012). Um exemplo de capital social pode ser observado pelo conjunto de recursos de um grupo no *Facebook*, que pode ser usufruído por todos os usuários e está baseado na reciprocidade entre eles.

O pioneiro a sistematizar o conceito capital social foi Pierre Bourdieu, em 1980, ao considerar o capital social como um “conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos” (BOURDIEU, 1998, p. 67). O autor destaca que os elementos constitutivos do capital social são as redes de relações sociais, que possibilitam aos indivíduos o acesso aos recursos dos membros da rede; e à quantidade e a qualidade de recursos do grupo. Sendo assim, as relações/conexões propiciam a geração de recursos aos que fazem parte do grupo. A noção de capital social e discussão da inteligência coletiva será útil para a análise desse elemento no *Facebook*, especificamente em relação à JASBRA, e será abordada no capítulo de discussão e análise de dados.

⁶⁸ *Hashtags* são etiquetas, ou seja, palavras-chave ou termo associado a uma informação, que pode ser uma imagem, um artigo, um vídeo, etc.

⁶⁹ “Being interactive with an object involves actively engaging in it by choosing things or taking part in thing.” (Tradução nossa).

⁷⁰ “the term social capital has been widely used to refer to the accumulated resources derived from the relationships among people within a specific social context or network” (Tradução nossa).

Na definição proposta por Coleman (1988), o autor acredita que o capital social é constituído de alguns aspectos das estruturas sociais, que facilita determinadas ações dos atores dentro de uma estrutura. O autor afirma que todas as relações e estruturas sociais facilitam certas formas de capital social, os atores estabelecem relações propositalmente e as mantêm, enquanto elas fornecem benefícios (COLEMAN, 1988, p. 105).

Recuero (2012b, p. 4) considera o capital social um conceito metafórico, focado na existência de “vantagens em pertencer a grupos sociais, e que essas vantagens podem ser apropriadas pelo grupo e/ou pelos atores”. Assim, os atores são motivados a fazerem determinadas ações, com expectativa de que esse investimento dê o retorno esperado. No caso das comunidades relacionadas à Literatura, o capital social proveniente desses grupos é diferenciado, tendo em vista que seus membros são capazes de criar um ambiente para emergência de produções típicas do universo dos fãs, como a escrita de *fanfictions*, as *fanarts* (ilustrações ou montagens digitais), entre tantos outros.

O desenvolvimento do capital social se dá em cinco categorias, propostas por Bertolini e Bravo (2004):

- a) relacional – constituída da somas das relações, laços e trocas entre os indivíduos de uma determinada rede;
- b) normativa – abrange as normas de comportamento e os valores de um determinado grupo;
- c) cognitiva – formada pela soma do conhecimento e das informações em comum trocadas por um determinado grupo;
- d) confiança no ambiente social – significaria a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente;
- e) institucional – relacionada às instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, no estabelecimento de “regras” de interação social.

Com o objetivo de compreender as relações estabelecidas em *sites* de redes sociais, o tipo de laço social, de investimento e o capital social gerado, Recuero (2012b, p. 605) afirma que os investimentos feitos em uma rede social são: criação e manutenção das conexões sociais, manutenção de perfil e o compartilhamento de recursos. A criação e manutenção de perfil e de conexões sociais é o primeiro benefício dos *sites* de rede social, pois é nesse ambiente que o usuário pode manter laços relacionais e conhecer novas pessoas.

As conexões do tipo associativa, facilitadas a partir da criação de um perfil e posterior contato com outros usuários, proporciona às pessoas estabelecimento de sua rede de conexões. Entre os benefícios da criação de um perfil nas redes sociais, existe a noção de presença virtual, ou seja, com um perfil em uma rede social, o usuário garante a criação e a manutenção de conexões associativas e/ou emergentes. Ao optar por adicionar ou não outro usuário, acabamos por contribuir para a popularidade de determinados nós e a impopularidade de outros, tornando certos atores mais visíveis e outros menos (RECUERO, 2012b, p. 608). Assim, essas conexões podem gerar **visibilidade** e **popularidade** aos usuários, fazendo com que aconteça o processo de **legitimação**, pois há o reconhecimento do outro como presente na rede (RECUERO, 2012b).

Além disso, são as conexões que possibilitam a **circulação de informações** dentro da rede. O compartilhamento de recursos, além de ser muito fácil, consiste no tipo de atividade que mantém as publicações e informação circulando nas redes sociais, uma vez que é a partir das reações, comentários e compartilhamento das publicações que mais e mais pessoas são alcançadas.

Já as conexões do tipo emergentes são capazes de oferecer aos usuários outras formas de valores como o **suporte social**. O suporte social está relacionado ao apoio, à construção de sentimento de intimidade. Recuero (2012b) afirma que o suporte também gera **legitimação da presença e identidade**, além de oferecer **visibilidade** para os atores, especialmente no caso do *Facebook*. Nessa rede social, o comentário de um usuário ou de uma de suas publicações está visível para outros atores. É por meio das interações entre os usuários que ocorre a **clusterização** entre os atores. A palavra clusterização, de origem inglesa, significa aglomeração, permite maior proximidade. Ainda segundo essa autora, nas redes clusterizadas o grupo acaba por receber acesso a melhores recursos e a possibilidade de circulação desses recursos.

Já os benefícios de compartilhamento de recursos pessoais exigem do usuário o tipo de capital social que requer ação. Assim, a rede concede **autoridade** a determinado usuário devido ao reconhecimento de suas ações. E a partir da percepção dos outros o usuário obtém **reputação**. Tanto a autoridade quanto a reputação são benefícios associados à **visibilidade**, a qual, por sua vez, só é possível através das conexões associativas. Como as conexões associativas geram **confiança**, há também a **filtragem de informações**, que beneficia toda a rede. Recuero (2012b, p. 610) afirma que “quanto mais confiança gerada pela conexão emergente, maior a tranquilidade para interagir e investir nas conexões existentes”. Sendo

assim, quanto maior a confiança, maior a aproximação entre os usuários e construção de aglomerados (*clusters*). Quanto mais há confiança, maiores são as chances de cooperação e compartilhamento de recursos, aumentando a clusterização.

Em relação à pesquisa no *Facebook*, essa rede social é considerada uma excelente ferramenta para os estudos das ciências sociais, pois facilita a coleta de dados (KOSINSKI *et al.*, 2015). Quanto à coleta de dados, se a pesquisa for realizada com foco em uma comunidade, por exemplo, o próprio *Facebook* oferece uma variedade de dados estatísticos relativos ao número de participantes, idade, sexo, publicações, reações, comentários, entre outros. Porém, existem outros instrumentos de coleta de dados que permitem fazer um levantamento da comunidade, como o *Sociograph*⁷¹, por exemplo. Segundo o IBPAD (Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados), o *Sociograph* é uma ferramenta gratuita em que é possível coletar alguns dados de grupos e *fanpages* através do *Login Connect* (quando o usuário faz o *login* do *Facebook*). Porém, é necessário ser administrador da *fanpage* ou grupo em que se deseja coletar os dados.

Wilson, Gosling e Graham (2012) destacam que, nas pesquisas focadas no Facebook, 24% dos 412 artigos revisados focaram em análises descritivas. Mais informações sobre esse assunto são passíveis de serem obtidas no *site* da '*Social Media Research Foundation*⁷²', o qual apresenta uma lista com pesquisas sobre o *Facebook* e redes sociais desde 2003.

A respeito do comportamento dos participantes, Paiva (2016, p. 68) considera que, no *Facebook*, eles agem como uma rede composta de agentes em interação, na qual “os participantes aprendem uns com os outros e reagem a retornos. Assim, o sistema aprende, muda, evolui e se adapta”. Segundo a autora, essa rede social é um sistema adaptativo complexo por estar em constante processo de mudança e adaptação; sensível a *feedback*, ou seja, a interação entre os participantes modifica seus comportamentos; não é linear, visto que os efeitos gerados nessa rede mídia social não são necessariamente proporcionais às suas causas (uma pequena contribuição pode gerar efeito não esperado, desproporcional; enquanto uma mensagem importante pode não merecer tanta atenção por parte dos participantes); é dinâmico, pois, a partir das interações entre os participantes, a produção dessa rede social está sempre em fluxo (através de visualizações, reações, comentários e compartilhamentos). É aberto, tendo em vista que as novas energias do ambiente realizam trocas que afetam todas as relações internas, possibilitando a mudança dos sistemas, sofrendo constantemente um processo de auto-organização e adaptação. Devido ao seu processo interativo, a energia ou

⁷¹ <www.sociograph.io>

⁷² <<http://www.smrfoundation.org/>>

informação flui tanto para dentro como para fora do sistema. No *Facebook*, esse processo está longe do equilíbrio; pelo contrário, as publicações, os comentários e os compartilhamentos são realizados a cada segundo; com fluxo de dentro para fora e de fora para dentro, isto é, as publicações originadas no grupo dentro dessa rede podem ser replicadas em outros grupos, perfis ou páginas, e publicações originadas em outras redes sociais são também publicadas dentro do *Facebook*.

Paiva (2016) analisou o *Facebook* como um sistema adaptativo complexo, levando em consideração que essa é uma rede composta por agentes em interação. A autora observa algumas características próprias dessa rede social que estão relacionadas à complexidade: sistema aberto, dinâmico, adaptativo e não linear. A dinamicidade pode ser observada já que a “produção dessa rede social está sempre em fluxo, por meio das interações dinâmicas entre seus agentes” (PAIVA, 2016, p. 68). Cada usuário tem o poder de interferir nas páginas e perfis que visita, pois pode curtir, comentar, compartilhar, por exemplo. Essa rede social é considerada um sistema aberto, uma vez que está em constante mudança através das publicações e reações dos usuários, ou seja, mantém-se longe de um equilíbrio. Portanto, essa é uma rede adaptativa e sensível a *feedback*, já que os usuários aprendem uns com os outros e reagem a retornos. Sendo assim, o sistema aprende, muda, passa por uma evolução e se adapta. Por fim, a autora considera o *Facebook* como um sistema não linear, pois “os efeitos gerados nessa rede social não são necessariamente proporcionais às suas causas” (PAIVA, 2016, p. 69), isto é, uma pequena contribuição pode gerar uma reação maior por parte dos outros usuários, e, por sua vez, uma publicação que poderia gerar grande efeito, não atinge seu objetivo.

Após tamanha popularidade, não era de se espantar que o *Facebook* também fosse utilizado em outras esferas como na educação e nas pesquisas acadêmicas, por exemplo. Rains e Brunner (2015) discutem algumas redes sociais de Internet, fazendo um levantamento do que já foi estudado no período compreendido entre 1997 a 2013, e sugerem a expansão de teorias relacionadas aos usos e efeitos dessas redes e acrescentam que mais pesquisas devem ser feitas sobre o assunto. Já Di Capua (2012) faz uma revisão de literatura a respeito do uso do *Facebook* em mais de cem estudos e afirma que o uso dessa mídia social é influenciado pelos pares e pelas experiências com ele.

Emediato (2015) analisa as múltiplas faces dessa rede, com foco no discurso dos participantes. O autor discute as atitudes egocentradas, alocentradas e heterocentradas dos usuários, cujo objetivo é a construção de uma imagem de si. O autor chama de atitudes

egocentradas aquelas que têm a finalidade de exibição. Por sua vez, as atitudes **heterocentradas** são aquelas cujos sujeitos expressam seus posicionamentos sobre temas e aspectos da realidade social, política, cultural, econômica, religiosa, entre outros. E, por fim, chama de atitudes **alocentradas** aquelas voltadas para ‘tu’ – são normalmente as solicitações de curtidas, compartilhamentos, adesão, etc. Ainda segundo esse autor, o *Facebook* possui um grande poder de irradiação – *marketing* viral – e se tornou um espaço de livre expressão do ‘*homo rhetoricus*’, já que é possível construir a imagem de si (*ethos*), a busca e a oferta de afetos digitais (*pathos*) e a problematização social e o engajamento no debate público (*logos*).

As pesquisas relacionadas à aplicabilidade do *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem chamou a atenção de autores Valadares e Murta (2012) e Meishan-Tal, Kurtz e Pieterse (2012). Finardi e Porcino (2016), ao analisarem o uso dessa rede social no ensino de inglês como língua adicional, também fazem um levantamento de diversos autores que a estudam como recurso pedagógico, tanto para o ensino de inglês como de português e apontam as vantagens de seu uso pedagógico. Já Porto e Santos (2014) organizaram um livro, que reúne em sua primeira parte artigos que discutem os potenciais sociotécnicos e educacionais do *Facebook*; e, na segunda, artigos que discutem os usos dessa rede no ensino superior e na formação continuada de professores.

Silva e Silva (2015) analisam as manifestações que saíram dessa rede social e ganharam as ruas do Brasil. Além disso, estudos baseados na complexidade, nas emergências e nos propiciamentos passaram a ser alvo de interesse dos pesquisadores de várias partes do globo.

Lima-Neto (2014) analisa a emergência dos gêneros discursivos que se manifestam no *Facebook* e defende que uma das maneiras de as RSIs salientarem as características da auto-organização e da emergência é a partir dos gêneros que ali ganham vida. Dyrby e Jensen (2012), por sua vez, analisam os propiciamentos provenientes do uso do *Facebook* em campanhas políticas nos Estados Unidos. Os autores classificam os propiciamentos em três categorias: a) propiciamentos que facilitam a comunicação direta; b) propiciamentos que projetam a imagem de autenticidade por meio da mídia informal; e c) propiciamentos que criam interação e envolvimento. Wang, Woo e Quek (2012) estudam os propiciamentos gerados nesta rede em um curso de formação de professores. Para esses autores, os propiciamentos gerados no *Facebook* em um grupo de ensino e aprendizagem podem ser divididos em três categorias: pedagógica, social e técnica. Os propiciamentos da categoria pedagógica podem ser exemplificados como o compartilhamento de ideias, apoio à reflexão

colaborativa e os aplicativos educativos. Os propiciamentos pertencentes à categoria social estão relacionados à possibilidade de estender as discussões fora da sala de aula, promovendo as interações. Por sua vez, os propiciamentos técnicos, estão relacionados às possibilidades oferecidas pelo sistema.

Após essa discussão em torno das redes sociais com destaque para o *Facebook*, no capítulo seguinte são apresentados a Teoria da Complexidade, a Teoria dos Sistemas Adaptativos Complexos e os conceitos de ‘emergência’ e ‘propiciamentos’.

4 COMPLEXIDADE, EMERGÊNCIA E PROPICIAMENTOS

Como aporte teórico para a análise da comunidade da JASBRA, uso a teoria dos SACs e, especialmente, os construtos emergência e propiciamento, devido à sua visão interdisciplinar da complexidade, ao investigar as interações no ambiente pesquisado, conforme Larsen-Freeman (1997, 2000) e Paiva (2002, 2016). Os conceitos ‘emergência’ e ‘propiciamentos’ também foram fundamentais para a compreensão do universo pesquisado, já que são por meio dos propiciamentos do ambiente e das interações entre os participantes que o grupo produz emergências.

A compreensão de conceitos dos SACs, especialmente, a emergência, e o conceito de propiciamentos são particularmente relevantes para esta tese, pois, além da participação e discussão literária ser favorecida pelo ambiente digital, a interação no grupo da JASBRA funciona como um sistema aberto, que permite a entrada de novos elementos que influenciam uns aos outros e são influenciados pelo funcionamento do sistema como um todo. Para esclarecer melhor a escolha do referencial teórico e sua correlação com o foco da pesquisa, passo a uma breve descrição de alguns conceitos e pressupostos basilares. A análise dos dados foi realizada levando em consideração o embasamento teórico apresentado neste capítulo, tendo em vista que o comportamento humano do grupo exibe comportamentos semelhantes aos descritos no paradigma da complexidade, com ênfase nos construtos da ‘emergências’ e no de ‘propiciamentos’, tomado de empréstimo dos estudos em ecologia. Esses construtos são condutores para a compreensão dos comportamentos do grupo analisado.

A divisão das seções deste capítulo ficou assim distribuída: na seção 4.1, apresento o paradigma da complexidade e as ideias que fundamentam essa teoria; na seção 4.2, discuto a respeito dos SACs; na seção 4.3 aprofundo a discussão do conceito de ‘emergência’ e sua aplicabilidade nas pesquisas na área de ciências sociais com foco, principalmente, nas redes sociais; e por último, na seção 4.4, faço também a conceituação de ‘propiciamentos’ e como são percebidos e analisados em pesquisas cujo foco é o *Facebook*.

4.1 Complexidade

A palavra complexidade é frequentemente tomada como uma definição para algo de difícil compreensão. Ainda há também uma generalização de que a Teoria da Complexidade é

sinônimo da Teoria do Caos. Nesse sentido, é importante fazer a conceituação e discussão do paradigma da complexidade.

Segundo Oliveira (2009, p. 13), ambas as teorias “muito embora sejam hoje intimamente interligadas, têm origens etimológicas e epistemológicas distintas”. As palavras caos e complexidade são de origem grega e latina. O termo ‘caos’ é empregado com significado diferente do uso no passado, quando caos era concebido como “estado amorfo e desordenado da matéria” e o seu uso nas línguas modernas se apresenta como “desordem, confusão” (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Já o termo ‘complexidade’ manteve um significado próximo ao seu sentido primitivo e pode ser entendido como “a ideia de qualidade intrincada ou composta” (OLIVEIRA, 2009, p. 15), ou, nas palavras de Palazzo (1999, *on-line*), complexidade “vem do latim, *complexus*, que significa entrelaçado ou torcido junto”. Esse pesquisador ainda argumenta que, epistemologicamente, a Teoria do Caos tem suas raízes na Matemática, na Física e em outras ciências ditas como duras; enquanto a Teoria da Complexidade teve suas origens nas Ciências Biológicas, na Teoria dos Sistemas e na Cibernética. Paiva (2009, p. 191) afirma que “na ciência, caos é um termo técnico que nomeia sistemas que são aparentemente desordenados”. Apesar de parecerem, “as variações dentro do sistema não são aleatórias”⁷³ como afirma Lorenz (1995, p. 4) e caos não é sinônimo de desordem, sendo que o comportamento de um sistema caótico que parece aleatório, na verdade é determinístico, segundo Leffa (2006).

No final da década de 1970, vários pesquisadores com ideias semelhantes passaram a usar os termos “teoria da complexidade” (DAVIS; SUMARA, 2012). Segundo esses autores, historicamente existem três momentos históricos, ou seja, fases, nas pesquisas a respeito da complexidade: “Complexidade 1.0”, “Complexidade 2.0” e “Complexidade 3.0”.

A fase denominada “Complexidade 1.0” enfocava principalmente a descrição. Davis e Sumara (2012, p. 31) afirmam que “a principal realização foi um reconhecimento interdisciplinar de uma classe de fenômenos não redutíveis (emergentes) que não entregariam seus segredos às ferramentas da ciência clássica e analítica”⁷⁴. Essa fase introduziu um novo conjunto de imagens e metáforas para descrever esses vários fenômenos. Assim, as imagens baseadas na geometria Euclidiana ou na física Newtoniana foram gradualmente substituídas por imagens tiradas da geometria fractal (por exemplo, a escala de independência) e a dinâmica estrutural da biologia (por exemplo, organizações ecossistêmicas). A principal

⁷³ “[...] whose variations are not random but look random”. (Tradução nossa)

⁷⁴ “The major accomplishment was a cross-disciplinary recognition of a class of non-reducible (emergent) phenomena that would not surrender their secrets to the tools of classical, analytic science.” (Tradução nossa)

metáfora na época era a de sistemas aninhados, que refletem importantes *insights* de que os sistemas são irredutíveis, isto é, devem ser estudados nos níveis de emergência. À medida que foi crescendo o reconhecimento de fenômenos emergentes e complexos, também aumentaram os campos de investigação que se envolveram no projeto de pesquisa a respeito da complexidade. Com isso, “o foco de pesquisa foi além da descrição de dinâmicas complexas para análise de origens, estruturas e consequências dessas dinâmicas”⁷⁵ (DAVIS; SUMARA, 2012, p. 31).

A fase seguinte, “Complexidade 2.0”, se desenvolveu entre os anos de 1980 a 2000 e é considerada uma época de crescimento explosivo na pesquisa a respeito da complexidade, com vários prêmios *Nobel* na área de física, medicina, química e economia. Segundo Davis e Sumara (2012, p. 31) “[essa fase] caracterizou-se pelo uso crescente de noções de processos recursivos dentro de ciclos de desenvolvimento e crescimento, com a noção de ‘sistemas vivos’ predominantes nas comparações entre entidades complexas e não complexas”⁷⁶.

A fase denominada “Complexidade 3.0”, a partir dos anos 2000, tornou-se mais pragmática em suas ênfases. Porém, com o passar do tempo, essa preocupação com a pragmática passa a abranger as redes de conectividade de escala livre e a maneira como essas redes possibilitam sistemas de aprendizagem. Sendo assim, a complexidade passou a chamar a atenção de educadores a partir dessa mudança em direção à pragmática e às noções combinadas de sistemas de aprendizagem aninhados, combinados e em rede.

Ao longo dos anos, os estudos sobre a Teoria da Complexidade foram se desdobrando em outras áreas do conhecimento até que Larsen-Freeman (1997) apresentou as primeiras reflexões na área de Linguística Aplicada, utilizando conceitos da complexidade. No Brasil, os estudos de Paiva (2006, 2008, 2009, 2013) foram pioneiros sobre o assunto. Estudos mais recentes como os de Lima-Neto (2014), Castro (2015), Franco (2013), Braga (2013, 2007), Souza (2009), Martins (2009), Recuero (2009a, 2009b) e Parreiras (2005) também analisam grupos de aprendizagem *on-line* e redes sociais sob a ótica da complexidade.

A Teoria da Complexidade busca analisar o comportamento dos sistemas dinâmicos, isto é, aqueles que mudam com o tempo. Tais sistemas possuem características próprias e, de acordo com Larsen-Freeman (1997), são dinâmicos, complexos, não lineares, caóticos,

⁷⁵ “[...] the focus of inquiry was elaborated beyond description of complex dynamics into analysis of the similar roots, structures, and consequences of these dynamics.” (Tradução nossa)

⁷⁶ “[...] it was characterized by increasing use of such notions of recursive processes within cycles of development and growth [...], with the notion of ‘living systems’ prevailing in comparisons of complex and not-complex entities.” (Tradução nossa)

imprevisíveis, sensíveis a condições iniciais, abertos, auto-organizados, sensíveis a *feedback*, e adaptativos.

Larsen-Freeman e Cameron (2008) afirmam que a Teoria da Complexidade reconhece a impossibilidade de se preverem situações, já que duas condições extremamente próximas podem gerar comportamentos muito diferentes. Em se tratando dos seres humanos e de suas relações sociais, é difícil prever comportamentos e os fenômenos oriundos dessas relações.

Como a principal preocupação do paradigma da complexidade é analisar o comportamento dos sistemas dinâmicos, isto é, aqueles que mudam com o tempo, nesse sentido, o comportamento humano, nas mais diversas relações sociais, também é considerado um sistema dinâmico. Paiva (2011) compreende que um sistema complexo é composto por elementos que se adaptam e mudam seus comportamentos por causa de suas interações, sendo que cada elemento no sistema influencia e é influenciado por outros elementos. A autora argumenta que, de uma maneira geral, alguns pesquisadores preferem chamar de ciência da complexidade, enquanto outros preferem os termos ‘sistemas adaptativos complexos’ ou ‘sistemas dinâmicos complexos’ (PAIVA, 2014). Assim, essas nomenclaturas têm em comum o fato de que são teorias que contribuem para a visão complexa dos fenômenos.

4.2 Sistemas adaptativos complexos

Os estudos dos sistemas dinâmicos foram popularizados a partir do trabalho de Waldrop (1993). Os SACs são aqueles que mudam com o tempo e não é possível determinar exatamente como e quando tais mudanças irão ocorrer. Esses sistemas são influenciados não apenas pelas condições iniciais em que elas surgem, mas também porque se adaptam à medida que recebem *feedback*, evoluem e passam por um processo de auto-organização.

A concepção de SAC é definida por Larsen-Freeman e Cameron (2008) como um sistema composto por elementos que interagem de diferentes maneiras e suas interações levam à emergência e à auto-organização. O comportamento do todo é muito mais complexo do que o comportamento das partes (agentes) como afirma Holland (1995). Nesse sentido, as interações humanas podem ser consideradas como um sistema adaptativo complexo, composto por diferentes elementos/agentes. As interações entre si condicionam a existência de todos com um todo, entretanto, não são guiados por uma liderança. Nesses sistemas nada é fixo, eles possuem como características a irregularidade e a imprevisibilidade, oferecendo assim, um ambiente caótico com ações randômicas, dependente de condições iniciais.

Apesar de os estudos acerca dos SAC não serem uma novidade na ciência, o que torna essa teoria inovadora é a análise de questões referentes a outras áreas como a linguística aplicada, por exemplo. Os estudos sobre complexidade também estão presentes nas pesquisas na área de ciências sociais (BYRNE, 2001; BYRNE E CALLAGHAM, 2013). Byrne e Callaghan (2013) utilizam conceitos da complexidade, como: sistemas, interação e emergência, para considerar como essas ideias são manifestadas na teoria social mais tradicional. Castellani e Hafferty (2009) entendem a Teoria da Complexidade social mais como uma abordagem conceitual do que uma teoria tradicional. Segundo os autores, “as teorias tradicionais, particularmente as científicas, tentam explicar as coisas, elas fornecem conceitos e conexões causais que oferecem compreensão de alguns fenômenos sociais”⁷⁷ (CASTELLANI e HAFFERTY, 2009, p. 34).

No contexto desta pesquisa, a Teoria da Complexidade propicia uma análise do fenômeno social presente no *Facebook*, em que as interações entre os participantes podem ser analisadas como um sistema adaptativo complexo, cujas características são apresentadas a seguir.

4.2.1. Características dos SAC

A primeira característica, a **dinamicidade**, indica algo que muda com o tempo. A dinamicidade de um sistema adaptativo complexo pode ser observada nas mudanças dentro do sistema e nos processos que levam a essas mudanças, sendo que os responsáveis por essas mudanças são os agentes/elementos que interagem entre si e com o meio ambiente. Essa dinâmica favorece o funcionamento do todo e cada parte só funciona, se estiver em constante interação com as outras e não em isolamento.

A segunda característica, a **não linearidade** está associada à ideia de que os efeitos não são proporcionais às causas. Assim, um sistema que não segue um padrão linear está sujeito à imprevisibilidade. A terceira característica, a **imprevisibilidade**, indica que os SACs seguem um padrão caótico, isto é, passam por períodos de instabilidade, de aleatoriedade. Por sua vez, a quarta característica é a **sensibilidade a condições iniciais**, ou seja, pequenas mudanças nas condições iniciais podem gerar consequências inesperadas. Sendo assim, o *feedback* e o contexto oferecem uma grande influência sobre os elementos, já que fazem parte

⁷⁷ “Traditional theories, particularly scientific ones, try to explain things. They provide concepts and causal connections (particularly when mathematical) that offer insight into some social phenomena” (Tradução nossa)

do sistema e não apenas servem de pano de fundo sobre o qual ele ocorre, pois estão interconectados.

A quinta característica, a **adaptabilidade**, está relacionada aos processos de mudanças que ocorrem dentro dos sistemas, as quais podem permitir a emergência de novos comportamentos, ou seja, o sistema possui a capacidade de aprender e de se modificar.

Além disso, os SAC são considerados **sistemas abertos** – sexta característica – pois não são sistemas fixos, eles se modificam, fazendo com sejam **auto-organizáveis** - sétima característica – e a ordem ocorre espontaneamente a partir da desordem. O processo de auto-organização acontece a partir das interações espontâneas entre os agentes de um sistema, para o qual surge um nível diferente de sistema, em um processo chamado ‘emergência’. Esse comportamento emergente possui padrões persistentes com componentes em constante mudança (HOLLAND, 1995). Diante da dinamicidade inerente da comunidade, existe o potencial de serem criadas novas estruturas e novos modos de comportamento.

No processo de auto-organização de um grupo no *Facebook*, por exemplo, surgem as emergências, que podem ser desde um novo comportamento (não previsto pelo sistema) ou até mesmo a criação de novos grupos. A necessidade de se reunir em grupos que possuem o mesmo interesse favorece o fenômeno da emergência de uma nova comunidade ou *fanpage*, como foi o caso das *fanpages*: Jane Austen Boladona⁷⁸, Austequila⁷⁹, Drunk Austen⁸⁰, Jane Austen Irônica⁸¹ que passaram a gerar *memes* e tornar engraçadas determinadas passagens dos livros ou características dos personagens de Austen.

A respeito dos SACs, Holland (1995) apresenta cinco características: paralelismo, ação condicional, modularidade, adaptação e evolução. O **paralelismo** é percebido por meio das interações constantes e contínuas do grupo, normalmente são sinais (mensagens) que os agentes de um sistema adaptativo enviam e recebem. Continuando com o exemplo do *Facebook*, os agentes realizam ações no grupo e dependem das ações de outros agentes da mesma comunidade; são exemplos de **ações condicionadas** os comentários e os botões curtir e compartilhar, característicos do *site*. A **modularidade** está relacionada aos grupos de regras que se combinam com frequência num agente para agir como sub-rotinas.

Em grupos no *Facebook*, a modularidade pode ser observada quando os participantes leem as regras do grupo e agem de modo com que tais regras sejam cumpridas, ou, quando

⁷⁸ <<https://www.facebook.com/janeaubenboladona/>>

⁷⁹ <<https://www.facebook.com/austequila/>>

⁸⁰ <<https://www.facebook.com/DrunkAusten/>>

⁸¹ <<https://www.facebook.com/AustenIronica/>>

criam sub-rotinas como a criação de um calendário para discussão de livros, por exemplo. Um exemplo de modularidade no grupo da JASBRA é a iniciativa de um dos membros, que se prontificou a procurar ofertas de livros do universo austeneano, criando uma espécie de sub-rotina de o grupo esperar a publicação de *links* de livrarias com promoções. Quanto à **adaptação** e **evolução**, essas podem ser observadas quando os agentes mudam constantemente a partir da criação de novas contas em outras redes sociais de Internet para ter acesso a outras comunidades relacionadas à escritora. Essa rotina de adaptação e evolução permite que essas redes evoluam e possam atender às novas exigências do grupo. Um exemplo desse processo de exigência foi a necessidade de colocar a comunidade da JASBRA no modo público, para que os membros pudessem replicar notícias e *links* de dentro da comunidade para outras comunidades/*fanpages* no *Facebook* e em outras plataformas digitais.

Holland (1995) propõe ainda sete elementos básicos dos SACs, divididos em duas categorias: propriedades e mecanismos. São quatro os conceitos relacionados às propriedades do sistema: agregação, não linearidade, fluxo e diversidade. Já os elementos da categoria mecanismo são três: marcação, modelos internos e blocos constituintes.

Os seres humanos agregam coisas similares em categorias – árvores, carros, bancos – e as tratam como equivalentes. A **agregação**, segundo Holland (1995, p. 11) “diz respeito à emergência de comportamentos complexos em larga escala a partir das interações agregadas de agentes menos complexos”⁸². Um exemplo de agregação pode ser ilustrado com uma colônia de formigas.

Uma única formiga tem um comportamento fortemente estereotipado e quase sempre morre quando as circunstâncias não se adequam ao seu estereótipo. Porém, a colônia de formigas – o agregado de formigas – é muito mais adaptável, sobrevivendo por períodos longos e inúmeras dificuldades. (HOLLAND, 1995, p. 11)

A agregação possibilita a construção de um sistema inteligente construído por agentes que interagem entre si.

A **marcação** é um mecanismo que facilita a formação de agregados e propicia a interação seletiva (HOLLAND, 1995). Além disso, a marcação favorece a emergência de meta-agentes e organizações que persistem, embora seus componentes estejam em mudança contínua. O exemplo mais familiar de marcação, segundo Holland (1995) é o uso de *banner* ou bandeira por pessoas que fazem parte de um mesmo exército ou partido político. A **não**

⁸² “It concerns the emergence of complex large-scale behaviors from the aggregate interactions of less complex agents.” (Tradução nossa)

linearidade diz respeito ao fato de que o sistema não é apenas uma simples soma dos agregados, mas um produto mais sofisticado, fruto das interações entre eles. No caso do grupo no *Facebook*, a não linearidade representa o que é gerado dentro do sistema, porém, não se trata de uma soma dos participantes, mas do que é gerado a partir de suas interações a respeito da escritora inglesa.

O **fluxo** pode ser compreendido como uma rede de nós e ligações. Holland (1995, p. 23) argumenta que os nós são “processadores – agentes – e as conexões designam as interações possíveis”⁸³. Os fluxos são as trocas estabelecidas entre os agentes e representam o movimento dos recursos e bens entre os nós formados pelas ligações. Os fluxos e as redes não são fixos no tempo, e os nós e as ligações podem aparecer e desaparecer à medida que os agentes se adaptam ou não. Holland propõe duas propriedades dos fluxos: (a) efeito multiplicativo; e (b) efeito de reciclagem. O efeito multiplicativo diz respeito ao fato de que a ligação entre os nós permite que um efeito tenha outros efeitos em cadeia. Sendo assim, quanto maior for a interação entre as partes de um sistema, maiores serão os efeitos gerados. O efeito reciclagem contribui para a adaptação das espécies às mudanças do meio e garante suas sobrevivências. Assim como os objetos que reciclamos, as experiências adquiridas não são eliminadas, podemos usá-las para ressignificar novas experiências.

A **diversidade** não é acidental nem aleatória, ocorre quando um agente abre um nicho – oportunidades para novas interações – que podem ser exploradas através de modificações de outros agentes, e é fruto de progressivas adaptações (HOLLAND, 1995, p. 27-29). Os **modelos internos** estão relacionados ao mecanismo de antecipação ou previsão das situações. O autor propõe dois tipos de modelos internos: o implícito (*tacit*) e o explícito (*overt*). “O [modelo interno] implícito prevê uma ação atual, sob uma previsão implícita de um futuro desejado”⁸⁴ e “o [modelo interno] explícito é usado como base para explorações explícitas, mas internas, de alternativas, um processo geralmente chamado de antecipação”⁸⁵ (HOLLAND, 1995, p. 33).

Os **blocos constituintes** estão relacionados à habilidade humana de decompor um cenário complexo em partes e, quando fazemos isso, as partes componentes estão longe de serem arbitrárias e possuem uma grande variedade de combinações, já que as situações não se repetem, pois o meio está em constante mudança.

⁸³ “[...] are processors – agents – and the connectors designate the possible interactions.” (Tradução nossa)

⁸⁴ “Tacit prescribes a current action, under an implicit prediction of some desired future state.” (Tradução nossa)

⁸⁵ “Overt is used as a basis for explicit, but internal, explorations of alternatives, a process often called look ahead.” (Tradução nossa)

O ponto crítico de um sistema complexo, também conhecido como limiar do caos é “uma zona de batalha em constante mudança entre estagnação e a anarquia, um lugar onde um sistema complexo pode ser espontâneo, adaptável e vivo”⁸⁶ (WALDROP, 1993, p. 12). É considerada uma fase de transição em que a estabilidade dá lugar à criatividade e à transformação.

Nas subseções a seguir, apresento a conceituação de ‘emergência’ e ‘propiciamento’, além de uma discussão da aplicabilidade desses construtos nas pesquisas com foco nas redes sociais.

4.3 Emergência

Johnson (2003) volta sua atenção para pesquisas acerca do paradigma da complexidade e descreve o comportamento complexo como um sistema com múltiplos agentes interagindo dinamicamente de diversas formas, seguindo regras locais que não obedecem a qualquer instrução de nível superior. Nesse sentido, a emergência é uma propriedade dos sistemas ecológicos e complexos, pois possuem a capacidade de auto-organização. Assim, um sistema só poderá ser considerado emergente, quando as interações locais resultarem em algum tipo de macrocomportamento observável, constituindo-se num misto de ordem e anarquia e que se adapta continuamente.

Dentro de um sistema complexo, os agentes aprendem uns com os outros, proporcionando o que Johnson (2003, p. 73) chama de inteligência emergente, que consiste na “habilidade de guardar e recuperar informação, reconhecer e responder a padrões de comportamento humano”. Sob essa ótica, as interações entre os elementos dentro do sistema são relações mútuas, fazendo com que um elemento influencie e seja influenciado pelos outros elementos. Quando vivemos em sociedade, somos responsáveis por esse tipo de interação emergente. Entretanto, é quase impossível perceber esse movimento, pois o sistema como um todo é mais importante do que a contribuição individual.

Sawyer (2005) entende a emergência como um movimento imprevisível de um sistema que resulta em atratores e pontos de bifurcação ou está associado a efeitos de interação em equação multivariados. Assim, segundo Sawyer (2005, p. 21), as “sucessivas interações simbólicas entre indivíduos autônomos resultam na emergência de um fenômeno

⁸⁶ “The edge of chaos is the constantly shifting battle zone between stagnation and anarchy, the one place where a complex system can be spontaneous, adaptive, and alive.” (Tradução nossa)

coletivo”⁸⁷ O autor argumenta que estamos na terceira onda da emergência social, que surgiu a partir dos desenvolvimentos recentes na ciência da computação e da teoria sociológica. Sawyer (2005) destaca, ainda, a criação da revista *Emergence*, em 1999, cujos editores consideram a emergência como uma teoria pertencente às diversas áreas, incluindo a Teoria do Caos, dos Sistemas não Lineares Dinâmicos e dos Sistemas Adaptativos Complexos.

Quanto ao fenômeno da emergência nas redes sociais, ele surge através de comportamentos coletivos, não centralizados e capazes de impactar toda a estrutura do grupo. Nesse sentido, os comportamentos coletivos, caracterizados por processos de adaptação, são fundamentais para a complexidade emergente. As relações nesses sistemas são mútuas, isto é, o indivíduo influencia seus vizinhos e é influenciado por eles. Johnson (2003) afirma que todos os sistemas emergentes são constituídos de ‘vias de mão dupla’, em que os participantes interagem por meio de *feedback*. O autor afirma que “os sistemas auto-organizáveis usam o *feedback* para evoluir para uma estrutura mais ordenada” (JOHNSON, 2003, p. 89).

Para que exista emergência em um sistema adaptativo complexo, “a correlação entre as partes tem de ser lógica e consistente, isto é, coerente, o que permite a manutenção de certa identidade ao longo do tempo” (D’ANDREA, 2011, p. 120). É importante que os elementos estejam conectados a outros elementos os quais, por sua vez, alteram seu comportamento em resposta ao comportamento dos membros dentro do grupo. Portanto, é necessário que as partes interajam entre si, mas sem um controle central que direcione o comportamento das partes. Assim, existe a persistência de um comportamento global que perdura mais do que qualquer um de seus elementos. As interações são realizadas de maneira aleatória e delas emergem padrões que dão forma ao comportamento dos elementos dentro de um sistema e do comportamento do próprio sistema. Nesse sentido, o termo emergência se refere ao estado de processo contínuo, ou seja, não há um ponto de chegada, já que está em constante mudança.

Davis, Sumara e Smitt (2003) e, posteriormente, Davis e Sumara (2006) voltam suas atenções para as pesquisas acerca dos sistemas complexos, com o objetivo de analisar as emergências que surgem dos elementos que compõem os ambientes pesquisados por eles. Os autores apresentam cinco condições necessárias para que ocorra a emergência complexa: interações entre vizinhos, diversidade interna, redundância, controle descentralizado e restrições possibilitadoras.

A **interação entre vizinhos** é considerada o ponto de partida de um sistema, tendo em vista que é partir dessa interação local que emergem padrões e propriedades (JOHNSON,

⁸⁷ “[...] successive symbolic interactions among autonomous individuals result in the emergence of collective phenomena.” (Tradução nossa)

2003). Os vizinhos devem ser capazes de afetar as atividades uns dos outros (DAVIS; SUMARA, 2006) e sempre haverá alguém com quem compartilhar e discutir ideias.

A ‘**diversidade interna**’ diz respeito à qualidade das interações entre participantes e à extensão de experiências e habilidades dos agentes que contribuem para diferentes coisas. Entre essas contribuições emerge a inteligência coletiva, a qual resulta da diversidade de interações entre os agentes do sistema.

A ‘**redundância**’ está relacionada às experiências comuns entre os agentes, fazendo com que exista uma transição de ‘uma coleção de meus’ para o ‘coletivo de nossos’ (DAVIS, SUMARA, SMITT, 2003, p. 221) e constitui-se uma espécie de contraponto e complemento da diversidade. Embora a diversidade interna seja considerada uma das características essenciais dos sistemas complexos, tais características são formadas em torno da similaridade. Na redundância existe uma espécie de compensação, por parte dos agentes, à medida que um suprime as falhas ou necessidades dos outros. A chave para o comportamento inteligente é a diversidade representada entre os agentes do sistema; e as possibilidades dependem das variações entre seus membros. Davis, Sumara e Smitt (2003) sugerem que exista um equilíbrio entre redundância e diversidade, para que haja criatividade e estabilidade no grupo.

O ‘**controle descentralizado**’ tem como elemento chave a dispersão do controle, sendo que os agentes se organizam sozinhos, sem o estabelecimento de ordem superior, e é fundamental para que o próprio sistema seja capaz de se adaptar e aprender. A condição para que ocorra a complexidade é a dispersão de controle, já que, nos sistemas complexos, os eventos emergentes não são planejados ou causados por um controle hierárquico superior, mas surgem das interações entre os indivíduos (HOLLAND, 1998; JOHNSON, 2003).

Por fim, as ‘**restrições possibilitadoras**’ estão relacionadas às “condições estruturais dos sistemas que determinam a aleatoriedade e a coerência, ou seja, o equilíbrio e a manutenção do foco ou propósito do sistema” (BRAGA e SOUZA, 2016, p. 309), corroborando as afirmações de Davis, Sumara e Smitt (2003) de que existe um equilíbrio delicado entre a aleatoriedade - suficiente para permitir resposta variável e flexível - e a organização – suficiente para abrir caminhos para respostas em uma atividade coletiva coerente. Sendo assim, os sistemas complexos são governados, mas tais regras determinam apenas as fronteiras da atividade, não os limites de possibilidades.

Davis e Sumara (2006) propõem grupos compostos de pares complementares para que a emergência complexa ocorra: especialização, aprendizagem em níveis diferentes e restrições possibilitadoras. Agrupadas dessa maneira, as condições para a emergência complexa são

possíveis, pois a especialização permite a tensão entre a diversidade e a redundância; enquanto a aprendizagem em níveis diferentes permite as interações entre os vizinhos através do controle descentralizado; e, as restrições possibilitadoras ocorrem através do equilíbrio entre a aleatoriedade e a coerência.

4.4 Propiciamentos

O termo ‘*affordance*’ foi cunhado por Gibson (1979), ao desenvolver uma alternativa ecológica para abordagens cognitivas sobre aprendizagem perceptual, e refere-se aos “recursos que o ambiente oferece a qualquer animal que possui as capacidades de percebê-los e usá-los”⁸⁸. E, segundo Van Lier (2004), pode ser traduzido como propiciamentos, possibilidades, oportunidades, interações.

Porém, em um ambiente de constante interação entre os usuários, os propiciamentos não têm que ser perceptíveis, conhecidos ou desejados, eles simplesmente existem. Desde a formulação da noção de propiciamento de Gibson, outros pesquisadores utilizam o conceito para analisarem como as novas tecnologias podem ser concebidas (NORMAN, 1999; GAVER, 1991), enquanto outros investigam as dinâmicas entre a tecnologia e as práticas sociais (BOYD, 2010; TREEM e LEONARDI, 2012).

Partindo do termo cunhado em 1979 por Gibson, que compreende o propiciamento como uma propriedade relacional do sistema, isto é, algo que se refere tanto ao ambiente quanto ao animal, outros pesquisadores passaram a levar em consideração a concepção sobre propiciamentos. Em 1988, em seu livro ‘*The Design of Everyday Things*’ sobre interação humana mediada por computador, Norman cunha o termo propiciamentos percebidos (*perceived affordances*), definidos como aqueles propiciamentos que não são limitados ao sentido visual, mas principalmente pelas “propriedades percebidas e reais das coisas, principalmente aquelas propriedades fundamentais que determinam exatamente como algo poderia ser usado”⁸⁹ (NORMAN, 1988, p. 9).

Norman (1999) considera que esse é um uso equivocado do termo propiciamentos, levando em consideração que os propiciamentos existem independentemente do que está visível na tela. Segundo o autor, as telas não são propiciamentos, elas são *feedback* visuais

⁸⁸ “[...] resource that the environment offers any animal that has the capabilities to perceive and use it.” (Tradução nossa)

⁸⁹ “[...] the perceived and actual properties of the thing, primarily those fundamental properties that determine just how the thing could possibly be used.” (Tradução nossa)

que anunciam os propiciamentos, isto é, são propiciamentos percebidos (*perceived affordances*).

A percepção dos propiciamentos será determinada, em parte, pela cultura, posição social, experiência e pelas intenções do observador (GAVER, 1991). Além disso, a simples presença de um botão ou cursor em uma tela de computador não necessariamente propicia o clique do usuário.

Gaver (1991) usa o termo *social affordance* para se referir às propriedades de um objeto ou ambiente que permite ações sociais. Nas palavras desse autor, os propiciamentos são um conceito chave para a explicação da interação entre a tecnologia e o mundo à sua volta. O termo *social affordance* é frequentemente usado em contextos de redes sociais de Internet, levando em consideração que as pessoas são influenciadas por questões como cultura, hábito, idade e gênero. Assim, interfaces podem oferecer propiciamentos perceptíveis, já que elas podem oferecer informação sobre objetos que podem ser usados. Gaver (1991) afirma que os propiciamentos existem independentemente da percepção. Nas redes sociais acontecem propiciamentos o tempo todo. Por exemplo, ao ler uma publicação sobre o lançamento de livro em uma comunidade no *Facebook*, o leitor percebe a oportunidade de ler, refletir e julgar o livro a partir do que foi publicado, para, em seguida, replicar, comentar etc. Os propiciamentos sociais podem ser caracterizados como a relação entre as propriedades de um objeto e as características sociais de um grupo que permite tipos particulares de interação entre os integrantes do grupo (BRADNER; KELLOGG; ERICKSON; 1999). Para Wellman *et al.* (2003), os propiciamentos sociais estão relacionados às maneiras pelas quais a Internet pode influenciar a vida cotidiana. Os autores também se referem à proposição de Gaver, para quem a tecnologia da informação propicia sociabilidade, levando em consideração de que a ampliação da banda larga facilitou a presença cada vez maior na Internet e favoreceu a troca rápida de grandes quantidades de dados, mensagens instantâneas, anexos (textos, imagens, mensagens de voz) etc. A Internet possibilita o desenvolvimento de novas conexões e práticas sociais (WELLMAN, 2001, 2003, HSIEH, 2012; POSTIGO, 2016) e a aquisição de novas informações, o que Wellman (2001, p.12) chama de comunidades especializadas.

Gaver (1996) afirma que “os propiciamentos são principalmente fatos sobre ação e interação, não percepção, (...) eles não estão esperando para serem percebidos, eles estão lá para serem ativamente explorados”⁹⁰. Se forem propiciamentos escondidos (*hidden*

⁹⁰ [...] “affordances are primarily facts about action and interaction, not perception, [...] they are not just waiting to be perceived, they are there to be actively explored.” (Tradução nossa)

affordances), devem ser inferidos possivelmente através da experimentação e outras ações que tornem os propiciamentos visíveis ou percebidos.

O sociólogo Ian Hutchby (2001) desenvolveu o termo propiciamentos comunicativos (*communicative affordances*) para descrever as possibilidades de ação que emergem a partir dos propiciamentos de determinadas formas de tecnologia. Nesta concepção, os propiciamentos podem ser tanto funcionais quanto relacionais. São funcionais quando permitem ações, ao mesmo tempo em que as restringem; e, relacionais, quando chamam a atenção para a forma como os propiciamentos de um objeto podem ser diferentes de uma espécie para outra (HUTCHBY; BARNETT, 2005, p. 151). Os propiciamentos comunicativos são termos usados por pesquisadores que analisam os impactos da tecnologia na comunicação, notavelmente em pesquisa sobre dispositivos móveis (HUTCHBY e BARNETT, 2005; BOASE, 2008; HELLES, 2013) e como maneira de explicar como esses dispositivos alteram as práticas e os hábitos comunicativos (SCHROCK, 2015). Para Schrock (2015, p. 1229), os propiciamentos compreendem algo além de botões, telas e sistemas operacionais, constituindo-se como dinâmicas ou condições permitidas pelos dispositivos móveis. Em sua pesquisa, o autor divide os propiciamentos gerados por esses dispositivos em quatro grupos: a) portabilidade - relativo às práticas comunicativas quando a pessoa está em trânsito ou imóvel, no trabalho ou em casa utilizando *smartphones* ou *laptops*; b) disponibilidade – diz respeito à multiplicidade das mensagens, aumento da frequência com que nos comunicamos, e o contato direto com outras pessoas; c) localibilidade – está relacionada com possibilidade de divulgação da localização do usuário; e, d) multimedialidade – está associada ao compartilhamento de imagens ou vídeos em tempo real, por exemplo.

Ainda discutindo sobre a interação entre seres humanos e tecnologia, Nagy e Neff (2015) propõem a teoria de propiciamentos imaginados (*imagined affordances*), a qual incorpora os aspectos materiais, emocionais e mediados da interação entre seres humanos e tecnologia. Segundo os autores, os propiciamentos imaginados “emergem das percepções, atitudes e expectativas dos usuários, da materialidade e da funcionalidade das tecnologias, e das intenções e percepções dos *designers*”⁹¹ (NAGY; NEFF, 2015, p. 5). Na versão proposta por esses autores, os propiciamentos não afetam apenas o modo como os usuários se apropriam das redes sociais, mas também ajudam a modelar essas redes. Segundo os autores, “o ambiente digital não apenas oferece algo aos seus usuários, já que os usuários, os gostos e

⁹¹ [...] “emerge between users' perceptions, attitudes, and expectations, between the materiality and functionality of technologies; and between the intentions and perceptions of designers” (Tradução nossa)

os comportamentos individuais e do usuário desempenham, cada vez mais, papel gerador na produção dessas ofertas em primeiro lugar”⁹² (p. 27).

Por último, apresento a proposta de McVeigh-Schultz e Baym (2015) que cunharam o termo propiciamentos vernaculares (*vernacular affordances*), para se referirem ao modo como as pessoas entendem os propiciamentos em seus encontros com a tecnologia, ou seja, nas percepções e experiências das pessoas. Para os autores, “o conceito de propiciamento estabelece um meio termo entre o construtivismo social e o determinismo tecnológico, procurando explicar como as qualidades materiais das tecnologias restringem ou incentivam práticas, ao mesmo tempo em que acomodam significados emergentes”⁹³.

De um modo geral, os *sites* de redes sociais oferecem oportunidades para a manutenção dos relacionamentos (PEARCE; BARTA; FESENMAIER, 2015). Os pesquisadores da relação entre as novas tecnologias e as práticas sociais encontram uma grande vantagem ao utilizarem o conceito de propiciamento “porque nos ajuda a explicar, em alguns casos, como as pessoas usam a mesma tecnologia de maneiras diferentes e por que, em outros casos, as pessoas colocam as mesmas tecnologias para usos similares e modificam a comunicação e o comportamento de maneiras equivalentes”⁹⁴ (TREEM; LEONARDI, 2012, p. 146).

Em relação às pesquisas sobre propiciamentos e redes sociais, destaco o trabalho sobre o uso do *Facebook* em campanhas eleitorais nos Estados Unidos, realizado por Dyrby e Jensen (2012), em que os autores apontam três categorias de propiciamentos: 1) aquelas que **facilitam** a comunicação direta, 2) aquelas que **projetam** imagem de autenticidade através da mídia, e 3) aquelas que **criam** interação e envolvimento.

Entre os três grupos de propiciamentos descritos, os autores chamam o primeiro de ‘facilitação’, por oferecer a comunicação direta, promover as mensagens políticas, incentivar o diálogo e até mesmo controlar o que é escrito e comentado pelo partido (uso dos botões de edição e apagar). O segundo grupo de propiciamentos diz respeito à ‘projeção’, por reforçar a autenticidade das publicações, informalizar o processo de diálogo entre partidos e eleitores, e personalizar o contato entre ambos; e, por último, o grupo de propiciamentos descrito como

⁹² [...] “the digital environment does not merely offer something to its users, user’s and individual likings and behaviors increasingly play a generative role in producing those very offerings in the first place.” (Tradução nossa)

⁹³ “The concept of “affordance” stakes out a middle ground between social constructivism and technological determinism, seeking to account for how material qualities of technologies constrain or invite practices while also accommodating emergent meanings.” (Tradução nossa)

⁹⁴ [...] “because it helps to explain why, in some cases, people use the same technology differently and why, in other cases, people put the same technology to similar uses and change their communication and work practices in equivalent ways” (Tradução nossa)

‘criação’, está relacionado à capacidade de proporcionar interação entre eleitores e partidos, aumentar o engajamento e, conseqüentemente, ser ouvido por um número maior de pessoas.

Em sua pesquisa sobre redes sociais de internet, Boyd (2010) destaca os componentes das redes sociais e analisa os propiciamentos que emergem do uso de tais tecnologias. Segundo essa autora, os propiciamentos das redes sociais são diferentes porque eles modelam o comportamento da audiência (elementos que compõem a rede) e a maneira como participam e negociam (trocam) informação. São quatro⁹⁵ grupos de propiciamentos que se destacam, segundo Boyd (2010): 1) a persistência, 2) a reprodutibilidade, 3) a capacidade de pesquisa e 4) a escalabilidade.

A **persistência** está relacionada à capacidade de mensagens, imagens e outras expressões digitais serem automaticamente salvas e arquivadas. Por sua vez, a **reprodutibilidade** não está baseada apenas na capacidade de duplicação de conteúdo, mas também na possibilidade de alteração e edição. A **capacidade de pesquisa** favorece o potencial de visibilidade. E, por último, a **escalabilidade** diz respeito à capacidade de o conteúdo ser acessado através de pesquisa, favorecendo sua ampla distribuição. Entretanto, Boyd (2010) afirma que apenas devido ao fato de distribuir conteúdo e torná-lo público, esse propiciamento não garante necessariamente uma audiência.

De modo semelhante ao de Boyd (2010), inclusive com a mesma nomenclatura em alguns termos, Treem e Leonardi (2012) apontam quatro propiciamentos que emergem das redes sociais: visibilidade, persistência, editabilidade e associação⁹⁶.

Para os autores, a **visibilidade** está relacionada à habilidade de tornar visíveis os comportamentos, conhecimento, preferências e as conexões das redes de comunicação. Também diz respeito ao esforço que as pessoas fazem para armazenar informação. A **persistência** é compreendida como a capacidade de gravação, reedição e permanência das comunicações. Dessa maneira, a persistência abre uma gama de oportunidades para usos da tecnologia e novas práticas sociais, já que podem ser pesquisadas, reutilizadas, visualizadas, reestruturadas e recontextualizadas, de modo a causar profundos impactos nas ações das pessoas, da sociedade e das instituições (ERICKSON; KELLOGG, 2000). A **editabilidade** é compreendida pela ação das pessoas em criar e recriar um ato comunicativo antes e depois de outros o acessarem. Já a **associação** é a conexão estabelecida entre as pessoas e o conteúdo;

⁹⁵ Em inglês, os quatro grupos de propiciamentos mencionados por Boyd (2010) são: *persistence, replicability, searchability and scalability*.

⁹⁶ Em inglês os quatro grupos de propiciamento descritos por Treem e Leonardi (2012) são: “*visibility, persistence, editability and association*”.

ou entre um ator e uma apresentação. Segundo Treem e Leonardi (2012), existem duas formas de associações nas redes sociais: 1) a de uma pessoa à outra pessoa (laço social); e 2) a de uma pessoa a um conteúdo. A associação por vínculo à outra pessoa, que cria um laço social, pode ser exemplificada no acompanhamento que um leitor faz de um *blog*, perfil no *Twitter* ou *fanpage* no *Facebook*. Já a associação de uma pessoa a um conteúdo pode ser exemplificada quando um usuário faz contribuições para um *blog*, *wiki* ou até mesmo faz etiquetagem de conteúdo, utilizando as *hashtags*.

Para realizar a observação e posterior análise dos dados gerados pelos participantes na comunidade da JASBRA, investigo os propiciamentos levando em conta as considerações teóricas citadas no início desta seção (GIBSON, 1979; VAN LIER, 2004; NORMAN, 1999; GAVER, 1991), assim como os propiciamentos percebidos por Boyd (2010) e Treem e Leonardi (2012).

Após a apresentação e discussão do referencial teórico que norteia esta pesquisa, no próximo capítulo discuto os procedimentos metodológicos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, subdividido em quatro seções, apresento o percurso metodológico deste estudo. Na primeira seção, teço considerações da natureza desta pesquisa e a respeito das características dos procedimentos metodológicos, assim como as justificativas dessas escolhas. Na segunda seção, apresento os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados; e, na terceira seção, arrolo os instrumentos e procedimentos utilizados a para a análise de dados. Na quarta seção, descrevo o contexto do grupo pesquisado, apresentando o perfil dos participantes na comunidade da JASBRA, onde foram coletados os dados. E, por fim, na quinta seção apresento a autoetnografia do grupo da JASBRA.

5.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa se configura como uma pesquisa de natureza mista, isto é, pesquisa com foco qualitativo e quantitativo, alinhando-me aos que defendem que os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem. Como afirma Silverman (2009, p. 61): “não há razão de os pesquisadores qualitativos não usarem, quando apropriado, medidas quantitativas”. Sendo assim, esta pesquisa se enquadra em uma pesquisa qualitativa, que se constrói com base nos procedimentos investigativo e interpretativo; e a combinação de métodos quantitativos para levantamento de dados numéricos acerca do ambiente pesquisado.

A pesquisa qualitativa propicia o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada em um trabalho de campo (ANDRÉ; LUDKE, 1995). Esse tipo de pesquisa procura explicar o motivo pelo qual os eventos ocorrem (PORTELLA, 2004), além de descrever e compreender o fenômeno tratado na pesquisa. O pesquisador tem um papel fundamental já que “a observação direta e participativa em uma comunidade permite desenvolver uma percepção acurada e extremamente sensível às variações comportamentais nas relações entre os membros de comunidades digitais” (SANTAELLA, 2010, p. 104).

Nesta pesquisa, a abordagem quantitativa tem como objetivo fazer um levantamento do perfil dos participantes e do universo de publicações, comentários, reações e comportamento dos usuários; enquanto os dados qualitativos fornecem insumos para a análise baseada na fundamentação teórica desta pesquisa, principalmente no que diz respeito à produção de gêneros pelo grupo.

Quanto ao foco que o pesquisador dá ao seu trabalho, Recuero (2011a) elenca três focos na Análise de Redes Sociais: a) foco estrutural; b) foco informacional; e c) foco comunicacional. Segundo a autora, o **foco estrutural** tem como objetivo estudar as inter-relações entre os sujeitos (foco na interação), o tipo de estrutura que emerge dessas inter-relações e quais impactos destes na comunidade pesquisada. Quanto ao **foco informacional**, busca-se informações que se espelham através dessas estruturas e como as estruturas impactam a difusão de informações. E, por último, o **foco comunicacional** busca analisar a maneira como as pessoas conversam em *sites* de redes sociais, quais estruturas emergem dessas interações e que tipos de impactos a conversação tem na rede social.

Os objetivos desta pesquisa fazem uma junção desses três focos. Ao focalizar a participação dos usuários por meio de publicações, comentários e reações, foi utilizado o foco estrutural; ao se analisar como as interações causam impacto no sistema, o foco informacional; e, por último, o foco comunicacional, para a análise dos comportamentos emergentes e dos propiciamentos dos grupos estudados.

Esta pesquisa se enquadra como um estudo de caso sob a perspectiva etnográfica, pois a investigação foi realizada em um espaço onde as interações entre os participantes se deram em ambientes predefinidos. Entretanto, como a pesquisa foi realizada em um ambiente digital, primeiro foi feita uma discussão da etnografia, seguida de uma análise dos termos utilizados quando a etnografia é realizada em ambientes digitais. Além disso, foi discutida a função do pesquisador nesses ambientes.

Mattos e Castro (2011) destacam que a etnografia é também conhecida como pesquisa social, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa analítica ou pesquisa hermenêutica. Ainda segundo as autoras, a etnografia:

compreende o estudo, pela observação direta e ou por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 51)

A etnografia é um “termo complexo, apropriado por diversas áreas de estudo: antropologia, comunicação, educação, história, geografia, linguística, entre outras” (POLIVANOV, 2013, p. 1). Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 168) entendem a etnografia tanto como um método quanto como “produto resultante de uma pesquisa (relatório, narrativa)”; já Agar (2004) argumenta que a etnografia é um sistema adaptativo, que se desenvolve e se adapta, dependendo do pesquisador.

Ferraz *et al.* (2009, p. 38) afirmam que o etnógrafo é como “um ficcionista, uma vez que etnógrafos têm consciência de seu papel como criador de um relato etnográfico”. O etnógrafo lida com uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas. Sendo assim, a influência do pesquisador na etnografia não pode ser neutralizada ou descartada, já que cada pesquisador é diferente de outro. Além disso, os autores afirmam que essa metodologia investiga padrões emergentes, sendo um processo fractal.

Hine (2000) propõe um desdobramento para a etnografia tradicional, ao que denomina de etnografia virtual, cujo livro homônimo foi publicado em 2000. Nele, a autora analisa as interações sociais em comunidades virtuais e problematiza a utilização do método etnográfico nesses ambientes. Para essa autora, a etnografia consiste em ir a um lugar para observar e interagir, já a netnografia ou etnografia virtual modifica a relação espaço-temporal e apresenta um contexto que é medido pelas ferramentas digitais. Alguns pesquisadores que realizam pesquisas sobre redes sociais denominam a etnografia realizada em ambiente virtual como netnografia (KOZINETS, 1998); enquanto outros utilizam os termos etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

De acordo com Polivanov (2013), as primeiras etnografias reconhecíveis de mundos virtuais foram conduzidas por Michael Rosenberg em 1992. Entretanto, a etnografia virtual não tem como objetivo se transformar em um novo método e nem substituir o termo mais antigo (HINE, 2000). Na verdade, ela surgiu da necessidade de se estudarem as comunidades nas quais o uso de comunicações eletrônicas, proporcionado pela rede de computadores, é uma rotina.

Para pesquisar ambientes virtuais, Hine (2000) propõe que a Internet seja compreendida sob dois vieses: como cultura e como artefato cultural. Esse ambiente, culturalmente falando “representa um lugar, um ciberespaço, onde a cultura é criada e recriada”⁹⁷ (HINE, 2000, p. 9). Assim, a Internet é “normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do *off-line*” e os estudos que seguem essa perspectiva costumam focar “o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 41). Tomando de empréstimo os termos ‘artefato cultural’ de Woolgar (1996), Hine (2000, p. 9) vê a Internet como “um produto da cultura: uma tecnologia que foi produzida por pessoas específicas com objetivos e prioridades situadas contextualmente”⁹⁸. Essa ótica “favorece a percepção da rede como um elemento da

⁹⁷ “[...] it represents a place, cyberspace, where culture is formed and reformed”. (Tradução nossa)

⁹⁸ “Internet as a product of culture: a technology that was produced by particular people with contextually situated goals and priorities”. (Tradução nossa)

cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior (...) pela integração dos âmbitos *on-line* e *offline*” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 42). Esses autores ainda sugerem um terceiro viés para compreensão da Internet como tecnologia midiática que produz práticas sociais.

De um modo geral, esse método possibilitou responder algumas questões relacionadas ao ciberespaço: 1) como os usuários da Internet “enxergam” suas capacidades comunicativas e interativas; 2) como a Internet afeta as organizações e relações sociais, com o espaço e com o tempo; 3) quais são as implicações para a autenticidade e segurança; e, 4) se a experiência do virtual é radicalmente diferente da experiência do real físico (HINE, 2000, p. 8).

Em busca de uma terminologia para a etnografia realizada em ambientes virtuais, Kozinets propõe o termo netnografia, acrescentando que “as netnografias podem variar ao longo de um espectro que vai desde a participação intensa até a participação completamente não obstrutiva e observacional”⁹⁹ (KOZINETS, 2007, p. 15). O autor defende que “os padrões de uma boa etnografia – tais como imersão, internalização, consciência de alteridade e engajamento”¹⁰⁰, podem ser transferidos para uma boa netnografia (KOZINETS, 2007, p. 19).

Entretanto, para Amaral (2009, p. 19) o conceito de Kozinets é amplo demais, pois, tal definição não “passa de uma mera transposição para a inserção no on-line do conceito de autoetnografia”. A autora realiza um resgate dos procedimentos metodológicos da netnografia e algumas de suas aplicações no caso estudado, faz uma discussão conceitual a respeito do termo autonetnografia e, por fim, apresenta um breve exercício de análise. Amaral (2009, p. 14) utiliza o conceito autonetnografia para descrever “um dos níveis da proximidade na relação entre pesquisador e sujeitos observados nas comunidades digitais” e considera o papel do ‘pesquisador-*insider*’ importante na sua inserção de pesquisa on-line, já que pode influenciar nos resultados do processo. O pesquisador-*insider* é descrito por Hodkinson (2005, p. 134) como um ‘conceito não absoluto concebido para designar aquelas situações caracterizadas por um grau significante de proximidade inicial entre as localizações socioculturais do pesquisador e do pesquisado’¹⁰¹.

⁹⁹ Netnographies can vary along a spectrum from being intensively participatory to being completely unobtrusive and observational”. (Tradução nossa)

¹⁰⁰ “The standards for good ethnography—such as immersion, internalization, awareness of alterity, and engagement [...]” (Tradução nossa)

¹⁰¹ “the notion of insider research as a non-absolute concept intended to designate those situations characterized by a significant degree of initial proximity between the sociocultural locations of researcher and researched”. (Tradução nossa)

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) consideram dois tipos de pesquisadores em termos de graus de participação: o pesquisador silencioso ou *lurker*, que observa determinado grupo social, com o objetivo de interferir o mínimo possível nas ações desse grupo; e o pesquisador inserido ou *insider*, que faz parte do contexto do objeto de estudo e, portanto, seu comportamento não pode ser caracterizado como alguém que ‘apenas’ observa, mas que interage com o grupo. As tipologias descritas por esses autores são semelhantes às mencionadas por Kozinets (2007) sendo *lurker* o pesquisador cuja participação é completamente não obstrutiva e observacional; o *insider* o pesquisador que participa intensamente. De maneira semelhante, Morton (2001) sugere dois tipos possíveis de participação: 1) o distante (*distanced research*) que faz observação do ambiente pesquisado, mas não participa; e, 2) o envolvido (*involved research*), no qual o pesquisador se identifica e participa interativamente do ambiente.

Diante do exposto, adotei nesta pesquisa a visão de autonetnografia descrita por Amaral (2009, p. 15) como uma “ferramenta reflexiva que possibilita discutir os múltiplos papéis do pesquisador e suas proximidades, subjetividades e sensibilidades na medida em que se constitui como fator de interferência nos resultados do próprio objeto pesquisado”. Sendo assim, minha participação se caracteriza por pesquisadora-*insider*, levando em consideração que participo e interajo com os membros do grupo da JASBRA no *Facebook* desde a sua criação. A justificativa para realizar essa pesquisa deve-se à importância do entendimento dos “hábitos sociais e linguísticos de ‘novas tribos’ da imensa rede mundial que vêm se avolumando e diversificando a cada dia” (MARCUSCHI, 2005, p. 14).

Nesta pesquisa, utilizo a autonetnografia, a minha narrativa descritiva, tendo em vista minha proximidade com o ambiente pesquisado e os sujeitos observados. Para proceder com a autonetnografia do grupo da JASBRA, foram retomados os procedimentos básicos dessa metodologia propostos por Kozinets (2007): *entrée* cultural; coleta e análise de dados; ética de pesquisa; *feedback* e checagem de informações com os membros do grupo.

Para Kozinets (2007), os *entrée* cultural são as etapas percorridas pelo pesquisador desde os tópicos de interesse até a identificação de fóruns que podem ajudá-lo a responder suas perguntas de pesquisa, ou seja, o pesquisador faz um breve relato de sua entrada nos ambientes pesquisados. No caso desta pesquisa, essa etapa se caracteriza pela participação em *blogs*, fóruns e redes sociais ligados à escritora Jane Austen desde 2005.

Na fase de coleta de dados, Kozinets (2007) propõe três diferentes etapas: a primeira, cópia direta de interação entre os membros da comunidade pesquisada; a segunda, as

observações e anotações a respeito do grupo, seus membros, interações e a própria visão do pesquisador; e a última, caso o pesquisador almeje uma abordagem mais individual, entrevistas com os membros do grupo.

Na primeira fase, o pesquisador pode fazer captura de três tipos importantes de dados: dados arquivais, dados extraídos e dados de notas campo, sendo necessária a cópia ou o *download* de mensagens e publicações, para que possam ser analisadas posteriormente. Os dados arquivais são aqueles copiados diretamente das interações entre os participantes, quer seja num *blog*, *site*, perfis ou grupos nas redes sociais de Internet. Os dados extraídos são coletados por meio da interação direta com os membros, em entrevistas, por exemplo. Além disso, esses dados também podem ser obtidos pelo *download* de informações provenientes das plataformas digitais por meio de aplicativos como o *Sociograph* ou do próprio *Facebook*. Na segunda fase, as notas de campo dizem respeito às anotações feitas e vivências do pesquisador sobre as práticas comunicacionais dos membros das comunidades, suas interações, bem como a própria participação do pesquisador. E, por último, a terceira fase, quando necessária, a entrevista com membros do grupo, poderá ser feita por contatos virtuais como *e-mail*, mensagens privadas em redes sociais ou formulários confeccionados no *Google Docs*¹⁰², por exemplo. Essa etapa da pesquisa será descrita com maiores detalhes na seção 5.2 desta tese.

Em todas as fases de uma pesquisa é importante que o pesquisador leve em consideração a ética da pesquisa, com a finalidade de preservar a identidade de seus informantes e que tenha autorização para usar seus dados na pesquisa. A ética da pesquisa, segundo Kozinets (2002) está baseada em duas preocupações: 1) o ambiente pesquisado é público ou privado? 2) que significa consentimento informado no ciberespaço? Levando em consideração de que ainda temos que chegar a um consenso a respeito dessas duas questões, o ideal é que busquemos realizar a pesquisa de modo a não ferir a privacidade dos membros do grupo pesquisado, ou, por exemplo, enviar um *e-mail* coletivo ou fazer divulgação nas comunidades virtuais, informando a respeito da pesquisa e solicitando autorização para divulgação dos nomes dos participantes, quando necessário. Com o objetivo de resguardar a identidade dos participantes, todos os nomes e imagens dos autores das postagens e comentários serão editados para que não sejam reconhecidos. A ocultação dos sujeitos pesquisados é discutida por Bruckman (2006) que destaca quatro graus de camuflagem e de ocultação que devemos levar em consideração ao publicar os registros. A opção desta

¹⁰² *Google docs* é um pacote de aplicativos do *Google*, funciona totalmente online, são compatíveis com o *Microsoft Office*, *Openoffice.org*, entre outros.

pesquisa foi realizar a camuflagem mínima, isto é, com ocultação dos nomes e imagens dos participantes, neste caso podem ser usadas as citações literais diretas.

Kozinets ainda propõe o *feedback* e a checagem de informações com os membros do grupo, que consiste em informar aos participantes sobre o andamento da pesquisa por meio de retorno constante (artigos científicos, participações em *blogs*, etc.). Além disso, esse procedimento pode proporcionar “visões adicionais além das limitações do material postado, baixado, filtrado e analisado pelo pesquisador”¹⁰³ (KOZINETTS, 2007, p. 14). Nesta pesquisa, a verificação de informações com os membros foi realizada quando foi necessário tirar alguma dúvida a respeito das produções do grupo. Quanto ao andamento da pesquisa, foram publicadas no *blog* da JASBRA e em seguida replicadas na comunidade do *Facebook* as postagens relativas às minhas participações em congressos e eventos afins e também as publicações que saíram em anais desses congressos.

Cabe salientar que as fases descritas por Kozinets (2007) não ocorrem necessariamente na ordem descrita, elas podem seguir uma ordem aleatória, fundindo-se ou sobrepondo-se. Com exceção da primeira, tendo em vista que é a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado.

As etapas de coleta de dados assim como a discussão da ética na pesquisa serão retomadas na próxima seção.

5.2 Instrumentos e Procedimentos para coleta dados

Para atingir meu principal objetivo de pesquisa, foi necessário analisar como se comportam os participantes da comunidade da JASBRA sob a perspectiva dos SACs, assim como as emergências e os propiciamentos gerados neste grupo. A coleta de dados qualitativos e quantitativos sobre o *site* foi feita durante os meses de julho a dezembro de 2017, por meio de observação da interação dos membros deste grupo com o objetivo de observar e analisar os gêneros produzidos por seus membros, e do acesso aos dados estatísticos, contendo informações sobre os dias e os assuntos que geraram mais publicações, reações e comentários no grupo. No mês de janeiro de 2018 foi aplicado um questionário (Anexo IV) na comunidade da JASBRA para confirmação junto aos participantes com o objetivo de fazer um levantamento das produções do grupo. Assim, foi possível acrescentar mais dados sobre essas produções além daqueles que já haviam sido observados por mim durante os meses de

¹⁰³ “Good member checks prove valuable as a source of additional insights beyond the limitations of the material posted, downloaded, filtered and analyzed by the researcher.”(Tradução nossa)

imersão na comunidade. Com o propósito de observar como acontecem as interações na comunidade da JASBRA, participei do grupo de maneira mais assídua, mas não apenas como administradora ou membro, mas como pesquisadora, para perceber como acontecem essas interações entre os membros.

Ao realizar a coleta de dados, foram observadas as orientações dadas por Kozinets (2007) e seguidos os seguintes passos: 1) observação e anotações a respeito da interação dos participantes da comunidade da JASBRA; 2) registro dos comportamentos dos membros; 3) e, quando necessário, captura de interações em formato de imagem de publicações e comentários dos participantes (*printscreen* das interações entre os participantes); 4) *download* dos dados fornecidos pelo *Facebook* e uso do *Sociograph* para confecção de gráficos. 5) divulgação do questionário que foi respondido espontaneamente pelos membros da JASBRA com o objetivo, principalmente, de fazer um levantamento da produção de gêneros do grupo.

5.2.1 Coleta de dados via questionário

Os questionários, segundo Brown (2001), são quaisquer instrumentos que apresentam uma série de questões ou declarações nas quais o respondente deve reagir respondendo ou fazendo uma seleção a partir de respostas pré-existentes. Dörnyei (2003) propõe que os questionários sejam divididos em três partes: 1) questões relacionadas às atitudes, opiniões, crenças, interesses e valores dos participantes; 2) questões relacionadas aos comportamentos dos respondentes, usadas normalmente com o objetivo de compreender o que os respondentes têm feito ou fizeram no passado; e, 3) questões factuais (ou questões de classificação) cujo objetivo é obter um perfil dos respondentes. Geralmente essas questões incluem aspectos demográficos (exemplo: idade, gênero), grau de instrução, ocupação, além de informações que o pesquisador julgar importantes para interpretar as descobertas da pesquisa.

Ao todo, o questionário confeccionado no *Google Formulários*¹⁰⁴ (Anexo IV) possui quatro seções: 1) a primeira objetivou conhecer o comportamento do respondente dentro do grupo da JASBRA; 2) a segunda, fez o levantamento das produções de terceiros que o respondente achou significativas; 3) a terceira, respondida apenas por aqueles que já produziram ou produzem alguma produção textual, oral ou visual; e, 4) a quarta, teve o objetivo de fazer um levantamento do perfil do respondente.

¹⁰⁴ *Google Formulários* é uma das ferramentas do *Google Docs*, gera formulários, questionários etc.

Para fazer a validação do questionário, foi enviado um *link* com um piloto submetido à avaliação de duas profissionais: uma doutoranda em língua portuguesa da Universidade Federal da Paraíba, e, uma mestranda em Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais.

O questionário foi aplicado no mês de janeiro de 2018, e por meio desse instrumento foi possível obter informações a respeito da produção de gêneros discursivos. Foi necessária a aplicação de um questionário para o levantamento de mais informações a respeito desses fãs em específico, pois, além do que é publicado na comunidade e pode ser facilmente acessado no painel de busca, há também aquelas produções que não são compartilhadas dentro do grupo da JASBRA, mas que são próprias de seus membros.

5.2.2 Coleta de dados via Facebook

O levantamento de dados estatísticos foi realizado em 11 de agosto de 2017 por meio de um recurso do *Facebook* que fornece aos administradores do grupo informações, divididas em três seções: crescimento, envolvimento e detalhes dos membros. Porém, apesar do recurso ser útil para levantamento de dados, ele só apresentava, no momento da coleta, os dados dos últimos sessenta dias de interação. Sendo assim, optei por usar também o *Sociograph*, que faz um levantamento mais abrangente deste grupo, mostrando dados desde a criação da comunidade.

Além de mostrar um resumo geral da comunidade, esse aplicativo possibilitou verificar os seguintes dados: dias com o maior número de publicações, comentários ou reações dos participantes. Os dados fornecidos pelo *Sociograph* favoreceram a verificação de mudanças no grupo mesmo quando eu não estava interagindo pelo *Facebook*. Isso permitiu encontrar até mesmo a publicação que gerou uma repercussão maior que as outras, sem que houvesse a necessidade de eu estar presente vinte e quatro horas por dia na comunidade da JASBRA, por exemplo.

Quanto à extração de dados diretamente do *Facebook*, ao acessar a página inicial da JASBRA, no perfil do administrador, existe a opção ‘informações da página’. Os recursos oferecidos na seção ‘informações do grupo’ (com opções de dados dos últimos sete, vinte e oito ou sessenta dias), se dividem em três categorias (Anexo I): detalhes do crescimento, detalhes do envolvimento e detalhes dos membros. Todos com opções de *download* de dados no formato planilha do Excel.

Para as comunidades criadas no *Facebook*, o *site* oferece aos administradores uma visão sobre o grupo. São três seções divididas em: detalhes do crescimento (Figura 2), detalhes do envolvimento (Figura 3) e detalhes dos membros (Figura 4).

Figura 2– Detalhes do crescimento da comunidade JASBRA



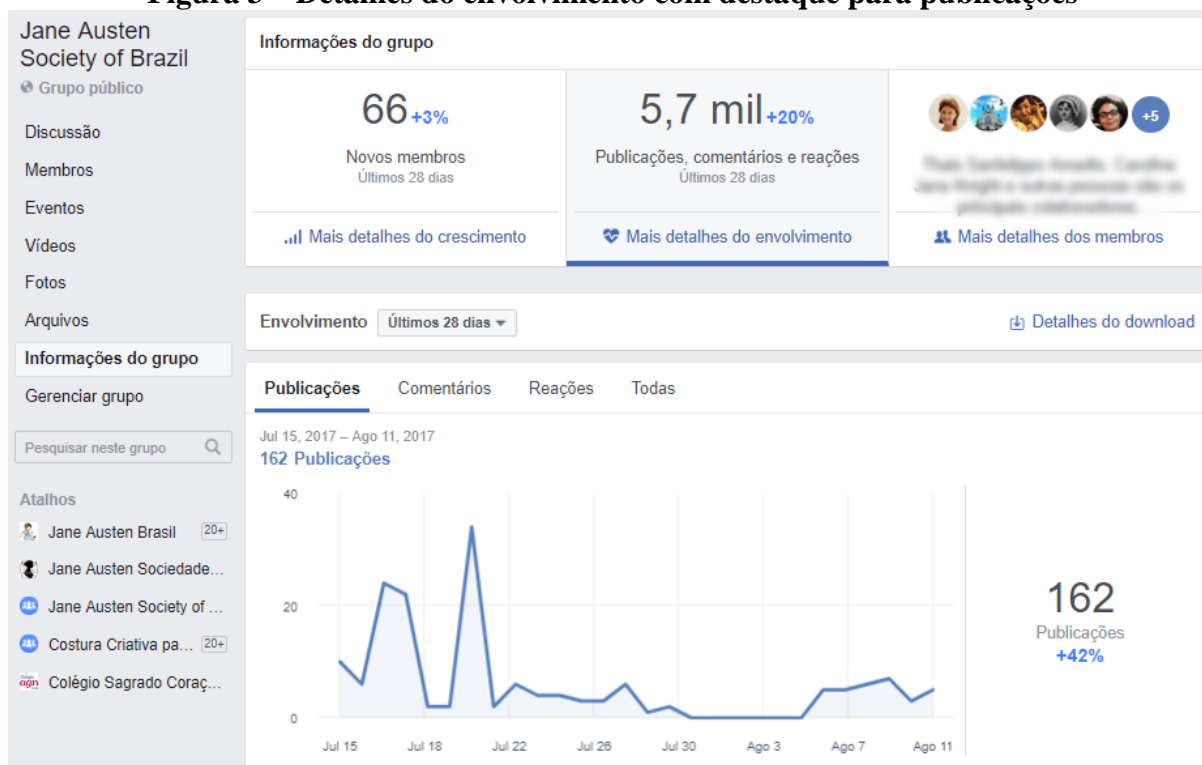
Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Os dados provenientes do primeiro item ‘detalhes de crescimento’ (figura 2) apresentam o número total de membros, com gráficos demonstrando o crescimento da comunidade e a porcentagem (até aquela data o grupo era composto de 4531 membros); além de mostrar quantas pessoas foram aprovadas e/ou recusadas no grupo, se houve algum bloqueio e se existe alguma solicitação pendente. Durante esse período, foram aprovados oitenta e seis novos membros e dois pedidos foram recusados. O grupo tem a política de recusar perfis considerados falsos, cujo objetivo é a venda de produtos que não estejam relacionados ao universo literário, por exemplo.

A segunda seção ‘detalhes do envolvimento’, subdivide-se em publicações, comentários e reações. Na subseção chamada ‘publicações’, além do número de postagens no período, é possível também ter acesso à porcentagem de aumento ou diminuição das publicações, a quantidade de membros ativos, os dias e horários mais populares, e as publicações mais relevantes.

Nas publicações mais relevantes, é possível observar o número de visualizações, reações e comentários. Até a coleta de dados, os membros do grupo já haviam postado mais de 5700 publicações, comentários e reações (figura 3), ainda é possível observar nessa figura que o número de publicações no período cresceu 42%.

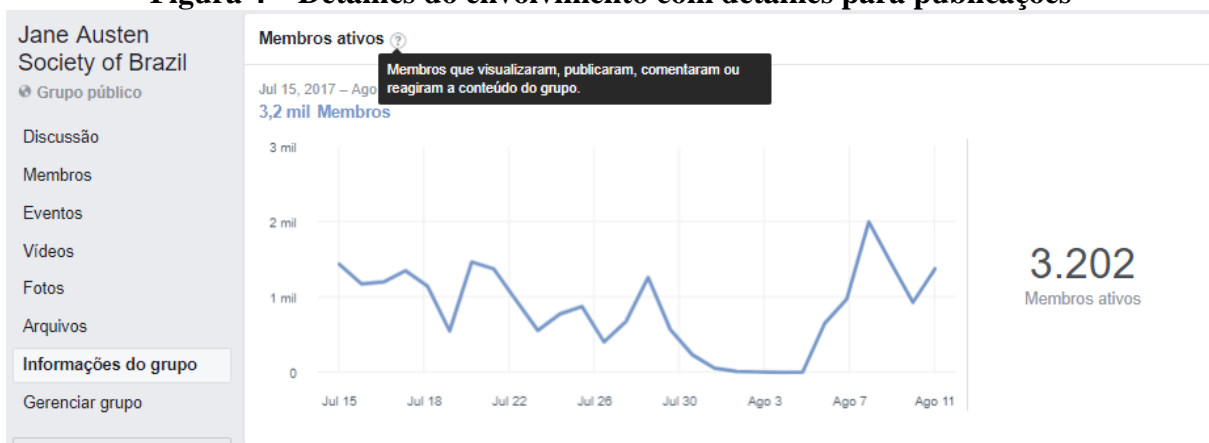
Figura 3 – Detalhes do envolvimento com destaque para publicações



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Também é possível observar que 3202 membros estiveram ativos no período das últimas quatro semanas até a data da coleta de dados (Figura 4). Esse número equivale a 70,6% do total de membros da comunidade, na época em que foi realizada a coleta de dados. Esses dados demonstram que os membros são participativos e frequentam a comunidade com certa regularidade. O fato de muitos membros serem do grupo da JASBRA possibilita uma maior interação entre eles e aumenta a capacidade de visualização de publicações, escrita de comentários, reações e/ou compartilhamentos.

Figura 4 – Detalhes do envolvimento com detalhes para publicações



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Ainda nesta segunda seção, foi possível verificar os dias mais populares e o número médio de vezes por dia que os membros publicaram, comentaram ou reagiram às publicações. O dia 18 de julho de 2017 fez parte de uma semana que teve movimento no grupo e também o número médio de vezes por hora em que houve maior interação entre os membros (Figura 5). Um dos motivos pelos quais a terça-feira foi o dia da semana que mais houve interação no grupo pode ser justificado pelo fato de que, no período da coleta de dados, foi celebrado o bicentenário de morte da escritora Jane Austen (18 de Julho), a data gerou uma série de publicações dos membros com notícias de diversas partes do Brasil e do mundo. Obviamente se os dados tivessem sido coletados em outro período, certamente, os dados seriam diferentes, tendo em vista que o grupo está em constante movimento.

Figura 5 – Detalhes do envolvimento com destaque para datas mais populares



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Ainda nesta seção foi possível recuperar informações como as publicações mais relevantes do período, isto é, as publicações que obtiveram um número maior de comentários, curtidas ou visualizações (Figura 6).

A Figura 6 apresenta a publicação mais relevante (que atraiu maior número de interações) até aquele momento da coleta de dados. Trata-se de uma notícia sobre a nova novela das 18 horas da maior rede de televisão do país, prevista para março de 2018, baseada nas obras de Jane Austen *Orgulho e Preconceito*, *Abadia de Northanger* e *Razão e Sensibilidade*. Como não tivemos um filme, novela ou minissérie para a televisão brasileira, o fato de uma emissora nacional começar as gravações de uma adaptação da obra da escritora certamente é motivo para muitas reações e comentários no grupo. É interessante notar também que, a primeira publicação considerada mais relevante no momento da coleta de dados, conseguiu atingir cerca de 1800 visualizações, porém, apenas 39 usuários fizeram comentários e 276 marcaram suas reações.

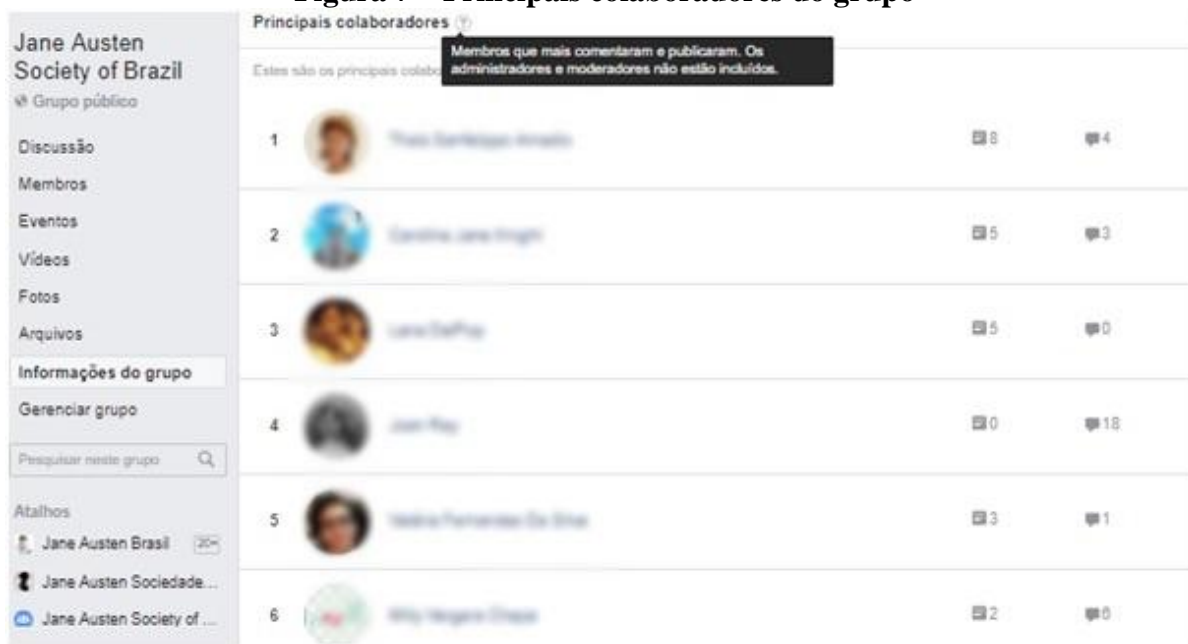
Figura 6– Publicações mais relevantes

Publicação	Comentários	Reações	Visualizações
Novela das seis em 2018.	39	276	1,5 mil
AI MINHA NOSSA SENHORA DE HAMPSHIRE!!	30	187	1,6 mil
	19	204	1,0 mil
Aí meninos : aprendam a fazer o pedido com o mr	12	129	1,3 mil
	11	132	807
Orgulho e Preconceito. 1995	6	137	1,0 mil

Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Na última seção, é possível ter acesso aos dez principais membros que publicaram e/ou comentaram (excluindo os administradores e moderadores), detalhes referentes à idade e ao gênero, e detalhes como países e cidades brasileiras. Na Figura 7, é possível analisar quem são os membros mais ativos no quesito publicação.

Figura 7 – Principais colaboradores do grupo



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

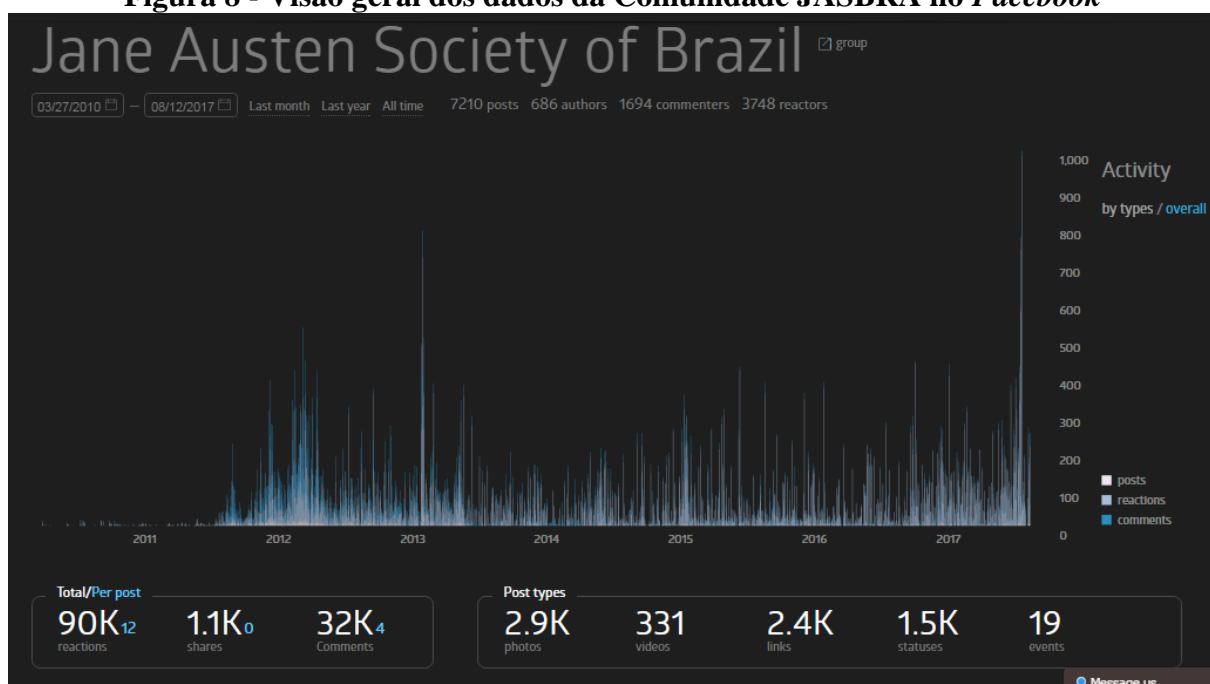
No período em que ocorreu a coleta de dados, além dos administradores e moderadores, houve a participação de membros do grupo na divulgação de publicações. Entretanto é importante afirmar que o *site* começou a disponibilizar essa ferramenta de levantamento de dados apenas a partir de Julho de 2017 e, por esse motivo, não é possível afirmar que os membros mais ativos se encontram na lista da Figura 7, tendo em vista que o *site* não oferece um levantamento de todo o período de existência do grupo, desde a sua criação até os dias atuais.

Os demais dados disponibilizados nesta seção (idade, gênero, nacionalidade, naturalidade) serão discutidos no próximo capítulo – análise e discussão dos dados. Mais detalhes sobre os dados gerados pelo *Facebook* podem ser observados no Anexo I – Dados Coletados no *Facebook*.

5.2.3 Coleta de dados via Sociograph

Os dados extraídos pelo *Sociograph* podem ser observados nas figuras a seguir. A Figura 8 apresenta um gráfico com a ocorrência de número de postagens, reações e comentários (representado pelas cores entre o branco, cinza e azul).

Figura 8 - Visão geral dos dados da Comunidade JASBRA no Facebook

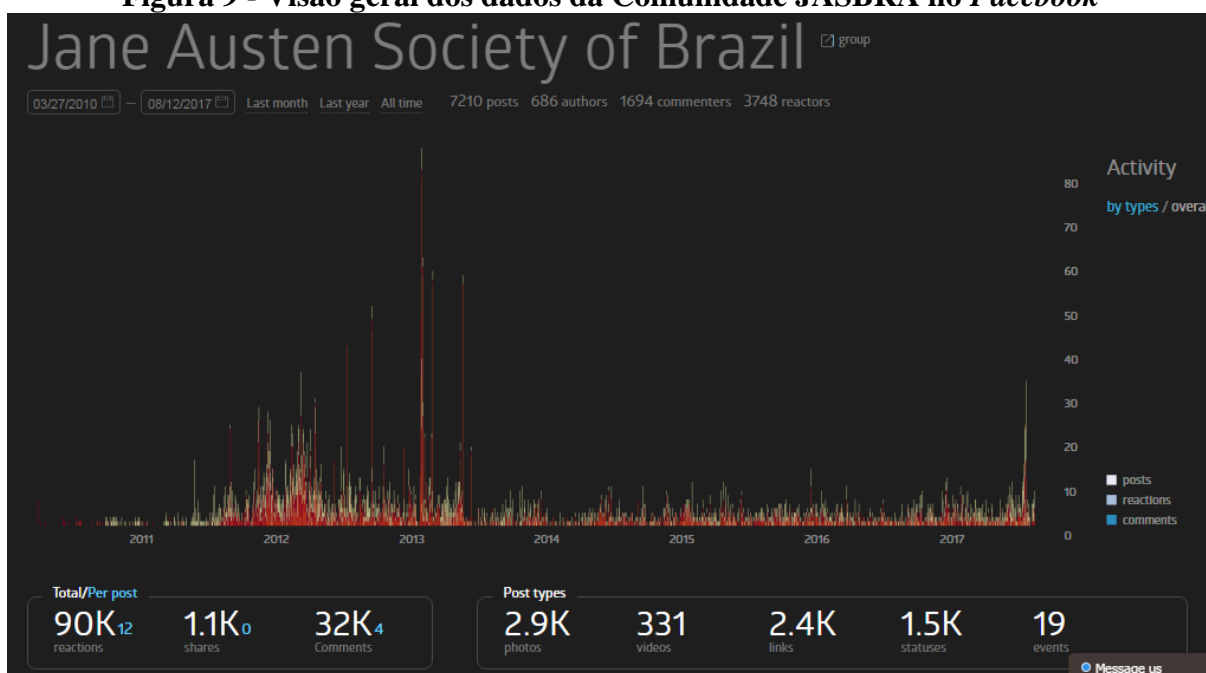


Fonte: Sociograph

Desde a criação da comunidade até essa coleta desses dados, foram publicadas 2,9 mil fotos, 332 vídeos, 2,4 mil *links*, 19 eventos. O gráfico gerado pelo *Sociograph* (Figura 8) mostra a interatividade dos membros da JASBRA e possibilita a confirmação de que a comunidade está em constante movimento, isto é, seus membros estão em constante interação uns com os outros. A baixa interação nos primeiros anos da comunidade possivelmente se deve ao fato de que o grupo ainda interagia nas comunidades do extinto *Orkut*. E, possivelmente, a partir do ano de 2012 é que passaram a usar mais o *Facebook* do que a rede anterior.

A Figura 9 apresenta um gráfico com a quantidade de fotos, *status*, vídeos, *links*, eventos e notas por dia (representado pelas cores amarelo-claro, amarelo, laranja-claro, laranja, vermelho claro e vermelho). 90 mil reações (12 por publicação), 1,1 mil compartilhamentos e 32 mil comentários (4 comentários por publicação). O *site Sociograph* permite clicar em um determinado dia na linha do tempo e verificar o número de postagens, reações, comentários, fotos, *status*, vídeos, *links*, eventos e notas em uma data específica, por exemplo, e, a partir disso, analisar a interação e produção dos membros de um grupo virtual.

Figura 9 - Visão geral dos dados da Comunidade JASBRA no Facebook



Fonte: Sociograph

Maiores detalhes da coleta de dados realizados podem ser observados no Anexo II – Dados coletados no *Sociograph*.

Os dados obtidos no *Facebook* e no *Sociograph* também foram utilizados para confeccionar as tabelas apresentando as três transposições de mapas dissertativos propostos por Zanini (2016). O formato tabela proporciona uma visão geral do ambiente pesquisado, além de exigir pouco tempo para coleta dos dados. A descrição e a análise dos dados gerados pelo *Facebook*, pelo *Sociograph* e as tabelas serão apresentados no próximo capítulo.

5.3 Instrumentos e Procedimentos para análise de dados

Para realizar a descrição e análise do objeto pesquisado, optei por utilizar a proposta de Zanini (2016a): confecção de **mapas descritivos** com o objetivo de sistematizar os dados quantitativos do ambiente pesquisado. Ao fazer um levantamento dos estudos etnográficos clássicos e fazendo três transposições aliadas às mídias sociais, Zanini (2016a) propõe a confecção de três mapas: 1) mapa social, 2) mapa espacial, e, 3) mapa temporal. O **mapa social** tem a finalidade de descrever as pessoas que fazem parte do ambiente escolhido, apresenta o número de perfis (membros ou fãs), a hierarquização dos perfis (administradores e moderadores), os temas debatidos e/ou conversados, o gênero e a idade dos membros. O **mapa espacial** faz a descrição das características do ambiente, como os formatos de

postagens (publicações, imagens, vídeos, *links* e eventos), os formatos de interação (as reações, o número de membros que fizeram comentários, e o número de compartilhamentos), o tipo de ambiente (comunidade ou *fanpage*), a descrição do ambiente (aberto ou fechado), e a delimitação do tamanho espacial da rede. E, por último, o **mapa temporal** busca descrever as questões relacionadas ao tempo como as rotinas de publicações e discussões, o contexto, o tempo de vida do grupo. O desenho dos mapas descritivos e análise desses dados serão apresentados no capítulo seis.

Para coletar dados para esta pesquisa, fiz anotações em arquivo do tipo *Word* com as principais ideias que emergiram do grupo e *e-mails* trocados entre os membros.

Ao longo desses dois anos de observações e anotações, salvei imagens (*printscreen*) da interação dos participantes também para posterior análise. Após a conclusão de que uma publicação estava relacionada aos gêneros produzidos pelos integrantes da JASBRA, salvei as imagens que pudessem confirmar minhas constatações em uma pasta à parte em meu computador, para que eu pudesse acessá-las, analisá-las e inseri-las neste capítulo de análise de dados. Os dados do questionário também foram importantes para o levantamento dos gêneros produzidos pelos membros do grupo, tendo em vista que alguns participantes não costumam divulgar suas produções na comunidade da JASBRA. Quando houve necessidade de confirmar dados e tirar dúvidas com os membros, fiz contato por *e-mail* ou por mensagem privada no *Facebook*.

Os dados qualitativos foram analisados a partir das seguintes teorias: das redes sociais, dos sistemas adaptativos complexos, das comunidades de prática, dos propiciamentos e emergências. Parte das observações que fiz na comunidade da JASBRA foi analisada a partir da minha experiência como pesquisadora inserida no grupo. Para analisar os propiciamentos, emergências e gêneros foi necessário fazer um registro das interações por meio de *printscreens* das telas. Para selecionar os registros (*printscreens*) e salvá-los em pastas diferentes, optei por colocar na pasta ‘propiciamentos’ os comportamentos que se enquadraram nas categorias propostas por Body (2010) e Treem e Leonardi (2012). Na pasta ‘emergências’, foi realizada uma subdivisão: um grupo de registros que foi classificado como ‘emergências do grupo’ e outro grupo de registros que foi classificado como ‘produção de gêneros discursivos do grupo’. Após essa separação dos dados, foi possível analisá-los e os resultados serão apresentados no capítulo seis.

Com os dados sobre as emergências do grupo, foi possível selecionar aqueles que representam gêneros do discurso produzidos pelos membros. Assim, já que o objetivo da

pesquisa foi analisar os gêneros que emergiram na comunidade da JASBRA, primeiramente elenquei, descrevi e fiz uma análise mais generalizada dos gêneros produzidos pelos membros do grupo em outros ambientes e formatos. Em seguida, selecionei aqueles que foram produzidos e divulgados exclusivamente dentro da comunidade no *Facebook*. Faço menção aos demais gêneros produzidos pelo grupo, entretanto, minha análise se concentrou em *memes*, publicidade de livros, *fanfics* e tópicos de discussão relacionados às obras de Jane Austen.

A palavra *meme* surgiu a partir da publicação ‘O Gene Egoísta’ de Dawkins (1976), tendo como referência a teoria da evolução natural de Darwin, e desta forma um ‘*meme*’ seria um par análogo ao ‘gene’. Para o autor, os seres vivos são máquinas de sobrevivência para replicadores biológicos, ou seja, os genes. Entretanto, é possível que existam outros tipos de replicadores. Assim, “[...] O gene, a molécula de DNA, é por acaso a entidade replicadora mais comum do nosso planeta. Pode ser que existam outras. Se existirem, desde que algumas condições sejam satisfeitas, elas tenderão, quase inevitavelmente, a tornar-se a base de um processo evolutivo” (DAWKINS, 2007, p. 329).

Dawkins (2007) propõe um replicador para que certas culturas evoluam, assim, o ‘*meme*’ funciona como um elemento de replicação cultural, a qual é feita por imitação. Nas palavras de Lima-Neto (2014, p. 111), “[...] os *memes* são replicadores culturais: são ideias, unidades culturais de imitação que também são replicadas e perpetuam com o tempo”. Compreendo o *meme*, já no campo linguístico, como a representação de algo, geralmente de forma irônica ou paródica.

Na análise dos *memes*, utilizei os critérios propostos por Recuero (2007) quanto: a) À **fidelidade da cópia**, isto é, a semelhança do *meme* com seu original; uma vez que os *memes* podem se apresentar como replicadores (alta fidelidade com o original), metafóricos (alterados e reinterpretados enquanto passados adiante); e, miméticos (apesar de sofrerem mutações e recombinações, sua estrutura permanece a mesma, mas normalmente são referenciáveis como imitações). b) À **longevidade**, ou seja, quanto mais tempo o *meme* sobreviver, maior chance de replicar-se; assim podem ser considerados persistentes (quando são replicados por muito tempo) e voláteis (quando têm curto período de vida ou são facilmente esquecidos). c) À **fecundidade**, que está relacionada à quantidade de replicação de um *meme* e a rapidez com que se replica; sendo considerados epidêmicos (quando se espalham rapidamente por várias redes) e fecundos (não são epidêmicos, mas se espalham por grupos menores). d) Ao **alcance**, relacionado aos tipos de nós que ele alcança mais, por

exemplo, são globais (quando alcançam nós que estão distantes entre si dentro de uma determinada rede social) ou locais (quando limitados a uma determinada vizinhança).

A publicidade, gênero da comunicação em massa, está constantemente presente em nossas vidas, nos mais variados veículos de comunicação ou meios, como em revistas, jornais e nas ruas. O objetivo desse gênero é comercial, ou seja, vender um produto, por meio de enunciados que são compostos por escolhas linguísticas e audiovisuais. A publicidade de livros também é um gênero muito recorrente na comunidade da JASBRA. Esse tipo de publicação faz uso de elementos verbais e não verbais (imagens) para a construção de sentido, e, normalmente, são usados com o objetivo de chamar a atenção dos participantes ou solicitar opiniões, além de venda de livros. Em alguns casos, são replicações de publicidades originadas nos perfis de editoras no *Facebook*. Entretanto, há também os casos de publicidades realizadas pelos próprios membros da JASBRA, autores de *fanfictions*, que desejam divulgar e vender seus livros. Neste trabalho, faço a análise de estratégias discursivas utilizadas pelos membros que realizaram a publicação desse gênero na comunidade da JASBRA.

De maneira sintetizada, pode-se dizer que o anúncio publicitário pretende “despertar no público o desejo de compra, levando-o à ação” (MALANGA, 1979, p. 10). O principal objetivo de um anúncio publicitário é “persuadir o leitor, ouvinte e/ou telespectador a consumir um produto ou a aderir a uma ideia” (FERNÁNDEZ, *et tal*, 2012, p. 128).

O discurso é “um instrumento de comunicação que está sempre em atividade, seja nas relações cotidianas, coloquiais, seja nas interações institucionais, formais” (MANHÃES, 2005, p. 305). Segundo o autor, podemos interpretar que a apropriação da linguagem (código, formal, abstrato e impessoal) por um emissor configura-se como discurso. Este emissor tem um papel ativo, que o constitui um sujeito da ação social, cuja função pode ser aquela que: a) “classifica, ordena e organiza, enfim, significa o mundo mostrado; b) persuade, convence o locutor da pertinência de seu modo de classificar, ordenar e organizar o mundo mostrado; e, c) constrói uma voz, um modo de falar, um entendimento do mundo (MANHÃES, 2005, p. 305).

Manhães (2005) afirma que a linha de análise do discurso francesa, caracteriza-se pela ênfase no ‘assujeitamento’ do emissor, isto é, ele se apropria de discursos sociais já estabelecidos na sociedade para se expressar, como por exemplo, do discurso jornalístico, publicitário ou científico. Já a análise do discurso inglesa, dá ênfase no papel ativo do sujeito que é movido por uma razão que visa a fins específicos em situações específicas

(MANHÃES, 2005). Essa linha de análise confere a primazia ao domínio da pragmática sobre a semântica e a sintaxe. Manhães (2005, p. 306) afirma que a pragmática está “historicamente relacionada às condições de fabrico ou maquinação de objetos ou assuntos com o intuito de obter uma determinada retribuição”. Levando isso em consideração, as publicações publicitárias de livros, realizadas pelos membros da JASBRA no *Facebook*, foram selecionadas publicações com o objetivo de desconstrução dos textos e imagens para análise da apropriação de discursos específicos. E, no caso dessas publicidades, a retribuição à qual Manhães se refere pode ser a divulgação dos livros, a formação de novos leitores e, principalmente, a venda destes.

Por último, farei a análise dos tópicos de discussão das obras e adaptações de Jane Austen, constituídos exclusivamente dentro da comunidade da JASBRA no *Facebook*. Esses tópicos de discussão são considerados fóruns de discussão, que podem ser classificados como gêneros discursivos emergentes, pois surgiram com o desenvolvimento da Internet e das tecnologias da comunicação (MARCUSCHI, 2005).

Quando se refere à discussão literária, Cavanaugh (2006) afirma que geralmente os fóruns são chamados de: grupos de discussão literária, círculo de literatura, clube do livro, estudos literários e grupos de discussão literária. Por se tratar de um gênero emergente no contexto digital, o formato assíncrono de fóruns como o que ocorre na JASBRA, proporciona aos membros a participação, a atualização de publicações e conteúdo.

Frutos de uma interação assíncrona, os tópicos de discussão possuem as características dos *chatgroups* propostas por Crystal (2001, p. 130-146): 1) as interações são armazenadas, e disponibilizadas aos membros do grupo, de modo que “[...] as pessoas possam acompanhar a discussão, ou acrescentar, a qualquer momento – mesmo depois de um período considerável de tempo”¹⁰⁵; 2) enfatizam a liberdade de expressão; o respeito mútuo e a cooperação; 3) há uma não linearidade nesse tipo de interação, já que é possível acessar tópicos a partir de datas mais recentes ou antigas, sendo que não há garantia de que todos os membros leram todas as publicações e comentários; 4) normalmente os membros dão *feedback* aos outros; 5) muitas respostas são curtas o que torna a interação mais dinâmica; 6) existe uma imprevisibilidade de assuntos, embora um tópico específico motive uma mensagem, não há razões que impeçam outro membro de introduzir outro tópico, sob outro ângulo ou fazer uma alusão à mensagem original; 7) os membros acabam desenvolvendo uma linguagem própria – o equivalente a um dialeto local ou sotaque; e, por último, 8) favorece uma participação igualitária entre todos.

¹⁰⁵ Tradução nossa: “[...] people can catch up with the discussion, or add to it, at any time - even after an appreciable period has passed”.

Em minha análise utilizo, primeiramente, a descrição dos tópicos, o nível de interação entre os participantes, e, em seguida, faço análise das contribuições desse gênero discursivo para essa comunidade de fãs. A discussão realizada nessa comunidade possui objetivos diversos, sendo que o debate de opiniões e ideias é o principal motivo que leva os membros a participarem das discussões. O constante debate de opiniões ‘alimenta’ o diálogo permanente no grupo e, conseqüentemente, desperta o interesse e agrega conhecimento ao grupo.

5.4 Contexto da pesquisa

A comunidade está ativa desde sua criação em 27 de março de 2010 e, atualmente, possui cerca de 4820 membros, sendo 4 administradores e 6 moderadores. A imagem a seguir (Figura 10) mostra a página inicial da comunidade JASBRA com a imagem que era utilizada como banner do grupo até aquele momento.

Figura 10 – Página Inicial da Comunidade JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Optou-se apenas pela comunidade por ser mais antiga em relação à *fanpage* e possuir um número maior de interações entre os membros. Além disso, o *Facebook* agora disponibiliza informações sobre comunidades também; o que antes só era possível nas *fanpages*. Ao disponibilizar este recurso de dados para administradores de comunidades, o *Facebook* possibilitou uma coleta de dados de maneira mais ágil e fácil, além de fornecer informações sobre o crescimento da comunidade, dados sobre o engajamento dos participantes e detalhes sobre os membros. As informações são fornecidas por meio de gráficos e podemos fazer o *download* desses dados em uma planilha do Excel.

5.5 A autonetnografia do grupo da JASBRA

Minha entrada no campo desta pesquisa é anterior ao meu ingresso no Doutorado em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. Ela se deu a partir da observação das mudanças ocorridas ao longo das minhas experiências em redes sociais relacionadas à Jane Austen e dos percursos que os participantes fizeram desde a participação em uma comunidade chamada Orgulho e Preconceito no *Orkut* a partir de 2005. Em seguida, comecei a publicar sobre a escritora no *blog Jane Austen Brasil* e participei de fóruns de discussão, lista de discussão por *e-mail*, passei também a acompanhar perfis e comunidades no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Pinterest* e *Whatsapp*. A participação em redes sociais, com a possibilidade de interação com outros fãs da escritora, me fez perceber um universo extremamente rico e complexo, digno de observação e análise.

Minha participação na comunidade como gerenciadora e membro do grupo da JASBRA iniciou-se em 2010, antes mesmo da realização desta pesquisa, desde então meu envolvimento com a comunidade é contínuo. Porém, em 2015, após meu aprofundamento a respeito do referencial teórico, passei a analisar o comportamento dos participantes sob a ótica da complexidade nas visitas que fiz ao grupo para cuidar de atividades rotineiras como aprovação de novos membros e publicação de novas mensagens. Mais especificamente, entre os anos de 2016 e 2017 quando pude observar, fazer anotações dos fenômenos dos propiciamentos e emergências provenientes do grupo. À medida que a escrita da tese foi avançando, mantive um comportamento de visita semanal para que pudesse observar a interação dos usuários, realizar anotações que pudessem indicar padrões a serem analisados e discutidos neste trabalho e capturar telas que pudessem demonstrar com exemplos as minhas constatações.

Por meio das experiências vividas, o que levou a constatação de que a discussão relacionada à literatura na Internet é muito rica e existem diversas comunidades nas redes sociais sobre literatura. Chamo de discussões literárias as publicações e comentários motivados por textos literários realizados nas redes sociais feitos por indivíduos (perfis em *blogs*, *Twitter*, *Facebook*, entre outros). As interações na JASBRA são motivadas, principalmente, pelo interesse em se discutirem, no nosso caso, os livros de Jane Austen. Porém, os participantes não ficam apenas limitados à discussão da obra, muitos leitores procuram continuações dos livros de Austen (*fanfiction*), enquanto alguns se organizam para discutir os filmes e séries de televisão baseados nas obras, outros procuram aprofundar seu

interesse na biografia e em livros a respeito da sociedade britânica da época, entre outros assuntos. Além disso, a análise do comportamento dos participantes é uma questão muito relevante, pois fornece a visão de diferentes pessoas e de suas interações.

Como criadora do grupo em 2010, tenho participado da comunidade ao longo desses anos de maneira ativa e interativa. Minhas obrigações como administradora e moderadora podem ser descritas, de maneira sucinta, como: autorização de publicações dos demais membros; autorização de entrada de novos membros; e, principalmente, publicação de notícias e novidades sobre o universo Austen, originadas também do *blog* da JASBRA. Ao longo dos anos de 2016 e 2017 procurei participar ativamente da comunidade da JASBRA no *Facebook* com o objetivo de observar a produção de gêneros que emergiram neste grupo. Na maioria das vezes, minha participação se concentrou em publicar notícias do universo relacionado à escritora Jane Austen e tirar dúvidas que surgiram nas discussões. Também fiz um trabalho sistematizado, ao procurar responder aos comentários dos participantes nas publicações do grupo.

O próximo capítulo apresenta uma exposição mais detalhada do universo da comunidade JASBRA no *Facebook* a partir da descrição e análise dos dados estatísticos, e, uma discussão e análise a respeito dos dados recolhidos a partir da observação do grupo levando o referencial teórico que norteou esta pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, faço uma descrição dos dados estatísticos coletados no *Facebook* e no *Sociograph*, com o objetivo de apresentar uma visão geral da comunidade por meio de gráficos e tabelas para sintetizar os dados. Em seguida, foi feita a análise descritiva desses dados. Os dados qualitativos, retirados das observações *in loco* e das respostas dos questionários, foram analisados sob a luz do referencial teórico, com a finalidade de responder as perguntas de pesquisa. A análise foi dividida em seções: a primeira faz a qualificação do objeto de pesquisa (6.1), a segunda faz a análise da comunidade da JASBRA como uma RSI (6.2), as demais seções (6.3 a 6.8) respondem às perguntas desta pesquisa.

Para a realização desta pesquisa fez-se a junção dos três focos propostos por Recuero (2011a) para análise de redes sociais: o *foco estrutural*, com objetivo de observar e analisar a interação entre os membros do grupo; o *foco informacional*, que buscou analisar como as publicações impactam o grupo; e, o *foco comunicacional*, que analisou a maneira como o grupo interagiu por meio de publicações ou comentários, e quais estruturas emergiram dessa conversação, sendo que, no caso específico da JASBRA, pesquisou-se quais gêneros emergiram desse grupo.

Para realizar minha autonetnografia descritiva, descrevo a seguir os procedimentos básicos de metodologia da netnografia de Kozinets (2007) e Hine (2000) adaptados para o conceito de autonetnografia, segundo Amaral (2009). É necessário lembrar também que, para proteção dos nomes dos membros, optei por ocultar as imagens de perfis e seus nomes, porém, com uso de citações literais diretas, realizando, assim, a camuflagem mínima proposta por Bruckman (2006).

6.1 Qualificação do objeto de pesquisa

Nesta seção, são discutidos os dados quantitativos coletados por meio dos *sites* do *Facebook* e *Sociograph* com o objetivo de apresentar a comunidade da JASBRA. De um modo geral, a comunidade apresenta crescimento¹⁰⁶ em número de solicitações de adesão de membros. O grupo é composto por mulheres (95,8%) e (4,2%) homens (Gráfico 2), com 61,6% dos membros pertencentes à faixa etária dos 18 aos 34 anos. A idade dos participantes não será levada em consideração, tendo em vista que as pessoas não têm a obrigação de

¹⁰⁶ Dados mais completos sobre o crescimento da comunidade podem ser encontrados no Anexo I, Seção Crescimento do Grupo.

informar a idade correta e muitos jovens, com idade abaixo de 12 anos, participam do *Facebook* e, para isso, têm que mentir a idade.

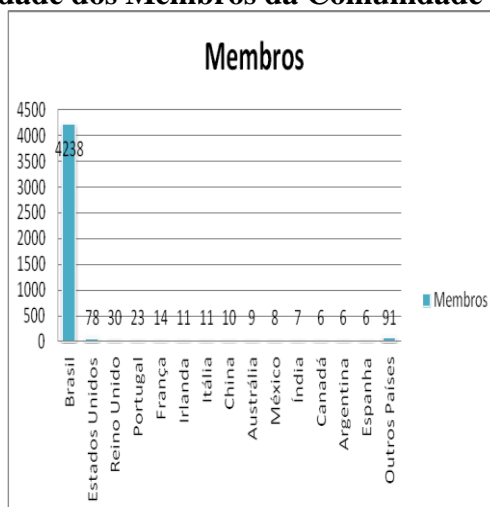
Gráfico 2 – Idade e Gênero dos membros do grupo da JASBRA



Fonte: Facebook (coletado em 11 de agosto de 2017).

O grupo é representado em sua grande maioria por brasileiros (70,66%) e há membros de outros países. No gráfico 3 é possível observar um *ranking* de 14 países com mais membros na comunidade da JASBRA e, ainda, um grupo que agrega os demais países não listados no gráfico¹⁰⁷. A participação de pessoas de outros países demonstra o interesse em interagir com o grupo, mesmo com o fato de a JASBRA ter como língua oficial o português. O *site* facilitou a interação entre os usuários falantes de outras línguas após a inserção da opção de tradução, quando o texto não está escrito na língua usada pelos demais participantes.

Gráfico 3– Nacionalidade dos Membros da Comunidade JASBRA no Facebook



Fonte: Comunidade JASBRA no Facebook

¹⁰⁷ A lista completa dos países listados pelo Facebook encontra-se no Anexo I, seção Detalhes dos Membros – Países e Cidades.

É possível contrastar a presença de membros de outras sociedades ligadas à autora, tendo em vista que os membros brasileiros também participam das comunidades estrangeiras digitais, como as JAS (*Jane Austen Societies*) ao redor do mundo, especificamente a JASNA, nos Estados Unidos e no Canadá; JAS, no Reino Unido; JASIT, na Itália; JASA, na Austrália e JASES, na Espanha, por exemplo. Apesar de não constar no gráfico 3, no relatório de membros de outros países fornecido pelo *Facebook*, há também representantes do Paquistão, por meio da JASPK (Jane Austen Society of Pakistan), além de membros pertencentes aos grupos em outros países como Holanda, Argentina, México, Portugal, França e Chile¹⁰⁸.

A partir dos dados coletados no *Facebook* e por meio do *Sociograph*, foi possível confeccionar a tabela 1 com as três transposições de mapas dissertativos propostos por Zanini (2016a). Sendo assim, apresento, sob a forma de tabelas 1, 2 e 3 as sugestões de transposição da etnografia clássica para as mídias sociais sob três eixos: mapa social, mapa espacial e mapa temporal (Zanini, 2016a). Esse formato tabela proporcionou uma visão geral da comunidade pesquisada como demonstrado a seguir.

A Tabela 1 mostra o **mapa social** da comunidade JASBRA, com descrição de composição por faixa etária e gênero. Ao se observar a Tabela 1, percebe-se a predominância do público feminino neste grupo, o que é bastante comum no universo dos fãs de Jane Austen. No passado, os estudos acadêmicos estavam concentrados nas mãos de homens, devido ao maior acesso de homens à universidade, e aos estudos de um modo geral; na atualidade, além de estarem presentes na academia, as mulheres também ocupam espaço nas redes sociais.

Tabela 1 – Mapa Social da Comunidade JASBRA no *Facebook*

MAPA SOCIAL	
	COMUNIDADE JASBRA
Número de perfis (membros ou fãs)	4531
Hierarquização de perfis	4 administradores e 6 moderadores
Temas debatidos e/ou conversados	Variável, porém, centrado em Jane Austen
Gênero	O grupo é composto por: mulheres (95,8%) e homens (4,2%)

Fonte: Confeccionado a partir de dados coletados no *Facebook*

O fato de existirem mais mulheres no *fandom* da escritora é discutido por alguns estudiosos e justifica-se, principalmente, pela falsa ideia de se considerar Jane Austen como uma escritora sobre mulheres e seu universo. Kiefer (2008) confirmou essa tendência, ao fazer um levantamento entre Janeites do mundo inteiro e concluiu que 96% dos fãs de Austen são

¹⁰⁸ A lista com o número de membros de outras nacionalidades encontra-se na seção Anexo I – Lista completa de países (Tabela 4).

mulheres (entre os 4501 respondentes de sua pesquisa). Aqui no Brasil, ao fazerem um relato de experiência com fórum de discussão da JASBRA, Zardini e Afonso (2010) também detectaram uma participação majoritária de mulheres (95%).

Apesar de ser um grupo aberto, a função dos administradores e moderadores é autorizar a entrada de novos membros e permitir postagens dos membros, além de garantir que não existam *posts* indesejados ou com *links* para *downloads* de filmes e livros piratas, por exemplo.

A Tabela 2 mostra o **mapa espacial** dessa comunidade, com informações a respeito dos formatos das postagens e como se dá a interação entre os membros da comunidade JASBRA. Nessa tabela, o mapa espacial apresenta muitos dados sobre a comunidade, que não podem ser vistos pelos demais membros quando visitam o grupo, pois foram obtidos a partir da coleta realizada pelo *Sociograph*. No Anexo II (Dados Coletados no *Sociograph*), é possível encontrar os dados e gráficos mais detalhados referentes a esta coleta.

Tabela 2 – Mapa Espacial da Comunidade JASBRA no Facebook

MAPA ESPACIAL	
	COMUNIDADE da JASBRA
Formatos de postagens no ambiente	7210 Publicações 2900 Imagens e <i>gifs</i> 331 Vídeos 2400 <i>links</i> 19 eventos
Formatos de interação	90.000 Reações 1694 membros comentando 1.100 compartilhamentos
Característica do tipo de ambiente	Comunidade aberta
Descrição do ambiente	Aberto
Delimitação do tamanho espacial	Rede sócio-centrada

Fonte: Confeccionado a partir do *Sociograph*

De um modo geral, as publicações em formato de texto são as mais utilizadas pelo grupo, seguidos das imagens e *links*. As reações (que simbolizam curtir, amar, achar graça, espanto, tristeza e raiva) equivalem a uma média de 12,5% em cada publicação. Apesar de o grupo ser composto por mais de 4500 membros, há apenas uma média de 1700 pessoas interagindo efetivamente, o que corresponde a 4 comentários por publicação. No entanto, não é possível afirmar que apenas um terço do grupo participa das interações, pois temos que levar em consideração os usuários que não participam cotidianamente. Como em qualquer grupo, há um número de elementos que não interage, apenas observa a interação entre os demais participantes. Avaliando sob o ponto de vista da comodidade, é muito mais fácil clicar

nas reações com *imoticons* do que digitar um comentário. Sendo assim, acredito que, ao participar sob a forma de comentários, o membro realmente deseja dar voz às suas opiniões.

O número de compartilhamentos também é significativo, cerca de 1 em cada 7 publicações são compartilhadas em outros grupos, perfis ou *fanpages* do *Facebook*. A comunidade da JASBRA é aberta, isto é, todos os membros podem publicar nesse ambiente e pessoas que não são membros podem ler e visualizar o que é publicado no grupo. A abertura da comunidade para o modo *público*¹⁰⁹ facilitou o compartilhamento de notícias e postagens de dentro da comunidade para outras páginas dentro do *Facebook* e também em outras redes sociais. E, por fim, esse ambiente é considerado uma rede sociocentrada (ZANINI, 2016b), isto é, está dentro do limite definido como grupo da JASBRA nessa rede social.

O **mapa temporal** (Tabela 3) apresenta uma rotina de discussões e postagens do grupo. Mesmo tendo sido criado há mais de oito anos, as publicações na comunidade são frequentes, originadas pelos administradores, moderadores e/ou membros (cerca de 690 pessoas diferentes – 10% do grupo). A regularidade de publicações garante uma média anual em torno de 1000 eventos dessa natureza.

Tabela 3 – Mapa Temporal da Comunidade JASBRA no *Facebook*

MAPA TEMPORAL	
	COMUNIDADE
Rotinas de discussões e postagens	Publicações frequentes.
Histórico	7210 publicações 32.000 comentários 3748 pessoas que reagiram às publicações 686 autores de publicações
Contexto	Comunidade da JASBRA
Tempo de vida	7 anos

Fonte: Confeccionado a partir do *Sociograph*

A comunidade da JASBRA é ativa, com média de participações em 32.000 comentários e 3.748 pessoas envolvidas nas reações às publicações do grupo. De um modo geral, apesar de existirem dias atípicos, os participantes do grupo interagem entre si de maneira constante.

Tendo arrolado os dados quantitativos desta pesquisa, a seguir apresento a análise qualitativa argumentativa/interpretativa das observações realizadas no ambiente a partir do referencial teórico. A análise levou em consideração os conceitos trabalhados no capítulo 3, que versa sobre redes sociais de Internet como atores e conexões (RECUERO, 2006), os laços

¹⁰⁹ Diferentemente do modo privado, o modo público possibilita que qualquer pessoa leia ou veja as publicações do grupo, sem ser membro do mesmo.

sociais (RECUERO, 2009b), a classificação (RECUERO, 2012a) e as estruturas das redes (AGUIAR, 2007), assim como a análise de influenciadores de redes (ISHIDA, 2016).

6.2 O grupo da JASBRA como Rede social de Internet

O *Facebook*, assim como qualquer rede social, é composto por atores e suas conexões (RECUERO, 2006). Os **atores** são os membros da comunidade da JASBRA, que, a partir de suas interações, fazem a manutenção das **conexões** ou laços sociais (RECUERO, 2009b). De um modo geral, foi possível observar no grupo que as conexões sociais são de dois tipos: o primeiro pode ser caracterizado pela alta interação e reciprocidade dos membros (**laços sociais associativos**); enquanto o segundo pode ser demonstrado por meio das relações que os participantes têm dentro e fora das redes sociais, ou seja, em encontros na vida real (**laços sociais multiplexos**). Os laços associativos e os laços sociais multiplexos foram observados não apenas no período de coleta de dados, como também durante toda a minha permanência no grupo, desde a sua fundação. Os laços associativos podem ser observados pelo elevado grau de interação entre os membros da JASBRA, que, em raras exceções, deixam de reagir ou fazer comentários nas publicações do grupo.

Motivados muitas vezes por assuntos de interesse do grupo, dentro do universo de Jane Austen, os membros costumam reagir às publicações que lhes são de interesse comum. Já os laços sociais multiplexos podem ser observados ao constatar que alguns membros do grupo da JASBRA têm interesse em manter amizade na vida real e realizam encontros presenciais em seus estados de origem. Exemplos de manutenção dos laços sociais multiplexos são as participações e interação em outras redes sociais do grupo e/ou interesses afins dos membros da comunidade JASBRA (Figura 11), a constatação por meio de fotografias ou marcação de eventos para encontros presenciais (Figura 12), e, até mesmo por relações de amizade duradouras, como é o caso das relações entre alguns integrantes (Figura 13).

Na Figura 11, apresenta-se um exemplo de participação e interação em outra rede social de representante da JASBRA, no caso o *Twitter*, em que é replicado um conteúdo da Jane Austen's House, que também é contato da JASBRA no *Facebook*.

Figura 11 – Exemplo de interação em outra rede social da JASBRA (Twitter)



Fonte: Twitter da JASBRA

A Figura 12 mostra alguns exemplos de eventos agendados pelos integrantes do grupo, com o objetivo de reuni-los presencialmente e convidá-los a participarem de eventos relacionados ao universo da escritora. Os encontros presenciais, por sua vez, fortalecem as amizades que surgiram em ambientes digitais e favorecem a discussão em torno de Austen e suas obras.

Figura 12 – Exemplo de eventos agendados no grupo da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

No exemplo de relações de amizade duradouras, as duas pessoas marcadas na Figura 13, além de amigas no Facebook desde 2011 são também idealizadoras e fundadoras da JASBRA e se conhecem desde 2005. Entretanto, não se pode afirmar que esta é uma regra do grupo ou característica essencial das Redes Sociais de Internet. Apesar de inúmeros outros casos de amizades duradouras que nasceram pela interação no grupo da JASBRA, há também casos de amizades que foram travadas e posteriormente desfeitas. O exemplo na Figura 13 foi escolhido por ter sido autorizada a publicação nesta tese.

Figura 13 – Exemplo de amizade duradoura no grupo



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A comunidade da JASBRA no *Facebook* possui características que se enquadram no conceito de comunidade de prática, pois o grupo reúne pessoas cujos interesses estão centrados na vida e obras de Jane Austen que ao longo do tempo e por meio das interações entre seus membros, produziu artefatos. Assim, o grupo funciona como um ambiente virtual, cujas experiências e conhecimentos são compartilhados com todos e sem um objetivo formal de educação, os membros acabam adquirindo conhecimento sobre Jane Austen.

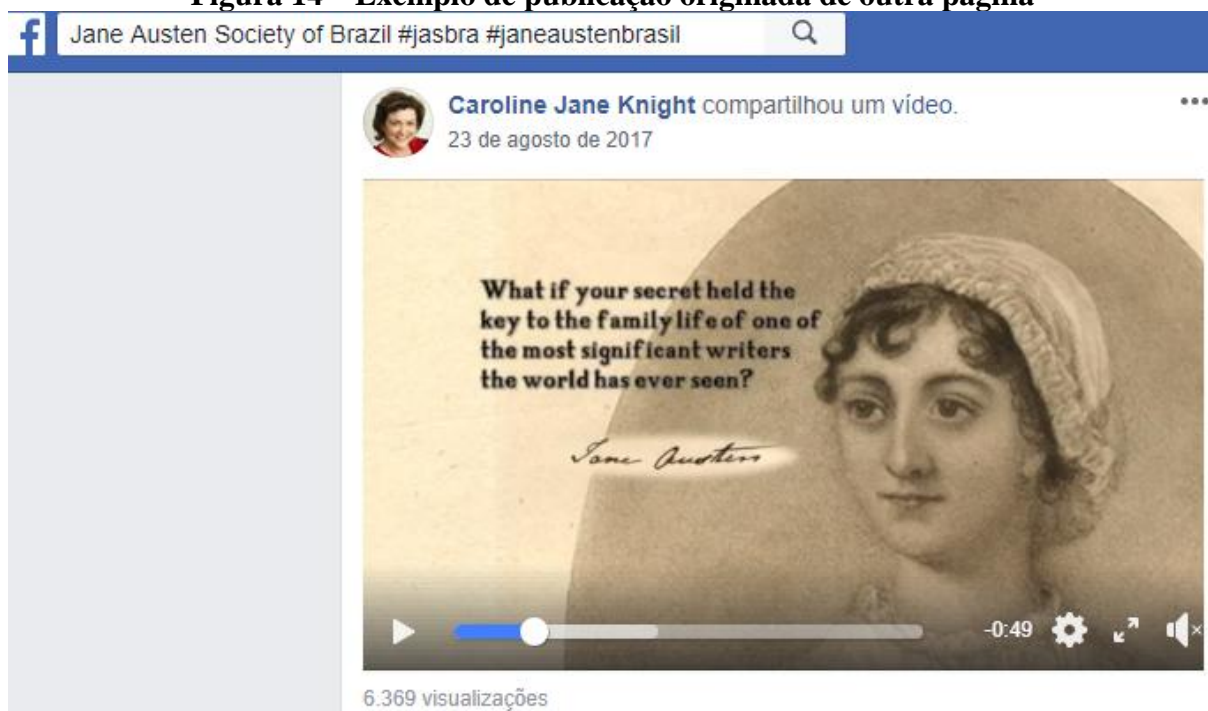
A comunidade é considerada rede no sentido de comunidade de prática, já que seus membros estão conectados por relações de amizade ou pela participação na comunidade (WENGER, 2011). Enquanto comunidade de prática, a JASBRA possui as características propostas por Wenger (2012): quanto ao **domínio**, a comunidade tem uma identidade definida em torno da escritora Jane Austen, cujo interesse de seus membros faz com que mantenham o compromisso de permanecerem juntos durante anos; enquanto **comunidade**, o grupo se ajuda mutuamente na construção do conhecimento em torno do universo das obras e biografia da escritora; e a **prática** pode ser observada na atuação de seus membros que abordam temas recorrentes como os livros e adaptações das obras da escritora, produzem gêneros variados, fortalecendo a interação sustentada.

Como as redes envolvem a conexão entre seus membros que mantêm relações entre si, a JASBRA acaba por proporcionar múltiplas trocas de conhecimento, favorecendo a aprendizagem compartilhada e colaborativa. Apesar de o grupo não ter sido criado com o propósito educacional, a comunidade de prática da JASBRA funciona como uma espécie de ambiente informal de aprendizagem, cuja temática gira em torno da escritora e suas obras, fortalecida, principalmente, pela iniciativa de seus membros em favor da manutenção do conhecimento.

O grupo também se apresenta como uma rede que realiza dois tipos de compartilhamento de informações: redes emergentes e redes de filiação/associação, como proposto por Recuero (2012a). O grupo da JASBRA é uma **rede emergente**, ou seja, “aquela que está viva, presente nas interações dos atores sociais, sendo construída e modificada enquanto as interações acontecem” (RECUERO, 2008), e os membros estão continuamente realizando trocas sociais, compartilhando dentro e fora do grupo, comentários e reações. A JASBRA como rede social emergente, se constitui principalmente pela apropriação do *site* do *Facebook* pelos membros do grupo.

Além de realizarem conexões, o grupo é também **uma rede de filiação/associação** à medida que os membros interagem com outras pessoas de diferentes redes sociais e replicam conteúdo dentro e fora do *Facebook*. Isso é possível de ser observado quando são publicados *posts* originados de outra comunidade ou *fanpage* do *Facebook* (Figura 14) ou publicações do *Youtube*, *Instagram* e *Twitter*, por exemplo.

Figura 14 – Exemplo de publicação originada de outra página

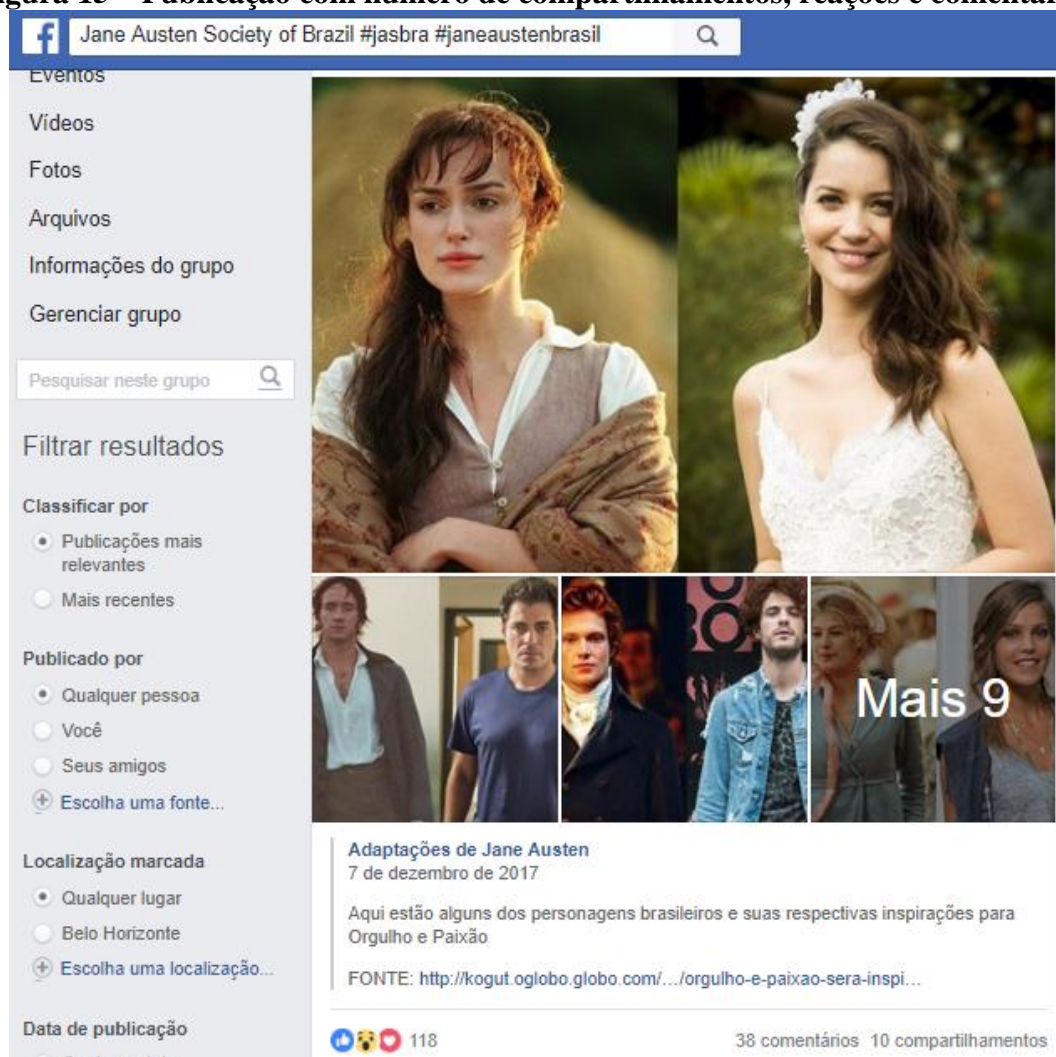


Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Conforme Ishida (2016), um perfil ou grupo pode influenciar outros usuários à medida que suas publicações são levadas em consideração, tornando-se um *broadcaster*, um conector ou legitimador. Nesse sentido, a comunidade da JASBRA pode ser considerada como referência de divulgação de notícias e informações sobre a escritora. O grupo pode ser

analisado como um *broadcaster* já que existem publicações com elevado número de interações, comentários e compartilhamentos (Figura 15), e funciona como um *conector*, tendo em vista que as publicações originadas ali são compartilhadas e atingem outras pessoas, grupos e, inclusive, falantes de outras línguas.

Figura 15 – Publicação com número de compartilhamentos, reações e comentários



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Na Figura 16, podemos observar que a publicação anterior (Figura 16) foi replicada na comunidade espanhola *Salon de te de Jane Austen* divulgando a publicação da JASBRA a respeito da nova novela da Rede Globo a ser exibida desde março de 2018.

Figura 16 – Exemplo de publicação com replicação em outra comunidade



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Por fim, o grupo também se enquadra como **legitimador**, pois é considerado referência dentro do Universo Austen no Brasil e no exterior, conforme Yaffe (2013) e Fullerton (2017), por divulgar informações sobre a escritora, além de publicações no *blog* da JASBRA e demais redes sociais e reunir os fãs.

Além das publicações em jornais e revistas, as menções ao grupo da JASBRA nas redes sociais também são frequentes e populares. A Figura 17 exemplifica a publicação de um *post* de 2012 (que foi replicado em 2017) onde o *Jane Austen's House Museum* destaca em seu mural a logomarca e nome da JASBRA (canto superior esquerdo da imagem).

Figura 17 – Citação da JASBRA na *Fanpage* do Jane Austen’s House Museum



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Quanto à estrutura da comunidade da JASBRA no *Facebook*, o Quadro 1, a seguir, apresenta a descrição resumida da proposta de estruturas de Aguiar (2007).

Quadro 1 – Estrutura das Redes na Comunidade JASBRA

ESTRUTURA DAS REDES (AGUIAR, 2007)	EXEMPLOS DA COMUNIDADE JASBRA
Nós ativos	São as pessoas que alimentam o grupo com publicações.
Nós focais	São os controladores de informações, ou seja, aqueles que possuem a função de moderar as mensagens.
Nós especialistas	São pessoas que possuem conhecimento sobre o funcionamento do grupo.
Rede Sociotécnica	Grupo de pessoas que recorrem às publicações de outros perfis, <i>fanpages</i> e outras redes sociais para divulgação de informação.
Indivíduos isolados	São os integrantes do grupo que agem de maneira passiva, apenas acompanhando o fluxo de informações ¹¹⁰ . Apesar de o grupo apresentar pessoas inativas (cerca de 890 pessoas)
Indivíduos-ponte	São as pessoas que fazem ligação entre grupos.
Clique ou clusters	São pessoas que possuem afinidades e são íntimas entre si.

Fonte: Confeccionado a partir dos dados do *Sociograph*

¹¹⁰ Esses dados podem ser observados no ANEXO II (dados coletados no *Sociograph*).

Os **nós ativos** são as pessoas que contribuem para a manutenção do grupo, realizando publicações, comentários e reações (membros, administradores e/ou moderadores). Na Figura 18, é possível observar os principais responsáveis por publicações no grupo da JASBRA até a data da coleta de dados, além dos administradores e moderadores.

Figura 18 – Principais colaboradores do grupo

Principais colaboradores					
Estes são os principais colaboradores. Membros que mais comentaram e publicaram. Os administradores e moderadores não estão incluídos.					
1		Thais Sant'Anna de Paula	8	4	
2		Carolina Jane Wright	5	3	
3		Jane da Paz	5	0	
4		Jane da Paz	0	18	
5		Thais Sant'Anna de Paula	3	1	
6		Thais Sant'Anna de Paula	2	0	

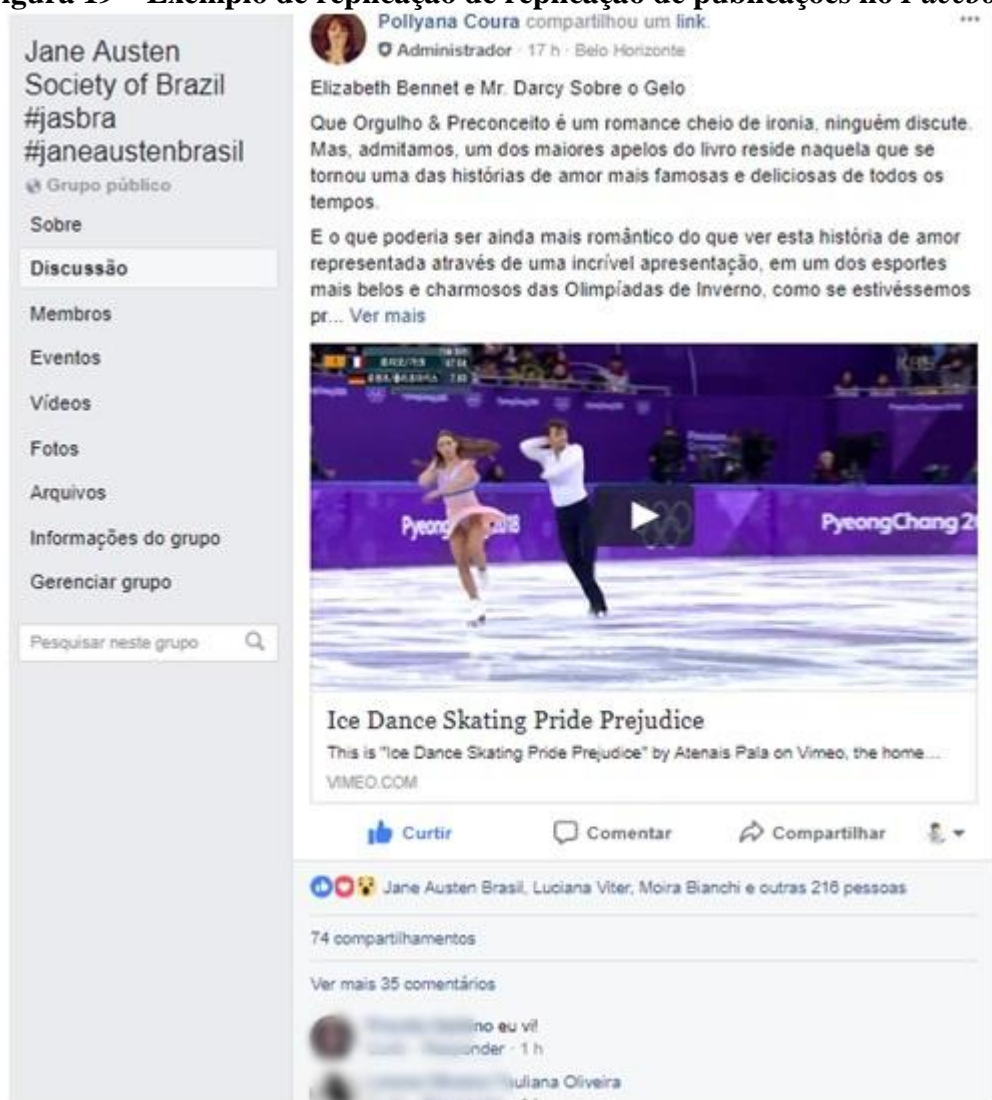
Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook* (Dados de em 11 de agosto de 2017)

Os **nós focais** são representados pelos responsáveis por controlar as informações a partir da moderação das publicações. Entretanto, neste grupo, só há moderação de publicações para que alguns membros não publiquem *links* maliciosos (vírus) ou *links* contendo redirecionamento para *download* ilegal de filmes e livros. Os **nós especialistas** geralmente são os membros mais antigos do grupo, entre eles os administradores e moderadores e os membros que possuem conhecimento sobre Jane Austen e que podem responder livremente sobre eventuais dúvidas e perguntas de outros membros.

A **rede sociotécnica** é composta por membros que recorrem às publicações em outros perfis, *fanpages* e outros ambientes fora do *Facebook*, com a finalidade de divulgar informações. Normalmente, essas publicações são de grande interesse do grupo e a facilidade de interconectividade entre as redes sociais, possibilitada pelo *Facebook*, facilita a replicação da informação. A Figura 19 mostra uma publicação com muitas reações (216 curtidas), comentários (37) e 74 compartilhamentos. O tema de música do filme ‘Orgulho e Preconceito’ (2005) foi usado como música para a interpretação artística de dois patinadores

durante as Olimpíadas de Inverno de 2018. E pela interação do grupo, num período inferior a 24 horas, percebe-se que o assunto chamou bastante a atenção dos membros.

Figura 19 – Exemplo de replicação de replicação de publicações no Facebook



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

A replicação de informação sobre as Olimpíadas de Inverno alcançou, além de outros usuários do Facebook, comunidades do Brasil e outros países como: *Orgulho e Preconceito*¹¹¹, *The Jane Austen Picture Wall*¹¹² e *Jane Austen Lost in France*¹¹³.

Os **indivíduos isolados** são aqueles que estão no grupo, mas não interagem com os demais membros. De acordo com os dados coletados no Facebook, o grupo da JASBRA tem

¹¹¹ <<https://www.facebook.com/orgulhoe.preconceito.3>>

¹¹² <<https://www.facebook.com/groups/155462507949653/>>

¹¹³ <<https://www.facebook.com/Jane-Austen-lost-in-France-347275961969662/>>

cerca de 870 pessoas que não interagem (reações, comentários ou compartilhamentos) com os demais membros do grupo.

As pessoas que fazem as ligações entre outros grupos são chamadas de **indivíduos-ponte** e podem ser nas publicações de outros perfis ou grupos na comunidade da JASBRA, ou então compartilham publicações da comunidade em outros ambientes digitais. Na Figura 20 é possível observar que Jacqueline Plensack Viana fez a ponte entre uma publicação da comunidade Quarta Parede Podcast¹¹⁴ ao replicar um *podcast* do grupo na comunidade da JASBRA.

Figura 20 – Exemplo de indivíduos-ponte na comunidade da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Por fim, o grupo chamado de **clique ou clusters** são aquelas pessoas que possuem afinidade entre si e são amigas fora do contexto do grupo (virtual e/ou presencial). É possível

¹¹⁴ <<https://www.facebook.com/quartaparedepodcast/>>

perceber esse laço, pois os membros marcam os conhecidos e amigos nas publicações, quando desejam chamar a atenção para alguma publicação em específico ou quando celebram aniversário de amizade no *Facebook*. Na Figura 21 há menção de outra comunidade no *Facebook* Jane Austen Boladona e mostra como é comum marcar determinada pessoa ou comunidade, e assim conectar o conteúdo ao grupo ou pessoa especificamente.

Figura 21 – Exemplo de publicação que marca outra comunidade dentro do *Facebook*



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Quanto ao tipo de conexão, a comunidade da JASBRA possui dois tipos, de acordo com Putman (1995): as conexões mais comuns neste grupo são as conexões do **tipo ponte** ou

bridging, ou seja, aquelas que são mantidas pelo interesse em comum: a escritora Jane Austen e suas obras, mas não são estabelecidos vínculos, além da permanência no grupo; entretanto, existem as conexões do **tipo vínculo** ou *bonding*, são aquelas observadas entre os membros que possuem um relacionamento de amizade dentro e fora do grupo e que vai além do interesse em comum da comunidade.

O grupo também possui as características de conexões associativas e emergentes propostas por Recuero (2012b). As conexões associativas geram visibilidade e popularidade ao grupo, tendo em vista que, ao fazer parte da JASBRA, o membro acaba divulgando as publicações da comunidade ou destaca sua participação quando reage, comenta ou compartilha uma publicação. A participação efetiva no grupo e consequente divulgação da JASBRA favorecem o processo de legitimação da comunidade, quando mostra como um grupo é interativo e presente na rede.

Essas características também se encaixam na descrição de modos de identidade das comunidades de práticas (WENGER, 2000): engajamento, imaginação e alinhamento. O **engajamento** está relacionado ao envolvimento do grupo, ao fazerem as coisas juntos, conversando e produzindo artefatos. A **imaginação** está relacionada à construção de uma imagem que os membros têm de si mesmos, das comunidades nas quais participam e do mundo, com o objetivo de se orientarem, refletirem sobre novas situações e explorar possibilidades. Por sua vez, o alinhamento diz respeito a acompanhar outros processos, ou seja, que as atividades locais do grupo estejam alinhadas a outros processos com a finalidade de alcançar objetivos em comum.

O **engajamento**, que é o modo mais imediato de identidade, ocorre na JASBRA quando seus membros se envolvem em discussões, reagem às publicações, trabalhando de modo individual ou coletivo, usufruindo e produzindo os artefatos do grupo, como os gêneros discursivos produzidos pelos membros, por exemplo. Esses mesmos membros contribuem trazendo notícias e/ou publicações de outros grupos ou redes sociais, agem como intermediadores (WENGER, 2000), e podem ser classificados como: a) **errantes**, indo de uma comunidade a outra, criando fronteiras com o passar do tempo, realizando o intercâmbio de informações; b) **avançados**, que trazem as notícias propriamente ditas e exploram outras comunidades; e, por último, c) **pares**, por meio de relacionamento entre pessoas de diferentes comunidades, como o caso de membros da JASBRA e membros de outras sociedades ao redor do mundo, por exemplo.

Além disso, o comportamento dos membros (reações e comentários) nas publicações da JASBRA e posterior compartilhamento em outras redes sociais fazem com que a informação sobre Jane Austen, produzida pelo grupo, circule em outras redes, alcançando um número maior de pessoas. Por sua vez, as conexões do tipo emergentes possibilitam o apoio quando os membros publicam suas dúvidas, gerando, assim, o suporte social. Esse suporte também favorece a legitimação da presença e identidade da JASBRA, levando em consideração que o grupo pode ser tomado como referencial para aprendizagem sobre a escritora inglesa, o que gera maior visibilidade da comunidade. Por fim, é por meio das interações entre os usuários que ocorre a *clusterização* entre os atores (RECUERO, 2012b) - palavra de origem inglesa que significa aglomeração, permitindo maior proximidade. Ainda segundo essa autora, nas redes *clusterizadas*, o grupo acaba por receber acesso a melhores recursos, com possibilidade de circulação de tais recursos.

Quanto à produção de conhecimento gerada pelo grupo, ele se assemelha à inteligência colaborativa proposta por Rheingold (2012). Levando em consideração que a JASBRA é composta por pessoas de diversas formações e profissões, as habilidades e conhecimento dos membros são organizados de tal maneira, que podem ser usados em benefício da coletividade, isto é, o conhecimento de cada integrante do grupo produz publicações que podem ser úteis aos demais membros. Sendo assim, a inteligência coletiva, como proposta por Rheingold (2012) pode ser reunida pelas mediações das redes sociais e o laço social é construído e fortificado pelo saber, não apenas acadêmico, mas aquele que ultrapassa as fronteiras da sala de aula, como é o exemplo da comunidade da JASBRA.

O **capital social** é o fruto da relação e dos laços sociais entre as pessoas (RECUERO, 2009b) e, por esse motivo, as publicações do grupo da JASBRA favorecem a construção do conhecimento em torno da escritora Jane Austen. A formação e a manutenção desse capital social são mantidas por meio de publicações e interações entre os membros da comunidade. Além disso, o fato de pertencerem a um grupo como a JASBRA, possibilita vantagens que podem ser apropriadas pelo grupo e/ou pelos atores (membros) (RECUERO, 2012b). Percebe-se que vantagens como aquisição do conhecimento, interação e diversão, proporcionados aos membros do grupo da JASBRA são diferenciadas, pois se trata de um grupo de fãs com produções que emergem baseadas, principalmente, nas preferências dos membros.

Como em toda **comunidade de prática**, o conceito de aprendizagem é o elemento central da comunidade da JASBRA. Para que a comunidade possa existir, inicialmente foi necessário o interesse em participar de um grupo de fãs da escritora, porém, a aprendizagem

só ocorre a partir da competência e da experiência dos membros em escrever publicações que, facilitadas pela interação, promovem aprendizagem. Os membros colaboram, de maneira espontânea, sem a necessidade de criação de um cronograma de publicações e de modo que não exige muito trabalho dos moderadores. Assim, os membros se auto-organizam, selecionam material que desejam compartilhar com os demais ou escrevem publicações cujo objetivo é informativo. Além do perfil oficial que administra, modera o grupo e contribui com inúmeras publicações na comunidade, existem membros (lideranças) da comunidade que se revezam, de maneira espontânea, em publicar conteúdos que podem ser de interesse dos demais.

Nesse sentido, as **lideranças internas que emergem** na comunidade da JASBRA assumem diferentes formas, de acordo com Wenger (1998, p. 7): 1) A **liderança inspiradora** representada pelos membros que possuem formação em literatura e fazem publicações de tópicos mais formais ou relacionados à academia. 2) a **liderança do dia-a-dia** promovida por aqueles que fazem publicações constantes e ajudam a manter as novidades sempre atualizadas. 3) A **liderança classificatória**, cujos membros são responsáveis por coletar e organizar informações de modo a documentar as práticas do grupo. Normalmente são os membros que escrevem em *blogs* ou outras redes sociais, organizando o conhecimento em torno da escritora em ambientes virtuais específicos. 4) A **liderança interpessoal**, cujos participantes são responsáveis por manter a teia social do grupo, ou seja, aqueles que ajudam a manter um envolvimento maior entre os membros, promovendo encontros presenciais, por exemplo. 5) A **liderança de fronteira**, representada pelos membros que mantêm contato com outras comunidades ligadas à Jane Austen e fazem uma espécie de intercâmbio de informações, divulgando o que é publicado em outras comunidades ou replicando conteúdos originados na comunidade da JASBRA. 6) A **liderança institucional**, representada pelos membros da JASBRA que mantêm relação direta com outras JAS (*Jane Austen Societies*) ao redor do mundo e são responsáveis diretos pelas publicações da JASBRA. 7) A **liderança inovadora**, cujos membros são responsáveis pelas ideias originais do grupo, como a criação de *memes*, por exemplo.

Segundo Wenger (1998), o conhecimento é criado, distribuído, organizado, revisado e passado adiante entre as comunidades de prática. Ao se envolverem em atividades, os membros ativos normalmente realizam atividades típicas como: envolvimento em atividades conjuntas, criação de artefatos, adaptação às circunstâncias que mudam frequentemente, renovação do interesse, comprometimento e relacionamentos. O autor afirma, ainda, que todas

as comunidades de prática produzem seus próprios artefatos, tais como: ferramentas, histórias, símbolos, documentos e *websites*, por exemplo. No caso específico da JASBRA, a comunidade produz artefatos diversos, entre eles gêneros diversificados como: artigos, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado, resenhas literárias, discussões temáticas sobre os livros, produção de *memes*, *fanarts*, *fanfictions*, debates, publicidade variadas, entre outros. Na seção 6.5 serão apresentados exemplos dos gêneros produzidos pelos membros do grupo.

Após a apresentação e a análise da comunidade da JASBRA como rede social de Internet, cujas características se encaixam nas comunidades de práticas, apresento, a seguir, a análise dos dados à luz dos sistemas adaptativos para compreender o fenômeno pesquisado e responder às perguntas desta pesquisa.

6.3 A comunidade da JASBRA como um sistema adaptativo complexo

Com o objetivo de responder a primeira pergunta desta pesquisa, nesta seção traz-se à tona uma compreensão acerca de aspectos das interações na comunidade da JASBRA. Essa análise permite caracterizá-la como um SAC, cujo ambiente de interação influencia e é influenciado pelos demais membros do grupo. O referencial teórico que serviu de embasamento para esta análise foram os estudos de Paiva (2011), Holland (1995), Larsen-Freeman (1997), Larsen-Freeman e Cameron (2008) e Wenger (2009, 2012).

O grupo da JASBRA no *Facebook* pode ser visto como uma rede social complexa, pois seus membros agem e reagem de maneira imprevisível e são suscetíveis às diversas condições e aos *feedbacks* que ocorrem entre os participantes, tornando-o um ambiente auto-organizado e adaptativo. Diante da multiplicidade de ferramentas que os integrantes desse grupo utilizam para se comunicarem e discutirem a obra de Jane Austen é possível, também, identificar os efeitos que surgem dessas interações. Além disso, é uma rede social emergente, capaz de impactar sua estrutura, constantemente construída e reconstruída por meio das trocas sociais, que funciona como um sistema de aprendizagem social, isto é, decorrem da aprendizagem e exibem características dos SACs. Esses dados serão discutidos de maneira detalhada nas próximas páginas.

A identidade com o grupo e o que ele produz se torna crucial para um sistema de aprendizagem social, uma vez que as identidades combinam competência e experiência de modo a produzir conhecimento a respeito da escritora Jane Austen. Assim, a identidade

também se torna um sistema (WENGER, 2012), caracterizado por: 1) **identidade como trajetória**, cujas memórias, competências, histórias e relações dos membros enriquecem o grupo, agregam conhecimento e possibilitam a aprendizagem; 2) **identidade como uma ligação de multi associação**, que é um reflexo dos inúmeros locais de identificação que a constituem; 3) a **identidade como multi nível**, cuja combinação entre engajamento, imaginação e alinhamento formam inúmeros níveis de escala que entram na constituição da identidade. No caso da comunidade da JASBRA, a identidade multi nível é caracterizada pela participação e engajamento coletivo, que produz artefatos¹¹⁵ como os diversos gêneros do discurso produzidos no ambiente pesquisado; a imagem dos próprios membros (imaginação), isto é, a construção da imagem de si e do grupo; e, por último, o alinhamento de atividades que refletem não só o compromisso de determinados membros do grupo, mas da comunidade em geral.

A combinação de modos de identidade cria camadas ‘fractais’ de identidade, conforme Wenger (2000). Assim, em uma comunidade grande como a da JASBRA, as identidades do grupo são estruturadas em camadas, como um fractal de subcomunidades incorporadas, que podem ser vistas como ‘capítulos’ locais de uma comunidade global. De acordo com Wenger (2000, p. 243), “alguns representantes dessas comunidades locais formam uma comunidade global entre eles, cujo propósito é conectar as subcomunidades locais a uma grande comunidade global”¹¹⁶. Do ponto de vista do conceito de identidades fractais, o grupo da JASBRA funciona como uma reunião de subcomunidades locais, como os fãs de *fanfictions*, seguidores de filmes e séries de televisão, ou acadêmicos, por exemplo, que se conectam uma grande comunidade global constituída pelo fandom digital da escritora.

A comunidade da JASBRA é um **sistema adaptativo complexo**, pois há interações entre os seus membros e elas se modificam com o tempo. Apesar de, em alguns momentos, o grupo passar por uma fase momentânea de aparente estabilidade, mesmo quando não existem publicações ou reações, ele sofre mudanças constantemente. Como as publicações não estão centradas em uma pessoa, todos os membros podem publicar, possibilitando uma participação colaborativa. Quando algumas publicações ou comentários causam surpresa e/ou polêmica, a interação entre os membros acaba influenciando uns aos outros porque as publicações aparecem no topo da página. A Figura 22 é um exemplo de publicação que gera

¹¹⁵ Os artefatos produzidos pelos membros da JASBRA, que se enquadram em gêneros discursivos, serão apresentados na seção 6.5 desta tese.

¹¹⁶ Tradução nossa: “[...] some representatives of these local communities then form a global community among them, whose purpose is to connect the local sub-communities into one large global one.

surpresa/polêmica nos membros da comunidade. Publicada pela administradora Pollyana Coura, a publicação alcançou mais de 74 compartilhamentos, 220 curtidas e 37 comentários. Normalmente, essas publicações relacionadas à novela causam polêmica entre os membros do grupo já que alguns não confiam na capacidade de uma novela brasileira retratar o universo da escritora ou por não concordarem com as escolhas do elenco, por exemplo.

Figura 22 – Exemplo de publicação que gera polêmica na comunidade da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

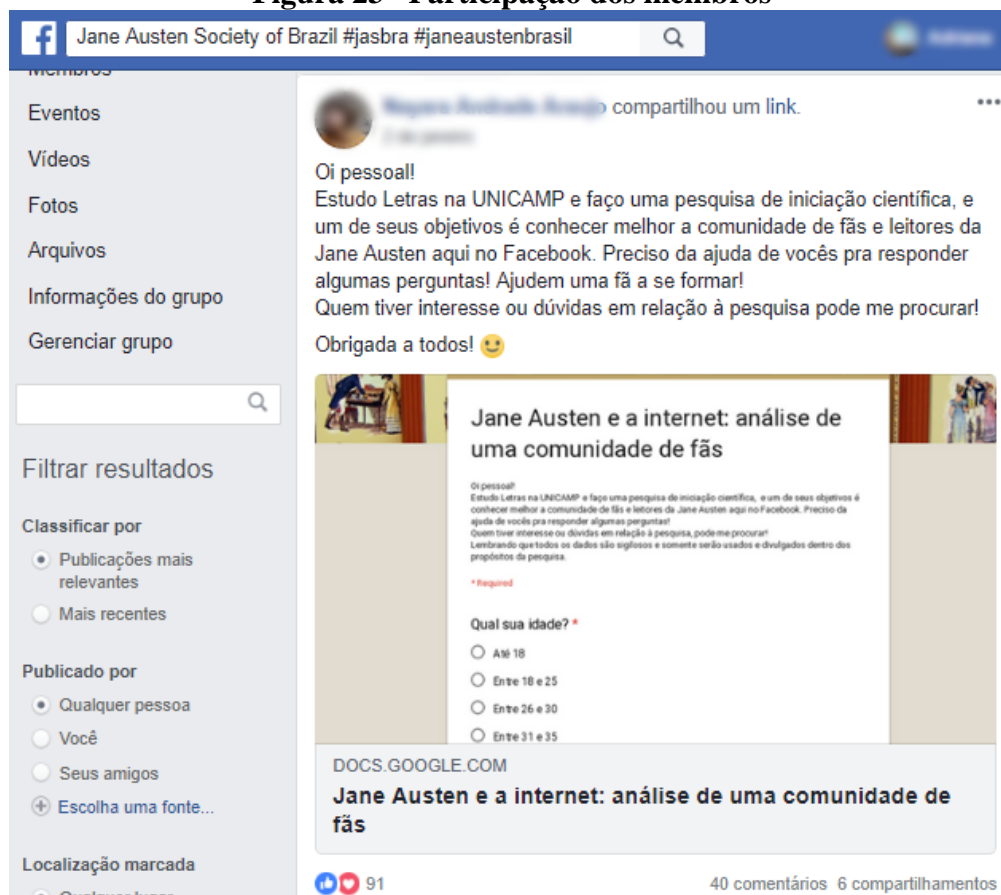
À medida que os comportamentos dos membros sofrem mudanças e adaptações devido às interações entre si, qualquer elemento dentro desse “sistema influencia e é influenciado por outros elementos” (PAIVA, 2011). Essa dinâmica permite o funcionamento do grupo, já que cada membro só consegue interagir com os outros membros, entretanto, ocorrem, de maneira esporádica, publicações que não recebem nenhum tipo de comentário ou reação dos demais membros.

O grupo não segue um padrão linear de comportamento e, já que não existem cronogramas para as participações e limitações quanto à participação, todos podem publicar e utilizar qualquer recurso que desejar (*links*, imagens, vídeos, áudios, etc.). A **não linearidade** é, também, característica dos sistemas adaptativos complexos e faz com que o sistema esteja sujeito à **imprevisibilidade**. Tanto a não linearidade quanto a imprevisibilidade podem ser percebidas neste grupo, ao observarmos as reações às publicações, o modo como essas

informações contribuem para a expansão do conhecimento, e, também, pela participação ativa (publicações, comentários, reações) ou passiva de seus membros.

Na Figura 23, vemos um exemplo de publicação, que, além de promover a interação, os membros contribuíram para uma pesquisa de iniciação científica.

Figura 23– Participação dos membros



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A **imprevisibilidade** pôde ser percebida ao se analisar o comportamento do grupo. Já que não há um cronograma fixo e as ações dos membros não são controladas, não há como fazer uma previsão do que irá acontecer. Um exemplo da imprevisibilidade neste grupo pode ser observado, à medida que publicações formais da JASBRA não recebem tantos comentários e/ou reações quanto às publicações que causam ‘polêmica’ e despertam a participação dos membros. Outro exemplo de pouca interação em um *post* formal da JASBRA pode ser observado na Figura 24, que se refere à segunda edição da revista Literausten. A imprevisibilidade faz com que o grupo reaja de maneiras distintas aos comentários e publicações, fazendo com que a comunidade seja sempre ativa.

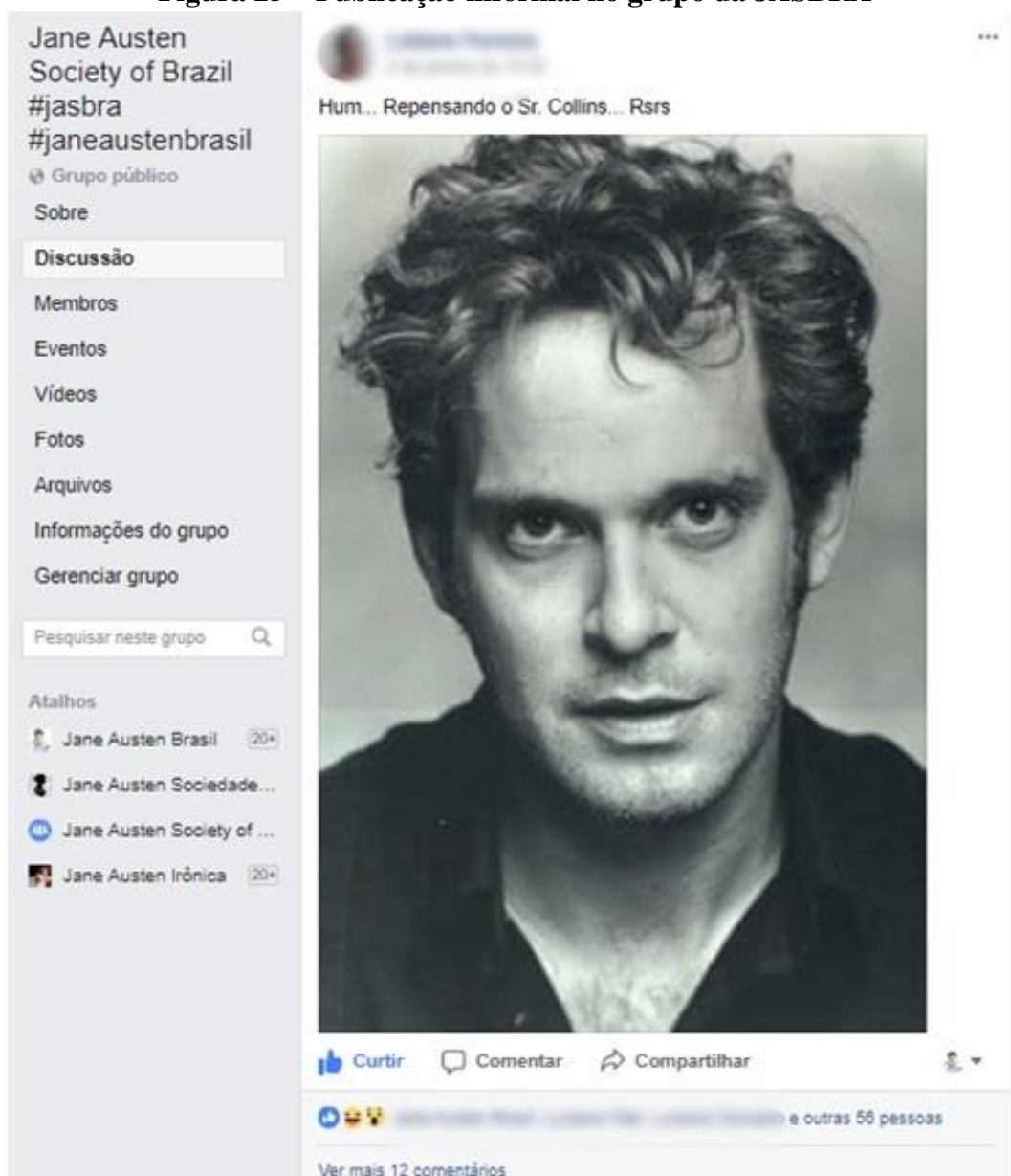
Figura 24 – Publicação da segunda edição Literausten



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Em comparação, outro *post* (Figura 25) tido como informal – a imagem de um ator que interpretou um dos personagens de Jane Austen (Tom Hollander como Mr. Collins, na adaptação para o cinema *Orgulho e Preconceito*, 2005) – recebeu mais reações (59) e comentários (14) que uma publicação formal da JASBRA.

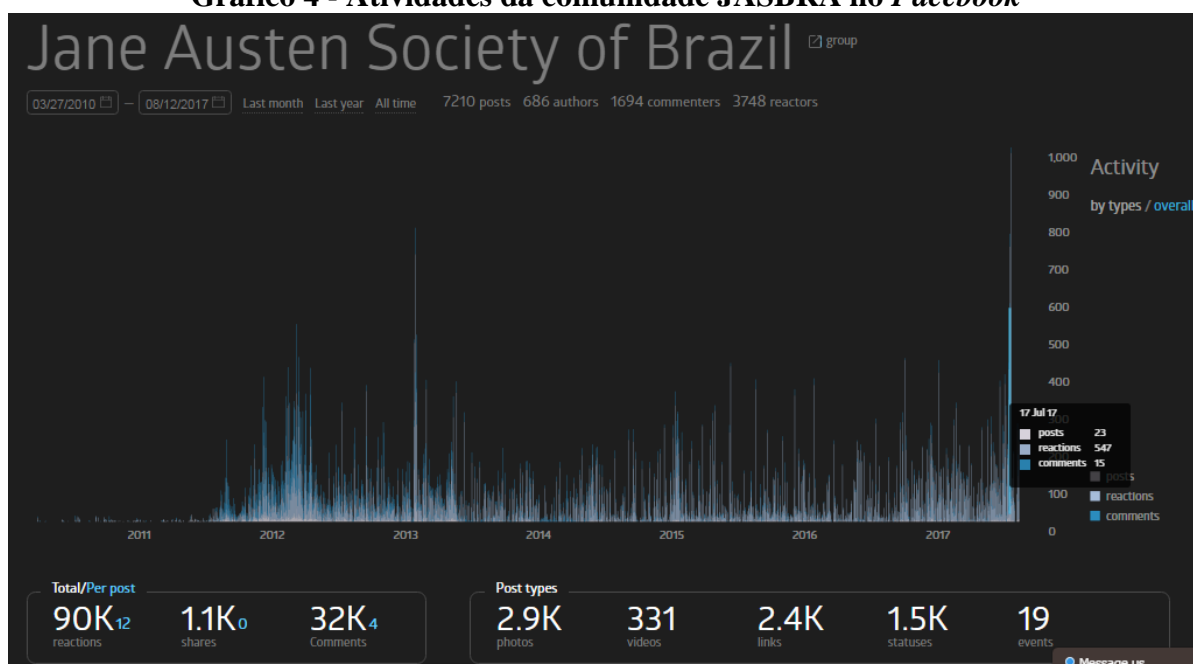
Figura 25 – Publicação informal no grupo da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A partir do levantamento realizado com o *Sociograph*, foi possível localizar a data em que ocorreram mais publicações, reações e comentários. No Gráfico 4, podemos observar um alto índice de interação no grupo no dia 17 de julho de 2017, por exemplo. Por meio do gráfico gerado pelo *Sociograph*, é possível a visualização dos dias com maior ou menor atividade e de detalhes referentes ao número de publicações, reações e comentários.

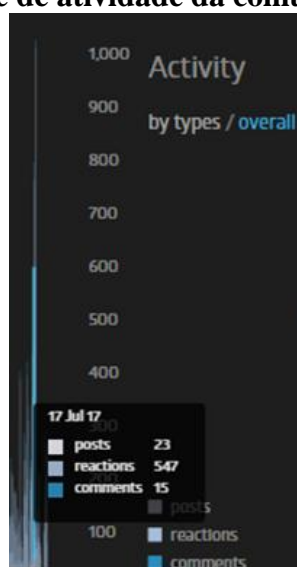
Gráfico 4 - Atividades da comunidade JASBRA no Facebook



Fonte: Dados da autora gerados no *Sociograph*

No caso específico do recorte no dia 17 de julho de 2017 (Figura 26), é possível constatar que num mesmo dia foram publicados 23 *posts*, 15 comentários e 547 reações às publicações. Tamanha interação no grupo pode ser justificada por naquele dia ser véspera do dia de homenagens dos 200 anos de morte de Jane Austen (18 de julho), já que muitas publicações originadas em outros países do outro lado do globo, como Austrália e Paquistão, foram publicadas no dia 17 aqui no Brasil por causa do fuso horário, ou até mesmo antecipação das homenagens em outros países.

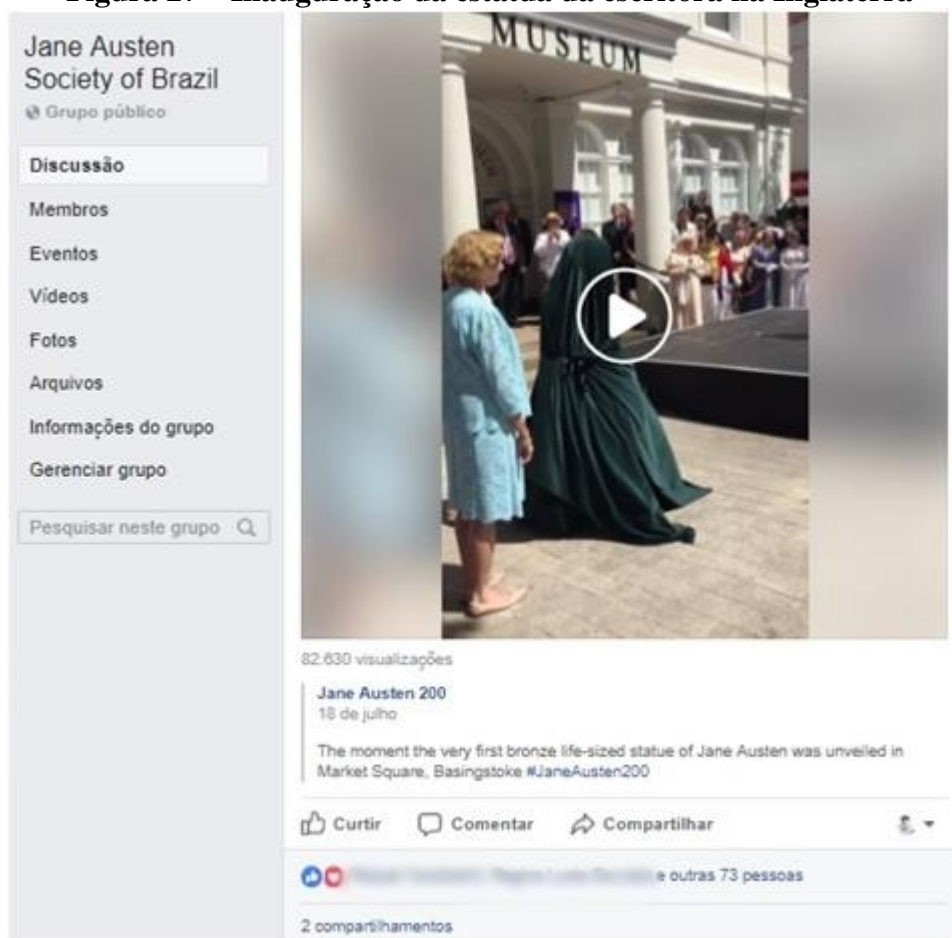
Figura 26 – Detalhe de atividade da comunidade da JASBRA



Fonte: Dados da autora gerados no *Sociograph*

Era de se esperar que, no dia 18 de julho, data da morte da escritora, e as interações no grupo atingissem um número maior de publicações, se comparado aos outros dias do mês. A Figura 27 mostra a publicação a respeito da inauguração da estátua da escritora na Inglaterra. Além desse *post*, outros também foram alvo de muitas reações e comentários, como duas publicações com imagens de itens colecionados pelos fãs e viagens à terra de Austen (189 reações), e a publicação de um vídeo com cenas de *Orgulho e Preconceito* (1995) – fato que sempre desperta a participação dos membros (117 reações).

Figura 27 – Inauguração da estátua da escritora na Inglaterra



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

No dia 21 de julho o grupo teve maior participação devido às inúmeras publicações (33), reações (954) e comentários (15), todos espontâneos. A Figura 28 apresenta uma publicação com repercussão (11 compartilhamentos) para outras comunidades, *fanpages* ou perfis no *Facebook* sobre o lançamento da nota de dez libras com o rosto de Jane Austen estampado na cédula.

Mesmo já tendo passado alguns dias após as homenagens aos 200 anos de morte da escritora (o que aumentou expressivamente o número de publicações nas redes sociais no mundo inteiro), os membros passaram a publicar notícias em português sobre o lançamento da nota de dez libras com o rosto de Austen, conforme pode ser observado na Figura 28. Aqui no Brasil, as notícias em português a respeito do lançamento da nota de 10 libras em homenagem à Austen só foram publicadas alguns dias após a comemoração do bicentenário de morte da escritora.

Figura 28 – Lançamento da nota de dez libras



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

As publicações sobre livros ou características dos personagens são as que costumam ter mais interação, se observarmos o número de reações e comentários. Tais publicações não **são planejadas ou organizadas**, como se fosse um clube de leitura com calendário fixo estipulado pelo grupo; na verdade, são publicações espontâneas e possibilitam um debate a respeito do tópico postado, sem que os moderadores e administradores tenham feito um planejamento prévio. Esse aspecto é um exemplo da **imprevisibilidade** do comportamento dos integrantes deste grupo.

A Figura 29 mostra uma publicação de um dos membros do grupo que gerou muita movimentação no grupo (35 reações, 19 comentários e 1 compartilhamento). Nesse caso, não se trata de uma iniciativa agendada, mas de uma publicação espontânea que gerou uma participação considerável com discussões ricas a respeito da personagem em questão.

Figura 29 - Publicação sobre a interpretação de um personagem



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook¹¹⁷

O grupo também é **sensível às condições iniciais**, uma vez que pequenas mudanças nessas condições geram consequências inesperadas. Entre os assuntos que despertam maior interesse e participação do grupo, estão aqueles relacionados aos livros e aos personagens, além das publicações sobre adaptações para o cinema e a televisão. Entretanto, ao se depararem com novas notícias, os membros do grupo agem e reagem de maneira aleatória, ou seja, suas atitudes possuem consequências inesperadas.

A Figura 30 mostra a publicação sobre a seleção dos atores brasileiros que irão representar Mr. Darcy e Elizabeth Bennet, do livro *Orgulho e Preconceito*, na adaptação para nova novela do horário das 18 horas em 2018, chamada *Orgulho e Paixão*. A publicação foi uma das que recebeu maior número de compartilhamentos (38), reações (294) e comentários (93). O número elevado de participação pode ser explicado pelo fato de muitos membros de Austen concordarem com a escolha dos atores para os papéis de personagens principais da trama, enquanto outros membros não se conformaram com as escolhas da emissora.

¹¹⁷ Publicação originada em 20 de fevereiro e último comentário em 21 de fevereiro.

Figura 30 - Postagem sobre os atores da novela *Orgulho e Paixão*



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Como há uma boa abertura de discussão e publicação de informações, a **sensibilidade a *feedback*** é observada, à medida que algumas publicações recebem mais atenção dos participantes do que outras, e, em alguns casos, as publicações acabam produzindo novos tópicos. O *feedback* dos demais membros acaba funcionando como um regulador do comportamento dos demais, tendo em vista que os participantes respondem de maneiras distintas às publicações e seguem padrões diferentes de comportamento ao iniciarem tópicos sobre assuntos variados, realizarem conexões entre os livros e as adaptações para o cinema ou a televisão, e, até mesmo, ao criarem grupos secundários, para discutirem outros assuntos. Sendo assim, o *feedback* e o contexto oferecem uma grande influência sobre os membros do grupo, já que fazem parte do sistema, e não apenas são um pano de fundo sobre o qual ele ocorre, já que estão interconectados.

Os processos de mudanças que ocorrem no grupo permitem a emergência de novos comportamentos. Essa capacidade de **adaptabilidade** faz com que o grupo seja capaz de

aprender e de se modificar. Um exemplo de adaptabilidade pode ser observado quando membros do grupo sentem a necessidade de criar outras comunidades ou *fanpages* para agregarem conteúdo específico, como foi o caso da criação de uma comunidade no *Facebook* e *site* chamado *Jane Austen Fanfic*¹¹⁸s (Figura 31), com o objetivo de divulgar e armazenar as *fanfics* escritas por integrantes deste grupo específico.

Figura 31 - Página Inicial do Site Jane Austen Fanfics



Fonte: Site Jane Austen Fanfics

Por fim, acrescento que o grupo é um sistema **aberto** que influencia e sofre influência do ambiente externo, ou seja, sofre influência das outras comunidades, *fanpages* e perfis do *Facebook* e também das publicações originadas em outras redes sociais. Como o ambiente é modificado com o tempo e à medida que ocorrem as interações, ele também se auto-organiza.

As cinco características dos sistemas adaptativos complexos, propostas por Holland (1995) também são perceptíveis na comunidade da JASBRA. O grupo possui uma interatividade diária entre os membros, fato que, se relaciona com a primeira característica: o **paralelismo**. As reações, comentários ou compartilhamentos que se enquadram nas **ações condicionadas**. A **modularidade** pode ser observada quando os membros seguem as regras do grupo e agem de maneira semelhante: quer seja pela visita ao grupo, as reações, os comentários, os compartilhamentos, a criação de tópicos para discussão literária, a marcação de encontros presenciais, etc. A **adaptação** e a **evolução** podem ser observadas quando os

¹¹⁸ <<http://www.janeaustenfanfics.com.br/>>

membros criam ou divulgam outras comunidades e *fanpages* relacionadas à escritora no *Facebook* ou outras redes sociais.

O grupo da JASBRA também pode ser classificado quanto aos conceitos básicos, conforme Holland (1995), divididos em duas categorias: propriedades e mecanismos. A **agregação** possibilita aos membros da JASBRA a construção de um ambiente inteligente, que se desenvolve em torno da escritora Jane Austen. Enquanto agregado de fãs, o grupo é mais adaptável e seu comportamento é influenciado pela interação entre seus membros.

Um exemplo de **marcação** é a utilização de *hashtags* que os membros usam para marcar determinado assunto ou a comunidade (Figura 32). Quando desejam enfatizar algo característico da comunidade, utilizam as *hashtags* #jasbra ou #janeaustenbrasil, por exemplo. Quando desejam marcar outras situações específicas, por exemplo: para citar um dos livros usam #orgulhoepreconceito; uma data comemorativa, como as homenagens de 200 anos de morte da escritora, usam #janeausten200; ou, para marcar publicações relacionadas à nova novela, utilizam #orgulhoepaixao.

Figura 32 – Exemplos de uso de *hashtags*



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

São exemplos como esses que dão um destaque à escritora, sua obra e até mesmo à comunidade, que passa a ser reconhecida por meio de *hashtags* específicas, e, que ao serem clicadas, direcionam o usuário às publicações que usaram a mesma marcação. Fora do

Facebook, a marcação por meio de *hashtags* é bastante comum, como no caso do *Instagram*, *Twitter* ou *blogs*.

Como o grupo não é apenas uma soma de membros, mas o resultado das interações entre eles, o que é gerado dentro da comunidade representa a **não linearidade**, levando-se em consideração que são as interações a respeito da escritora que contam para a construção de um produto mais sofisticado, ou seja, a construção do conhecimento.

O **fluxo**, representado por uma rede de nós (membros) e ligações (interações possíveis), é observável nas trocas entre os participantes do grupo. Entretanto, o fluxo não é um processo fixo, ele sofre alterações porque é influenciado essencialmente pela interação entre os membros do grupo da JASBRA, ou seja, os nós e as ligações podem permanecer por um bom período de tempo, assim como podem deixar de existir, à medida que se adaptam ou não à auto-organização do ambiente.

Um exemplo de nós e ligações que resistem ao tempo, são passíveis de serem percebidos por meio dos membros que estão no grupo desde a fundação da comunidade e que mantêm entre si ligações geradas por suas interações. Entretanto, existem também aqueles membros que já fizeram parte do grupo e mantiveram as ligações com os outros membros, mas que hoje não estão mais presentes no sistema.

As propriedades dos fluxos citadas por Holland (1995) se dividem em **efeito multiplicativo** e **efeito de reciclagem**. O grupo apresenta o efeito multiplicativo, ou seja, quanto maior a interação entre os membros da JASBRA, maior serão os efeitos proporcionados. São exemplos do efeito multiplicativo, as publicações que geram muitos comentários ou reações, ou aquelas que geram compartilhamentos para outros perfis no *Facebook* ou fora dele. O efeito de reciclagem favorece a adaptação do grupo, ou seja, as experiências ou o conhecimento adquirido no grupo permitem aos seus membros o poder de acrescentar informações e notícias sobre a escritora e a adaptação ao meio, quando são necessárias mudanças (criação de outros grupos) ou atitudes (responder aos tópicos espontaneamente).

As inúmeras adaptações do grupo são influenciadas constantemente pelas interações entre seus membros, proporcionando a diversidade da comunidade da JASBRA. Assim, à medida que um participante inicia um tópico para discussão ou realiza uma publicação, ele está favorecendo oportunidades para novas interações.

Os **modelos internos** são mecanismos de previsão ou antecipação de situações. São exemplos de previsão as interações realizadas com o propósito de concretizar um objetivo.

Um exemplo de previsão é uma publicação na qual o autor deseja um resultado específico quando há uma enquete no grupo, por exemplo. A Figura 33 mostra a pergunta (enquete) de um dos moderadores aos demais membros do grupo.

Figura 33 – Exemplo de enquete na comunidade da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Um exemplo de antecipação é quando um membro faz uma publicação e já insere suas opiniões sobre o assunto. Na Figura 34, podemos observar uma publicação já com a opinião do autor. Normalmente esse tipo de publicação recebe reações e comentários diversificados, favorecendo inúmeras alternativas de resposta dos demais membros.

Figura 34 – Exemplo de antecipação de opinião



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Por fim, os **blocos constituintes** possuem grande variedade de combinações, tendo em vista que as situações não se repetem, já que o grupo está em constante mudança, ou seja, um *post* publicado em um dia pode ser replicado posteriormente e sofrer reações e ou comentários diversificados, não existindo uma única forma de comportamento entre os membros, mesmo porque em um determinado dia os membros podem ser mais participativos do que em outros dias.

Após a análise do grupo como um sistema adaptativo complexo, na próxima seção é feita a análise e a discussão das emergências da comunidade da JASBRA, tomando como embasamento a teoria das emergências (JOHNSON, 2003) e, também, condições necessárias para a emergência complexa (DAVIS; SUMARA, 2006).

6.4 Emergências da comunidade JASBRA

Esta seção teve como propósito responder a segunda pergunta de pesquisa que se concentrou em analisar quais são os comportamentos emergentes dos participantes do sistema adaptativo JASBRA. A comunidade é considerada uma rede social emergente levando em consideração que, por meio das apropriações realizadas pelas pessoas no *Facebook* são

construídas as dinâmicas coletivas dos membros, contribuindo para propagação de informações no espaço digital. Por se tratar de uma rede, cujos indivíduos podem influenciar uns aos outros, este grupo também interfere na circulação das informações à medida que as publicações podem ser replicadas em outros perfis ou grupos dentro e fora do *Facebook*. Diante disso, retomo as cinco condições iniciais para que a emergência ocorra em um sistema adaptativo complexo (DAVIS E SUMARA; 2006): diversidade interna, redundância, interações entre vizinhos, controle descentralizado e restrições possibilitadoras. Parto delas para apresentar uma discussão dessas cinco condições de emergência complexa nos próximos parágrafos com exemplos provenientes do grupo pesquisado.

No grupo da JASBRA, a **diversidade interna** está relacionada à qualidade e diversificação das interações. Os participantes interagem, contribuindo de diversas maneiras para a permanência do grupo. Enquanto alguns são motivados a publicar, outros sentem interesse em curtir e/ou comentar. A qualidade das interações pode ser analisada quando são publicadas informações que causam um interesse maior dos membros e consequente aumento de comentários e/ou reações. Também é consequência da diversidade interna a adequação de publicações de acordo com as necessidades dos membros, isto é, a busca de informações mais atualizadas sobre livros, traduções, adaptações cinematográficas, etc.

A Figura 35 apresenta um tipo de publicação que normalmente desperta interesse nos membros: *memes* envolvendo os personagens ou atores/atrizes que interpretaram as obras de Jane Austen. Nessa publicação, houve uma participação expressiva (236 reações, 16 comentários e 4 compartilhamentos para outros espaços dentro do *Facebook* - perfis, *fanpages* ou outras comunidades).

Figura 35 – Exemplo de publicação com *memes*



Fonte: Comunidade JASBRA no *Facebook*

A Figura 36 é outro exemplo de publicação que desperta interesse dos membros do grupo: a adaptação brasileira de vários livros de Jane Austen no formato novela, exibida pela Rede Globo de Televisão. Por se tratar de um assunto polêmico, ou seja, a escolha de atores brasileiros que façam um bom trabalho de interpretação dos personagens de Austen, esse tipo de publicação costuma gerar mais participação dos membros, aumentando o número de reações (118), comentários (38) e compartilhamentos (5).

Figura 36 – Exemplo de publicação sobre a novela da Rede Globo



Fonte: Comunidade JASBRA no *Facebook*

A **redundância** pode ser observada na contribuição que os membros fazem ao compartilharem seus conhecimentos que passam a ficar disponíveis para o grupo. Como a redundância pressupõe que haja uma espécie de compensação, os membros deste grupo acabam suprimindo as falhas e suprindo necessidades dos outros. Um exemplo desse tipo de compensação são as postagens solicitando informações sobre viagens para a terra da escritora. Geralmente são publicações que recebem muitos comentários e, mesmo que uma pessoa não tenha ido à Inglaterra, conhece alguém que já esteve lá e acaba sinalizando, por meio de arroba, esse amigo para dar dicas de viagens para o autor da publicação.

A partir do que foi publicado sobre as viagens à Inglaterra na comunidade e no *blog* da JASBRA e também por meio de pesquisas realizadas na Internet, Raquel Mathias, membro do

grupo, providenciou um guia de visitação das três principais cidades onde Jane Austen viveu: Bath, Chawton e Winchester (figura 37). Esse tipo de produção, feita por uma fã, favoreceu as visitas à Inglaterra uma vez que foi escrito em língua portuguesa e fortaleceu a afirmação de que o grupo da JASBRA produz conhecimento que pode ser distribuído e replicado nas redes sociais.

Figura 37 – Guia de Visitação produzido por Raquel Mathias

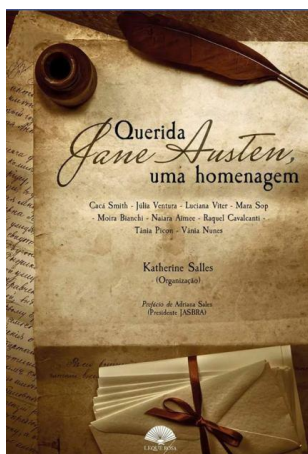


Fonte: *Blog da JASBRA*¹¹⁹

A diversidade interna e a redundância contribuem para garantir a ‘inteligência’ do sistema, possibilitando novos desdobramentos e novas possibilidades (BRAGA; SOUZA, 2016). Os desdobramentos e possibilidades de interação neste grupo são observados no que é publicado e no modo como os demais membros reagem às publicações. Enquanto espaço que vai além da publicação e da discussão de assuntos relacionados à escritora, é possível identificar vários desdobramentos no grupo da JASBRA. Entre eles, cito como exemplo o gosto em comum por *fanfics*, que levou à reunião de membros e a escrita de livros em parceria. Fato este que pode ser observado na publicação de um livro em homenagem aos 200 anos de morte da escritora reunindo cinco contos, dois artigos e um prefácio – todas as pessoas envolvidas nesta produção se conheceram na comunidade, posteriormente se tornaram ‘amigas’ e finalmente realizaram o desejo de escrever histórias inspiradas nas obras de Austen. Esse livro se chama *Querida Jane Austen – uma homenagem*, organizado por Katherine Salles (Figura 38).

Figura 38 – Capa do livro ‘Querida Jane Austen’

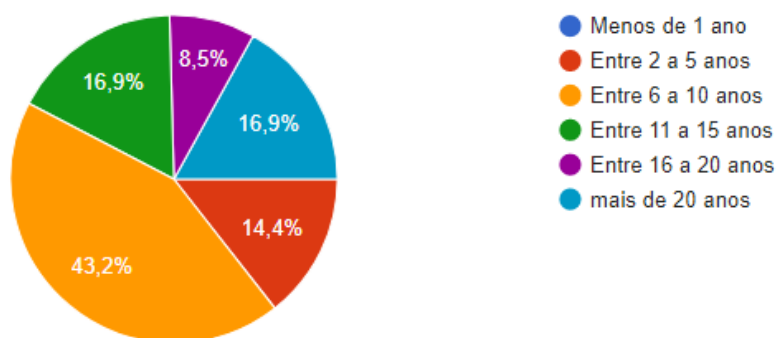
¹¹⁹ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2011/05/24/passeios-para-os-leitores-de-jane-austen/>>



Fonte: Blog da JASBRA

Um exemplo dessa diversidade de experiências e compartilhamento de informações pode ser observado no recorte feito no grupo a partir da pesquisa voluntária entre os membros da comunidade da JASBRA (123 respondentes). No Gráfico 5, observa-se que há uma predominância de pessoas (43,2%) que se consideram fãs da escritora há. Ainda há os fãs mais antigos (mais de 20 anos) que representam 16,9% do grupo respondente e não houve resposta para os fãs com menos de 1 ano de interesse pela escritora e suas obras.

Gráfico 5 – São fãs de Jane Austen há quanto tempo?
Tempo que é fã de Jane Austen

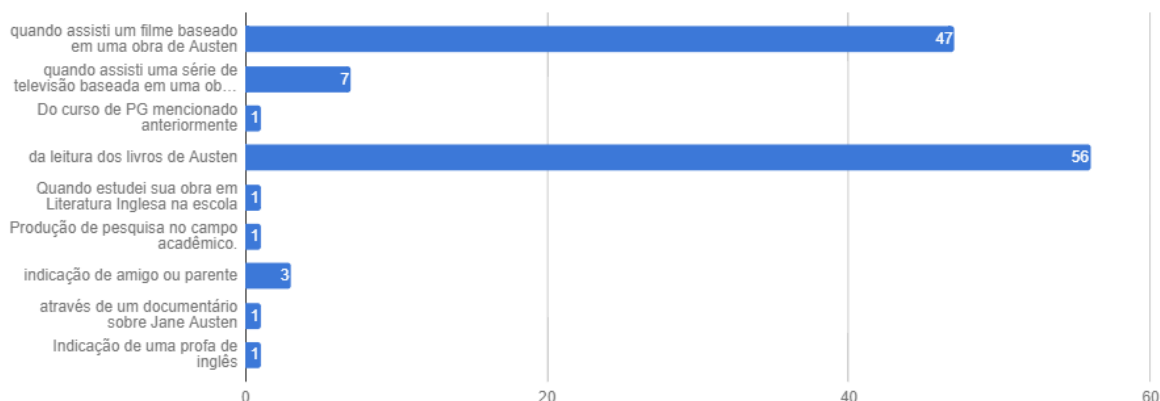


Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Entre os motivos pelos quais os membros passaram a se interessar pela escritora e suas obras (Gráfico 6), em sua grande maioria ocorreu a partir da leitura dos livros de Jane Austen (56%) e de terem assistido a um filme baseado na obra da escritora (47%). Entretanto, há fãs que foram apresentados à Austen em contexto escolar/acadêmico ou seus amigos e parentes lhes indicaram os livros da escritora.

Gráfico 6 – Interesse por Jane Austen e suas obras

Como se interessou por Jane Austen e suas obras a partir:



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

As **interações entre vizinhos** neste caso, entre os membros do grupo, são essenciais para que possam emergir comportamentos. Sem interação entre os participantes não é possível que o sistema contribua para o surgimento de novos comportamentos. À medida que os membros interagem entre si, surgem novas publicações e a participação aumenta, gerando mais comentários, reações e/ou compartilhamentos.

O **controle descentralizado** é marcado pela dispersão de controle, os membros desta comunidade se auto-organizam, isto é, se organizam de forma autônoma, sem receberem instruções de uma ordem superior, proporcionando ao sistema que ele seja capaz de se adaptar e aprender. Como não há um cronograma de discussões ou prazos estipulados para a leitura dos livros, o grupo funciona como uma espécie de café literário aberto 24 horas por dia, para que as pessoas possam publicar suas contribuições ou fazer perguntas ao grupo. Neste sentido, o grupo agrega pessoas que estão em fases diferentes de leituras dos livros e compreensão do universo da escritora. Sendo comum a chegada de ‘novos’ fãs de Austen convivendo virtualmente com outros fãs que já conhecem Austen há décadas.

Por fim, as **restrições possibilitadoras** estão relacionadas às condições do sistema que determinam a aleatoriedade e a coerência, são elas que determinam o equilíbrio e a manutenção do foco ou propósito do sistema (BRAGA; SOUZA; 2016). No caso da comunidade da JASBRA, o sistema é governado por alguns critérios de participação, mas as regras determinam apenas as fronteiras da atividade, não impondo limites às possibilidades de interações. A Figura 39 mostra o que está pré-estabelecido na comunidade, demonstrando que existem regras mínimas a serem obedecidas, porém, as publicações são liberadas de censura, com restrições apenas às relacionadas ao *download* ilegal de livros, filmes e séries de televisão.

Figura 39 – Regras da Comunidade da JASBRA



Jane Austen Society of Brazil
#jasbra
#janeaubrasil

Grupo público

Sobre

Discussão

Membros

Eventos

Vídeos

Fotos

Arquivos

Informações do grupo

Gerenciar grupo

Pesquisar neste grupo

Atalhos

- Jane Austen Brasil (20+)
- Jane Austen Sociedade...
- Jane Austen Society of ...
- Jane Austen Irônica (20+)

Descrição

Este grupo foi criado para discutir Jane Austen, seus livros e assuntos afins. www.janeaubrasil.com.br #janeaubrasil #jasbra

Entretanto, os membros deste grupo não são todos membros da Sociedade Jane Austen do Brasil (www.jasbra.com.br).

Qualquer dúvida entre em contato conosco: jasbra@jasbra.com.br

- 1) As discussões mais aprofundadas sobre os livros e filmes podem e devem ser feitas aqui, porém há o fórum da JASBRA para que possamos ter mais liberdade e receber os alertas sobre as discussões que temos interesse.
Para entrar no fórum clique aqui: <http://jasbra.forumbrasil.net/>
REGRAS DO FÓRUM: <http://jasbra.forumbrasil.net/f14-regras-do-forum>
- 2) É importante mencionar que o foco do grupo é noticiar eventos relacionados à JASBRA e Jane Austen. Portanto, não é possível que os membros façam posts repetitivos. Para evitar um post repetitivo é necessário que o membro vá até o topo da página e digite no campo de busca para saber se o assunto/tópico/link já foi mencionado anteriormente.
- 3) Muitos usuários não tem tempo de acessar o grupo todos os dias, por isso é necessário que as informações mais importantes, como avisos e datas de encontros estejam sempre em destaque.
- 4) Não divulgamos links de filmes e livros piratas.

Contamos com a compreensão de todos!

Equipe JASBRA

jasbra@jasbra.com.br

ATENÇÃO - Após alguns pedidos, venho pedir à vocês que evitem colocar spams no grupo. Usando a fala de uma das solicitantes: o grupo não é um diário pessoal onde colocamos todas as nossas impressões e curtidas que clicamos por aí. Muita gente aqui não entra com frequência e fica sem ler as atualizações importantes da sociedade porque há uma enxurrada de posts aleatórios sobre coisas que às vezes não estão diretamente relacionadas à Austen.

Obrigada pela compreensão!
Equipe JASBRA

Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A **emergência** no grupo pesquisado ocorre sempre de maneira aleatória, não dependendo de um comportamento controlado ou planejado pelos membros. As publicações e discussões que emergem na comunidade são um processo contínuo, não existindo um ponto de destino, isto é, estão em constante mudança e não obedecem a algum critério ou objetivo a ser alcançado. Desta forma, as possibilidades de emergência são infinitas e atendem exclusivamente aos interesses do grupo.

Como principais emergências ocorridas neste grupo da JASBRA destacam-se o surgimento de novos comportamentos, caracterizados por laços de retroalimentação. Um comportamento macro que é observável nesta comunidade são as inúmeras publicações repetidas que ocorrem no grupo. Muitas vezes, com a intenção de publicar uma notícia, o membro não visualiza de imediato uma publicação e assim publica o mesmo assunto. Sendo assim, entendo que o interesse é acrescentar informações para a comunidade, mas acabam repetindo publicações que já não são inéditas. A Figura 40 mostra um exemplo de duplicação de publicações, neste caso foi o anúncio de uma promoção de livros que foi publicada pela autora dos livros e posteriormente pela administradora do grupo, ambas no mesmo dia.

Figura 40 – Publicações repetidas



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Entretanto, existem publicações duplicadas que por tratarem do mesmo assunto, mas em línguas diferentes, são aceitas normalmente no grupo. A Figura 41 mostra a imagem de uma publicação original em inglês, feita por um integrante do grupo e uma imagem de uma publicação traduzida para o português, ambas sobre o mesmo conteúdo.

Figura 41 – Publicações duplicadas em línguas diferentes



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

A partir das condições de emergência descritas ao longo desta seção, das minhas observações do grupo e das contribuições dos participantes da pesquisa, foi possível perceber

emergências provenientes da comunidade que chamam a atenção por serem gêneros que foram criados a partir da interação entre os membros. Com o objetivo de apresentação dessas emergências específicas do grupo, a próxima subseção se ocupa em discutir os gêneros discursivos emergentes na comunidade da JASBRA.

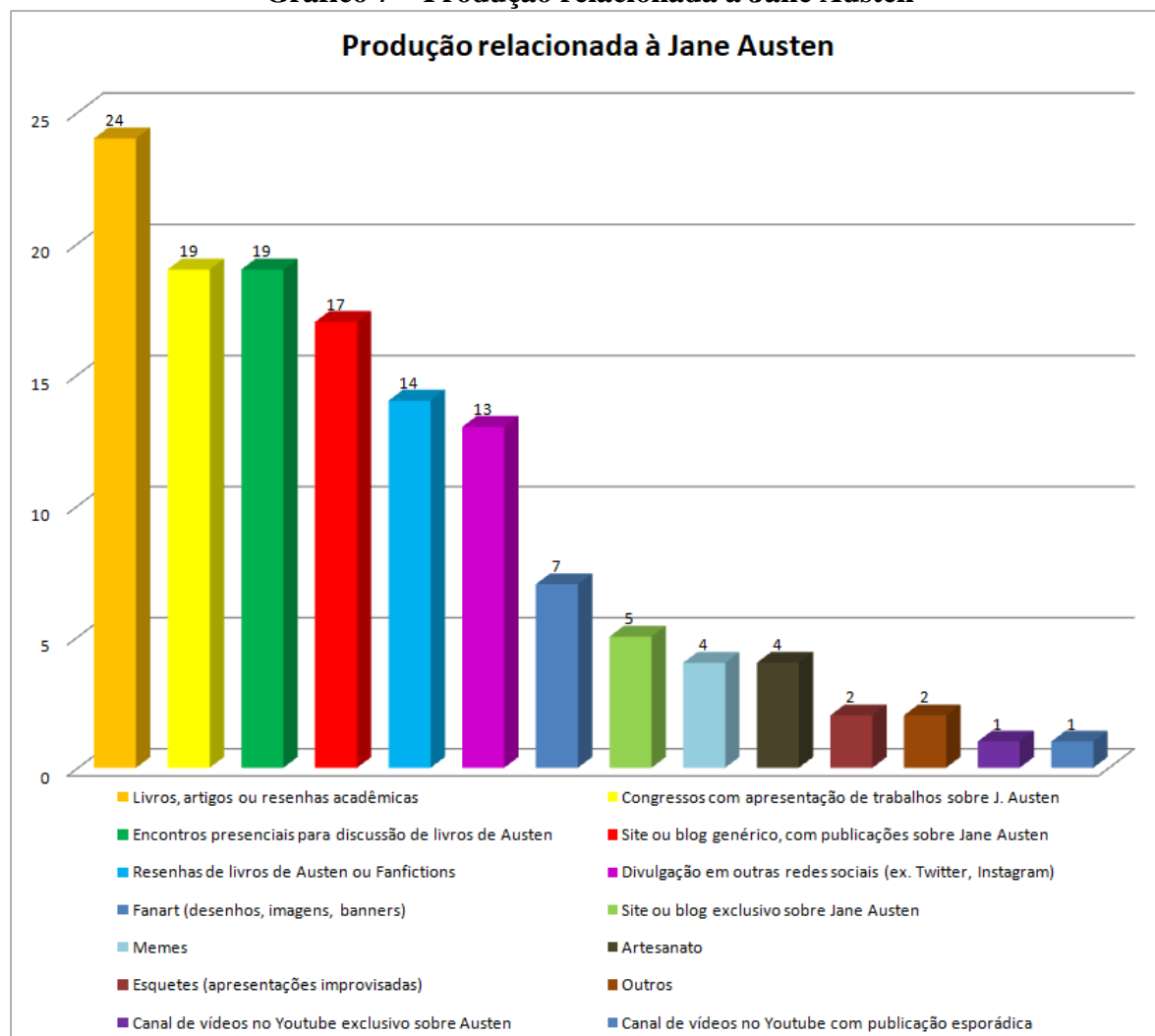
6.5 Os gêneros que emergem na comunidade da JASBRA

Esta seção objetivou responder a terceira pergunta desta pesquisa: quais são os gêneros que emergem da interação do SAC JASBRA? De modo geral, pode-se afirmar que a partir das interações no grupo da JASBRA emergiram gêneros do discurso variados, produzidos pelos membros da comunidade.

Esta seção está subdividida em cinco partes: levantamento dos gêneros produzidos pelos membros da JASBRA, descrevendo e analisando de modo mais generalizado as produções, porém, que tiveram origem em outros formatos, como o impresso ou transposição para a Internet (subseção 6.5.1); apresentação de outras emergências da comunidade (6.5.2); análise dos gêneros emergentes na comunidade da JASBRA no *Facebook*, selecionados para análise: *memes* (6.5.3), publicidade (6.5.4) e tópicos de discussão (6.5.5). Os dados coletados nesta pesquisa são provenientes das minhas observações das interações entre os membros do grupo e do questionário, que foi muito útil para fazer esse levantamento com os próprios membros. Por meio do questionário foi possível detectar que 40,7% dos respondentes (do total de 50 pessoas) são responsáveis pela produção de algo que está relacionado à Jane Austen.

Desses 50 respondentes que afirmaram produzir algo relacionado à escritora, as principais contribuições podem ser sintetizadas da seguinte maneira (Gráfico 7): (48%) escrita de livros, artigos, traduções ou resenhas acadêmicas, (38%) participação em congressos com apresentação de trabalhos relacionados à escritora, (38%) participação e/ou organização de encontros presenciais para a discussão dos livros de Austen, (34%) escrita em *blogs* sobre literatura onde são feitas publicações esporádicas sobre a escritora e suas obras, (28%) resenhas de livros de Austen ou *fanfictions*, (26%) divulgação sobre Jane Austen em outras redes sociais (ex. *Twitter* e *Instagram*), (14%) produção de *fanarts* (desenhos, imagens, *banners*) e (10%) escrita em *blog* dedicado exclusivamente à Austen. Há também membros que produzem vídeos para canais no *Youtube*, produzem *memes*, improvisam encenações teatrais e artesanato, e concedem entrevistas para canais de televisão ou rádios.

Gráfico 7 – Produção relacionada à Jane Austen



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

A partir da análise dos gêneros produzidos pelos membros que fizeram parte da amostragem, foi possível observar aqueles gêneros do discurso comuns, ou seja, aqueles que estão presentes no dia-a-dia acadêmico, como os livros, traduções, artigos acadêmicos, apresentações de trabalho, discussões presenciais sobre livros e encenações teatrais, as publicações em *blogs*, no *Twitter* ou *Instagram*, os vídeos no *Youtube*, as *fanarts*, as *fanfictions* e os *memes*, para citar alguns exemplos.

Apesar dos inúmeros gêneros produzidos pelos membros da JASBRA, na análise considerei apenas os gêneros emergentes na comunidade no *Facebook*. Como afirma Miller (2009, p. 41) “os gêneros mudam, evoluem e se deterioram; o número de gêneros correntes em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade da sociedade”. Assim, a título de classificação, optei por dividir os gêneros que emergiram no

grupo da JASBRA em duas categorias: a) gêneros produzidos em ambientes diversos: artigos, livros, resenhas, vídeos no *Youtube*, *publicações no Instagram ou Twitter*, etc. (subseções 6.5.1 e 6.5.2); b) gêneros emergentes na comunidade da JASBRA no *Facebook*, como os *memes*, publicidade de livros e tópicos de discussões (subseções 6.5.3, 6.5.4 e 6.5.5, respectivamente).

6.5.1 Gêneros diversos produzidos pelos membros da JASBRA

Os Quadros 2 a 6 apresentam um levantamento dos gêneros produzidos pelos membros da JASBRA, porém não pertencem ao grupo de gêneros emergentes na comunidade do *Facebook*, isto é, aqueles que são foco de análise desta tese. Esses quadros apresentam uma síntese das produções desse grupo, porém, não foi possível fazer um levantamento exaustivo já que apenas uma parte da comunidade respondeu ao questionário e a divulgação desses dados na comunidade não é feita de maneira sistemática. Entretanto, os dados obtidos já são relevantes para uma percepção do que o grupo produz em relação a gêneros.

Quadro 2 - Gêneros Produzidos pelos membros da JASBRA

Traduções de livros
<ul style="list-style-type: none"> • Lady Susan (Jane Austen) Tradução de Savalla (2014). • Uma Memória de Jane Austen (James E. Austen-Leigh) Tradução de Savalla (2014). • Emma (Jane Austen) tradução de Zardini (2012). • Razão e Sensibilidade (Jane Austen) Tradução de Zardini (2010). • Mansfield Park (Jane Austen) Tradução de Zardini (2009).
Capítulo de livro
<ul style="list-style-type: none"> • 1 Capítulo de livro ‘Jane Austen, escritora conservadora ou liberal?’ escrito por Zardini (2014).
Publicações em periódicos ou anais de congressos
<ul style="list-style-type: none"> • 8 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Biajoli: <ul style="list-style-type: none"> - A tela sobrepõe o papel: O seriado Orgulho e Preconceito e o surgimento da Austenmania (2017a). - Jane Austen, Heroína: Looking for Love (2017b). - Pride and Prejudice and Zombies: Jane Austen Consumed by her Popularity (2016a). - Jane Austen Heroína - A transformação da autora em personagem de seus próprios romances (2016b). - A quem pertence Jane Austen? Um século de disputa entre o cânone e o popular (2016c). - Adaptações Literárias Contemporâneas de Orgulho e Preconceito: Mr. Darcy ganha os holofotes. (2015). - A popularidade de 'Orgulho e Preconceito' e a perda de uma Jane Austen crítica (2014). - Leituras conservadoras de ‘Orgulho e Preconceito’: Despolitizando Jane Austen (2013). • 3 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Lourenço: <ul style="list-style-type: none"> - O Processo De Adaptação Do Romance Orgulho E Preconceito Para Uma Websérie (2017). - A Transposição De Personagens Do Romance Orgulho E Preconceito (1813) Para A Websérie The Lizzie Bennet Diaries (2012): Um Processo De (Re)Interpretação E (Re)Criação (2017). - O processo de adaptação do romance Orgulho e Preconceito para uma Websérie (2017). • 3 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Silva:

- Jane Austen no Cinema: screwball comedy, tradução e manipulação (2017a).
- De *Pride & Prejudice* para *Orgulho e Preconceito*? tradução literária e crítica. (2013).
- *Pride and Prejudice* e suas Traduções para o Português Brasileiro: ironia e crítica. (2012).

- 6 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Rossato:

- O caso de Lydia Bennet: o que adaptações podem revelar sobre uma época (2016).
- Elizabeth Bennet: a woman of her time (2015a).
- *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Os Diários de Lizzie Bennet*: a influência do casamento, do dinheiro e da classe social no universo feminino (2015b).
- Translating personalities in *Persuasion* (2007) and *Miss Austen Regrets* (2008) - (2013a).
- *Orgulho e preconceito e zumbis: um olhar moderno, 200 anos depois* (2013b).
- *Persuasão de Jane Austen pelas lentes cinematográficas* (2013c).

- 2 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Rossato e Burlamaque:

- *Orgulho e Preconceito e Zumbis: uma versão de Jane Austen para o público juvenil contemporâneo* (2014).
- *Orgulho e preconceito e zumbis: o mashup literário como possibilidade de ressignificação dos clássicos* (2010).

- 8 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Zardini:

- *Jane Austen é Pop* (2017).
- O que Jane Austen nos ensina sobre as mulheres de sua época (2016).
- *How Austen is conquering Brazil* (2010).
- *A Identidade Feminina Na Obra ‘Orgulho E Preconceito’ De Jane Austen* (2013a).
- *Jane Austen, Escritora Conservadora Ou Liberal?* (2013b).
- *A Representação da Mulher na Sociedade Inglesa do Século XIX nas Obras de Jane Austen* (2011a).
- *A mulher na sociedade inglesa do século XIX nas obras de Jane Austen* (2011b).
- *O universo feminino nas obras de Jane Austen* (2011c).

- 2 Publicações em periódicos ou anais de congressos escritas por Zardini e Afonso:

- *Múltiplas Possibilidades De Discussões Literárias No Facebook* (2013).
- *Jane Austen na Internet Um Relato de Experiência com o uso do fórum e do blog para discussão Literária* (2011).

- 1 Publicação em periódicos ou anais de congressos escritas por Savalla:

- *Os direitos dos homens e os deveres das mulheres* (2017).

Monografias, Dissertações e Teses

- Tese de Doutorado ‘*Orgulho e Preconceito*’ no Século XXI: A Austenmania e a Fantasia do Final Feliz (BIAJOLI, 2017).
- Monografia ‘*Convenções e Transgressões Sociais em Lady Susan de Jane Austen*’ (SAVALLA, 2015).
- Dissertação de Mestrado: ‘*A Tradução da Personagem Elizabeth Bennet, de Pride and Prejudice, para o*’ (SILVA, 2014).
- Monografia ‘*Orgulho e preconceito e zumbis: o mashup literário como possibilidade de ressignificação dos clássicos*’ (ROSSATO, 2010).
- Monografia sobre a adaptação de *Orgulho e Preconceito* (RIBEIRO, 2005).

Revista Literausten

- **10 artigos na revista Literausten**

- *Amor e mito* (MAYA, 2017)
- *Jane Austen circulando no Brasil no século XIX* (SALES, 2017)
- *Quem ri por último, ri melhor: a paródia póstuma de Jane Austen* (MARULLI, 2017)
- *O poder do casting* (BIACHI; RICKLI; ARAÚJO; 2017)
- *Estética da recepção em sala de aula: Jane Austen, filme e obras em análise* (FRANKE, 2017)
- *Jane Austen, escritora conservadora ou liberal?* (SALES, 2017)

- Estudo das personagens masculinas em *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen (SANTOS 2017).
- A crítica da razão e da sensibilidade em Jane Austen: uma análise sobre o comportamento feminino em sociedade (SALLES, 2017)
- A tela sobrepõe o papel: o seriado *Orgulho e Preconceito* e o surgimento da Austenmania (BIAJOLI, 2017a).
- O poder das fanfics (BIANCHI, 2017).

Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados

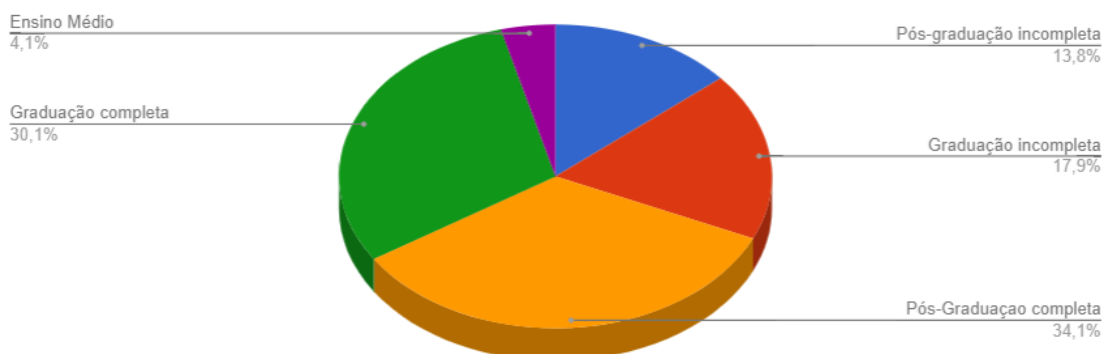
Existe uma grande quantidade de publicações em periódicos ou anais de congressos, além das pesquisas de mestrado, doutorado e trabalhos de conclusão de curso. Um grupo com tantas produções acadêmicas cuja temática é a escritora Jane Austen pode ser justificado pelo fato de que 37 respondentes (30,1%) cursaram Letras na graduação e/ou continuaram os estudos nessa área. Além disso, o que pode contribuir para que esses membros produzam algo que seja publicado no meio acadêmico, mesmo quando a área de formação não seja literatura, é que Jane Austen, hoje em dia, é discutida por estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, como cinema, matemática, história, economia, direito, moda, religião, entre outros.

A título de exemplificação da diversidade de áreas do conhecimento que analisam as obras de Austen, cito alguns trabalhos apresentados durante os Encontros Nacionais da JASBRA, nos últimos dois anos: ‘A problemática da distribuição de riqueza retratada nas obras de Jane Austen’ de Michel Sued (economia), ‘A crise da aristocracia em *Orgulho e Preconceito*’ de Sávio A. Lopes S. Júnior (história), e ‘Jane Austen e a História’ de Fábio Paiva Reis (história); ‘O comportamento feminino em sociedade’ de Marcelle Salles e “Mulheres desconcertantes: maternidade e modos de subjetivação nas obras de Jane Austen” (psicologia); “A educação literária nas obras de Jane Austen” de Flávia Azevedo Lima e Luana Lima (educação); “Os segredos das coisas” de Ana Cláudia Sampaio, Gleidson Morais e Paula Carpi (*design* de moda).

No Gráfico 8, podemos observar que mais de 48% dos respondentes cursaram ou estão cursando uma graduação, e 47,9% fazem ou concluíram uma pós-graduação.

Gráfico 8 – Formação escolar

Formação escolar



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados

Por ocasião do bicentenário na escritora, a direção da JASBRA decidiu lançar uma revista para promover e divulgar as pesquisas acadêmicas de seus membros com o lançamento da primeira edição da Revista Literausten¹²⁰, primeira revista acadêmica brasileira totalmente voltada para o universo Austeniano em julho de 2017 (Figura 42). Sob a responsabilidade de um corpo editorial composto por docentes filiados a diversas instituições de ensino superior do Brasil, até o momento, a revista já publicou 11 artigos escritos pelos membros da comunidade da JASBRA.

Figura 42 – Página inicial da Revista Literausten



Fonte: Blog da JASBRA

¹²⁰ A revista LiterAusten é publicada semestralmente em formato digital sob a responsabilidade de um corpo editorial composto por membros da Jane Austen Sociedade do Brasil, está disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/literausten/>>.

As publicações da Revista Literausten em formato digital favorecem a divulgação dos artigos ali publicados e promovem também o nome da escritora. Os artigos seguem o formato de publicações acadêmicas e são avaliados por um grupo de pareceristas vinculados às diversas instituições de ensino no Brasil.

Além dos trabalhos acadêmicos, alguns membros concedem entrevistas a jornais, revistas e *blogs*, inclusive no exterior; há também membros que se organizam para publicação de *fanfics*, em versões impressas e à venda em *sites* como *Amazon*, por exemplo. As publicações contendo reportagem ou entrevistas com membros da JASBRA a respeito da comunidade e atuação aqui no Brasil, além de consolidar o nome do grupo em outros espaços midiáticos (Quadro 3), promovem a divulgação da vida e obra de Jane Austen.

Quadro 3 – Entrevistas e Artigos em Jornais e Revistas

Entrevistas e Artigos em Jornais e Revistas

- Jane Austen: 200 anos de ousadia. (SILVA, 2017b).
- ‘Orgulho e Preconceito’, de Jane Austen, completa 200 anos e é tema de seminário em BH. (ZARDINI; PEIXOTO; 2013).
- Clube de Leitura (ZARDINI; ORNELLAS; 2010).
- Jane Austen in Brazil (PIETROLUONGO, 2013).
- Tradutora de Jane Austen realiza palestra na Praça da Liberdade nesta sexta-feira - Site Identidade Savassi¹²¹.
- Blogs em destaque: Jane Austen Brasil - Site Wordpress¹²².
- Ação conjunta – fãs de Jane Austen - Revista MRV Engenharia 2014¹²³.
- ‘Orgulho e Preconceito’, de Jane Austen, completa 200 anos e é tema de seminário em BH - Jornal Estado de Minas 2013¹²⁴.
- Em Jane Austen, todos confiam - Jornal O Comércio 2011¹²⁵.
- Novos ‘boom’ de Jane Austen- Jornal O Globo, 2010¹²⁶.
- O herói de ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen, continua sedutor mesmo 200 anos depois - Jornal O Globo, 2013¹²⁷.
- Tudo sobre o universo Jane Austen - Jornal O Globo 2013¹²⁸.
- Jane Austen, influente após 200 anos - Jornal Correio Popular 2013¹²⁹.
- Jane é algo que vicia! - Identidade Noroeste 2010¹³⁰.
- Jane Austen une fãs em torno de sua obra - Jornal A Crítica 2012¹³¹.
- Clube de leitura - Jornal O Tempo 2010¹³².

Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

¹²¹ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2012/03/23/entrevista-para-o-site-na-savassi/>>

¹²² <<https://janeaustenbrasil.com.br/2017/07/04/entrevista-para-o-wordpress/>>

¹²³ <https://www.facebook.com/sales.adriana/media_set?set=a.10152164419868344.1073741866.573968343&type=3>

¹²⁴ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2017/01/25/orgulho-e-preconceito-em-belo-horizonte/>>

¹²⁵ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2011/03/07/jasbra-no-jornal-o-comercio/>>

¹²⁶ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2010/12/26/jasbra-no-jornal-o-globo/>>

¹²⁷ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2013/03/28/sedutor-mesmo-200-anos-depois/>>

¹²⁸ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2013/03/08/jornal-o-globo-a-jasbra-apareceu-por-la/>>

¹²⁹ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2013/03/25/jane-austen-influente-apos-200-anos/>>

¹³⁰ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2010/12/03/jasbra-no-identidade-noroeste/>>

¹³¹ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2012/06/22/jasbra-am-em-destaque-no-jornal-a-critica/>>

¹³² <<https://www.slideshare.net/aszardini/jornal-o-tempo-reportagem-sobre-a-jasbra>>

Figura 44 – Publicação sobre a JASBRA na Revista JARW edição 63



Fonte: Revista Jane Austen's Regency World

A produção de *fanfictions* também é feita por alguns membros da JASBRA, entretanto, por se tratar de uma escrita colaborativa realizada em outros ambientes digitais, optou-se por apenas citar essas produções (Quadro 4), já que não emergiram na comunidade no *Facebook*.

Quadro 4 – Fanfictions escritas pelos membros da JASBRA

Fanfictions com temática em Jane Austen e suas obras

- Querida Jane Austen (SALLES, 2017).
- Contos de Fim de Ano – Jane Austen Fanfics Livro 1 (BIANCHI; *et al*; 2013).
- 12 Livros de autoria de Bianchi ¹³³.

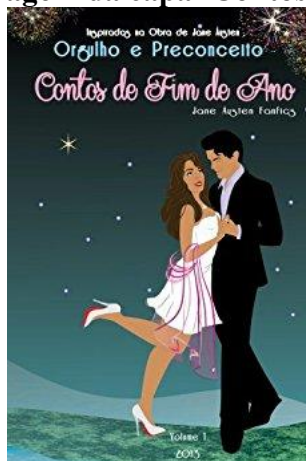
Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Das *fanfictions* publicadas em coletâneas pelos membros da JASBRA em formato de livro, estão centradas basicamente em textos inspirados no livro *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. A produção do gênero *fanfiction* no formato livro impresso – escrito por membros da comunidade da JASBRA - já existe desde o ano de 2013, com a publicação do livro ‘Contos de Fim de ano – Jane Austen *Fanfics*’ (Figura 45) de Bianchi *et tal* (2013). Em entrevista com uma das autoras dos contos, Moira Bianchi afirmou que eles foram escritos individualmente e passaram por uma revisão entre pares e, posteriormente, foram enviados para serem organizados em formato de livro. O livro (Figura 42) *Orgulho e Preconceito* –

¹³³ <<http://www.moirabianchi.com/p/meu-livros-em-portugues.html>>

Contos de Fim de ano traz doze histórias inspiradas no livro *Orgulho e Preconceito* de Austen, porém, com cenários diferentes como o Rio de Janeiro, por exemplo.

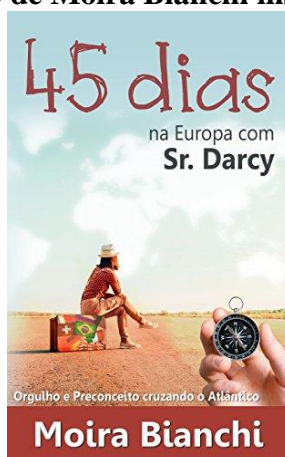
Figura 45 – Imagem da capa ‘Contos de Fim de ano’



Fonte: Amazon.com

Posteriormente foram lançadas outras *fanfics* relacionadas aos personagens de Austen, como as produções de Moira Bianchi (Figura 46). A autora já escreveu mais de 10 *fanfics* que foram publicadas em formato impresso e digital, algumas inspiradas nos romances de Jane Austen.

Figura 46 – Publicação de Moira Bianchi inspirada em Jane Austen



Fonte: Amazon.com

Já a coletânea de *fanfictions* e artigos do livro *Querida Jane Austen – uma homenagem* (SALLES, 2017), traz escritos variados. As *fanfictions* não só inspiradas em *Orgulho e Preconceito*, mas também em *Razão e Sensibilidade*, *Persuasão* e a própria vida de Jane Austen.

As publicações em *blogs*, perfis e/ou *fanpages* (Quadro 5) são comuns ao meio digital e também contribuem para que o nome da escritora e suas obras sejam detectados nos mecanismos de busca, uma vez que essas publicações normalmente são *tags* ou *hashtags*.

Quadro 5 – Publicações em *blogs* e outras redes sociais

Resenhas publicadas em <i>blogs</i>
<ul style="list-style-type: none"> • 18 resenhas escritas por Darce (2013, 2014). • 4 resenhas escritas por Chagas (2012, 2013). • 1 resenha escrita por Louback (2017).
Cartas
<ul style="list-style-type: none"> • Cartas para Madame Austen (JANE AUSTEN BRASIL, 2013).
<i>Blogs</i> com publicações esporádicas sobre Jane Austen
<ul style="list-style-type: none"> • Shoujo Café¹³⁴ • Moira Bianchi¹³⁵ • Costurando o Verbo¹³⁶ • Coruja em Teto de Zinco Quente¹³⁷ • Café Idílico¹³⁸ • As Garotas de Pemberley¹³⁹ • A Borboleta que lê¹⁴⁰ • Biblionphilia¹⁴¹ • From Pemberley to Milton¹⁴² • Mundo de Tinta¹⁴³ • Escritoras Inglesas¹⁴⁴ • Apaixonadas por Livros¹⁴⁵
<i>Blogs</i> com publicações exclusivas sobre Jane Austen
<ul style="list-style-type: none"> • Jane Austen Brasil¹⁴⁶ • Jane Austen Fanfics¹⁴⁷ • Austequila¹⁴⁸
Perfis ou <i>Fanpages</i> nas redes sociais que publicam sobre Jane Austen
<ul style="list-style-type: none"> • Facebook: (<i>fanpage</i>) Jane Austen Brasil¹⁴⁹ • Facebook: Jane Austen Irônica¹⁵⁰ • Facebook: Fãs de Jane Austen Brasil – Janeites BR¹⁵¹ • Facebook: Moradores de Darkwood¹⁵² • Facebook: Austen Homegirl¹⁵³

¹³⁴ <<http://www.shoujo-cafe.com/>>

¹³⁵ <www.moirabianchi.com>

¹³⁶ <www.costurandoverbo.com>

¹³⁷ <<http://owlsroof.blogspot.com.br/>>

¹³⁸ <<http://www.cafeidilico.com/>>

¹³⁹ <<http://asgarotasdepemberley.blogspot.com.br/>>

¹⁴⁰ <www.aborboletaquele.blogspot.com.br>

¹⁴¹ <<https://biblionphilia.wordpress.com/>>

¹⁴² <<https://frompemberleytomilton.wordpress.com/>>

¹⁴³ <<http://blogmundodetinta.blogspot.com.br/>>

¹⁴⁴ <<http://escritorasinglesasblog.com/>>

¹⁴⁵ <<http://apaixonadasporlivrosrj.blogspot.com.br/>>

¹⁴⁶ <www.janeaustenbrasil.com.br>

¹⁴⁷ <www.janeaustenfancs.com.br>

¹⁴⁸ <<http://austequila.blogspot.com.br/>>

¹⁴⁹ <<https://www.facebook.com/JaneAustenBrasil/>>

¹⁵⁰ <<https://www.facebook.com/AustenIronica/>>

¹⁵¹ <<https://www.facebook.com/groups/418866558130556/>>

¹⁵² <<https://www.facebook.com/groups/387512234625685/>>

- *Facebook*: Picnic Jane Austen¹⁵⁴
- *Facebook*: As Garotas de Pemberley¹⁵⁵
- *Facebook*: Matthew Macfadyen Brasil¹⁵⁶
- *Instagram*: Jane Austen Brasil¹⁵⁷
- *Instagram*: Biblioteca de Pemberley¹⁵⁸
- *Instagram*: Tipo Magia¹⁵⁹
- *Instagram*: Mundo de Tinta¹⁶⁰
- *Instagram*: Lua Leitora¹⁶¹

Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Os *blogs*, comunidades ou *fanpages* no *Facebook* seguem um padrão de divulgação de notícias relacionadas à Jane Austen, mas, em alguns casos são publicadas também notícias relacionadas a outros autores e sociedade da época. No *Facebook*, algumas comunidades são secretas, isto é, as publicações são exclusivas para quem é membro. Entretanto, na maioria dos casos, as comunidades e *fanpages* são abertas, o que facilita a leitura, reações, comentários e compartilhamento de publicações.

O site *Jane Austen Fanfics*, por exemplo, possui mais de 120 publicações com textos no gênero *fanfiction*, e também vinculado aos membros da comunidade da JASBRA. A produção de *fanfics* que são publicadas tanto em livros como nos ambientes digitais é fruto da popularidade desses textos. A cultura de fãs no Brasil e no exterior acaba promovendo esses escritos tendo em vista que muitos alcançam sucesso a ponto de saírem das páginas impressas e/ou virtuais. O papel dos fãs na cultura midiática e pela atuação nos diversos ambientes digitais, favorece a produção e o compartilhamento desses conteúdos.

Seguindo um formato mais humorístico e publicando um gênero muito semelhante às seções de cartas e *e-mails* de revistas, foi publicada no *blog* da JASBRA e posteriormente na comunidade, entre os meses de março a maio de 2013, uma coluna chamada *Cartas para Madame Austen* (Figura 47), que consistia em uma maneira divertida de responder aos anseios e dúvidas (reais ou imaginárias) dos membros da comunidade e/ou leitores do *blog*. As publicações atingiram uma média de sete páginas e tiveram boa recepção tanto no *blog* quanto na comunidade, a coluna foi criada com o propósito de entreter os leitores e consistia em uma publicação semanal que usava um personagem fictício chamado Madame Austen ou

¹⁵³ <<https://www.facebook.com/Ms.AustenHomegirl/>>

¹⁵⁴ <<https://www.facebook.com/PicnicJaneAusten/>>

¹⁵⁵ <<https://www.facebook.com/AsGarotasdePemberley/>>

¹⁵⁶ <<https://www.facebook.com/macfadyenbrasil/>>

¹⁵⁷ <<https://www.instagram.com/JaneAustenBrasil/>>

¹⁵⁸ <<https://www.instagram.com/bibliotecadepemberley/>>

¹⁵⁹ <<https://www.instagram.com/tipomagia>>

¹⁶⁰ <https://www.instagram.com/mundo_de_tinta/>

¹⁶¹ <<https://www.instagram.com/lualeitora/>>

alguns dos personagens de Jane Austen para escrever conselhos às cartas enviadas. Na maioria dos casos, quem participava da brincadeira enviava perguntas fictícias com nomes também fictícios, apenas com o objetivo de diversão.

Figura 47 – Página inicial da seção Cartas para Madame Austen

Quintas – Cartas para Madame Austen

28/03/2013

20 comentários

Hoje é dia da Coluna das quintas-feiras: Cartas para Madame Austen!



Fonte: Blog da JASBRA

O gênero cartas aos editores é muito comum em revistas e publicações periódicas, assim, o que as idealizadoras da coluna *Cartas para Madame Austen* fizeram foi uma transposição para o meio digital e acrescentaram um tom mais humorístico e fictício, já que as respostas foram ‘escritas’ pela cartomante Madame Austen e, boa parte, das perguntas também escritas por fãs, sob o pseudônimo de nomes de personagens da escritora. Publicações como essa são, normalmente, bem recebidas pelo grupo de fãs, já que fazem o leitor sair da realidade e imaginar personagens como se fossem reais, para escreverem perguntas e soluções para os problemas dos leitores.

Há também os gêneros que são reproduzidos na Internet, já consagrados em outros meios, como as encenações teatrais, as entrevistas para jornais e programas de televisão, por exemplo. Os canais no *Youtube* são também uma inovação, pois oferecerem liberdade e força de expressão a qualquer pessoa que deseja expor suas ideias e opiniões. O Quadro 6 apresenta os principais gêneros agrupados nessa categoria, coletados na comunidade da JASBRA ou citados no questionário.

Quadro 6 – Programas de TV ou Canais no *Youtube*

Improvisações teatrais
Apresentação transmitida ao vivo e publicada no perfil da Jane Austen Brasil no <i>Youtube</i> (Michel Sued e Isabella Berto) ¹⁶²
Entrevistas
<ul style="list-style-type: none"> • Duas Entrevistas para o canal Globo News (TV e on-line) 2017¹⁶³, 2013¹⁶⁴ • Entrevista para o canal Globo Manaus (TV e on-line)¹⁶⁵ • Entrevista para a UNI TV¹⁶⁶ • Entrevista para Rádio Educativa UFMG (Rádio e on-line)¹⁶⁷
Canal no <i>Youtube</i> exclusivo sobre Austen
<ul style="list-style-type: none"> • Fantástico Mundo de Jane Austen¹⁶⁸ • Jane Austen Brasil¹⁶⁹
Canal no <i>Youtube</i> com vídeos esporádicos sobre Austen
<ul style="list-style-type: none"> • Karla Oliveira (Blog da K)¹⁷⁰
Programas de TV
<ul style="list-style-type: none"> • 3 programas para a Globo News (TV e on-line), 2010¹⁷¹

Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Uma improvisação teatral serviu como convite para o próximo evento nacional da JASBRA, em 2018, e foi divulgada no canal Jane Austen Brasil no *Youtube* (Figura 48). Esse canal tem como finalidade divulgar imagens e vídeos dos encontros e sobre o universo Jane Austen, principalmente aqui no Brasil. Os vídeos do canal da JASBRA normalmente são entrevistas, realizadas por emissoras nacionais; divulgação e lançamento de livros, em parcerias com editoras; e algumas imagens e vídeos do Encontro Nacional da JASBRA, realizado em 2017. Essas publicações são feitas para exibir vídeos e salvá-los no perfil da JASBRA, para posteriormente serem publicados em outras redes sociais. A Figura 48 mostra o encerramento do Encontro de 2017, em uma apresentação improvisada de dois atores com o objetivo de convidar a plateia para o encontro de 2018.

¹⁶² <<https://youtu.be/cBZzF4k8U1s>>

¹⁶³ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2017/10/04/jane-austen-no-programa-literatura-do-canal-globo-news/>>

¹⁶⁴ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2013/03/10/jasbra-na-globo-news/>>

¹⁶⁵ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2012/04/26/jasbra-am-na-globo-manaus/>>

¹⁶⁶ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2017/08/18/jane-austen-na-unitv-belo-horizonte/>>

¹⁶⁷ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2017/07/29/dois-seculos-sem-jane-austen-radio-ufmg-educativa/>>

¹⁶⁸ <<https://www.youtube.com/channel/UCI1hcjfVlq2zkZBkCO-Yf2Q>>

¹⁶⁹ <<https://www.youtube.com/channel/UCAhp2coe467qP6Ca9fMTP4Q>>

¹⁷⁰ <<https://www.youtube.com/user/karla190691/>>

¹⁷¹ <<https://janeaustenbrasil.com.br/2010/04/28/jasbra-na-globo-news-fotos-dos-bastidores/>>

Figura 48 – Apresentação teatral da JASBRA



Fonte: Canal da JASBRA no Youtube

O canal Fantástico Mundo de Jane Austen (Figura 49), além de divulgar as obras de Austen colabora de maneira mais aprofundada ao publicar vídeos com análises da vida e obra da escritora. Os vídeos desse canal no *Youtube* normalmente são apresentações e discussões das obras e adaptações de Jane Austen.

Figura 49 – Canal Fantástico Mundo de Jane Austen



Fonte: Youtube

Além dos gêneros descritos ao longo desta subseção, o grupo da JASBRA também produz material que pode ser classificado como artesanato e que contribui bastante para a divulgação da comunidade e do nome da escritora e serão discutidos a seguir.

Além das produções descritas acima, ainda emergem outras produções realizadas pelos membros e que são frutos dessa interação na comunidade da JASBRA. Muitas produções que foram observadas são produtos típicos da cultura de fãs de literatura como *fanarts*, os marcadores de livros e camisetas, por exemplo.

Com o propósito de ilustrar as logomarcas da JASBRA (Figura 50) e selos comemorativos, alguns membros se prontificam a confeccionar *banners*, imagens e selos comemorativos produzindo *fanarts* ao longo de todos esses anos.

Figura 50 – Logomarca da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

Uma das primeiras produções *fanart* do grupo foi a criação da logomarca da JASBRA em 2009 (Figura 50) por Adriana Sales e Ivny Coura. Anos mais tarde, em 2014, por ocasião da Copa do Mundo no Brasil, a JASBRA fez uma homenagem, ligando o futebol e Jane Austen (figura 51), com criação de Adriana Sales e desenho de Thiago Calado.

Figura 51 – Austen na Copa 2014



Fonte: Blog da JASBRA

Em homenagem aos 200 anos de morte de Jane Austen, foi criada por Marcelle Vieira uma arte chamada *Lettering*¹⁷² (normalmente feito à mão e depois digitalizada) para confecção de um pôster (Figura 52) que serviu também para ilustrar capas de cadernos e imãs de geladeira.

¹⁷² *Lettering* pode ser definido como a arte de desenhar letras.

Figura 52 - Lettering



Fonte: Blog da JASBRA

De um modo geral, as *fanarts* contribuem para a associação da imagem da autora e/ou de personagens ao nome da JASBRA. A associação de imagens e frases ao nome de Jane Austen faz com que o recurso da *fanart* tenha uma ótima aceitação dos *fandom* e são criações originais dos fãs brasileiros da escritora. Além disso, a imagem de Jane Austen chutando uma bola de futebol fez com que ela se popularizasse até no exterior. Um dos *sites* mais famosos de *fanarts* é o *Deviantart* que agrega todo tipo de imagens produzidas por fãs de todo o mundo.

Para marcar as celebrações aqui no Brasil do bicentenário de morte de Jane Austen, em 2017, foram criados diversos produtos, disponibilizados no *blog* e na comunidade da JASBRA (Figura 53).

Figura 53 – Imãs comemorativos da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

A Figura 53 mostra os detalhes dos imãs de geladeira confeccionados por integrantes do grupo. Tanto a ilustração da boneca (em azul) representando Jane Austen quanto à frase (*lettering* escrito à mão) na imagem em amarelo são de autoria de dois membros do grupo e se encaixam na categoria *fanarts*. As outras duas imagens são ideias também de um dos membros, porém, feito com imagens digitais disponíveis na Internet. Apesar de serem considerados produtos artesanais, as canecas, camisetas, imãs para geladeira, *ecobags* e marcadores de livros sempre trazem um componente linguístico: uma frase ligada à Jane Austen.

Há outras produções que se encaixam na categoria de *fanart* e são típicas da cultura de fãs, como camisetas (Figura 54), canecas (Figura 55) e *ecobags* (Figura 56). As camisetas (Figura 54) são bastante populares em qualquer *fandom* já que sinalizam o grupo ao qual a pessoa que as usa pertence. Assim, além de divulgação do nome da escritora, as camisetas também funcionam como propagandas ambulantes de imagens e citações. Além de serem propagandas ‘ambulantes’ das frases e do nome da escritora, esse tipo de *fanart* também utiliza a língua em outros contextos.

Figura 54 – Camisetas da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

No universo literário, as canecas (Figura 55) também são consideradas acessórios típicos de um fã. Mesmo servindo como objeto típico de qualquer cozinha, as canecas também são responsáveis por carregar imagens e frases que remetem à escritora inglesa. Assim, uma caneca personalizada também pode ser vinculada ao grupo da escritora.

Figura 55– Canecas da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

Consideradas como um acessório diferenciado e seguindo o mesmo raciocínio de divulgação da literatura, foram produzidas as *ecobags* (Figura 56) que, além de servirem de suporte para carregar livros e outros objetos, também se tornaram populares entre os fãs de literatura por trazerem citações, frases ou imagens que remetem ao escritor favorito.

Figura 56 – Ecobags da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

A quantidade e a variedade de itens produzidos e consumidos pelos fãs são muitas. Os exemplos citados são apenas ilustrações do que o grupo da JASBRA faz em relação à produção de produtos comercializáveis que remetem à escritora.

Nas próximas subseções (6.5.3 a 6.5.5) farei a descrição e análise de três gêneros escolhidos para análise por serem emergentes na comunidade da JASBRA no *Facebook* e circularem exclusivamente dentro desse ambiente.

6.5.2 Análise de Memes

Os gêneros emergentes na comunidade da JASBRA foram selecionados por serem produzidos pelos membros da JASBRA e circularem quase que exclusivamente no *Facebook*. Como texto e imagem juntos acabam sendo compartilhados na Internet com maior facilidade, essas produções se tornam mais conhecidas e conseqüentemente ligadas ao grupo ou *fanpage* responsáveis pelo seu lançamento.

A criação de *memes* ligados aos personagens e aos livros também faz parte da produção dos membros ligados à JASBRA que mais fazem sucesso. Os *memes* criados na coluna ‘Jane Austen Irônica’ – de autoria de Tatiana Resende e Adriana Sales - entre os meses de março e maio de 2013 foram publicados inicialmente no *blog* da JASBRA e, em seguida, divulgados na página Jane Austen Irônica e na comunidade da JASBRA. A Figura 57 mostra um exemplo desse gênero (Figura 57), que pode ser visto em ordem cronológica também no *blog* da JASBRA, seção Jane Austen Irônica¹⁷³ ou na comunidade da JASBRA.

Figura 57 – Exemplo 1 de *memes* da página Jane Austen Irônica



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Os *memes* produzidos por essa dupla são caracterizados pela presença de uma linguagem informal e, normalmente, as autoras utilizam expressões que estavam fazendo sucesso na Internet naquela época. Como no caso da Figura 57, foram usadas as expressões

¹⁷³ Seção Jane Austen Irônica: <<https://janeaustenbrasil.com.br/category/coluna-jane-austen-ironica/>>

‘tipo assim, só que não’ e ‘Delícia! Ai se eu te pego¹⁷⁴!’ que fizeram e fazem bastante sucesso até hoje. Para a compreensão do *meme*, na Figura 57, é necessário também ter lido o livro *Orgulho e Preconceito* para entender que o personagem Collins não é necessariamente um galã desejado por todas as moças solteiras da região. Porém, mesmo que a pessoa não tenha lido o livro, é possível compreender o *meme* pela expressão do ator e também pela expressão ‘tipo assim, só que não’, que denotam um sentido contrário, ou seja, ele não é exatamente aquilo que o início da frase propõe.

A Figura 58 também apresenta outro *meme* que utilizou a expressão ‘só que não’, que também requer do leitor o conhecimento da história *Razão e Sensibilidade* para compreender que o casal Palmer não é sinônimo de casamento feliz. Nesses dois exemplos, o reconhecimento dos personagens e seus respectivos livros é que torna o *meme* mais engraçado, pois, só a partir da compreensão das histórias é que talvez seja possível se divertir com as contradições presentes no texto do *meme*.

Figura 58 - Exemplo 2 de *meme* da fanpage Jane Austen Irônica



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Falando em contradições entre texto, imagem e até opinião de personagens, foram publicados dois *memes* que mostram os conflitos dos personagens principais de *Orgulho e Preconceito*. Na Figura 59, o *meme* expressa um diálogo presente no livro, entre os personagens Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. Entretanto, a graça fica por conta da terceira imagem que demonstra a expressão de decepção da personagem e o acréscimo da frase ‘momento vácuo’.

¹⁷⁴ Em referência a uma música do cantor Michel Teló.

Figura 59 - Exemplo 3 de meme da fanpage Jane Austen Irônica



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

O meme mostrado na Figura 60 retoma a cena presente no livro, porém, mostrando a contradição do personagem Fitzwilliam Darcy ao aceitar dançar com a personagem Elizabeth, mesmo tendo dito que não dançaria se pudesse evitar. Ao aceitar propor uma dança à moça, o personagem se contradiz porque gostaria de evitar esse contato, e ainda acrescenta uma frase indelicada 'qualquer selvagem consegue dançar'.

Figura 60 - Exemplo 4 de meme da fanpage Jane Austen Irônica



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

De um modo geral, os *memes* produzidos pela dupla do *Jane Austen Irônica* seguiram um perfil de tipo de *meme* que exige do leitor o conhecimento das obras de Jane Austen e também das expressões que surgem diariamente no contexto digital. Quanto à classificação taxonômica de Recuero (2007), esses *memes* são metafóricos, pois tanto os textos quanto as imagens originais são alteradas e reinterpretadas; são também *memes* voláteis, já que têm um curto período de vida, após a replicação em *blogs* ou páginas no *Facebook*; são também fecundos, isto é, foram espalhados em outros grupos; e, por último, são locais, pois atingiram os fãs falantes da língua portuguesa.

Outros *memes* que fizeram sucesso surgiram a partir da ideia original de Stephanie Savalla (membro da JASBRA), que criou uma *fanpage*¹⁷⁵ e um *blog* com o título *Austequila* com publicações irreverentes sobre o universo da escritora e suas obras. A figura 61 apresenta dois exemplos de *memes* publicados pela *fanpage* que consegue atingir usuários do *Facebook* e de outras redes sociais por meio de compartilhamento de imagens.

Figura 61 – Exemplos 1 e 2 de *Memes* publicados pelo *Austequila*



Fonte: *Fanpage Austequila*

¹⁷⁵ <<https://www.facebook.com/austequila/>>

Os *memes* apresentados na Figura 61 são exemplos que se encaixam nas categorias de Recuero (2007): miméticos, já que sofreram mutações (imagens trocadas) e recombinações (frases adaptadas ao contexto de Jane Austen), mas sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis como imitações. Nos dois casos apresentados, ocorre a personalização. A Figura 62 apresenta um exemplo de *meme* que possui as mesmas características dos citados na Figura 61, ou seja, uma frase mais direta (não dita pelo autor), seguida de uma frase '(nome do autor), não dá para escrever isso, e concluindo com uma frase famosa do referido autor.

Figura 62 – Exemplo de *meme* mimético



Fonte: Site Nota Terapia¹⁷⁶

Austequila também produziu *memes* originais batizados sob o selo *Austequila Records*, que consistiu em uma referência a algumas músicas populares do Brasil e aos

¹⁷⁶ <<http://notaterapia.com.br/2016/07/30/os-10-melhores-memes-de-mas-nao-podemos-escrever-isso-entao-escreve-ai/>>

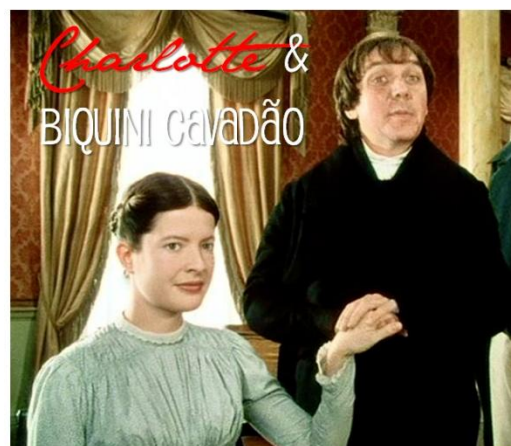
personagens de Austen. Na Figura 63, são apresentadas duas imagens com referências aos personagens de *Orgulho e Preconceito* e trechos de músicas das bandas *Mamonas Assassinas* e *Biquini Cavado*. Na frase “*Money que é good nós não have*” trata-se de uma referência direta à situação das filhas da família Bennet (imagem à esquerda) que precisam arrumar um pretendente para se casarem, caso contrário não terão como sobreviver sem um marido. E a outra imagem (à direita) “eu já tentei de tudo, mas não tenho remédio para livrar-me desse tédio” em uma referência do quão entediante deve ter sido a vida da personagem Charlotte após se casar com Mr. Collins.

Figura 63 – Exemplos de memes Austequila Records



**“MONEY
QUE É GOOD NÓS NÃO HAVE”**

austequila records



**“EU JÁ TENTEI DE TUDO, MAS NÃO
TENHO REMÉDIO PRA LIVRAR-ME
DESTE TÉDIO”**

austequila records

Fonte: *Fanpage Austequila*

Normalmente, os *memes* produzidos por Stephanie Savalla apresentam as seguintes características das categorias de Recuero (2007): replicadores, já que possuem alta fidelidade ao original (no caso dos *memes* com a frase ‘... não dá para escrever isso...’); mas também são miméticos, porque sofreram alterações a partir da ideia original; são também persistentes já que permanecem mais tempo quando são replicados; e, por serem escritos em português são considerados *memes* locais porque atingem o grupo de falantes de língua portuguesa.

Outra *fanpage* que publica *memes* relacionados à escritora é a *Jane Austen Boladona*¹⁷⁷, criada por Camila Bonfim – que também é membro da comunidade da JASBRA. Camila concebeu esses *memes* com o propósito de entretenimento e possui mais de 16.900 curtidas e seguidores. A figura 64 mostra uma imagem do Jornal Nacional (Rede

¹⁷⁷ <<https://www.facebook.com/janeaustenboladona/>>

Globo de Televisão) que serviu de inspiração para a criação de *memes* por vários internautas na época da exibição da reportagem. No caso da *Fanpage Jane Austen Boladona*, a proprietária se aproveitou de um *meme* de sucesso e acrescentou a frase ‘leia Jane Austen’, quando a original era ‘fora Temer’, referindo-se ao atual presidente do Brasil Michel Temer.

Figura 64 – Meme Leia Jane Austen



Fonte: *Fanpage Jane Austen Boladona*

O *meme* apresentado na Figura 65 recebeu muitas reações dos usuários (1,5 mil curtidas), 40 comentários e 341 compartilhamentos no *Facebook*). Normalmente os *memes* que fazem sucesso nessa *fanpage* são aqueles que mesclam imagens de adaptações dos livros de Jane Austen com alguma mensagem irônica, especialmente se forem expressões ou gírias atuais.

Figura 65 – Meme Jane Austen Boladona



Fonte: *Fanpage Jane Austen Boladona*

A Figura 66 traz um *meme* interessante do ponto de vista de análise de traduções, a proposta desse tipo de *meme* é apresentar a fala original do filme, normalmente em inglês, seguida da tradução para legendas em português e depois da tradução para dublagem em português. Além de trazer um tom irônico, o leitor é convidado a fazer uma leitura mais crítica ao analisar o discurso das legendas *versus* o discurso da dublagem.

Figura 66 – Exemplo de *meme* com traduções de legenda e dublagem



Fonte: Fanpage Jane Austen Boladona

As publicações da *fanpage Jane Austen Boladona* seguem um padrão de humor sarcástico e ironia, presentes também na obra de Jane Austen. Além disso, são produções que utilizam expressões e gírias mais atuais e replicam ideias de outros *memes* que viralizaram na Internet. Provavelmente são os *memes* ligados à Jane Austen em língua portuguesa, que mais são compartilhados nas redes sociais, pois associam a escritora às frases que viralizam no meio digital. Segundo a taxonomia proposta por Recuero (2007), esses *memes* normalmente

são replicadores, pois são altamente fiéis à proposta da cópia original, com alteração das imagens e algumas frases; podem também ser considerados miméticos ou imitações do original; são persistentes dada à permanência longa nas redes sociais; são epidêmicos porque se espalham rapidamente; e, locais já que circulam em comunidades e perfis de falantes da língua portuguesa.

O gênero *meme* está bastante difundido nas redes sociais e é utilizado em conversas no aplicativo *Whatsapp* e até em campanhas publicitárias. A popularidade desse gênero é justificada pelo aspecto sócio comunicativo (MARCUSCHI, 2005) porque seu objetivo é comunicar algo por meio de uma frase curta e uma imagem que seja representativa para o grupo que irá interpretar o *meme*. Como gênero emergente do meio digital, os *memes* se tornaram populares seguindo uma tendência da Internet, com apelo humorístico, usando frases, imagens, vídeos sobre um assunto específico, e que se tornam virais e ganham diferentes significados a partir do contexto em que são inseridos.

6.5.3 Análise de publicidade

A publicidade é um gênero que circula com frequência na comunidade da JASBRA. Algumas editoras costumam fazer lançamentos de livros diretamente no grupo, porém, a publicidade mais frequente é aquela produzida pelos próprios membros do grupo, quer seja divulgando um livro de sua autoria ou apenas fazendo publicidade de terceiros. Esse marketing digital, que os próprios membros da comunidade fazem, possui objetivos que vão além das vendas de livros, com publicações de caráter informativo sobre lançamentos, resenhas de livros ou para saber a opinião de quem já leu determinada obra.

Há dez anos, a realidade de livros de Jane Austen traduzidos para o português brasileiro era diferente da atualidade. Hoje em dia, é possível encontrar as seis principais obras da escritora em pelo menos seis editoras diferentes, além das traduções de outros lançados por outras editoras. É possível perceber que, além de priorizarem novas traduções para as obras de Austen, as editoras publicam novas edições em formatos diversos (brochura, capa dura ou *pocket*) com o propósito de alcançar diferentes públicos. Entretanto, atualmente o foco está sendo dado às capas dos livros que chamam mais a atenção. O objetivo é produzir coleções que cativem o público brasileiro, de modo semelhante ao que americanos e ingleses têm feito, ou seja, com lançamentos de coleções com capas elegantes e ilustrações nas páginas internas dos livros.

De um modo geral, a publicidade de livros na comunidade da JASBRA funciona com a intenção de persuadir ou despertar no público o desejo de compra (MALANGA, 1979; FERNÁNDEZ, *et tal*, 2012). Normalmente quem faz esse tipo de publicação mistura informação verbal e não verbal (imagens), para emitir suas opiniões utilizam comparações, trocadilhos, ironias, entre outros. Conforme Manhães (2005) o emissor do discurso publicitário realiza a ação social que classifica o produto, convence o locutor da pertinência do produto, e, constrói uma voz a respeito do que está sendo publicado. No caso específico da publicidade de livros na comunidade, os emissores se apropriam de discursos específicos, como os *releases* das editoras ou resenhas pessoais para divulgarem os lançamentos de livros. Os emissores que também são autores de livros, além de divulgação, procuram vender seus livros e também utilizam discursos próprios para atingir seu público alvo.

Na figura 67, há um exemplo de publicidade feita por um dos membros da JASBRA, com a intenção de informar sobre o lançamento de mais uma edição nacional. Nessa figura, é possível observar uma publicidade de uma tradução de ‘Razão e Sensibilidade’ (Editora Martin Claret), cuja publicação se concentrou em tecer elogios à capa dessa nova edição.

Figura 67 – Exemplo 1 de publicidade de livros na comunidade

compartilhou uma publicação.

Romances Históricos
19 de abril às 15:44

E a Martin Claret tá se superando!!!
Vão republicar todos os livros de Jane Austen, e o próximo é Razão e Sensibilidade!
#Clássico #RazãoESensibilidade #JaneAusten #MartinClaret

Curtir Comentar Compartilhar

32

1 compartilhamento

Na capa temos uma imagem da lua. e inúmeros são seus símbolos, entretanto em uma delas a lua simboliza a razão humana capaz de abstrair ((um ou mais elementos de um todo) através do intelecto que se trata evidentemente da nossa querida personagem Elinor Dashwood. Capa nota 10.

Alguém além de mim já percebeu a quantidade de erros que tem na versão em dois volumes (capa azul e rosa) da Martin Claret? Evitei essa editora ao comprar meus outros livros

Vim aqui comentar isso! As traduções da Martin Claret não são boas — e isso de forma geral, não só com as lindas obras da Jane Austen. Recomento muito as editoras Penguin/Cia. das Letras e a L&PM

Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Mesmo sem o objetivo explícito de fazer publicidade para a editora, o membro que publicou a postagem na Figura 67 buscou identificação dos demais membros da comunidade. Entretanto, como também pode ser observada na mesma figura, além das reações dos membros, há comentários a respeito de traduções de editoras nacionais distintas. Além da divulgação de novas traduções e capas das novas edições, a divulgação de publicidades referentes às editoras brasileiras costumam gerar comentários com opiniões a respeito das traduções, qualidade do material, tamanho do volume, preço, etc.

O exemplo de interação registrado na Figura 67 apresenta uma imprevisibilidade de comportamentos – característica dos SACs – já que a proposta inicial foi apenas divulgar o lançamento de uma nova edição do livro, porém, nos comentários é possível perceber que a ‘conversa’ seguiu outro caminho. Além de comentários elogiando a capa, essa publicidade ocasionou também uma discussão que ultrapassou o assunto referente à capa, outros membros publicaram comentários com críticas a respeito das melhores traduções e editoras que recomendam. Essa imprevisibilidade transformou o objetivo comunicativo da publicação, uma vez que além de ler informações, os membros também puderam interagir e fazer comentários sobre a qualidade das traduções realizadas no Brasil. Ao observar os comentários, também é possível perceber a auto-organização dos participantes em conduzir uma ‘conversa’ completamente diferente da proposição inicial. Há também outra característica dos sistemas adaptativos: a diversidade, pois a divulgação de lançamento desse livro ofereceu oportunidade para novas interações, que foram exploradas por outros membros.

Ainda no exemplo da Figura 67, podemos observar os fractais de identidade (WENGER, 2000), compostos por membros que formam subcomunidades locais (críticos de traduções) em uma comunidade maior que é a JASBRA. Já o autor dessa publicação se configura como intermediador avançado (WENGER, 2000) já que foi responsável por trazer notícias ao grupo.

Na Figura 68, além da divulgação do lançamento do livro ‘O clube de escrita de Jane Austen’, a publicação teve o propósito específico de saber a opinião dos demais membros. Apesar de ser uma divulgação do lançamento, o autor dessa publicação utilizou descrições mais elaboradas da obra para chamar a atenção dos demais membros. No exemplo de publicação da Figura 68, observa-se o recurso de aproximação do leitor, uma estratégia de contato com um possível comprador do livro. Mesmo tendo sido publicada por um membro comum da comunidade e não por um responsável de marketing digital da editora, a publicação contou com recursos textuais persuasivos para cativar novos leitores, com

utilização de frases como: “um guia charmoso e informativo”, “escrito pela sobrinha-neta de quinto grau da famosa escritora”, “nesse maravilhoso livro” e “repleto de exercícios úteis e citações”.

Figura 68 - Exemplo 2 de publicidade de livros na comunidade



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

O uso de informação não verbal (capa do livro) e um texto, como no exemplo da Figura 68, além de fazer uma publicidade gratuita, permite ao autor dessa publicação emitir suas opiniões a respeito da obra e o objetivo comunicativo de informar aos demais membros sobre o lançamento é alcançado. A publicidade do livro apresentada na Figura 68, também possui características específicas das comunidades de prática, como o compartilhamento de informações, que transformam a aprendizagem do grupo em um ato social, desenvolvendo um repertório de recursos, como a troca de experiências e artefatos (WENGER, 2012).

Quando se trata de divulgação de *fanfictions*, muitos membros se encarregam de fazer a publicidade desses gêneros literários. Como na comunidade da JASBRA há membros que escrevem *fanfictions*, eles também são responsáveis pela publicidade de seus próprios livros.

Na Figura 69, podemos observar a utilização de uma publicação mais elaborada com a divulgação de um *banner* com capa do livro ‘Preconceito, Orgulho & Café’, além de uso de uma imagem e um texto para chamar a atenção dos demais membros. A estratégia usada pelo autor dessa publicidade é persuadir o leitor com a utilização de frases inspiradas em Jane Austen. Além de mostrar a capa do livro, preço e *link* para compra, essa publicidade fornece um texto com a adaptação da famosa frase de abertura do livro ‘Orgulho e Preconceito’: “é verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de boa fortuna deve estar necessitado de esposa” (AUSTEN, 2009). A autora dessa *fanfiction* optou por reescrever a frase inicial da obra de Austen “é uma verdade universalmente conhecida que uma mulher rica em seus 30 anos deve estar à procura de um marido...” (BIANCHI, 2016) e adaptou toda a história do livro ao contexto brasileiro da zona sul do Rio de Janeiro.

Ao utilizar uma frase irônica de Jane Austen, a autora também recorreu à estratégia de interpretação do leitor, fã de Austen, que entende que não é em todos os casos que uma pessoa rica necessariamente precisa se casar. Ao reescrever uma frase de Austen, a autora dessa *fanfiction* buscou a identificação do fã com seu texto.

Figura 69 - Exemplo 3 de publicidade de livros na comunidade



3 de janeiro de 2017

“É uma verdade universalmente conhecida que uma mulher rica em seus 30 anos deve estar à procura de um marido...”
A ideia de subverter o clássico Orgulho e Preconceito sempre esteve na minha cabeça, até que decidi escrever. Começando esse ano quente com um romance hot e divertido que homenageia o clássico (meu Austen favorito) com Lizzy princesinha da zona Sul do Rio de Janeiro e Mr Darcy classe média baixa...
[.bit.ly/2cdnT6C](http://bit.ly/2cdnT6C)

TEM FAÇO UM
café
OU UM CAFUNÉ
SE TU QUISER

Moira Bianchi
Preconceito, orgulho & *Café*

15,90 + frete www.bit.ly/2cdnT6C

e outras 25 pessoas

Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

A intenção da autora dessa publicidade é clara: vender o livro. Entretanto, ela usou de outras estratégias de aproximação do leitor como a semelhança entre a célebre frase de Austen, modificada e contextualizada em sua *fanfiction*. Além disso, a autora escreveu uma frase mais intimista, como se convidasse o leitor: “te(m) faço um café ou um cafuné se tu quiser”. A linguagem informal tem o objetivo de fazer uma saudação, mas ao mesmo tempo, se aproximar do possível leitor e também remete ao relaxamento de tomar um café ou receber um cafuné. Assim, a autora busca também a identificação de quem lê essa publicidade, usando elementos tipicamente brasileiros em sua *fanfiction*, como o café, a cidade do Rio de Janeiro, o bairro de Copacabana, etc.

Em outra publicidade, a mesma autora faz menção ao dia do fã, para se fazer presente com uma publicação que convida o leitor a “curtir, ler, reler e reimaginar” a obra de Austen e, como uma forma de homenagem, adquirir sua *fanfiction* (Figura 70) .

Figura 70 - Exemplo 4 de publicidade de livros na comunidade



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Em relação aos SACs, esse tipo de publicidade apresenta as seguintes características: adaptabilidade (adaptação de recursos), auto-organização e marcação. A adaptabilidade permite a emergência de novos comportamentos, ou seja, o sistema (comunidade) aprende a partir de suas interações e tende a se modificar. Por ser um sistema auto-organizável, o grupo se modifica a partir de seus interesses e necessidades de seus membros. Assim, com o objetivo de divulgar e/ou a necessidade de vender os livros, os autores das publicidades, se tornam responsáveis pela divulgação desse gênero dentro da comunidade. A marcação (HOLLAND, 1995) feita pelo uso de *hashtags* facilita a sinalização de assuntos e propicia a interação seletiva. Ou seja, ao se identificar com alguma *hashtag* presente na publicação, o leitor pode se sentir mais inclinado a continuar a leitura.

Novamente, percebe-se nessa publicação a intenção de divulgação de *fanfictions* e o uso de estratégias de aproximação do leitor e tentativa de busca de reconhecimento. Porém, de modo menos enfático do que na Figura 69, a publicação apresentada na Figura 70 mostra uma publicidade com elementos visuais e textuais, de caráter informativo. O discurso persuasivo da autora pode ser observado no topo da publicação, onde ela faz uso de uma data comemorativa e das *hashtags* #diadofã e #janeausten para marcar seu discurso. Além disso, faz um convite ao leitor para que este possa sentir e agir como a autora: “... homenagear, curtir, ler, reler e reimaginar”.

Ao realizar publicidade de suas *fanfictions*, a autora (Figuras 69 e 70) procurou, por meio de recursos verbais e não verbais, convencer os membros a comprarem seus livros. No caso específico dessas publicações, as estratégias persuasivas tiveram um público específico, os apreciadores de *fanfictions*.

De um modo geral, percebe-se que, na maioria dos casos, a publicidade de livros na comunidade da JASBRA é feita pelos próprios membros do grupo, que, em alguns casos, estão envolvidos no processo de escrita e/ou tradução. Normalmente, o objetivo é de caráter informativo e busca a opiniões dos demais membros a respeito do livro em questão, porém, as publicidades na comunidade da JASBRA apresentam as características típicas desse gênero: discurso persuasivo e objetivo final de venda.

Esse tipo de marketing informal faz parte de um cenário de participação colaborativa, na qual “novas ferramentas e tecnologias permitem aos consumidores arquivar, fazer

anotações, apropriar, e recircular conteúdo midiático”¹⁷⁸ (JENKINS, 2006, p. 135). A convergência de mídias não é apenas uma revolução digital, trata-se um “processo contínuo que ocorre em várias intersecções entre as tecnologias midiáticas, indústrias, conteúdo e audiências”¹⁷⁹ (JENKINS, 2006, p. 154).

6.5.4 Análise de tópicos de discussão

Como a comunidade da JASBRA é um grupo vinculado à literatura, obviamente ocorrem publicações de muitos tópicos de discussão que se concentram em analisar as obras, os personagens, as adaptações cinematográficas e para televisão, além de assuntos de interesse dos fãs de Jane Austen.

Os tópicos de discussão criados na comunidade são semelhantes aos fóruns de discussão on-line, pois possuem como característica principal um bate-papo informal entre os participantes, que podem não estar conectados em tempo real, promovendo o debate por meio de uma discussão assíncrona. Esses fóruns de discussão são considerados gêneros discursivos emergentes no meio digital (MARCUSCHI, 2005) e são favorecidos pelo ambiente no qual estão inseridos. No caso específico da JASBRA, os membros da comunidade podem publicar tópicos para discussão, formando um grande fórum de discussão, sem grande esforço, já que o próprio sistema propicia a publicação de mensagens que posteriormente podem receber comentários dos demais membros. Normalmente os fóruns de discussão são formados por discursos com o objetivo de refletir, informar, argumentar, contra-argumentar, persuadir, convencer, perguntar e responder.

O grupo da JASBRA, enquanto fórum de discussão é constantemente retroalimentado por tópicos que geram discussões, desde as mais aprofundadas até as mais informais. As características das discussões assíncronas, propostas por Crystal (2001) estão presentes nos fóruns da comunidade: 1) as interações são armazenadas, de modo que é possível acompanhar qualquer discussão e acrescentar comentário, ou seja, não há um prazo para participações; 2) como se trata de um fórum livre, todos podem se expressar, entretanto, devem seguir um código de respeito à opinião alheia; 3) os membros não precisam seguir um formato de participação linear, tendo em vista que podem escolher discussões nas quais desejam participar; 4) em alguns casos, os comentários são curtos e há apenas uma maneira de

¹⁷⁸ “[...] new tools and Technologies enable consumers to archive, annotate, appropriate, and recirculate media context [...]”. (tradução nossa)

¹⁷⁹ Tradução nossa: “[...] it is an ongoing process occurring at various intersections between media technologies, industries, content, and audiences”.

concordar com o que foi escrito, facilitando a leitura e dinamicidade do grupo; 5) apesar de o grupo ter uma temática fixa, não há um cronograma de atividades ou tópicos de discussões a serem seguidos, ou seja, os assuntos surgem de maneira imprevisível; 6) a participação é igualitária, pois todos têm a oportunidade de expressarem suas opiniões e participarem das discussões; e 7) apesar de não criar um dialeto próprio, conforme sugerido por Crystal (2001), o grupo da JASBRA utiliza uma linguagem própria, por meio de citações das obras de Austen, que, em se tratando de ironia, são facilmente compreendidas pelos demais membros.

Ao longo dos anos, a comunidade se auto-organizou no sentido de publicar constantemente tópicos que favoreceram a discussão de vários assuntos, além dos livros, relacionados à Jane Austen. Entretanto, apenas recentemente é que a comunidade se organizou e decidiu pela publicação de tópicos semanais com o propósito de promover a discussão dos capítulos da novela ‘Orgulho e Paixão’ da Rede Globo, livremente inspirada nas obras de Jane Austen.

A comunidade se beneficia desse debate assíncrono, pois os tópicos de discussão favorecem, conforme Leite (2008): a reflexão e a pesquisa ao publicar uma postagem; a organização do conteúdo e da forma do texto a ser publicado; o aprofundamento de ideias e conceitos; a prática de diferentes funções cognitivas como: observar, identificar, relacionar, comparar, analisar, inferir, sintetizar, divergir, discordar, generalizar, etc.; e o registro de construção do conhecimento.

Os tópicos que giram em torno dos livros de Austen normalmente focalizam alguns aspectos das obras. Não são discussões sobre o livro, normalmente são a respeito de alguns trechos ou personagens. Na Figura 71, podemos observar um tópico de discussão iniciado em 2011 sobre o livro ‘Orgulho e Preconceito’.

Figura 71 – Tópico de discussão 1



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

A linguagem utilizada pelos participantes foi cordial e mesmo nos casos em que um membro não concordou com as palavras do outro, não houve desentendimento. Ao analisar os 52 comentários, foi possível observar que os membros da JASBRA puderam expressar suas opiniões, esclarecer dúvidas, e, principalmente, transformar essa discussão em conhecimento, que fica armazenado ao longo dos anos. Assim, os benefícios desse tipo de publicação não se restringem apenas aos envolvidos na discussão, mas está disponível a qualquer membro, desde que se realize uma busca pelo assunto no campo de pesquisa da comunidade.

Outro exemplo de tópico de discussão em torno dos livros de Jane Austen é apresentado na Figura 72. Nessa figura pode-se observar o uso de citações do livro e uso de imagem do ator (representando o personagem do livro que citou a frase), na adaptação de Emma (BBC – 2009). Como é possível perceber na publicação, uma simples frase retirada de um livro gera discussão e envolvimento dos membros que utilizam linguagem informal na expressão de suas opiniões.

Figura 72 - Tópico de discussão 2



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Os tópicos de discussões tão específicos quanto os mostrados nas Figuras 71 e 72 mostram a riqueza de detalhes que podem ser analisados em uma obra, por exemplo. No caso da comunidade da JASBRA, os debates a respeito das obras são retroalimentados pelos membros que constantemente publicam tópicos de discussão, sem que exista a coordenação de um moderador ou calendário específico. Mesmo não tendo sido criada com o objetivo de discussão formal, a comunidade da JASBRA realiza a função de manutenção desse diálogo constante entre os fãs, que, muitas vezes, recorrem ao grupo para compartilharem suas opiniões.

Nos últimos dois meses, a comunidade da JASBRA passou a publicar tópicos fixos de discussão da adaptação ‘Orgulho e Paixão’, novela da Rede Globo, exibida no horário das 18 horas. Por iniciativa de alguns membros da JASBRA, os tópicos de discussão foram publicados diariamente desde a estreia da novela e têm recebido inúmeras participações.

Figura 73 - Tópico de discussão 3



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

A Figura 73 apresenta o *banner* utilizado pelo grupo para sinalizar o tópico de discussão diário. Como se trata de uma adaptação inspirada nas obras de Austen ocorreu uma espécie de divisão em dois grupos dentro da comunidade: aqueles que irão assistir e aqueles que nem assistirão à novela. Esse comportamento é bem característico dos SACs, apresentando um padrão de bifurcação, que causado por perturbações (discussões sobre a novela), o sistema pode passar por essa discussão e manter sua rota normal, ou mudar seu padrão de comportamento, e o grupo se dividir em dois subgrupos: contra e a favor dessa adaptação.

Muitos tópicos de discussão criados nos primeiros dias de exibição da novela giraram em torno apenas da ‘alegria’ ou da ‘revolta’ em relação ao que o autor da novela fez com a interpretação das obras de Jane Austen. Entretanto, o que se percebeu foi um envolvimento de parte dos membros que têm interesse em assistir a novela para tecerem suas opiniões na comunidade. Esse comportamento pode ser analisado sob a ótica da complexidade a partir do conceito de atratores, já que o meio se modificou, ou seja, os membros passaram a assistir e comentar a novela, as discussões em torno dessa adaptação funcionam como atratores. Na concepção de Larsen-Freeman e Cameron (2008), os atratores são modos de comportamentos particulares que o sistema “prefere”, assim, como uma parte do grupo aprovou e segue a novela, os tópicos de discussão se mantêm em destaque nas publicações e comentários da comunidade. Outro exemplo de atratores que é possível observar na comunidade com mais

frequência são os gêneros diversos que emergem no grupo. Eles funcionam como atratores de leitores e comentaristas.

Ao analisar os fóruns de discussão da comunidade, percebe-se a utilização de linguagem informal e boa vontade entre os membros para auxiliar uns aos outros em assuntos que despertam interesse ou geram dúvidas. Provavelmente as duas maiores contribuições dessas publicações são: 1) manter a comunidade sempre ativa, com tópicos que despertam o interesse dos membros; e, 2) toda a discussão mantida nesse ambiente gera conhecimento a respeito da escritora Jane Austen, possível de ser encontrado, anteriormente, em livros ou palestras. Mesmo que a produção seja informal, o conteúdo escrito pelos membros da JASBRA se torna conhecimento.

Os diversos gêneros apresentados ao longo deste capítulo são exemplos de como a reunião de fãs pode promover a construção colaborativa do conhecimento, gerar aprendizagem e, principalmente, manter o nome de Jane Austen como um dos destaques literários nas redes sociais.

A comunidade da JASBRA, por meio desse fórum de discussão permanente e disponível para todos, se reafirma como uma comunidade de prática, com “pessoas que compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem e aprendem como aprimorar o que fazem à medida que interagem regularmente” (WENGER, 2012, p. 1). Além disso, os membros dessa comunidade são chamados de praticantes (WENGER, 2012), ou seja, desenvolvem um repertório de recursos formado por experiências, histórias e artefatos.

A comunidade funciona como um sistema de aprendizagem social (WENGER, 2009), com gêneros emergentes, relações complexas entre seus membros, que por meio de auto-organização mantêm a estrutura dinâmica do grupo e realizam uma negociação contínua de identidade com a temática recorrente que é Jane Austen. A aprendizagem é o elemento central da produção de gêneros nessa comunidade, já que é a partir das interações entre seus membros que os demais acessam e compartilham conhecimento, beneficiados pelos artefatos produzidos pelo grupo.

Para que ocorra a produção do conhecimento na comunidade, é necessário que seus membros combinem competência e experiência (WENGER, 2012), e, desse modo, a identidade com a comunidade se torna crucial para esse sistema de aprendizagem social. É possível observar as três características de identidade propostas por Wenger (2012) na comunidade pesquisada: identidade como trajetória, identidade como multi associação e identidade como multi nível. Ao acumular experiências, competências, histórias e relações, o

grupo se enquadra na identidade como trajetória. Quando seus membros frequentam diferentes comunidades relacionadas à Austen, e a partir desses ambientes, trazem conhecimento para a comunidade da JASBRA, a identidade do grupo é concebida como fruto da multi associação. E, a identidade multi nível é constituída por meio da combinação de engajamento (participação e envolvimento dos membros), imaginação (concepção de si e dos demais membros como parte de um todo), e alinhamento (quando se auto-organizam em atividades, mediadas pela interação, cujo objetivo é a produção de conhecimento).

Na comunidade pesquisada, assim como prevê Wenger (2000, p. 233) a “aprendizagem ocorre a partir da competência e experiência de seus membros que convergem para a comunidade existir”. O grupo se auto-organiza de modo que todos possam colaborar, de acordo com seus interesses e conhecimento, sem que exista um moderador ou administrador que estabeleça quem fará as publicações. Ao interagirem com os outros membros, o conhecimento é criado, distribuído, organizado, revisado e passado adiante para outras comunidades (WENGER, 1998). Assim, por meio de artefatos produzidos pelo grupo, a comunidade se mantém ativa e, conseqüentemente, contribui para a manutenção e propagação do nome de Jane Austen em outras comunidades e ambientes digitais.

As características dos SACs que mais se destacam no gênero fórum de discussão são: 1) ausência de um padrão linear de publicações, ou seja, o grupo está sujeito à imprevisibilidade do sistema, ocorrendo publicações variadas e inesperadas; 2) o *feedback* funciona como um mecanismo de produção do discurso dialógico - constituído pela e na interação entre diferentes sujeitos, que por sua vez, produzem vozes sociais; 3) por ser um ambiente em constante mudança, os blocos constituintes desse sistema complexo, se alternam e possuem uma grande variedade de combinações. Assim, é possível observar a comunidade como um sistema complexo, composto por combinações variadas (sujeitos e opiniões) que se auto-organizam, por meio de interação e *feedback*, para a manutenção das discussões e emergências no grupo.

Após a apresentação e discussão das emergências e gêneros discursivos, retomo às demais perguntas de pesquisa e faço a análise dos propiciamentos gerados pelo grupo da JASBRA na próxima seção.

6.6 Os propiciamentos da comunidade JASBRA

Para responder a quarta pergunta de pesquisa, esta seção analisou quais são e como os propiciamentos influenciam o grupo da JASBRA. Retomei a teoria de ‘*affordances*’ proposta por Gibson (1979) e interpretada por Van Lier (2004), além de compreender que os propiciamentos gerados pelo grupo pesquisado são fruto das ações sociais de seus membros como afirma Gaver (1991). Por se tratar de interações que ocorrem em um ambiente digital, a observação dos propiciamentos foi fundamental para a análise e explicação de como as pessoas se apropriam de maneiras diferentes de uma mesma tecnologia (NORMAN, 1999; GAVER, 1991). Ao utilizarem as publicações do grupo como fonte de informações, os membros conseqüentemente modificam a comunicação e o comportamento do próprio sistema (WELLMAN *et al*, 2003), que é a comunidade da JASBRA.

O que Gaver (1991) chama de propiciamentos sociais é percebido na comunidade da JASBRA como as ações sociais que permitem a interação em ambientes digitais como o *Facebook*. Os propiciamentos gerados pelo grupo estão relacionados aos modos pelos quais a Internet pode influenciar a vida das pessoas (WELLMAN *et al*, 2003). As novas práticas em ambientes digitais, assim como as novas conexões que são realizadas continuamente dentro desses ambientes, promovem as chamadas comunidades especializadas, segundo Wellman (2001). Nesse sentido, os membros do grupo da JASBRA, por meio de seus comportamentos, interações e conexões constroem uma comunidade especializada na vida e obra da escritora Jane Austen.

Com o propósito de analisar os propiciamentos que emergem na comunidade, foram utilizados os grupos de propiciamentos propostos por Boyd (2010) e por Treem e Leonardi (2012) que favoreceram a análise dos dados coletados. Tanto Boyd (2010) quanto Treem e Leonardi (2012) destacaram quatro grupos de propiciamentos, que apesar de alguns receberem nomenclaturas diferentes, possuem características semelhantes.

Quadro 7 – Grupos de propiciamentos

GRUPOS DE PROPICIAMENTOS	
Boyd (2010)	Treem e Leonardi (2012)
Persistência	Persistência
Reprodutibilidade	Editabilidade
Capacidade de Pesquisa	Visibilidade
Escalabilidade	Associação

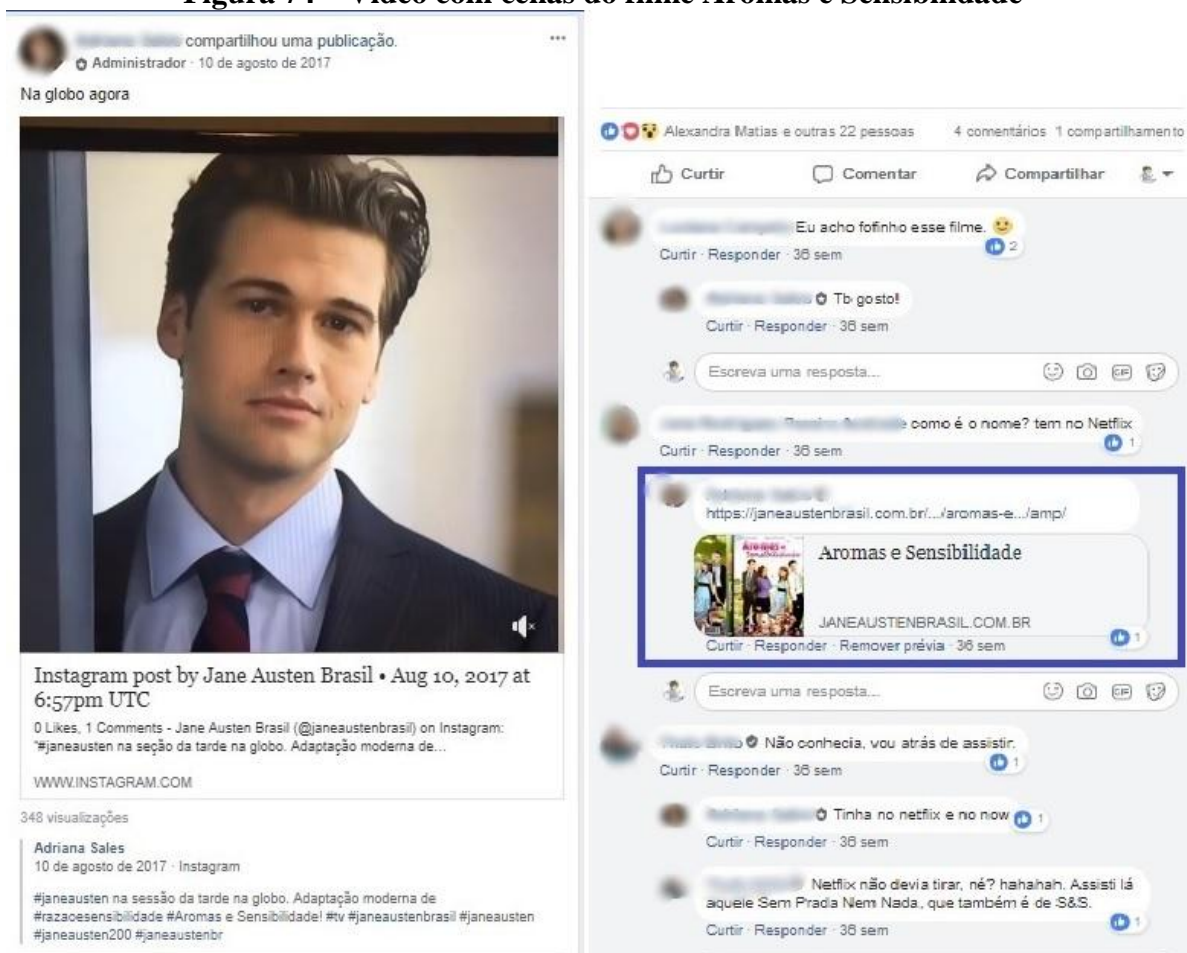
Fonte: Elaboração própria

A persistência é um grupo de propiciamentos percebidos tanto por Body (2010) quanto por Treem e Leonardi (2012). A **persistência** está relacionada à capacidade de as publicações (mensagens, imagens, vídeos, *links*) serem automaticamente salvas e publicadas na comunidade da JASBRA. Nesse sentido, os membros não precisam ter um conhecimento especialista sobre como salvar as publicações, o próprio sistema propicia o arquivamento. Porém, quando há necessidade de pesquisa sobre um tópico de interesse de algum membro, existe o campo de busca de informações, de maneira que as publicações, além de serem acessadas novamente, podem ser visualizadas, reeditadas e até recontextualizadas.

A capacidade de armazenar e recuperar mensagens favorece a busca por assuntos de interesse dos membros, não sendo apenas um propiciamento do *site*, mas favorece o resgate de informações e conteúdo. Quando um membro deseja detalhes sobre uma publicação específica, é possível retomar às publicações anteriores com facilidade e rapidez. Além disso, quando um assunto é recuperado, é possível recorrer às informações contidas dentro do sistema para serem usadas na colaboração.

Por exemplo, alguns membros contribuíram com suas opiniões em uma publicação sobre o filme *Aromas e Sensibilidade* (Figura 74), uma adaptação moderna de *Razão e Sensibilidade*, exibido no programa Sessão da tarde, do canal Globo. O que para alguns era novidade, para outros já era uma adaptação conhecida e assistida inúmeras vezes. Inclusive, foi possível recuperar uma publicação no próprio grupo anunciando o lançamento desse filme em 2012 (em destaque no quadro azul da imagem). Como as publicações permanecem salvas, novos e futuros membros podem realizar, a qualquer tempo, contribuições para enriquecer a interação no sistema e o conhecimento a respeito da escritora e de suas obras.

Figura 74 – Vídeo com cenas do filme Aromas e Sensibilidade



Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

O grupo possui mais de 7200 publicações¹⁸⁰ que permanecem disponíveis para os usuários do sistema e não desaparecem com o passar do tempo. Também é por causa da persistência que os propiciamentos gerados neste grupo possibilitam uma variedade de usos e práticas (TREM; LEONARDI, 2012). O comportamento dos membros e os usos das informações geradas causam impactos no comportamento de outros usuários do Facebook. Um exemplo desse impacto é o fato de algumas pessoas, de contextos e comunidades diferentes, se interessarem pela escritora Jane Austen serem influenciadas pelos membros ou publicações do grupo.

De um modo geral, esses propiciamentos favorecem a manutenção do conhecimento; recriam formas diferentes de comunicação e o conteúdo armazenado pode crescer à medida que novas contribuições são feitas.

A reprodutibilidade (BOYD, 2010) e a editabilidade (TREM; LEONARDI, 2012) são termos que se assemelham. Além da capacidade de duplicação de conteúdo, a

¹⁸⁰ Dados de 10 de agosto de 2017.

reproduzibilidade consiste, também, na possibilidade de alteração e edição. Enquanto a **editabilidade** é a ação de criar e recriar um ato comunicativo antes e depois de outros o acessarem. Ao reproduzirem publicações do grupo sob a forma de compartilhamentos no *Facebook* ou para outras redes sociais, os membros acabam reforçando o ato de comunicação previamente publicado na comunidade. Ou seja, outras pessoas, mesmo as que não estão diretamente ligadas ao grupo, acabam sendo expostas ao conteúdo publicado no grupo da JASBRA. A Figura 75 mostra um exemplo de compartilhamento feito por sete perfis (membros da JASBRA) e duas *fanpages* no *Facebook*: Colecionadora de Filmes/Livros em português¹⁸¹, e, *Salon de Te* de Jane Austen¹⁸², em espanhol. Reforçando a ideia de que mesmo sem pertencerem ao grupo, outras pessoas podem ser atingidas pela publicação originada na comunidade, o que demonstra também que o sistema é aberto.

Figura 75 – Exemplos de compartilhamentos originados na comunidade da JASBRA



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

¹⁸¹ <<https://www.facebook.com/colecionadoradefilmes/>>

¹⁸² <<https://www.facebook.com/pg/SalonJaneAusten/>>

A editabilidade propicia aos membros a modificação e revisão do conteúdo, mesmo quando este já tenha sido publicado. Além disso, os propiciamentos gerados pela função de edição permitem ajustar opiniões pessoais e direcionamento de conteúdo.

A capacidade de pesquisa (BOYD, 2010) ou escalabilidade (TREM; LEONARDI, 2012) que possibilita a recuperação de informações, favorece o potencial de visibilidade (TREM; LEONARDI, 2012). Esses três grupos de propiciamentos acabam operando em conjunto e serão detalhados e exemplificados a seguir.

A possibilidade de recuperar informações dentro do sistema faz parte da **capacidade de pesquisa** do *Facebook* - um recurso conhecido entre os usuários, visto que o campo de pesquisa está na lateral esquerda da página da comunidade e é rotina dos usuários de Internet a utilização de *sites* de busca como o *Google*, por exemplo. A Figura 76 mostra o *box* de pesquisa da comunidade da JASBRA, com opções de classificações de publicações mais relevantes ou mais recentes; escolha do responsável pelas publicações (qualquer pessoa, o próprio membro, os amigos ou um membro específico); a localização de onde originou a publicação (qualquer lugar, a cidade do membro ou uma cidade especificada pelo pesquisador); e, por último, a data da publicação (aleatório ou escolha por anos ou datas específicas).

Figura 76 – Opções de busca de informações da comunidade JASBRA

The image shows a Facebook group interface. On the left, a sidebar contains navigation options: '#jasbra', '#janeaustenbrasil', 'Grupo público', 'Sobre', 'Discussão', 'Membros', 'Eventos', 'Vídeos', 'Fotos', 'Arquivos', 'Informações do grupo', 'Gerenciar grupo', 'Encontro da JASBRA' (circled in blue), 'Filtrar resultados', 'Classificar por' (with radio buttons for 'Publicações mais relevantes' and 'Mais recentes'), and 'Publicado por' (with radio buttons for 'Qualquer pessoa', 'Você', 'Seus amigos', and 'Escolha uma fonte...'). The main content area shows three posts from the 'Jane Austen Society of Brazil' group. The first post, dated 12 de março de 2017, is about the VI Encontro Nacional da Jane Austen Sociedade do Brasil. The second post, dated 13 de junho de 2017, is about a video from the VI Encontro Nacional da JASBRA. The third post, dated 28 de outubro de 2012, is about the 4o Encontro Nacional da JASBRA.

Fonte: Comunidade da JASBRA no Facebook

Na figura 76 é possível observar que as palavras utilizadas para a busca foram ‘Encontro da JASBRA’ (circulado em azul na imagem) e respectivas seleções de classificação, publicação, localização e data, escolhidos de maneira aleatória, apenas para mostrar o mecanismo de busca do grupo no *Facebook*.

A **visibilidade** permite que se tornem observáveis os comportamentos dos membros, o conhecimento gerado no grupo, as preferências e as conexões entre os usuários. Além de tornar visíveis as publicações, os comentários e reações do grupo, esses comportamentos dos usuários podem ser monitorados a qualquer momento. A visibilidade propicia o acesso direto à informação, como por exemplo: o grupo tem maior preferência por tópicos em torno de

filmes, séries de televisão e/ou atores/atrizes do que a discussão dos livros propriamente dita. Tal preferência pode ser observada pelo número de comentários e reações que as imagens e os vídeos recebem relacionados às adaptações ou atores/atrizes, se comparados, por exemplo, com tópicos de discussão acerca de algum elemento presente nos livros (Figura 77).

Figura 77– Exemplo de publicação sobre atores de filmes e séries de televisão



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A **escalabilidade** está relacionada à capacidade e acesso ao conteúdo por meio de pesquisa, favorece uma ampla distribuição de informação. As publicações originadas no grupo podem ser replicadas em outros espaços digitais e vice-versa. É comum uma publicação fora de o *Facebook* despertar interesse em um dos membros e este, por sua vez, ter o interesse em replicá-la na comunidade da JASBRA. A Figura 78 apresenta uma publicação originada

na *fanpage Jane Austen Boladona* e replicada no grupo da JASBRA. Muitas vezes, não é necessário nem o usuário do *Instagram* salvar o *link* da publicação ou dar um *printscren* da tela publicada, porque o próprio *site* oferece o recurso de replicação de publicação nas páginas pessoais, comunidade e *fanpages* do *Facebook*.

Figura 78- Publicação da Jane Austen Boladona replicada no Facebook



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

Assim, é comum o compartilhamento de publicações provenientes de *blogs*, *sites*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube*, no *Facebook* e vice-versa. Entretanto, o ato de distribuir conteúdos e torná-los público, não significa necessariamente que haverá audiência, pois eles podem ser ignorados por outros usuários.

Por último, o grupo de propiciamentos chamado '**associação**' (TREM; LEONARDI, 2012) refere-se à conexão entre as pessoas ou entre as pessoas e o conteúdo. A participação no grupo da JASBRA no *Facebook* promove o fortalecimento de laços sociais, como novas

amizades e seguidores de publicações. Além disso, a contribuição em forma de publicações propicia a vinculação de uma pessoa a um conteúdo; ou a vinculação de uma publicação a um determinado conteúdo com o uso de marcações como as *hashtags* (#), por exemplo.

A vinculação de uma pessoa a um conteúdo é possível de ser observada quando um membro usa @nomedeoutrouusuário para chamar a atenção de um usuário (Figura 79). No grupo é perceptível a vinculação de determinadas publicações à Jane Austen Sociedade do Brasil quando os membros usam as *hashtags*: #janeaustenbrasil, #jasbra ou #janeaustenbr. Nesta figura, um membro publicou na comunidade JASBRA e utilizou @ para fazer a marcação de Laaleen Sukhera, que fez a publicação original da Comunidade Austenistan¹⁸³.

Figura 79- Comunidade Austenistan



Fonte: Fanpage Jane Austen Literacy Foundation¹⁸⁴

De um modo geral, os propiciamentos neste grupo mantêm a conexão social, o acesso a conteúdos relevantes por meio de publicações, compartilhamentos, mecanismos de busca ou da utilização de *hashtags*, que favorecem o acesso às informações com apenas um clique.

¹⁸³ <<https://www.facebook.com/austenistan/>>

¹⁸⁴ Publicação de 06 de fevereiro de 2017 <<https://www.facebook.com/janeaustenlf/>>

Além disso, permitem uma conexão emergente, isto é, pessoas se associarem às outras ou indexarem o conteúdo, os usuários tornando a pesquisa mais rápida e precisa. Nesse sentido, os membros podem ser mais participativos, ao escolherem o que desejam publicar; ou passivos no sentido de que não contribuem com as publicações, porém podem ser influenciados fortemente por elas ou difusores de conteúdo de outros membros.

A marcação feita com o uso do símbolo @ ou por *hashtags* facilita a formação de agregados, o que Holland (1995) concebe como sendo os elementos que atraem para si outros elementos, formando um sistema. A marcação facilita a interação seletiva, pois permite ao agente escolher entre outro(s) agente(s). No exemplo da Figura 80, a marcação pode ser observada com a utilização de @ acrescido do nome do usuário, quando desejamos chamar a atenção de uma ou mais pessoas para determinada publicação no *Facebook*. E uso de arroba e *hashtag* para marcar @Signaturereads em outra publicação (Figura 80) ou a *hashtag* #janeausten200 para marcar as homenagens ao bicentenário de morte de Jane Austen.

Figura 80– Exemplo de publicação com uso de arroba e *hashtag*



Fonte: Comunidade da JASBRA no *Facebook*

A utilização de *hashtags* é também uma maneira de fazer uma marcação e relacionar determinada publicação a quem se deseja chamar a atenção ou para marcar a publicação como

sendo referente à Jane Austen, por exemplo. Assim, é possível clicar em uma *hashtag* e ver quais publicações usaram o mesmo termo, facilitando a busca de informações sobre determinado assunto e permitindo que os usuários nomeiem suas publicações que estão relacionadas ao mesmo assunto (Figura 81) e depende dos usuários da Internet para que todas as publicações geradas nas mais diversas redes sociais sejam indexadas. Além de relacionar assuntos às *hashtags* utilizadas pelos membros deste grupo, o uso dos símbolos # e @ proporciona uma nova forma de escrita híbrida, caracterizada pelo uso de letras e símbolos, remetendo a um assunto específico ou a uma comunidade discursiva específica.

Figura 81- Exemplo de uso de *hashtag*



Fonte: *Jane Austen Society of Pakistan*¹⁸⁵

Ao analisar os propiciamentos gerados pela comunidade da JASBRA percebe-se que o ambiente é rico em exemplos que tornam o grupo um facilitador para a comunicação direta entre os membros, criam interação e envolvimento. A maneira como as pessoas utilizam a Internet pode influenciar positivamente os demais usuários, como foi possível observar nas análises de emergências e propiciamentos no grupo da JASBRA especificamente.

Após as considerações a respeito dos propiciamentos gerados pela comunidade da JASBRA, passo para a próxima seção que teve como objetivo principal responder à pergunta

¹⁸⁵ Publicação de 04 de outubro de 2016 <<https://www.facebook.com/JaneitesPakistan/>>.

sobre como as interações e as produções dos fãs deste grupo podem ser analisadas sob o ponto de vista do capital emergente/capital social.

6.7 A produção dos fãs e o conhecimento/capital emergente

O objetivo desta seção foi responder a quinta pergunta de pesquisa: “como as interações e as produções dos fãs deste grupo podem ser analisadas sob o ponto de vista do capital emergente/capital social?”.

Existem inúmeras produções que emergem da JASBRA e se tornam exemplos de **capital social** do grupo como a revista acadêmica *Literausten*, as publicações em formato cômico, das *Cartas para Madame Austen* e *Jane Austen Irônica*, os *memes* produzidos a partir de cenas de filmes ou séries de televisão baseados nas obras da escritora.

O desenvolvimento do capital social do grupo se estrutura a partir das cinco categorias propostas por Bertolini e Bravo (2004), a saber: relacional, normativa, cognitiva, confiança no ambiente social e institucional. As relações e trocas entre os integrantes da JASBRA constitui a categoria **relacional**, ou seja, ocorrem por meio da interação; as normas de comportamentos e o que é valorizado pelo grupo, fazem parte da categoria **normativa**; e a estrutura do grupo, como as regras de interação da comunidade (publicadas para que todos possam ler na seção ‘sobre’ do grupo), fazem parte da categoria **institucional**; as informações trocadas pelos integrantes da JASBRA e soma do conhecimento produzido pelo grupo é a categoria **cognitiva**; e, por último, a confiança e cordialidade entre os membros se encaixam na categoria **confiança no ambiente social**.

De modo geral, as interações observadas na comunidade da JASBRA contribuem para a emergência da aprendizagem colaborativa. Apesar de não ser um ambiente formal de aprendizagem e seus membros não se considerarem especialistas em literatura inglesa, a riqueza dos conteúdos das informações é fator que agrega uma diversidade de interações entre as pessoas, promovendo a construção coletiva ou da inteligência coletiva (LÉVY, 2003). A JASBRA disponibiliza informações sobre o universo austeniano e, dependendo da interação e do interesse de cada membro, o conhecimento produzido constantemente pode ser expandido, transformando as interações nesse ambiente em fator chave para a aprendizagem colaborativa, ou seja, aquela que é construída a partir da contribuição de todos.

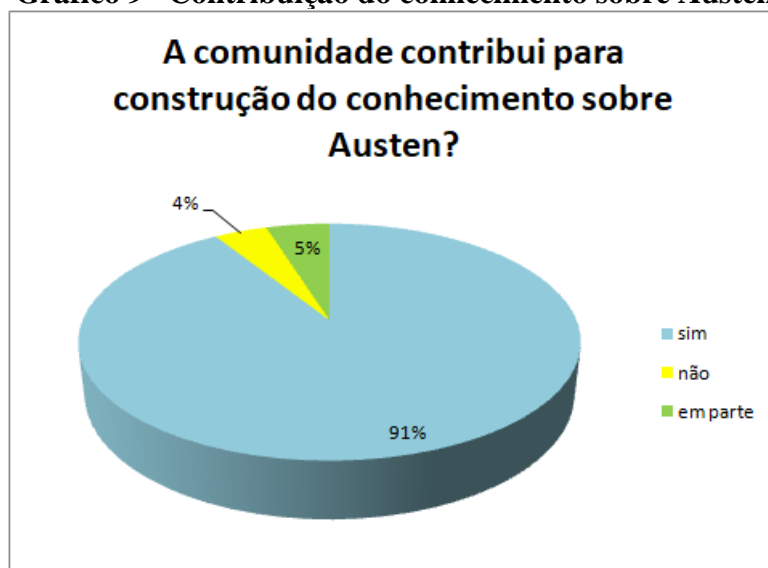
Dentro da perspectiva da comunidade, espera-se que os participantes aumentem o conhecimento uns com os outros, favorecendo o que Johnson (2003) chama de **inteligência**

emergente, ou seja, a capacidade de guardar e recuperar informação, além de reconhecer e responder a padrões de comportamento humano. Assim, a inteligência emergente neste grupo gira em torno da vida e obra de Jane Austen, fruto das interações entre os membros da JASBRA que, ao acrescentarem informações em publicações ou comentários, levam uns a aprenderem com os outros.

A participação dos membros resulta em uma espécie de mobilização de competências – cada membro faz contribuições de acordo com seu conhecimento – com a finalidade de usá-los em benefício do coletivo. Sendo assim, o conhecimento não fica restrito a um número reduzido de pessoas, ele é construído e reconstruído por meio das trocas sociais e é distribuído para todos.

Ao mensurar as contribuições dos membros da JASBRA, 91,1% dos respondentes (R) da pesquisa na comunidade da JASBRA consideram que o grupo contribui para a construção do conhecimento sobre Jane Austen no Brasil (Gráfico 9).

Gráfico 9– Contribuição do conhecimento sobre Austen



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Entre as justificativas de que a comunidade da JASBRA produz conhecimento sobre a escritora, cito as seguintes: “alta qualidade dos *posts* e dos comentários críticos e criteriosos” (R4); “pela responsabilidade em realmente divulgar Jane Austen desde a fundação do grupo, sempre fazendo intercâmbio com outros países, produzindo reportagens e encontros presenciais” (R10); “tenho visto muita participação de alunos de graduação e de pós, então acredito que o grupo ajude, no mínimo, a reunir essas pessoas e também a inspirá-las a estudar o assunto” (R20); “há sempre *posts* atuais sobre novos livros, edições, filmes e séries”

(R65); “sua fundadora é profunda conhecedora da obra, fala da JASBRA em vários meios de comunicação procura sempre novidades, e os membros também postam *links* interessantes” (R111); e, “a JASBRA, além de divulgar tudo sobre a obra da autora, ainda estimula a leitura dos seus livros e a interação social entre os membros da Sociedade no Brasil” (R119).

Os respondentes que acreditam que a JASBRA não produz conhecimento sobre a escritora em território nacional (4%) afirmam que: há “poucas postagens com profundidade, com temas/assuntos pertinentes sobre as obras ou costumes da época” (R81); “não vejo no grupo uma força de debate literário, as postagens costumam ser mais relacionadas às curiosidades, novidades comerciais relacionadas à autora e coisas do tipo, salvo algumas publicações mais úteis, na maior parte do tempo funciona mais como um fã-clubê” (R114).

Entre as razões pelas quais os respondentes disseram que a JASBRA contribui em parte para o conhecimento a respeito de Austen no Brasil (5%), as justificativas se baseiam nas respostas: “acho que o grupo se abre pouco para fora e, mesmo contando com acadêmicos, é menos participativo do cotidiano literário e cinematográfico das pessoas do que poderia” (R47); “tenho a impressão de que a maioria dos membros prefere falar sobre adaptações, atores preferidos, *etc.*” (R51); “Acredito que deveria haver encontros regionais em diversas capitais, pois isso iria favorecer que mais membros pudessem comparecer aos eventos” (R62); “poderia gerar leituras coletivas das obras para podermos reler e discutir juntas” (R66); e, “vejo que as pessoas acabam por se (*sic*) focar demais em discutir adaptações cinematográficas das obras do que realmente as obras em si”.

Ao analisar as respostas positivas dos participantes verifiquei que a qualidade das publicações e as novidades dos *posts* estão entre os fatores mais citados. Além disso, os respondentes consideram a comunidade um espaço colaborativo entre os fãs e os acadêmicos. Entre os participantes que não consideram a JASBRA como uma comunidade que promove o conhecimento acerca da escritora, suas respostas se baseiam na impressão de que as publicações não têm profundidade e que o grupo não possui força de debate literário. Entretanto, no grupo do *Facebook* são divulgados inúmeros *links* para publicações acadêmicas¹⁸⁶ originados no *blog*, que podem ser consideradas pesquisas de profundidade a respeito da escritora, e, o debate literário do grupo pode ser observado na quantidade de publicações, reportagens e artigos que os membros da comunidade escrevem. Ao considerarem que as publicações não têm profundidade, possivelmente esse respondente se refere à economia de palavras nos parágrafos publicados no *Facebook* que direcionam para

¹⁸⁶ <<https://janeaubrasil.com.br/category/pesquisas-academicas/>>

publicações mais longas do *blog* da JASBRA. A quantidade reduzida de reuniões para discussões literárias e encontros regionais também foram citadas como motivos para que a JASBRA não seja considerada uma comunidade que produz conhecimento a respeito da escritora. Entretanto, a JASBRA realiza anualmente, desde 2009, encontros nacionais¹⁸⁷ (reunião de membros de várias partes do Brasil) e encontros regionais¹⁸⁸, porém com menor frequência.

A formação de comunidades virtuais como a da JASBRA permite também que os usuários adicionem uns aos outros, e essa interação mediada pelo computador “oferece novas formas de acumulação e acesso a recursos que normalmente não são tão acessíveis aos grupos e indivíduos no cotidiano” (RECUERO, 2012b, p. 599). Nesse sentido, o conhecimento gerado pelo grupo da JASBRA e as informações publicadas ali são de fácil acesso para as pessoas de um modo geral. O acesso à Internet e às redes sociais facilita o contato com esse tipo de informações que não é facilmente encontrada em livros, principalmente em língua portuguesa. Assim, o capital social do grupo está diretamente relacionado às conexões sociais, ou seja, nas palavras de Recuero (2012b, p. 599) “obtido através do pertencimento a um grupo social”.

O capital social no grupo da JASBRA pode ser compreendido como sendo o recurso criado pelos membros com o propósito de obter benefícios. O investimento de cada membro é variável, podendo ser desde a criação do perfil, apenas para acompanhar a comunidade; a criação e a manutenção das conexões sociais, que trazem informações relevantes ao membro; e, por último, o compartilhamento de recursos. Assim, ao publicar uma informação que considere relevante para o grupo da JASBRA, o membro estará realizando também uma forma de investimento. Esse investimento pode ter retorno em forma de curtidas ou comentários dos demais membros. Por sua vez, os recursos disponibilizados pelo grupo são “construídos, negociados e transformados pela própria ação dos grupos” (RECUERO, 2012b, p. 607).

A criação da comunidade da JASBRA no *Facebook*, por exemplo, é um tipo de investimento que depende dos outros usuários para que ocorra a legitimação e o reconhecimento da existência do grupo nesse ambiente. À medida que o grupo possui mais conexões associativas, passa a ter maior visibilidade, que por sua vez, o torna mais popular, ou seja, o grupo é reconhecido pelos demais usuários. Assim, quanto mais curtidas, comentários ou compartilhamentos uma publicação possui, maior é a capacidade de tornar

¹⁸⁷ <<https://janeaustenbrasil.com.br/category/encontro-nacional/>>

¹⁸⁸ <<https://janeaustenbrasil.com.br/category/encontro-regional/>>

essa publicação visível para outras pessoas. Além disso, a existência de um grupo como esse, possibilita a circulação das informações já que conecta outros grupos e pessoas diferentes. Recuero (2012b) afirma que a proximidade entre os membros permite que eles se tornem mais investidores no próprio grupo e aumentem ainda mais a clusterização. No grupo da JASBRA é possível perceber que há membros que investem seu tempo em procurar e divulgar novas informações sobre a escritora, e eles agem como verdadeiros investidores do capital social do grupo. Desse modo, quanto maior o investimento, maior o engajamento e principalmente maiores são os benefícios coletivos.

Acredito que a constância de publicações, tanto no *blog* quanto na comunidade no *Facebook*, a participação de pesquisadores e a permanência do grupo Jane Austen Brasil há dez anos na Internet são motivos para justificar a contribuição que os membros da JASBRA fazem para a construção e a manutenção do nome de Jane Austen em nosso país. Entre os fatores que contribuem para a permanência e manutenção da comunidade estão os investimentos pessoais dos membros ao buscar notícias e publicá-las, compartilhar informações que consideram relevantes, permitindo que outras pessoas tenham acesso ao capital social do grupo. Além disso, a interação e as produções que emergem nesses ambientes virtuais só aumentam a popularidade da escritora, o que será discutido na próxima seção.

6.8 A popularidade de Jane Austen na Internet

A sexta pergunta desta pesquisa indaga quais fatores podem explicar o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet, tendo em vista que as participações nas redes sociais não são comportamentos preestabelecidos ou obrigatórios, mas um movimento espontâneo dos numerosos fãs da escritora. Para responder esta questão, recorro ao referencial teórico sobre Jane Austen na Internet e nos estudos sobre os fãs da escritora (YAFFE, 2013; LOOSER, 2017; BATTAGLIA E SAGLIA, 2004; MANDAL; SOUTHAM, 2007; HARMAN, 2009; SIMONS; 2009) para verificar se a identificação dos fãs de Austen ao redor do mundo condiz também com a realidade aqui no Brasil, especificamente com a comunidade da JASBRA. Além disso, também retomo as cinco categorias de fãs propostas por Emmanouloudis (2015) e concepção de cultura participativa de Jenkins (2009) para análise dos comportamentos dos membros da JASBRA.

Entre os fatores que justificam a presença cada vez mais numerosa dos fãs de Jane Austen nas redes sociais deve-se ao fato, principalmente, da facilidade de acesso à Internet e aos dispositivos eletrônicos como computadores, *tablets* e celulares. Como leitores e fãs no mundo real, o desdobramento de fãs para o universo virtual já era esperado. Yaffe (2013, p. 181) argumenta que “já existiam fãs de Jane Austen antes da existência da Internet, mas o *fandom* de Jane Austen é uma criação da era digital¹⁸⁹”. Esse *fandom* global é composto por pessoas de todas as partes do mundo que compartilham seu gosto em comum pelos livros e filmes baseados na obra da escritora. Essa popularidade, que pode ser observada em várias línguas em uma simples consulta ao *Facebook*, é algo sem precedentes e que Jane Austen jamais vivenciou (YAFEE, 2013).

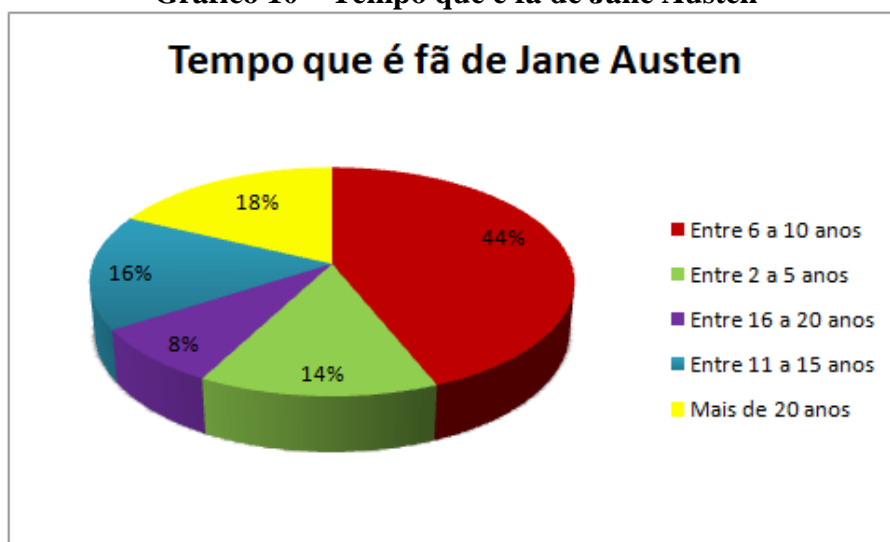
No grupo da JASBRA foi possível observar que existem duas correntes de fãs: uma composta por aqueles fãs passionais, que tratam até os personagens dos livros de Austen como pessoas reais, principalmente quando são publicadas imagens dos atores/atrizes que incorporaram esses personagens. E outra composta por fãs que discutem de forma amadora ou acadêmica os livros, buscam aprofundamento de conhecimento, contextualizações precisas e fazem discussões acaloradas sobre particularidades das obras.

A popularidade de Jane Austen se deve à sua criação de personagens de cunho universal. Segundo Biajoli (2017), uma parte do sucesso da escritora na atualidade deve-se ao fato de que a obra de Jane Austen é ressignificada a partir de fantasias e valores contemporâneos. O universo de *fanfictions* cresce a cada dia e faz com que a popularidade da escritora seja alimentada, basicamente, pela apropriação de suas obras na televisão e no cinema, conforme Biajoli (2017). Entretanto, com o levantamento de dados do questionário aplicado na comunidade da JASBRA, é possível afirmar que ao menos no grupo pesquisado existe um equilíbrio entre os fãs que conheceram Jane Austen ao lerem seus livros (56%) e aqueles que a conheceram a partir de filmes ou séries de televisão (47%).

O caminho percorrido pelos fãs leitores e os fãs que assistem às adaptações é bem diferente. Normalmente, os leitores tiveram o interesse despertado por Austen por meio dos livros que leram e mantiveram o gosto ou fizeram releituras das obras ao longo de vários anos. Entre os respondentes, o Gráfico 10 mostra que entre os respondentes do questionário há fãs antigos de Jane Austen: 16,3% são fãs da escritora entre 11 a 15 anos, 8,1% entre 16 a 20 anos, e, 17,9% conhecem Austen há mais de 20 anos.

¹⁸⁹ “[...] there were Jane Austen fans before there was an Internet, but Jane Austen Fandom is a creation of the digital age.” (Tradução nossa)

Gráfico 10 – Tempo que é fã de Jane Austen



Fonte: Elaboração a partir dos dados coletados no questionário

Já os fãs que conheceram Austen pelas adaptações, possuem interpretações distintas dos livros, tendo em vista que uma adaptação em vídeo não consegue ser “fiel”, tratando apenas de ser uma releitura da obra. Nesse sentido, existem inúmeros casos de más interpretações das histórias ou dos personagens, justificadas, principalmente pelas experiências televisivas ou cinematográficas dos fãs.

O objetivo desta pesquisa não é avaliar a qual categoria pertence Jane Austen: ao cânone literário ou ao seu *fandom*. Porém, foi possível perceber que a principal convergência entre o cânone e o *fandom* da escritora pode ser percebida como os membros de ambas as categorias se apropriam do ambiente virtual ao participarem de redes sociais com perfis ou comunidades relacionados à autora. Tanto o apelo dos livros quanto o apelo das adaptações são motivos para criação de contas nas redes sociais. Os livros proporcionam a análise da obra de Austen como escritora afiada na ironia, representante do realismo inglês e com traços, na escrita, que podem passar despercebidos em uma leitura mais superficial. Por outro lado, o apelo das adaptações também é forte devido à associação da escritora ao idealismo romântico e às histórias “açucaradas”.

Não se pode negar que os filmes e séries produzidos nos anos 1990, como *Razão e Sensibilidade* (1995), *Orgulho e Preconceito* (1995) e *Emma* (1996), foram adaptações que conduziram Austen para a popularidade que é observada no século XXI. Assim, enquanto não existiam redes sociais como as que conhecemos hoje, as listas de *e-mails* eram utilizadas, na década de 1990, para discussão e interação entre as fãs impulsionadas, principalmente, pelo renascimento cinematográfico da escritora.

A *Chawton House Museum*¹⁹¹ e o *The Jane Austen Centre*¹⁹² na Inglaterra, também são responsáveis por vendas exclusivas de objetos, acessórios e livros sobre Jane Austen. Considerados os museus oficiais em homenagem à escritora, eles vendem todo tipo de mercadoria que atraia os fãs. Na comunidade da JASBRA, as publicações que normalmente recebem muitas reações são aquelas com divulgações de lançamentos de livros, objetos ou qualquer artefato à venda.

Aqui no Brasil, a comunidade da JASBRA também reproduz esse comportamento de consumo de itens relacionados à escritora. Por volta de 2008, a maior dificuldade dos fãs brasileiros era ter acesso aos livros traduzidos para o português brasileiro, pois muitos estavam esgotados nas editoras e não eram fáceis de serem encontrados nos sebos do país. A partir de 2009 até os dias atuais, viu-se um número crescente de obras traduzidas para o português serem publicadas pelas mais diversas editoras, motivadas, principalmente, pela procura dos fãs. As novas edições publicadas nos últimos 8 anos aqui no Brasil abrangeram os seis livros principais da autora, alguns livros inacabados, alguns livros escritos na fase da “juvenília”¹⁹³, biografias e continuações das histórias (*fanfictions*). Apenas o livro ‘Orgulho e Preconceito’ recebeu mais de 20 edições diferentes, traduzidas por 8 tradutores no Brasil segundo Henge (2015).

Posteriormente, a partir de 2000, foram comercializados DVDs contendo as obras adaptadas para o cinema e a televisão, sendo a *LogOn*¹⁹⁴ a principal responsável por trazer esses títulos, com legendas em português, disponível antes somente em língua inglesa. A *LogOn* distribuiu 7 títulos dos 17 lançados no Brasil, nos últimos 17 anos. Ao final desta tese, no Anexo III, estão listados os DVDs comercializados no Brasil, com nomes dos títulos, ano de produção, ano de lançamento do título, empresa responsável e origem das adaptações. No Gráfico 11 é possível observar que os lançamentos relacionados à Jane Austen começaram no século XXI e tiveram seu auge no ano de 2011 com seis lançamentos da *LogOn*.

¹⁹¹ <<https://www.jane-austens-house-museum.org.uk/onlineshop>>

¹⁹² <<https://www.janeausten.co.uk/shop/>>

¹⁹³ Os escritos chamados de juvenília são aqueles que foram escritos durante a adolescência de Jane Austen e não tinham o objetivo de serem publicados. Apenas após a morte da escritora é que esses escritos foram reunidos e publicados.

¹⁹⁴ A editora Logon, hoje com atividades encerradas, comercializou diversos títulos produzidos pelos canais BBC e ITV da Inglaterra. Além de Jane Austen, foram lançados DVDs com adaptações de obras de Charles Dickens, Elizabeth Gaskell, entre outros.

Gráfico 11– DVDs distribuídos no Brasil



A cultura típica de fãs que busca e adquire objetos representativos da autora, também se popularizou entre os membros da comunidade da JASBRA promovendo uma procura por itens de papelaria, vestuário e decoração que estivesse relacionado à escritora e suas obras. A JASBRA foi uma das pioneiras a oferecer camisetas, *ecobags* e marcadores de livros, desde o primeiro encontro nacional da sociedade em 2009 (figura 83).

Figura 83 – Produtos comercializados durante o 1o encontro nacional da JASBRA



Fonte: Blog da JASBRA

Ao tentar compreender o fenômeno de popularidade de Jane Austen no Brasil, também temos que levar em consideração o comportamento de seus fãs, já que nessas comunidades digitais, os fãs são como “tribos” que compartilham interesses em comum. Nesse sentido, os membros da JASBRA podem ser classificados de acordo com as cinco categorias propostas

por Emmanouloudis (2015): fã simples, entusiasta, entusiasta vantajoso, criador e transeunte. O **fã simples** se enquadra na grande maioria dos perfis de membros da JASBRA, isto é, aquele usuário que é membro da comunidade, segue as publicações realizadas por outros membros com certa regularidade e compartilha com outros perfis e comunidades as publicações do grupo. Há também a categoria de **fã entusiasta** que normalmente acompanha as publicações do(s) grupo(s) com mais frequência, participa das discussões fazendo comentários e reagem aos *posts*. Quanto ao **fã vantajoso**, ele é o tipo de membro que possui condições financeiras para ter acesso a informações com maior exclusividade, normalmente são aqueles membros que pagam a anuidade da JASNA, recebem duas publicações anuais da sociedade norte-americana, entre outros benefícios; ou, assinam a revista ‘*Jane Austen’s Regency World Magazine*’, por exemplo. O **fã criador**, que se ocupa com produção textual, faz parte de uma categoria em constante crescimento na JASBRA. Nessa categoria estão os fãs que produzem vídeos, imagens, artigos, trabalhos acadêmicos e publicações, além das *fanfictions*. Por fim, o **fã transeunte** é o tipo de fã que raramente participa da comunidade e não se apresenta aos demais membros, não sendo possível detectar quando visitou o grupo ou se leu as publicações.

A atuação dos fãs de Jane Austen faz com que o nome da escritora seja facilmente encontrado em pesquisas na Internet, devido ao número elevado de *blogs* e publicações relacionados ao universo Austeniano. Uma busca simples no *Google*, com os termos ‘Jane Austen *blogs*’, em questão de segundos, mostra uma ocorrência com mais de 521 mil resultados¹⁹⁵. No *Facebook* essa popularidade também é perceptível, com mais de 100 comunidades que levam o nome da escritora, isso sem considerar as comunidades que recebem o nome dos livros de Austen. Aqui no Brasil, a popularidade de Austen no *Facebook* deve-se ao fato dessa ser a principal rede social utilizada pelos brasileiros, além de ser uma rede que possibilita comentários, reações e compartilhamentos de informações sem exigência de grande conhecimento de informática, inclusive favorecendo a replicação dos conteúdos em outras redes sociais.

As emergências linguísticas dessa comunidade foram observadas e analisadas a partir dos inúmeros exemplos de publicações como *memes*, *fanfictions*, artigos, *fanarts*, publicações em *blogs* e redes sociais diversas. Entre as mais populares e que alcançam maior número de pessoas estão os *memes*, que por seu caráter irônico e cômico e são compartilhados com mais facilidade e agilidade. Os *memes* utilizam imagens e palavras para transmitirem seu recado,

¹⁹⁵ Dados coletados em 25 de janeiro de 2018.

muitas vezes viralizam na Internet e aumentam ainda mais a popularidade de Jane Austen. Por sua vez, as *fanfictions* também possuem um grande número de fãs leitores e também por esse motivo são emergências do grupo que tem uma boa recepção entre os fãs e também alcançam um público cativo. Além disso, são publicações que nascem da escrita colaborativa entre autores, leitores e comentaristas. Por fim, as publicações no *Twitter* e *Instagram* também são replicadas nas redes sociais, pois ambos os *sites* possuem botões de *retweed* ou *repost*.

Ao fim desta seção foi possível perceber que a Internet propicia a construção, a divulgação e a circulação de conhecimento acerca da escritora Jane Austen. Atualmente, as redes sociais são o meio mais rápido e popular de armazenamento de conteúdo, que pode ser copiado, transformado e redistribuído a qualquer momento. Nesse sentido, o fenômeno de popularidade digital de Jane Austen, iniciado no final dos anos 1990 com o acesso à Internet, foi posteriormente intensificado por meio de publicações em *blogs*, fóruns de discussão, e participação em redes sociais de pessoas de várias partes do globo. Tudo isso coloca a escritora inglesa, falecida há mais de 200 anos, como um fenômeno *pop* contemporâneo, com criações e recriações de publicações, produtos, publicações acadêmicas, enfim, tudo que esteja relacionado à sua vida e obra.

7 CONCLUSÕES

Ao retomar ao tópico ‘Jane Austen e seu *fandom* digital – um sistema adaptativo complexo’, percebi o quanto esclarecedor foi realizar esta pesquisa. Desde a leitura de textos e livros do referencial teórico até as observações e minha entrada na comunidade da JASBRA como pesquisadora, todos esses momentos foram importantes para a conclusão deste trabalho.

A tese de que um grupo tão profícuo quanto o da JASBRA produz gêneros a partir de suas interações na comunidade no *Facebook* foi fundamentada pela teoria dos sistemas adaptativos complexos, propiciamentos e emergências nesse ambiente. A compreensão das características dos SAC, a posterior confirmação dessas características presentes na comunidade pesquisada foi fundamental para que eu pudesse prosseguir na análise dos do grupo.

Além do referencial teórico que serviu de base para a análise dos dados coletados, a discussão da literatura, dos fãs e da Internet proporcionou um conhecimento mais aprofundado da revolução que tem ocorrido nos últimos anos, quando os usuários de redes sociais se apropriam desses espaços para, também, contribuírem com seus conhecimentos literários. Do mesmo modo que somos influenciados diariamente ao acessarmos a Internet, não poderia ser diferente quando se trata de literatura e livros. Somos influenciados por qualquer interação que tenhamos nas redes sociais, quer seja por meio de publicações de amigos a respeito de determinado produto ou propagandas de empresas que objetivam alcançar um número maior de seguidores e, conseqüentemente, um número maior de clientes. Como participante de grupos digitais de literatura desde as listas de *e-mails*, passando pelos fóruns de discussão, *blogs*, *Orkut* até às redes sociais mais populares da atualidade, sou testemunha da participação cada vez maior de fãs de literatura nesses ambientes digitais.

O *fandom* digital de literatura comporta-se da mesma maneira que os fãs relacionados a outras categorias. A visão de fã, simplesmente como ser alienado ou consumidor passivo, transformou-se em uma definição mais complexa que abrange verdadeiros especialistas e com poder social de influenciar outros fãs. Como comunidade, os fãs acabam por interagir como “tribos” que compartilham interesses em comum e que agem fortemente na cultura participativa. A comunidade da JASBRA segue um comportamento semelhante: seus membros interagem entre si, e a partir dessa interação produzem conhecimento a respeito da escritora e alguns membros podem até serem chamados de especialistas.

Favorecidos pelas comunicações em larga escala na Internet, os fãs brasileiros de Jane Austen, especificamente os membros da JASBRA, estão em constante atividade na comunidade, produzindo conhecimento e mantendo o universo austeniano atualizado em língua portuguesa. Ao longo desses anos de participação digital, o grupo se mantém graças aos membros que investem seu tempo e dedicação à participação nas mais diversas redes sociais.

A presença de grupos como a JASBRA é justificada também pelo fato de essa rede social agregar publicações de outras redes e facilitar a comunicação entre pessoas de outras nacionalidades, já que há o botão de tradução. Assim, fãs de todas as partes do mundo podem interagir e manter o *fandom* digital da escritora em constante interação por meio de compartilhamento de informações e notícias. Por ser um grupo que já está há mais de 12 anos ativo no ambiente digital, a comunidade da JASBRA, no *Facebook*, foi escolhida como ambiente com características semelhantes à definição de um SAC, com propiciamentos e emergências típicos de um ambiente em constante mudança e adaptação.

Foi fundamental para esta pesquisa a minha imersão no ambiente pesquisado fazer a opção por uma autonetnografia do grupo, e perceber os múltiplos papéis de um pesquisador e também minha própria interferência na comunidade. Entretanto, essa proximidade com o objeto de pesquisa favoreceu um contato maior com os demais membros, já que foram necessárias algumas entrevistas individuais para confirmação de dados. Além disso, o meu posicionamento como pesquisadora-*insider* facilitou a coleta de dados porque pude participar e interagir com os demais membros com um foco mais objetivo: a observação do comportamento do grupo e suas produções. Além das minhas observações, a aplicação do questionário junto aos membros da JASBRA foi importante para que mais dados fossem coletados e eu percebesse outros que não foram detectados durante minha imersão no grupo. Por fim, o *Facebook* e o *Sociograph* - e suas ferramentas de coletas de dados - foram relevantes para levantamento mais rápido da movimentação do grupo e publicações com mais reações, comentários ou compartilhamentos.

Ao intensificar minha participação na comunidade da JASBRA (para ter um olhar mais apurado e coletar os dados para esta pesquisa), foi possível perceber a riqueza das interações entre os membros e, principalmente, os gêneros que emergiram nesse grupo. Meu percurso como pesquisadora reflexiva, que observa, analisa, mas que também interage com o grupo, proporcionou uma visão mais ampla dessa comunidade de fãs de Jane Austen. Como administradora do grupo, desde sua criação em 2010, muitas vezes minha participação se

concentrou em tirar dúvidas, publicar notícias e *posts* do *blog*, porém, ao participar da comunidade com o propósito de responder às perguntas de pesquisa desta tese, foi possível detectar mais informações das interações entre os participantes, ter uma visão mais abrangente das atividades do grupo, como um todo.

Embasada no referencial teórico de Recuero (2006, 2009b) foi possível perceber com mais clareza a ação dos atores (membros) e como suas interações fazem a manutenção dos laços sociais. Os laços sociais associativos são as conexões que mantêm a alta interação e reciprocidade dos membros da JASBRA, e, em alguns casos, favorecem os laços sociais multiplexos, que são as amizades que se mantêm dentro e fora do *Facebook*, por exemplo. A interação entre os membros da JASBRA faz com que essa rede seja construída e modificada continuamente, tornando-a uma rede emergente, na qual as trocas sociais são realizadas por meio de comentários, reações e compartilhamento de publicações.

Como as publicações na comunidade da JASBRA atingem outras pessoas, por meio de compartilhamentos, essa rede se enquadra no perfil de *broadcaster* (ISHIDA, 2016), pois funciona como um *conector* entre o grupo, outras pessoas e outros perfis. Além de divulgar informações e notícias, o grupo da JASBRA também é qualificado com um grupo legitimador, tido como referência entre seus membros e dentro do universo Austeniano no Brasil e no exterior.

A comunidade composta por pessoas que fazem publicações (nós ativos) também possui estruturas como as propostas por Aguiar (2007): pessoas responsáveis por moderar as publicações (nós focais); pessoas que possuem conhecimento sobre o funcionamento do grupo (nós especialistas); pessoas que divulgam informações de outros perfis, *fanpages* e/ou outras redes sociais (rede sociotécnica); há também aqueles membros que não interagem com os demais e agem de maneira passiva, ou seja, só acompanham o grupo (indivíduos isolados); os membros que fazem ligação entre outros grupos no *Facebook* (indivíduos-ponte); e, por último, aquelas pessoas que possuem afinidades e são íntimas entre si (clique ou *clusters*).

Ao analisar a comunidade da JASBRA como uma comunidade de prática, foi possível identificar algumas características propostas por Wenger (2012), como: **identificação** com o domínio (Jane Austen); **comprometimento** com a comunidade e demais membros, ao manterem a comunidade ativa, favorecendo novas discussões e atualizações; o **senso de comunidade** é fortalecido pela ajuda mútua e compartilhamento de conhecimento com os demais membros do grupo; são **membros praticantes** que criam um vasto repertório de recursos (emergências): desde histórias pessoais e produção de gêneros discursivos diversos.

A formação da identidade do grupo é crucial para que o sistema se torne um sistema de aprendizagem social, já que é por meio da competência e experiência dos membros que o conhecimento circula na comunidade. Ocorrem os ‘fractais de identidade’ (WENGER, 2000), quando surgem subdivisões nas identidades do grupo, que passa a ser estruturada em camadas, ou seja, subcomunidades, que formam a comunidade da JASBRA. A comunidade também pode ser analisada como uma rede na concepção de Wenger (2011, *on-line*) sendo um “conjunto de relacionamentos, interações pessoais e conexões entre os participantes, vistos como um conjunto de nós e *links*”.

Retomo as perguntas formuladas nesta pesquisa, respondendo à primeira: Em que aspectos as interações na comunidade da JASBRA caracterizam-na como um SAC e como modificam o ambiente e influenciam os outros membros? Para responder essa pergunta, busquei, em um primeiro momento, identificar as características dos SACs (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; HOLLAND, 1995, PAIVA, 2006, 2011) no grupo para, em seguida, tecer minhas análises.

A comunidade da JASBRA é um ambiente complexo, constituído de partes (membros) diferentes que se interligam e interagem. É um sistema adaptativo, já que é capaz de se adaptar, embora mantenha sua estabilidade e identidade. Por sua dinamicidade inerente, o grupo se auto-organiza, e é capaz de criar novos comportamentos, modificando ou moldando-se à medida que a situação/interação exige. Tais alterações proporcionam o surgimento de emergências dentro do grupo

Os conceitos básicos da complexidade propostos por Larsen-Freeman (1997) e Larsen-Freeman; Cameron (2008) foram levados em consideração para além da análise dos dados. Como o grupo não segue um padrão de comportamento e não existem cronogramas, nem limitações quanto às participações, ele se caracteriza pela **não linearidade** e está sujeito à **imprevisibilidade**. A partir dos dados obtidos no *Sociograph*, foi possível confirmar que o grupo não segue um padrão linear de comportamento, ou seja, existem dias com alto índice de publicações e outros dias em que a interação é menor. Quanto à interação dos participantes, ela vai depender muito do que é publicado e como eles reagem e/ou fazem comentários. Quanto maior foi a interação na comunidade, maior número de pessoas serão atingidas pelas publicações, proporcionando também a circulação dessas informações.

Como o grupo é sensível às **condições iniciais**, é passível que ocorram mudanças nessas condições que, por sua vez, geram consequências inesperadas, isto é, cada publicação sofre reações aleatórias dos membros, já que depende do comportamento de cada um. Assim,

existem publicações que recebem mais atenção dos membros e podem até gerar novos tópicos de discussão, ou seja, são **sensíveis a *feedback***, o que acaba por regular o comportamento dos demais.

Quanto maior a interação entre os membros da JASBRA, maiores serão as mudanças no grupo, emergindo novos comportamentos e demonstrando que a **capacidade de adaptação** é uma característica desse tipo de grupo. Os comportamentos emergentes vão desde a criação de novas comunidades, com assuntos mais específicos, como *fanfics*, até a escrita de livros, artigos e pesquisas, por exemplo. Outra característica observada foi que o grupo é um **sistema aberto**, já que o grupo influencia e é influenciado pelo ambiente externo. Essa característica pode ser observada quando as publicações originadas na comunidade da JASBRA são replicadas em outros perfis e comunidades no *Facebook*, e quando publicações de outros perfis e comunidades são compartilhadas no grupo. Já que a comunidade é modificada o tempo todo, a partir das interações entre seus membros, ela também possui a capacidade de **auto-organização**, permitindo que o próprio sistema destaque publicações que tiveram mais reações ou comentários. Essa auto-organização faz com que as publicações que chamaram mais a atenção dos membros estejam sempre no topo da página, facilitando a leitura e a visualização.

Por se tratar de um SAC, o grupo também apresentou as características próprias desses ambientes, como prevê Holland (1995; 2006). As constantes e simultâneas interações produzem uma grande quantidade de publicações, reações, comentários e compartilhamentos; ocorrendo, desse modo, o que Holland chama de **paralelismo**. As **ações** no grupo são **condicionadas**, já que todo tipo de ação no grupo é dependente da reação dos outros membros. Assim, são criadas sub-rotinas na comunidade, e os agentes seguem determinadas regras ou padrões de comportamento, ocasionando a **modularidade**. Quando os membros criam ou procuram novos grupos, a comunidade da JASBRA sofre um processo de **adaptação e evolução**, e alguns de seus membros, mesmo permanecendo no grupo, passam a interagir ou produzir conhecimento em outros ambientes digitais.

Ao se reunirem em uma comunidade, os membros da JASBRA se organizam em torno do nome da escritora, favorecendo a **agregação** e muitas vezes utilizam a marcação por meio de **hashtags**, para que os demais membros possam identificar sobre qual assunto se trata uma publicação, por exemplo. O grupo passou a utilizar as *hashtags* #jasbra ou #janeaustenbrasil, com a finalidade de identificar publicações originadas no *blog* ou na comunidade e, também, para marcar a qual público se dirige tais publicações. Assim, a comunidade e suas publicações

são facilmente acessadas, ao se realizar uma pesquisa nos mecanismos de busca do *Facebook*, por exemplo.

Como o grupo é fortemente influenciado pelas interações entre seus membros, o **fluxo** é representado por uma rede de nós (membros) e ligações (interações possíveis entre os membros). E já que o ambiente é auto-organizado, essas ligações podem permanecer por um bom período ou simplesmente deixarem de existir. As ligações que permanecem no tempo são aquelas entre os membros mais antigos do grupo, que mantêm interação constante; já as interações momentâneas muitas vezes se tornam ligações que deixam ou deixarão de existir. Levando em consideração que quanto maiores forem as interações entre os membros, maiores serão os efeitos no grupo ocorrendo o efeito multiplicativo nas publicações com muitas reações, comentários e/ou compartilhamentos. Quando publicações mais antigas são acessadas novamente e voltam para o início da página da comunidade, ocorre o **efeito reciclagem**, que também pode ser observado à medida que outros membros utilizam o conhecimento gerado pelos demais e reescrevem ou publicam novamente as informações.

Há também alguns membros que **antecipam ou preveem** determinadas situações (mecanismos internos) e normalmente suas publicações assumem uma postura de previsão do que os demais membros irão responder ou reagir. Normalmente publicações que envolvem temáticas como sorteios e novas adaptações para o cinema e a televisão são passíveis de previsão de como será o envolvimento do grupo. E, por fim, as últimas características – **os blocos constituintes** – favorecidos pela constante mudança e interação do grupo, podem ser exemplificados por uma publicação que em um dia não recebeu tanta atenção, em outra data pode sofrer reações inesperadas, confirmando a inexistência de um comportamento único entre os membros.

As características dos SACs permitem-nos compreender a comunidade da JASBRA de maneira mais abrangente, não limitando a visão apenas como um grupo de discussão literária ou de fãs de Jane Austen, mas um grupo amplo, de pessoas que discutem, interagem a partir do interesse em suas obras ou assuntos relacionados à escritora e seus livros. Essas características favorecem um ambiente digital propício às inúmeras transformações, cujas interações entre seus membros são o mecanismo que propulsiona diversas alterações neste sistema.

A partir da observação da complexidade da comunidade da JASBRA, percebi inúmeras emergências que ocorreram a partir das interações entre seus membros. Assim, com o objetivo de responder à segunda pergunta de pesquisa - Quais são os comportamentos

emergentes que surgem a partir da interação no SAC JASBRA? - busquei explorar mais as participações e publicações no grupo, com a finalidade de elencar e analisar as emergências provenientes nesse ambiente, especificamente os gêneros que emergiram a partir das interações no *Facebook*.

Primeiramente realizei uma discussão das cinco condições iniciais para que a emergência complexa ocorra baseada em Davis e Sumara (2006). A quantidade e a qualidade das publicações contribuem para uma maior interação entre os membros, permitindo que o grupo permaneça no mesmo espaço digital há tantos anos. A **diversidade interna** do grupo favorece a existência de membros que são motivados a publicar; enquanto outros se limitam a participar por meio de comentários ou reações, existindo também aqueles membros cuja participação é passiva, isto é, não é possível detectar se leram as publicações e interações dos demais membros, já que não esboçam qualquer tipo de reação ou comentário. A diversidade interna também pôde ser observada no levantamento que fiz, por meio de um questionário, com a finalidade de conhecer um pouco melhor o perfil dos participantes: o tempo que se consideram fãs da escritora, a formação escolar, idade, etc. A partir da contribuição que os membros fazem quando compartilham o que sabem ou informações de outros grupos e perfis, o conhecimento passa a ser compartilhado, gerando a **redundância**, isto é, uma compensação, já que alguns possuem mais conhecimento que os outros. Essas duas condições garantem o que Braga e Souza (2016) chamam de a 'inteligência do sistema'.

Para que novos comportamentos possam emergir, é fundamental que existam as **interações entre vizinhos**. Entretanto, o grupo não segue um padrão de comportamento e nem uma direção hierárquica, elemento favorecido, principalmente, pelo **controle descentralizado**. Assim, o grupo se organiza de maneira autônoma, e é capaz de se adaptar em face às inúmeras transformações que nele ocorrem. São fatores determinantes do equilíbrio e da manutenção do grupo as **restrições possibilitadoras**, isto é, as condições do sistema que determinam a aleatoriedade e a coerência. Entre as restrições possibilitadoras que regem este grupo, estão as regras da comunidade da JASBRA as quais determinam algumas condutas a serem tomadas pelos participantes, exigindo alguns critérios de participação, não limitando, porém, as interações, apenas evitando, por exemplo, a publicação de *links* contendo pirataria de livros e filmes.

As emergências que surgem no grupo pesquisado são consequências das múltiplas interações entre seus membros e todas são mantidas por meio de gêneros discursivos. De um modo geral, além da publicação de informações sobre a escritora, provenientes de outros

espaços digitais, o grupo também se destaca pela publicação original de conhecimento acerca de Jane Austen e suas obras. Como foi confirmado por meio do questionário aplicado no grupo, cerca de 50 pessoas se autodeclararam responsáveis pela produção e divulgação de gêneros cuja temática é Jane Austen. Uma parte dos membros realiza trabalhos acadêmicos voltados para a discussão e análise da escritora e seus livros, sendo muito comum a publicação em versões impressas ou digitais de livros, artigos, traduções ou resenhas acadêmicas. Além disso, muitos apresentam suas pesquisas em congressos, organizam encontros presenciais para a discussão dos livros e também realizam publicações em *blogs* ou perfis no *Facebook*, *Instagram* e/ou *Youtube*. Além disso, os *memes* e *fanfictions* escritos pelos fãs brasileiros estão entre os que mais recebem reações e comentários dos membros do grupo, fazendo com que esses gêneros sejam amplamente divulgados no meio digital.

Os gêneros produzidos pelo grupo da JASBRA podem ser enquadrados em duas categorias: gêneros do discurso já consolidados e aqueles que são emergentes no contexto digital. Mesmo o grupo mantendo-se essencialmente em contexto digital, os gêneros consolidados no formato impresso são frequentes e nessa categoria se encaixam as traduções, *fanfictions*, artigos, monografias, dissertações, teses e entrevistas, etc. Como muitos membros fazem parte do meio acadêmico, principalmente da área de Letras, é de se esperar que suas pesquisas envolvam Jane Austen, já que fazem parte da comunidade de fãs da autora. Essa participação do grupo da JASBRA, no meio acadêmico no Brasil e exterior, favorece a construção de um grupo composto por fãs que também produz conhecimento formal sobre a escritora.

Há, também, uma variedade de gêneros transpostos para a Internet que se configuram como os principais meios de divulgação do conhecimento a respeito da escritora aqui no Brasil. Pela facilidade com a qual as publicações e *links* são divulgados, esses gêneros alcançam mais pessoas. E como ainda hoje os fãs buscam informações em fontes consideradas seguras, o *blog* e comunidade da JASBRA são vistos como referências no meio. Além disso, a velocidade e agilidade com que encontramos as informações publicadas nesses ambientes digitais promovem uma divulgação maior do que é publicado pelos membros do grupo. Assim, um artigo ou entrevista, antes acessíveis no formato impresso, quando transpostos para o formato digital, alcançam mais leitores e maior divulgação. Desse modo, o conhecimento não fica restrito ao acesso dos formatos impressos e transforma tudo o que é publicado sobre a escritora no meio digital em informação detectável pelos mecanismos de busca como o *Google*, pelas redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, etc.). Muitas

dessas publicações digitais são facilmente encontradas também pela pesquisa por *hashtags*, e, desse modo, os membros agem também como produtores de conhecimento e responsáveis pela marcação das publicações com *hashtags* ligadas à escritora e suas obras.

Merecem destaque entre as publicações textuais no ambiente digital a escrita de *fanfictions* e a revista Literausten, já que são casos cuja escrita é colaborativa, quer seja na produção e revisão do texto ou na recepção dos leitores. Entretanto, os membros não se ocupam somente de publicações formais. As produções com um ‘toque’ humorístico também fazem muito sucesso, principalmente pela rapidez com que são lidos ou visualizados (*memes* e *fanarts*). Normalmente esses gêneros alcançam um público maior que outros gêneros, já que o tempo gasto para interpretar um *meme* é muito menor do que o tempo gasto para ler um artigo, por exemplo. Também, como são fáceis de serem publicados em outros ambientes digitais, esses gêneros se propagam em perfis e comunidades no *Facebook* e atingem até conversas no *Whatsapp*, viralizando e ganhando diferentes significados de acordo com o contexto em que se inserem.

Foi possível observar também gêneros que são reproduzidos em canais no *Youtube*: gravações de encenações e as entrevistas publicadas em vídeo. Como Brasil possui uma grande extensão territorial e os encontros presenciais não conseguem alcançar todos os fãs, os vídeos, encenações e palestras que são divulgados nesses canais também favorecem a aproximação entre os fãs. E por fim, em uma categoria muito popular estão os produtos de artesanato que despertam o interesse dos *fandom* digital da escritora. Ao usar uma camiseta, caneca ou *ecobag* da JASBRA, por exemplo, além de promover a divulgação, o fã tem um sentimento de pertencimento ao grupo, fortalecido pelas citações à escritora que normalmente aparecem nesses itens.

A terceira pergunta de pesquisa buscou descrever e analisar os gêneros emergentes na comunidade da JASBRA no *Facebook*, os escolhidos para análise foram: os *memes*, a publicidade de livros e os tópicos de discussão literária. De um modo geral, cada um desses gêneros analisados representa a manutenção do nome da escritora em destaque nessa rede social. Os *memes*, além de entretenimento, quando se tornam virais, atingem pessoas que podem não conhecer a autora e suas obras. Normalmente com conotação irônica, esses gêneros utilizam elementos verbais e não verbais para a promoção de diversão que circula na comunidade. Justamente por não serem considerados gêneros formais, a publicação dos *memes* se torna uma maneira de referenciar a autora, sem a necessidade de uma discussão formal ou aprofundada. A publicidade em torno dos livros faz com que mais pessoas tenham

conhecimento sobre esses lançamentos e, ao mesmo tempo, promovem a discussão de traduções, qualidade das edições e características dos livros. Enquanto estratégia de marketing, a publicidade de livros tem como objetivo a venda das edições. Entretanto, o fato de que algumas publicações não são feitas por editoras, mas por membros interessados em saber a opinião dos demais, às vezes esse tipo de publicação alcança outros desdobramentos inesperados, como a crítica à tradução ou qualidade do material usado para a impressão do livro, por exemplo. Por sua vez, o fórum de discussão promove uma constante movimentação do grupo, já que permite aos participantes manifestarem suas opiniões e realizarem a construção do conhecimento (inteligência coletiva). Ocorre também a imprevisibilidade do sistema, já que não é possível antecipar como serão as reações dos demais membros após cada publicação. O fórum de discussão mantém a comunidade em constante movimento, promovendo a dinamicidade do grupo e, ao mesmo, tempo fazendo a manutenção da discussão.

Levando em consideração que os gêneros analisados fazem parte de uma comunidade de prática como a JASBRA, todo o conhecimento é criado, distribuído, organizado, revisado e passado adiante entre as comunidades (WENGER, 1998). A interação com os demais membros do grupo favorece a realização de atividades comuns às comunidades de prática, como o envolvimento em atividades conjuntas, que, por sua vez, propicia a criação de artefatos (gêneros). Além disso, ocorre uma constante adaptação e readaptação do grupo, fazendo com que o interesse seja renovado e a identificação seja mantida. Por fim, acrescento que a utilização de linguagens verbais e audiovisuais nas interações é uma consequência natural de um sistema de aprendizagem complexo para que sejam produzidos gêneros diversificados.

Além de comportamentos emergentes, a comunidade também apresenta propiciamentos característicos desse ambiente digital e que afetam os comportamentos no grupo. Para responder à quarta pergunta desta pesquisa - Quais são os propiciamentos e como afetam e são afetados pelos padrões de comportamento do SAC JASBRA? - recorri ao conceito de '*affordances*' proposta por Gibson (1979) e Van Lier (2004) e, por se tratar de interações que ocorrem no meio digital, tomei como base teórica Gaver (1991), Norman (1999), Wellman *et al.* (2003), Durby e Jensen (2012). Para analisar os propiciamentos que emergem na comunidade, foram utilizados os grupos de propiciamentos propostos por Boyd (2010) e Treem e Leonardi (2012).

Normalmente os propiciamentos em ambiente digital como o *Facebook* são: facilidade de comunicação, interação e envolvimento das pessoas. Esses tipos de propiciamentos fornecem a oportunidade de tipos particulares de comportamento (GIBSON, 1979). Além disso, esses propiciamentos promovem a presença *on-line*, já que não é possível estar em vários lugares ao mesmo tempo, assim, o usuário marca sua presença digital ao publicar vídeos, textos, áudios e imagens em seus perfis ou em comunidades que participam. Desse modo, a informação agregada e mostrada se torna mais acessível e visível para os demais usuários, facilitada, principalmente, pelo uso de *hashtags* ou marcações com os nomes de usuários ou *fanpages*.

A capacidade de as publicações serem salvas e posteriormente acessadas ou compartilhadas em outros perfis e grupos permite a **persistência** do grupo. Além de armazenar as publicações, a facilidade de localização das postagens mais antigas permite que os tópicos sejam recuperados e acessados novamente. Como as publicações são salvas imediatamente após a publicação, a **reprodutibilidade** também é imediata. Ou seja, é necessário apenas clicar no botão ‘compartilhar’ para distribuir o conteúdo em outros ambientes. Do mesmo modo que é possível acessar uma antiga publicação, também é possível criar e recriar um ato comunicativo antes ou depois de outros terem acesso (**editabilidade**). A editabilidade favorece a modificação e revisão de conteúdo, acréscimo de informações e até mesmo apagar parte ou o *post* inteiro, mesmo depois de já ter sido publicado. Como o *Facebook* disponibiliza um campo de pesquisa dentro da própria comunidade, a recuperação de informações (**capacidade de pesquisa** ou **escalabilidade**) favorece o **potencial de visibilidade** do grupo. Quanto maior for a visibilidade das publicações do grupo, mais pessoas serão atingidas, favorecendo a distribuição de informações. E, por último, a participação na comunidade da JASBRA (**associação**) promove o fortalecimento dos laços sociais. A forma mais comum de vinculação de uma publicação à JASBRA é feita por meio de *hashtags* # ou uso do símbolo @.

De um modo geral, os propiciamentos do grupo da JASBRA colaboram para a manutenção da conexão social, o acesso às informações e publicações sobre a escritora. Os propiciamentos neste grupo facilitam a comunicação entre os membros e o uso de *hashtags* possibilita a marcação de assuntos ou da própria comunidade, quando se tem o objetivo de vincular determinado *post* à Jane Austen ou à JASBRA.

A quinta pergunta de pesquisa - Como as interações e as produções dos fãs deste grupo podem ser analisadas sob o ponto de vista do capital emergente/capital social? -

recorreu ao embasamento teórico de inteligência emergente (JOHNSON, 2003), capital social (RECUERO, 2012b). No grupo pesquisado, a inteligência emergente é fruto do trabalho colaborativo e interação entre seus membros, é originada a partir das publicações e comentários acrescidos. Assim, o conhecimento é divulgado, expandido e construído por todos que participam do grupo, o que Lévy (2003) chama de inteligência coletiva. Para que esse conhecimento seja construído pelo grupo, é necessário que haja uma mobilização de competências, e os membros contribuem de acordo com seu conhecimento sobre a escritora e suas obras, favorecendo, assim, o coletivo. Por essa razão, é correto afirmar que o conhecimento produzido pelo grupo não fica restrito apenas aos membros da comunidade, ele pode ser divulgado e compartilhado em outros ambientes. O conhecimento acerca de Jane Austen, sua vida e obras, os quais são fruto das interações entre os membros desta comunidade, pode ser considerado o **capital social** do grupo. Ao participarem da comunidade da JASBRA, seus membros se beneficiam com o que é publicado ali, o que, na maioria dos casos, trata-se de construção de conhecimento. As publicações salvas no grupo são recursos de fácil acesso para quem tem Internet e uma conta no *Facebook*, principalmente no tocante a membros ou visitantes brasileiros, o que dificilmente estaria disponível em bibliotecas, por exemplo, já que existem poucas publicações sobre estudos e biografias da escritora em língua portuguesa.

As emergências e os propiciamentos gerados no grupo acabam por favorecer a construção do conhecimento a respeito da escritora em nosso país. Assim, esse conhecimento construído e reconstruído dentro grupo torna-se o capital social da comunidade da JASBRA.

Para responder a última pergunta de pesquisa - Que fatores podem explicar o fenômeno da popularidade de Jane Austen na Internet, tendo vista que as participações nas redes sociais não são comportamentos pré-estabelecidos ou obrigatórios, mas um movimento espontâneo dos numerosos fãs da escritora? - analisei os dados levando em consideração a cultura de fãs (JENKINS, 2009), os estudos sobre os fãs de Austen ao redor do mundo (YAFFE, 2013, LOOSER, 2017, BATTAGLIA E SAGLIA, 2004; MANDAL; SOUTHAM, 2007; HARMAN, 2009; SIMONS; 2009), assim como os dados desta pesquisa.

A popularidade de Jane Austen na Internet justifica-se pelo acesso cada vez maior de pessoas à rede mundial de computadores, por meio dos mais diversos dispositivos eletrônicos. O *fandom* da escritora já existia muito antes de seu nome se tornar popular nas redes sociais e ser usado em *hashtags* para marcar fãs de todas as partes do globo. O grupo de fãs brasileiros que pertencem ao grupo da JASBRA é composto, basicamente, por fãs que já leram e releram

suas obras e assistem às adaptações em mídias contemporâneas, como também por fãs acadêmicos que se dedicam aos estudos sobre sua vida e obra de Austen.

Há duzentos anos, seus livros já causavam interesse, mas em número mais reduzido e concentrado, principalmente, restrito aos falantes de língua inglesa. Porém, ao longo dos anos, foram as adaptações para o cinema e a televisão, que colocaram a escritora mais em destaque para uma boa parte dos fãs. Posteriormente, com a popularização das redes sociais, Jane Austen se tornou um ícone *pop*. Com a demanda por novas traduções em língua portuguesa do Brasil e acesso aos fãs de outros países, o nome da escritora foi se popularizando em nosso meio. Assim, o intercâmbio de informações e conhecimento sobre a escritora é cada vez maior e, em muitos casos, as parcerias para escrita de *fanfictions*, por exemplo, tornam-se possíveis graças à Internet.

O grupo da JASBRA é composto por fãs que já conhecem Austen há mais de 20 anos (17,9%) e aqueles que descobriram a escritora há menos de 5 anos (14%), ambos os grupos convivendo em um ambiente digital como a comunidade da JASBRA em que cada membro aprende com o outro. A interação no *Facebook* possibilita que essas pessoas de várias partes do Brasil e do mundo se comuniquem e compartilhem conhecimento a respeito de Jane Austen de modo bastante significativo.

Hoje em dia, tudo o que leva o nome da escritora é sinônimo de destaque nas redes sociais e também sucesso de vendas. A cultura de fãs na Internet é uma das principais responsáveis pela manutenção do nome de Austen no universo digital. Além do apelo comercial de editoras, canais de televisão e produtores de filmes, os espaços virtuais que agregam os fãs são os mais populares e diversificados meios de divulgação de qualquer coisa que esteja relacionado ao universo austeniano. Assim, além de apreciadores da obra da escritora, os fãs se tornam também produtores de conhecimento e consumidores dos mais diversos itens de uso pessoal que levam o nome de Austen.

Lugares nos quais a escritora viveu, em específico as cidades de Bath e Chawton, são verdadeiros centros de peregrinação de fãs que se identificam com o período regencial e, principalmente, desejam estar mais perto de Austen. Aqui no Brasil, os encontros presenciais, as publicações há mais de dez anos no *blog* da JASBRA e a interação por meio de redes sociais é que garantem um *fandom* Austeniano bastante envolvido e em constante crescimento.

Como a Internet possibilita o acesso às informações de modo bastante simples, nada mais natural que as redes sociais, *sites* e *blogs* estejam repletos de informações sobre a

escritora e fãs interagindo de maneira contínua. Além da qualidade indiscutível da obra de Jane Austen, a aglomeração de fãs no espaço digital é a causa mais forte da popularidade da escritora na atualidade. Aliado aos estudos acadêmicos, publicações de novas traduções, adaptações, inclusive para a televisão brasileira, Austen é sinônimo da cultura *pop* e apropriação que seus fãs fazem das redes sociais. Desse modo, a presença do *fandom* digital de Austen contribui para que, a partir da interação, novos desdobramentos surjam, pessoas se conheçam e a escritora seja cada vez mais conhecida e apreciada. A participação *on-line* garante uma reunião inovadora de fãs, que vivenciam experiências diversificadas. E a cada dia novos recursos são inseridos nas redes sociais, favorecendo uma reconfiguração da Internet por meio da apropriação dessas redes.

Esta pesquisa também possibilitou a compreensão do *Facebook* como SAC e justificou que a auto-organização e mudanças rotineiras do grupo, são parte desse processo de constante adequação e utilização dos ambientes digitais. Ao longo desta pesquisa foi possível constatar as emergências ocorridas no grupo da JASBRA, principalmente os gêneros produzidos pelos fãs, que funcionam como uma mola propulsora que mantêm o nome da escritora em alta e desperta o interesse de mais pessoas. Desse modo, é possível afirmar que os gêneros produzidos pelos membros da comunidade contribuem para que o conhecimento a respeito da escritora seja levado em adiante, a ponto de a JASBRA ser considerada umas das referências sobre Jane Austen em língua portuguesa.

Entre as limitações que encontrei destaco a impossibilidade de analisar a produção das fanfictions realizada pelos membros da JASBRA. Como a escrita de fanfictions normalmente ocorre em ambientes como *GoogleDocs* ou troca de e-mails privados entre os escritores, não foi possível analisar essas produções já que sairia do escopo da minha pesquisa que é a comunidade da JASBRA no *Facebook*. Considero outra limitação a dificuldade em se fazer um levantamento mais preciso dos gêneros produzidos pelo grupo, principalmente, quando não foram publicados dentro da comunidade.

Em pesquisas futuras, recomendo que sejam analisadas mais produções de fãs, com o objetivo de trazer mais luz à cultura de fãs e à apropriação que eles fazem do universo digital. Assim, como o SAC JASBRA é um ambiente que se reconfigura a partir da interação entre seus membros, creio que novos olhares e novas pesquisas sejam possíveis, e, inclusive, necessárias para a compreensão de temáticas como apropriação digital realizada pelos fãs, produção de gêneros, comunicação mediada por computador e produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABOS, M. **Consumo de Literatura é Mediado pelas Redes Sociais**. *Jornal o Globo Digital*. Publicado em 30 de julho de 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/consumo-da-literatura-mediado-pelas-redes-sociais-13431075>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

AGAR, M. We have met the other and we're all nonlinear: Ethnography and nonlinear dynamic system. **Complexity**. Wiley Periodical. V. 10 (2), pages 16-24. 2004. Disponível em: <http://www.ethknoworks.com/files/ethnography_nonlinear.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

AGUIAR, S. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 30. 2007. Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1977-1.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

ALLEGRETTI, S. et al. Aprendizagem nas Redes Sociais Virtuais: o Potencial da Conectividade em dois Cenários. **Revista Cet**. V. 1. N. 2. abril, 2012. Disponível em: <https://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/04/pucsp_2012.pdf>. Acesso em 21 de junho de 2017.

ALMEIDA, A. N. S. As Mashups Literárias e a Narrativa 'Zumbi' em Jane Austen. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letras**. Editora UNIMAT. V. 9. N. 1. Julho, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/1423>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2018.

ALMEIDA, P. P. **Fontes de Informação Literária na Internet: Uma Avaliação**. 2008. 91 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PLIT0303-D.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L.; Netnografia Como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**. Curitiba, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.unibrasil.com.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/viewFile/60/59>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

AMARAL, A. da R.; PARADA, A, R. Fãs Organizacionais e o Discurso Mnêmico nas Mídias Sociais: Observações a partir do Canal Viva. **Revista Organicom**. V. 12, n. 22. 2015. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/view/865>>. Acesso em: 28 de junho de 2017.

AMORIN, M. I. F. Releitura de Austen: de Mocinha do Século XIX à Vlogueira do Século XIX. **Anais do 1º Congresso Internacional de Intermedialidade 2015**. V.1, n. 1. 2015. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/artsproceedings/intermedia2014/035.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ARAÚJO, J; Reelaboraões de Gêneros em Redes Sociais. In: In: ARAUJO, J. LEFFA, V. **Redes Sociais e Ensino de Línguas – O que Temos a Aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p. 49 – 64.
- ARAÚJO, L.; BIANCHI, M.; VITER, L. **Contos de fim de ano – Jane Austen Fanfics**. Volume I. Rio de Janeiro: Jane Austen Fanfics. 2013.
- AUGER, T. **Student-Centered Reading: A Review of the Research on Literature Circles**. Educators Publishing Service. 2003 (On-line). Disponível em: <https://eps.schoolspecialty.com/EPS/media/Site-Resources/Downloads/articles/Literature_Circles.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.
- AUSTEN, J. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Celina Portocarrero. Porto Alegre: LPM, 2009.
- AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. Fanfics, Google Docs... A produção textual colaborativa. In: ROJO, R. (Org.) **Escola Conectada – Os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Editora Parábola. 2013.
- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2000. 2ª edição. pp. 277-326.
- BALL, S. Book Review: Jane Austen’s Zombie Mashups. **Newsweek Magazine**. February, 25, 2010. Disponível em: <<http://www.newsweek.com/book-review-jane-austens-zombie-mashups-75345>>. Acesso em 27 de setembro de 2017.
- BARBOSA, C. M. M. M. **Invadindo as Masmorras – Apropriações Criativas, Autoinserção (Fan) Ficcional e a Emergência de uma Intersubjetividade Discursiva: Uma Etnografia do Grupo Snapetes à Luz do Pensamento Bakhtiniano**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2016. Disponível em: <<http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/533/2/catarina%20barbosa.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.
- BATTAGLIA, B.; SAGLIA, D. **Re-Drawing Austen: Picturesque travels in Austenland**. Liguori Editore, Napoli. 2004.
- BATISTA, E. M.; GOBARA, S. T. O fórum on-line e a interação em um curso à distância. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, jul. 2007. Disponível em: <www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8cErlinda.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.
- BAZERMAN, C.; MILLER, C. R. **Gêneros Textuais**. Núcleo de Investigações sobre Gêneros Textuais. Recife. 2011.
- BJAJOLI, M. C. P. **Orgulho e Preconceito no Século XIX: a Austenmania e a Fantasia do Final Feliz**. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017a. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/322349>>. Acesso em: 5 de julho de 2017.

BERTOLINI, S.; BRAVO, G. **Social Capital, a multidimensional concept**. 2004. Disponível em: Acesso em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

BHAGAT, S. et al. **Three and Half Degrees of Separation**. 2016. Disponível em: <<https://research.fb.com/three-and-a-half-degrees-of-separation/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

BIANCHI, M. et al. **Contos de Fim de Ano – Jane Austen Fanfics Livro 1**. Rio de Janeiro: Jane Austen Fanfics, 2013.

BIAJOLI, M. C. P.. A tela sobrepõe o papel: O seriado Orgulho e Preconceito e o surgimento da Austenmania. **Literausten**, v. 1, p. 55-64, 2017a.

BIAJOLI, M. C. P.. Jane Austen, Heroine: Looking for Love. **Persuasions** (Victoria), v. 38, p. 11, 2017b.

BIAJOLI, M. C. P.. Pride and Prejudice and Zombies: Jane Austen Consumed by her Popularity. **Espectro da Crítica**, v. 1, p. 35-48, 2016a. Disponível online: <<http://periodicos.unb.br/index.php/espectrodacritica/article/view/25501/18111>>. Acesso em: 07 de junho de 2017.

BIAJOLI, M. C. P.. Jane Austen Heroína - A transformação da autora em personagem de seus próprios romances. In: **IV Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2016, Maringá - Anais 2016**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016b. p. 3077-3085.

BIAJOLI, M. C. P. A Quem Pertence Jane Austen? Um Século de Disputa entre o Cânone e o Popular. **Anais do XIII Seminário de Estudos Literários - "Literatura Comparada e Estudos Culturais: Intersecções"**. Universidade Estadual Paulista, 2016c. Disponível em: <<http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/docs/201610695133.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

BIAJOLI, M. C. P.. Adaptações Literárias Contemporâneas de Orgulho e Preconceito: Mr. Darcy ganha os holofotes. In: **Anais VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura**, Caxias do Sul. VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura. Caxias do Sul: EducS, 2015. v. 7. p. 1007-1015.

BIAJOLI, M. C. P.. A popularidade de 'Orgulho e Preconceito' e a perda de uma Jane Austen crítica. **Expressão** (Santa Maria), v. 18, p. 143-154, 2014.

BIAJOLI, M. C. P. Leituras Conservadoras de Orgulho e Preconceito: Despolitizando Jane Austen. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386349515_ARQUIVO_MariaClaraPivatoBiajoli.pdf>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

BIANCHI, M. **Preconceito, Orgulho & Café**. Rio de Janeiro: HRC. 2016.

BITTECOURT, M. C. A. Miatização do Ativismo e Jornalismo Digital: O Impacto dos Filtros do Facebook nos Processos de Produção e Circulação de Conteúdos de Coletivos Midiáticos. **Revista Latinoamericana de Ciências de La Comunicación**. V. 12, N. 22, p. 122-133, 2016. Disponível em: <<http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/634/386>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

BOASE, J. Personal Networks and the Personal Communication System. **Information, Communication & Society**. 2008. V.11 (4), p. 490–508.

BOCCHINI, B. **Pesquisa Mostra que 58% da População Brasileira Usam a Internet**. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-09/pesquisa-mostra-que-58-da-populacao-brasileira-usam-internet>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

BOGOST, I. Ian Became a Fan of Marshall McLuhan on Facebook and Suggested you Become a Fan Too. In: WITTKOWER, D. E. (ed.) **Facebook and Philosophy**. Illinois: Open Court, 2010.

BOURDIEU, P. O Capital Social – Notas Provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOYD, D. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: Papacharissi, Z. (Ed.) **Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, 2010. P. 39-58. Disponível em: <<https://www.danah.org/papers/2010/SNSasNetworkedPublics.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social Network Sites: Definition, History and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**. Vol. 13. p. 210-230. 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/full>>. Acesso em: 31 de maio de 2017.

BRADNER, E.; KELLOGG, W. A.; ERICKSON, T. The Adoption and Use of ‘Babble’: a field study of chat in the workplace. **The Proceedings of the European Conference on Computer-Supported Collaborative Work (ECSCW)**. 1999. Disponível em: <<http://dourish.com/classes/ics105s03/readings/bradner-babble-ecscw99.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

BRAGA, J. C. F.; MURTA, C. A. R. Fabecook: Uma Experiência no Ensino e Aprendizagem de Literatura. In: RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E. (Orgs.) **Letramento Digital em 15 Cliques**. Belo Horizonte: RHJ Editora. 2012.

BRAGA, J. C. F.; SOUZA, V. V. S. As condições necessárias para a emergência complexa em jogos: um estudo sobre oportunidades de aprendizagem nessas práticas sociais. **ReVEL**, v. 14, n. 27, 2016. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/5123cc305eae3e61d102eda4a6ca85b2.pdf>>. Acesso em: 9 de abril de 2017.

BRAGA, J. F. Fractal groups: emergent dynamics in On-line Learning Communities. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, V. 13, N. 2. P. 603-623, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v13n2/11.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

BRAGA, J. F. Online Learning Communities in the Realm of Complexity. In: Complexity Science and Educational Research Conference. 2007. Vancouver. **Proceedings of the 2007 Complexity Science and Educational Research Conference**. Vancouver, 2007, p. 139-144. Disponível em: <http://www.cser.ualberta.ca/conferences/2007/Documents/CSER07_Junia.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

BRITO, V. R. El foro electrónico: una herramienta tecnológica para facilitar el aprendizaje colaborativo. **Edutec: Revista electrónica de tecnología educativa**, n. 17, 2004. Disponível em: <http://www.uib.es/depart/gte/edutec-e/revelec17/brito_16a.htm>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

BROWN, J. S.; ALDER, R. P. Minds on Fire: Open education, The Long Tail and Learning 2.0. **EDUCAUSE Review**, v. 43, n. 1, p. 16–32, jan./feb. 2008.

BROWN, J.D. **Using Surveys in Language Programs**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001.

BRUCKMAN, A. Teaching Students to Study Online Communities Ethicacally. **Journal of Information Ethics**, 2006.

BURLAMAQUE, F. V.; ROSSATO, B. D. Orgulho e Preconceito e Zumbis: Uma Versão de Jane Austen para o Público Juvenil Contemporâneo. **Revista Via Atlântica**. N. 26, p. 201-216. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/88981/105447>>. Acesso em: 6 de julho de 2017.

BUTTS, C. The complexity of social networks: Theoretical and empirical findings. **Social Networks**. v. 23, p. 31 – 71, 2001.

BYRNE, D.; CALLAGHAN, G. **Complexity Theory and the Social Sciences: The State of The Art**. New York: Routledge, 2013.

BYRNE, D. **Complexity theory and the social sciences – an introduction**. London: Routledge, 2001.

CASTELLANI, B., HAFFERTY, F. W. **Sociology and complexity science: a new field of inquiry**. Germany: Springer, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. V. 1. São Paulo: *Paz e Terra*, 1999.

CASTRO, C. H. S. **As Culturas do Grupo Texto Livre: um estudo de viés etnográfico sob a ótica da complexidade**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9VKNEG>>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

CAUSO, R. S. Os Pulps Brasileiros e o Estatuto do Escritor de Ficção de Gênero no Brasil. **Alambique: Revista acadêmica de ciencia ficción y fantasia/ Jornal acadêmico de ficção científica e fantasia**, University of South Florida, Tampa/Florida, v. 2, Iss. 1, Article 5, 2014. Disponível em: <<http://scholarcommons.usf.edu/alambique/vol2/iss1/5/>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

CAVANAUGH, T. W. **Using technology enhancement in the literature circle as an accommodation for learners with special needs**. SITE Orlando, 2006. Disponível em: <http://www.unf.edu/~tcavanau/presentations/SITE/pres_tech-lit-cir/technology_enhancement_literature_circle_accommodation.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

CHAGAS, N. **Resenhas para o blog da JASBRA**. 2012-2013. Disponível em: <<https://janeaubrasil.com.br/category/natallie-chagas/>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

CHAPELLE, C. A., DOUGLAS, D. **Assessing Language through Computer Technology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CHAPELLE, C. A. **Computer Applications in Second Language Acquisition** – Foundations for Teachers, Testing and Research. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COLDWELL, A. Imagining Future Janeites: Young Adults Adaptations and Austen's Legacy. **Persuasions on-line**. V. 35, n. 1, winter, 2014. Disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol35no1/coldwell.html>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. **The American Journal of Sociology**. Vol. 94. 1988. pp. 95 – 120. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/matsueda/courses/587/readings/Coleman%201988.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

COPPA, F. A Brief History of Media Fandom. In: HELLEKSON, K.; BUSSE, K. (Ed.) **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet** – New Essays. Jefferson: McFarland & Company Publishers. 2006.

COSTA, R. C.; VILAÇA, M. L. C. Uso da rede social Facebook no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, n. 57. set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/57supl/79.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

CRISTÓFANO, S. A Literatura e as Novas Tecnologias: A Formação de Leitores Ativos em Múltiplos Suportes. **Darandina**. 2010. V. 3, n1. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-Literatura-e-as-Novas-Tecnologias-A-Forma%C3%A7%C3%A3o-de-Leitores-Ativos-em-M%C3%BAltiplos-Suportes.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

CROSS, R.; PRUSAK, L. The people who make organizations go – or stop. **Harvard Business Review**, Boston, Mass., v. 80, n. 6, p. 104-112, 2002. Disponível em: <<https://hbr.org/2002/06/the-people-who-make-organizations-go-or-stop>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

CRUZ, R. R.; MAIA, A. Fanfiction: Impulsionando a Prática de Leitura em Tela e Produção Textual entre Adolescentes. Anais do **2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: multimodalidade e ensino**. 2008. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/simposio2008.html>> Acesso em: 3 de maio de 2017.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. UK: Cambridge University Press, 2001.

D'ANDREA, C. F. B. **Processos editoriais auto-organizados na Wikipédia em Português**: edição colaborativa de “biografias de pessoas vivas”. 2011. 333 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/DAJR-8MYFZQ>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

DANIELS, H. What's the Next Big Thing with Literature Circles? **Voices from the Middle**, v. 13, n. 4, May 2006. Disponível em: <http://www.csun.edu/~krowlands/Content/Academic_Resources/Literature/Instructional%20Strategies/Daniels-lit%20circles.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

DARCE, L. **Resenhas para o blog da JASBRA**. 2013-2014. Disponível em: <<https://janeaubrasil.com.br/category/luciana-darce/>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

DAVIS, B.; SUMARA, D. Fitting Teacher Education in/to/for an increasingly complex world. **Complexity: an International Journal of Complexity and Education**, v. 9, n. 1, p. 30-34, 2012. Disponível em: <<https://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/complicity/article/view/16531/13213>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2017.

DAVIS, B.; SUMARA, D.; SIMMT, E. **Complexity and Collectivity: on the Emergence of a Few Ideas**. Proceedings of the 2003 Complexity Science and Educational Research Conference OCTOBER 16–18, EDMONTON. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Elaine_Simmt/publication/228570639_Complexity_and_Collectivity_On_the_Emergence_of_a_Few_Ideas/links/5570676808ae1eea7587092.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2017.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, [1976] 2007.

DI CAPUA, I. A Literature Review of Research on Facebook Use. **The Open Communication Journal**. V. 6, p. 37 – 42. 2012. Disponível em: <<https://benthamopen.com/ABSTRACT/TOCOMMJ-6-37>>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

DÖRNYEI, Z. **Questionnaires in Second Language Research – Construction, Administration and Processing**. New Jersey, USA: Laurence Erlbaum Associates Publishers, 2003.

DOURISH, P. The Appropriation of Interactive Technologies: Some Lessons from Placeless Documents. **Computer-Supported Cooperative Work**, v. 12, p.456-490, 2003. Disponível em: <<https://dourish.com/~dourishc/publications/2002/jcscw-appropriation.pdf>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

DOW, G. Uses of Translation: The Global Jane Austen. In: DOW, G.; HANSON, C. **Uses of Austen – Jane’s Afterlives**. New York: Macmillan, 2012. p. 154 – 174.

DOW, G.; HANSON, C. **Uses of Austen – Jane’s Afterlives**. New York: Macmillan, 2012.

DYRBY, S.; JENSEN, T. B. Exploring Affordances of Facebook as a Social Media Platform in Political Campaigning. 2013. *ECIS 2013 Completed Research*. n. 40. Disponível em: <http://aisel.aisnet.org/ecis2013_cr/40>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

DUARTE, E. C. C. Prática de Leitura na Era do Texto Digital. **Interação**. 2010. V. 12, n. 12, p. 56-61. Disponível em: <<http://interacao.unis.edu.br/wp-content/uploads/sites/80/2016/05/2010-56-61.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

DYRBY, S.; JENSEN, T. B. Exploring Affordances of Social Media Use in Election Campaigns: What Political Parties Want to Facilitate, Project and Create. **Paper presented on Pre-ICIS Workshop, Orlando, 2012**. Disponível em: <http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8727/Blegind_Jensen_ICIS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

ECKS, M. **A History of Fan Fiction**. 2000. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20030423102749/http://writersu.s5.com:80/history/history01.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.

EMEDIATO, W. Discurso e Web: As Múltiplas Faces do Facebook. **Revista da Abralin**. V. 14, n.2. P. 171-192. Jul-Dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42561/25818>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

EMMANOULOUDIS, A. **You are not alone, the emergence of fan communities around user-generated content: a comparative analysis**. Master Dissertation in Television & Cross-Media Culture. Department of Media Studies of University of Amsterdam. 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/14627651/You_Are_Not_Alone_The_Emergence_of_Fan_Communities_Around_User-Generated_Content_A_Comparative_Analysis>. Acesso em: 26 de maio de 2017.

ERICKSON, T.; KELLOGG, W. Social translucence: an approach to designing systems that support social processes. **ACM Transactions on Computer-Human Interaction**, v. 7, p. 59-83. 2000. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.89.989&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 31 de julho de 2017.

FARMER, J. Communication dynamics: Discussion boards, weblogs and the development of communities of inquiry in online learning environments. In: ATKINSON, R.; MCBEATH, C.; JONAS-DWYER, D. & PHILLIPS, R. (Eds.). **Beyond the comfort zone**: Proceedings of the 21st ascilite conference, 2004, pp. 274.28. Disponível em: <<https://www.ascilite.org/conferences/perth04/procs/pdf/farmer.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

FERNÁNDEZ, G. E. et al. **Gêneros Textuais e Produção Escrita**. São Paulo: IBEP, 2012.
FERRAZ, D. et al. **Etnografia Virtual**: Uma Tendência Para Pesquisa Em Ambientes Virtuais De Aprendizagem e De Prática. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2009.

FERREIRA, F; BERSSANETTE, J. H. Uso do Facebook como Ferramenta para Promoção do Hábito de Leitura: Uma Experiência com Alunos do Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio. **Anais do IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. 2014. Ponta Grossa, Paraná. Disponível em: <<http://www.sinect.com.br/2014/down.php?id=3230&q=1>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

FINARDI, K.; PORCINO, M. C. Facebook na Ensino de Inglês como Língua Adicional. In: ARAUJO, J. LEFFA, V. **Redes Sociais e Ensino de Línguas – O que Temos a Aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p. 65-80.

FLORES. E. A. P. **O Facebook e suas Possibilidades Literárias. Trabalho de conclusão de curso em Mídias na Educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95849>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

FRAISSE, E. **Literatura e Internet**. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011a. 239 p.

FRANCO, C. de P. **Autonomia na Aprendizagem de Inglês**: Um Estudo de Caso com Nativos Digitais Sob as Lentes do Caos e da Complexidade. 2013. 201 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais. 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-94LNL7>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

FRANCISCATO, F. T.; et al. Avaliação dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem Moodle, TelEduc e Tidia – Ae: um Estudo Comparativo. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS. Vol. 6 n. 2, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/14509/8428>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

FRAISSE, E. **Internet e Literatura**. Tradução de Rita Cristina Lima Lages e Silva. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

FREITAS, M. T. A. **A Tela e o Livro** – Um Diálogo Possível? In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

FULLERTON, S. **Jane & I** – A tale of Austen Addiction. Jane Austen Society of Australia. 2017.

FURTADO, C. C.; OLIVEIRA, L. BIBLON: Plataforma de Incentivo a Leitura Literária para Crianças. **InCID**, 2011. V. 2, n. 1, p. 68-85. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/incid/article/view/42335/46006>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

G1. **70% dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomercio-RJ**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

G1. **Mais de um terço da população mundial está conectada à internet**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/10/mais-de-um-terco-da-populacao-mundial-esta-conectada-internet.html>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

GALLARDO, B. C. Letramentos Digitais e Aprendizagem de Língua Inglesa nas Redes Sociais Virtuais. In: Ribeiro, A. E.; Villela, A. M. N.; Sobrinho, J. C.; Silva, R. B. (Orgs.) **Linguagem, Tecnologia e Educação**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2010, p. 302 – 312.

GAROFALO, S. **Português como Língua Estrangeira e Tecnologias Digitais: Uma Experiência Com o Grupo de Discussão On-Line no Contexto do PEC-G**. 2014. 315 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais. 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9PMMWC/dissertacao_simonegarofalo_versao_definitiva.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

GAVER, W. W. Situating action II: Affordances for interaction: The social is material for design. **Ecological Psychology** 1996, V 8(2), p. 111–129.

GAVER, W. W. **Technology Affordances**. Conference Paper. 1991. Disponível em: <<https://www.lri.fr/~mbl/Stanford/CS477/papers/Gaver-CHI1991.pdf>>. Acesso em: 13 de junho de 2017.

GHIGLIONE, R.; MATALON, B. **O Inquérito Teoria e Prática**. Oeiras: Celta Editora. 1995.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1979.

GILBERT, S. M.; GUBAR, SUSAN. **The Madwoman in the Attic**. New Haven and London: Yale University Press. 1979.

GOMES, A. S. **Zumbis, Vampiros e... Jane Austen: A Emergência do Mash-up Literário**. 2012. Disponível em:

<<https://sobreomedo.files.wordpress.com/2012/04/andersonsoaresgomes.pdf>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

GOMES, C. et tal. A Publicidade Audiovisual Literária como Incentivo à Leitura Infanto-Juvenil. **Anais do XIV Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste**. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1618-1.pdf>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

HARMAN, C. **Jane's Fame** – How Jane Austen Conquered the World. Edinburg: Conongate, 2009.

HELLEKSON, K.; BUSSE, K. (Ed.) **Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet** – New Essays. Jefferson: McFarland & Company Publishers. 2006.

HELLES, R. Mobile communication and intermediality. **Mobile Media & Communication**. 2013, V. 1(1), p. 14–19.

HENGE, G. S. **Feitos e efeitos discursivos no processo tradutório literário: uma discussão sobre o falar tradutório na obra Pride and Prejudice de Jane Austen**. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000984736&loc=2016&l=8debd7597fae1223>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

HILLS, M. **Fan Cultures**. New York: Routledge, 2002.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. United Kingdom: Sage Publications Ltd. 2000.

HODKINSON, P. 'Insider Research' in the Study of Youth Cultures. **Journal of Youth Studies**. V. 8. Issue 2. 2005. P. 131-149. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13676260500149238>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

HOLLAND, J. H. **Hidden Order**. How Adaptation Builds Complexity. New York: Helix Books, 1995.

HORNICK, D. **Social networks 3.0**. 2005. Disponível em: <<http://www.ventureblog.com/2005/12/social-networks-30.html>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

HSIEH, Y. P. Online Social Networking Skills: The Social Affordances Approach to Digital Inequality. **First Monday**. 2012. V. 17 (4). Disponível em: <<http://firstmonday.org/article/view/3893/3192>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

HUFF, D. **Jane Austen in pop culture** – a multi genre research project. 2012. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/weberschool.org/jane-austen/home>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

HUTCHBY, I.; BARNETT, S. **Aspects of Sequential Organization in Text Message Exchange**. 2005. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/249829125_Aspects_of_sequential_organization_in_text_message_exchange>. Acesso em 30 de agosto de 2017.

HUTCHBY, I. **Conversation and Technology: From the Telephone to the Internet**. Cambridge: Polity, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS. **Sociograph: coletando dados de comunidades online**. 2017. Disponível em: <<http://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/sociograph-coletando-dados-de-comunidades-online/>>. Acesso em 30 de agosto de 2017.

IDRIS, H.; GHANI, R. A., *Construction of knowledge on Facebook*. Language, Linguistics and Literature, **The Southeast Asian Journal of English Language Studies**. v. 18, n.3, pp. 61 - 72, 2012.

JANE AUSTEN FANFICS 2017. Disponível on-line: <<http://www.janeaustenfancs.com.br>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

JANE AUSTEN BRASIL. **Cartas Para Madame Austen**. 2013. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/category/coluna-cartas-para-madame-austen/>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

JASA. **Jane Austen Society of Australia**. 2017. Disponível em: <<https://jasa.com.au/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASBRA. **Jane Austen Society of Brazil**. (site) 2017. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASES. **Jane Austen Society of Spain**. (site) 2017. Disponível em: <<http://janeaustensociety.es/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASIT. **Jane Austen Society of Italy**. (site) 2017. Disponível em: <<http://www.jasit.it/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASNA. **Jane Austen Society of North America**. (site) 2017. Disponível em: <<http://www.jasna.org/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASNL. **Jane Austen Society of Netherland**. (site) 2017. Disponível em: <<http://www.janeaustensociety.nl/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JASUK. **Jane Austen Society of United Kingdom**. (site) 2017. Disponível em: <<http://www.janeaustensoci.freeuk.com/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2017.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência: A Colisão entre os Velhos e os Novos Meios de Comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. **Fans, Bloggers, and Gamers – Exploring Participatory Culture**. New York: New York University Press, 2006.

_____. **Textual Poachers: Television, Fans and Participatory Culture**. Nova York: Routledge, 1992.

JESUS, I. S. S.; PEREIRA, V. C. Instância Autoral Morta Viva em Orgulho e Preconceito e Zumbis. **Revista Desenredo**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. V. 1, n. 1. 2015. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5035>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

JESUS, I. S. S.; PEREIRA, V. C. Mash up em Orgulho e Preconceito e Zumbis: um híbrido literário em (R)evolução. **Revista Miscelânea**. V. 20. Jul./Dez. 2016. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/19-jesus-pereira.pdf>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

JOHNSON, C. L. **Jane Austen's Cults and Cultures**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

JOHNSON, S. **Emergência: A Vida Integrada de Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

JONES, S. **Doing Internet Research – Critical Issues and Methods for Examining the Net**. London: Sage Publications. 1999.

JUNIOR, P. R. Cerca de 70% dos brasileiros ativos no Facebook se informam pela rede social. **Observatório da Imprensa**, 21 de abril de 2015. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/cerca-de-70-dos-brasileiros-se-informam-pelo-facebook/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

KELLEHER, J. S. What **Jane Austen Can Teach us about our New Internet Selves**. Palestra no Canal TEDx Talks (Youtube). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VBs8Oqbw3k>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

KIEFER, J. Anatomy of a Janeite: Results from The Jane Austen Survey 2008. **Persuasions on-line**. V. 29, n. 1, winter, 2008. Disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol29no1/kiefer.html>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

KIND, L. **Mulheres desconcertantes: maternidade e modos de subjetivação nas obras de Jane Austen**. Apresentação de Trabalhos no VI Encontro Nacional da JASBRA. Belo Horizonte. 2017.

KIRKHAM, M. **Jane Austen, Feminism and Fiction**. New York: Methuen. 1986.

KOCK, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2009..

KOSINSKI, M. Facebook as a research tool for the social sciences: Opportunities, challenges, ethical considerations, and practical guidelines. **American Psychologist**, v. 70, n. 6, p. 543 – 556, sep. 2015. Disponível em: <http://www.davidstillwell.co.uk/articles/AP_2015.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

KOZINETS, R. V. Netnography 2.0 In: R. BELK, (ed.), **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Northampton: Edward Elgar Publishing. 2007. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1433499/Netnography_2.0_The_Handbook_of_Qualitative_Research_Methods_in_Marketing. Edited by Russell W. Belk>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

KOZINETS, R. V. The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. **Journal of Marketing Research**. N. 39. V. 1. 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/1433452/The_field_behind_the_screen_using_netnography_for_marketing_research_in_online_communities>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

KOZINETS, R. V. On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. In: **Advances in Consumer Research** v. 25, eds. Joseph W. Alba & J. Wesley Hutchinson, Provo, UT: Association for Consumer Research, 1998, Pages: 366-371. Disponível em: <<http://acrwebsite.org/volumes/8180/volumes/v25/NA-25>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LAGO JÚNIOR, M. W. **Redes Sociais Informais Intraorganizacionais e os Processos De Mudanças Organizacionais**: Estudo Em Uma Empresa De Tecnologia Da Informação. 2005. 251 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Profissional em Administração. Universidade Federal da Bahia. 2005. Disponível em: <http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/mario_wilson_lago_junior.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LEITE, M. T. M. . **O ambiente virtual de aprendizagem Moodle na prática docente: conteúdos pedagógicos**. UNIFESP Virtual, 2008. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/artigos/ava/textomoodlevirtual.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. **Applied Linguistics**, Vol. 18, No. 2. Oxford University Press, 1997.

LEBLANC, J. A. et al. **Virtual Literature Circles on Moodle**: The Way Forward. 2012. Disponível em: <http://www.dlc-ubc.ca/dlc2_wp/rowe/files/2012/07/FinalProject.doc> Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: LEFFA, V. J. (Org.). **Pesquisa em linguística Aplicada**: temas e métodos. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução Luiz Paulo Roaunet. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LÉVY, P. A Emergência do Cyberspace e as Mutações Culturais. Palestra no Festival Usina de Arte e Cultura, Porto Alegre, 1994. Tradução Suely Rolnik. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2514.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LIMA, F. A.; LIMA, L. **A Educação Literária nas Obras de Jane Austen**. Apresentação de Trabalhos no VI Encontro Nacional da JASBRA. Belo Horizonte. 2017.

LIMA-NETO, V. de. **Um Estudo da Emergência de Gêneros no Facebook**. 2014. 313 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação Linguística. Universidade Federal do Ceará. 2014. Disponível on-line: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/12573>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

LIN, H. **Teaching Literature: Internet as a Window of Opportunities**. 1997. Disponível em: <<http://ir.chna.edu.tw/bitstream/310902800/9925/1/97CN9734.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

LOOSER, D. **The Making of Jane Austen**. Baltimore: John Hopkins University Press. 2017

LORENZ, E. N. **The Essence of Chaos**. London: UCL Press, 2nd ed. 1995.

LOUBACK, A. L. **Romance, Crítica Social e Profeminismo: a riqueza narrativa de ‘Orgulho e Preconceito’**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@analeticia.loubak/romance-cr%C3%ADtica-social-e-protfeminismo-a-riqueza-narrativa-de-orgulho-preconceito-7cbffce8e25c>>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

LOURENÇO, D. S. O Processo De Adaptação Do Romance Orgulho E Preconceito Para Uma Websérie. In: **Anais do II Congresso Internacional de Estudos em Linguagem (CIEL)**, Ponta Grossa: UEPG, 2017a. v. 1. p. 1-12.

LOURENÇO, D. S.; WIELEWICKI, V. H. G. A Transposição De Personagens Do Romance Orgulho E Preconceito (1813) Para A Websérie The Lizzie Bennet Diaries (2012): Um Processo De (Re)Interpretação E (Re)Criação. In: **Anais do V CONALI** (Congresso Nacional de Linguagens em Interação), Maringá: UEM, 2017b. p. 1649-1666.

LOYOLA, D. MALINI, F. Blogosfera Literária: Gêneros, Temas, Hipertextualidade e Participação do Leitor. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vitória, ES – 13 a 15 de maio de 2010. 15 p. Disponível on-line: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0809-1.pdf>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

LUNA, T. S. Leitura Literária e Rede Social: Uma Proposta de Intervenção Pedagógica. **Anais do Congresso Iberoamericano de Ciência e Tecnología, Innovación Y Educación**. 2014. Buenos Aires, Argentina. Disponível em: <<http://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/890.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

LYNCH, D. **Janeites – Austen’s Disciples and Devotees**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

MALANGA, E. **Publicidade. Uma Introdução**. 3^a edição. São Paulo: Editora Atlas, 1979.

MALCOLM, G. Darcymania. In: MALCOLM, G. **Fan Phenomena: Jane Austen**. Bristol: Intellect Books. 2015

MALINI, F. **A economia dos Likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais: Leminski, Clarice, Machado e Caio F. Abreu.** Vitória: Labic, 2014. Disponível on-line: <<http://www.labic.net/wp-content/uploads/2015/09/Literatura-Brasileira-na-Internet-1.pdf>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2017.

MANDAL, A.; SOUTHAM, B. **The Reception of Jane Austen in Europe.** London: Bloomsbury, 2007.

MANDAL, Anthony. Austen's European Reception. In: In: JOHNSON, Claudia L.; TUIE, Clara. (Ed.) **A Companion to Jane Austen.** West Sussex, Blackwell Publishing, 2009, p. 422-433.

MANHÃES, E. Análise do Discurso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Editora Atlas, 2005.

MANS, M. **Booktubers fazem sucesso na web com vídeos sobre livros de papel.** Estado de São Paulo, 15 jun. 2015. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,booktubers-fazem-sucesso-na-web-com-videos-sobre-livros-de-papel,10000029253>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Textuais – Novas Formas de Construção de Sentido.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2005. 2ª edição.

MARTELETO, Regina Maria. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; **Livros e Telas.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

MARTINS, A. C. S. A emergência de dinâmicas complexas em aulas on-line e face a face. In: PAIVA, V. L. M. O. NASCIMENTO, M. **Sistemas Adaptativos Complexos.** Campinas: Pontes, 2009.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (Orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 298 p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/8fcr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

MCGRATH, L. Rare Books in the Classroom! Interactive Programs and Digital Collections of Historical Children's Books. In: BOOTH, D.; PETERSON, S; JUPITER, C. **Books, media, & the Internet: children's literature for today's classroom.** Winnipeg: Portage&Main Press, 2009. P. 163 – 173.

MEISHAN-TAL, H., KURTZ, G., PIETERSE, E. Facebook groups as LMS: a case study. **The International Review of Research in Open and Distance Learning**. V. 13. N.4. 2012. Disponível em: <<http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/1294/2337>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

MENEGHELLI, R. B.. **Redes sociais informais nas organizações e satisfação no trabalho: estudo de caso numa empresa de energia**. 2009. 196 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Gestão. UFF, Niterói, 2009. Disponível on-line: <<http://www.kmpress.com.br/site/?aid=740&pid=735&sa=1>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

MILLER, C. R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.) Coleção Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPE: Recife. 2009.

MILLER, C. R. **Genre as Social Action**. Quarterly Journal of Speech, n. 70, p. 151-167. 1984

MIRMOHAMADI, K. **The Digital Afterlives of Jane Austen – Janeites at the Keyboard**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

MONT'ALVÃO JÚNIOR, A. P. **As Definições de Ficção Científica da Crítica Brasileira Contemporânea**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 38 (3), p. 381-393, set.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_30.pdf>. Acesso: 10 de julho de 2017.

MONTANHA, F. A. R. P. Por um estudo dos Vlogs: apontamentos iniciais e contribuições teóricas de Marshall McLuhan. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, ed. 18, v. 9, n. 2, p. 1-16, 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2151/1664>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2017.

MORAIS, C.; et al. A Web como Fonte de Pesquisas na Construção de Ambientes de Aprendizagem. In: SILVA, B. e ALMEIDA, L. (Orgs.), **Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia**. 2001. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Vol. 1, p. 333 - 342. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1064/1/AA2001_Web_Expectativas_Ambientes_Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

MORAIS, M. A. C. **Leituras de Mulheres no Século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. São Paulo: Papirus, 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Meridional Ltda, 2006.

MORTON, H. Computer-mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology. **Social Analysis**. N. 45. V. 1. 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259910154_Computer-

[Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology](#)>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

MOSTERT, K. **Faces to Facebook** – Affordances of Facebook. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/1256206/Faces_to_Facebook_Affordances_of_Facebook_and_Shifting_Notions_of_Personal_Photoshography>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

MUHR, S. L. PEDERSEN, M. Faking it on Facebook. In: WITTKOWER, D. E. (ed.) **Facebook and Philosophy**. Illinois: Open Court, 2010.

MUNARI, A. C. **Literatura e Internet**. Anais do XI Semana de Letras da PUCRS. 2011. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/anamunari.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

NAGY, P.; NEFF, G. Imagined Affordance: Reconstructing Keyword for Communication Theory. **Social Media + Society**. 2015. V. 1 (2). Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2056305115603385>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

NAKAGOME, P. T.; MURAKAMI, R. Y. Transculturalidade, Transformação: A Relação dos Fãs e dos Estudantes com a Literatura. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**. Ano VIII, v. 19. No. 01, Jul./Dez. 2013. 16 p. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1851/1623>>. Acesso em: 20 de Junho de 2017.

NATTRESS, L. A. **Austen Prose**. Desde 2007. Disponível em: <<https://austenprose.com/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

NORMAN, D. A. Affordances, Conventions and Design. **Interactions**. Vol. 3, Issue 3. May/June. 1999. Pages 38-43. Disponível em: <<https://cseweb.ucsd.edu/~goguen/courses/271sp03/jnd.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

NORMAN, D.A. **The Psychology of Everyday Things**. New York: Basic Books, 1988.

NUNES, C. P. & MOURA, C. A. C. Literatura Digitalizada: O Novo Processo de Leitura, a Partir da Obra The Scarlet Letter em sua Versão Digital. In: Encontro Nacional sobre Hipertexto. 3. 2009. Belo Horizonte. **Anais do III Encontro Nacional sobre Hipertexto**, Belo Horizonte, v. 1. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/hipertexto2009/anais/g-l/Literatura-digitalizada-o-novo-processo-de-leitura-a-partir-da-obra-The-Scarlet-Letter-em-sua-versao-digital.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

O'CONNELL, P. L. **A World Without End for Fans of Jane Austen**. The New York Times, 2000. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2000/01/13/technology/a-world-without-end-for-fans-of-jane-austen.html>>. Acesso em: 20 de Junho de 2017.

O GLOBO. **Vendas de livros e faturamento crescem no 1º trimestre do ano**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/vendas-de-livros-faturamento-crescem-no-1-trimestre-do-ano-21203148>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

OLIVEIRA, A. F.; MANZANO, L. C. G. Fanfiction: “Nova” Ferramenta de Leitura e Escrita para o Ensino de Língua Materna no Ensino Básico. **Revista Calidoscópio**. V. 13, n. 2, p. 210-217, maio/ago, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.132.07>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

OLIVEIRA, R. A. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA, V. L. M. O. NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Pontes, 2009. p. 13-34.

PAIVA, V. L. M. O. RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. O Footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, J. C. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAIVA, V. L. M. O. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAUJO, J. LEFFA, V. **Redes Sociais e Ensino de Línguas – O que Temos a Aprender?** São Paulo: Parábola, 2016. p. 65-80.

PAIVA, V. L. M. O. Aquisição de Segunda Língua na Perspectiva da Complexidade. In: PAIVA, V. L. M. O. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014. p. 141-151.

PAIVA, V. L. M. O. Chaos and the complexity of Second Language Acquisition. In: BENSON, Phil; COOKER, Lucy (Eds.) **The applied linguistic individual: sociocultural approaches to identity, agency and autonomy**. Sheffield; Bristol: Equinox, 2013. p. 59-74.

PAIVA, V. L. M. O. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos. In: BRUGO, V. H.; FERREIRA, E. F.; SORTO, L. J. **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

PAIVA, Vera L. M. de O. Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes Cândido (Org.). **Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/affordance.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

PAIVA, V. L. M. O. Complexidade: conceitos, origens, afiliações e evoluções. In: PAIVA, V. L. M. O. NASCIMENTO, M. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: língua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Pontes, 2009. p. 187-203.

PAIVA, V. L. de O. Autonomia e complexidade. **Revista Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 9, n. 1, p. 77-127. 2006. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/176/143>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

PALAZZO, L. A. M. **Complexidade, Caos e Auto-Organização**. 1999. Disponível em: <http://algor.dcc.ufla.br/~monserrat/isc/Complexidade_caos_autoorganizacao.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

PALLOFF, R.. PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARREIRAS, V. A. **A Sala de Aula Digital Sob a Perspectiva dos Sistemas Complexos: Uma Abordagem Qualitativa**. 2005. 343 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005. Disponível on-line: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-69TQ6C>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

PAULINO, G. **O Acesso a Impressos e à Internet na Formação de Leitores**. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

PIETROLUONGO, J. **Jane Austen in Brazil**. British and Commonwealth Society of Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: BSC Rio. 2013, p. 16-17.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na Internet. Intercom. **Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2013. 15 p.

POOVEY, M. **The Proper Lady and the Woman Writer – Ideology as Style in the Works of Mary Wollstonecraft, Mary Shelley, and Jane Austen**. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1984.

PORTER, S. Introduction: Technology in Teaching Literature and Culture – Some Reflections. **Teaching European Literature and Culture with Communication and Information Technologies**, 1999. Disponível em: <<http://users.ox.ac.uk/~ctitext2/publish/occas/eurolit/porter.html>>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

PORTO, C.; SANTOS E. (Orgs.) **Facebook e Educação – Publicar, Curtir, Compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 448 p.

POSTIGO, H. The Socio-technical Architecture of Digital Labor: Converting Play Into Youtube Money. 2016. **New Media & Society**. V. 18 (2), p. 332-349.

POWERS, J. S. **Femininity, Pinterest, and the Appropriation of Jane Austen**. 2014. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Department of Communication of East Tennessee State University. 2014. 98 p. Disponível em: <<http://dc.etsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3729&context=etd>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

PUCCI, S. R.; THOMPSON, J. (Ed.) **Jane Austen and Co.** – Remaking the Past in Contemporary Culture. Albany: State University of New York Press. 2003.

PUGA, R. M. (Org.) **Jane Austen em Portugal (con)textos**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2017.

PUTMAN, R. Tuning In, Tuning Out: The Strange Disappearance of Social Capital in America. **Political Science and Politics**, Vol. 28, No. 4. Dec. 1995), pp. 664-683. Disponível

em: <<https://www.uvm.edu/~dguber/POLS293/articles/putnam1.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

RAINS, S. A.; BRUNNER, S.R. What Can We Learn About Social Network Sites by Studying Facebook? A Call and Recommendations for Research on Social Network Sites. **New Media & Society**. v. 17 (I). p. 114-131. 2015. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1461444814546481>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

RAW, L; DRYDEN, R. (Ed.) **Global Jane Austen – Pleasure, Passion, and Possessiveness in the Jane Austen Community**. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

RAY, J. K. **Simply Austen**. New York: Simply Charly. 2017.

RECUERO, R. BASTOS, M. ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, R. **Engajamento X Audiência no Facebook: Uma Breve Discussão**. 2013. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/03/engajamento-x-audiencia-no-facebook.html>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

_____ A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: VIZER, E. (Org.). **Lo que McLuhan no previu**. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012a, v. 1, p. 205-223. Disponível on-line: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/redemensagem.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

_____ O capital social em rede: como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea - Revista de comunicação e cultura**, v. 10, n. 3, p. 597-617, 2012b. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/4671>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

_____ **Métodos para estudo das Redes Sociais**. 2011a. (slide). Disponível on-line: <<https://pt.slideshare.net/raquelrecuero/rosaria>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

_____ **O Facebook é o novo reino dos memes**. On-line. 2011. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2011/11/o-facebook-e-o-.htm>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018

_____ Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre. n. 38. 2009a. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309/3879>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

_____ **Redes Sociais na internet**. Sulina: Porto Alegre, 2009b.

_____ **Mapeamento de Redes Sociais: Conversação e Mídia Social**. 2008. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/12/mapeando-redes.html>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

_____ **Memes em Weblogs: proposta de uma taxonomia.** Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 32, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3411>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

_____ **Memes e dinâmicas sociais em Weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na Internet.** Revista Intexto. Porto Alegre: UFGRS. V. 2. N. 15. p. 1-16. 2006. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4265>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

_____ **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais.** IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM: Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/intercom2004final.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017. RECUERO, R. Comunidades Virtuais: uma abordagem teórica. In: DORNELLES; B. (Org.) **Mídia, Imprensa e Novas Tecnologias.** Porto Alegre: Edipucrs. 2002.

REIS, F. P. **Jane Austen e a História.** Apresentação de Trabalhos no VI Encontro Nacional da JASBRA. Belo Horizonte. 2017.

REIS, M. A.; ARAÚJO, B. G. A Internet como Ferramenta de Divulgação da Literatura Recifense. **Anais do III Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão da Faculdade SENAC PE.** 2009. Disponível em: <http://www.faculdaadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/III/anais/comunicacao/030_2009_ap_oral.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

RHEINGOLD, H. **Net Smart – How to Thrive On-line.** Cambridge: The MIT Press, 2012.

RHEINGOLD, H. **The Virtual Community – Homesteading on the Electronic Frontier.** New York: HarperPerennial, 1993.

RIBEIRO, A. E. et al. **Linguagem, Tecnologia e Educação.** São Paulo: Editora Petrópolis, 2010.

RIBEIRO, A. E. **Ler na Tela – O que é, hoje, um livro?** In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011

RIBEIRO, R. R. **A Tecnologia no Processo Ensino-Aprendizagem.** 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós- Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. Disponível on-line: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86029>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

RIOS, J. O.; OLIVEIRA, S. D.; OLIVEIRA JÚNIOR, O. B. Redes Sociais e Literatura – Diálogos entre o Impresso e o Digital. **Anais do XVI CNLF.** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 2608 – 2618. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/225.pdf>. Acesso em 27 de setembro de 2016.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Editora Parábola. 2012.

ROSSATO, B. D. O caso de Lydia Bennet: o que adaptações podem revelar sobre uma época. **Recorte** (UninCor), v. 13, p. 1-17, 2016.

ROSSATO, B. D. Elizabeth Bennet: a woman of her time. **Cadernos do IL** (UFRGS), v. 1, p. 175-188, 2015a.

ROSSATO, B. D.. Orgulho e Preconceito (1813) e Os Diários de Lizzie Bennet: a influência do casamento, do dinheiro e da classe social no universo feminino. In: **13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015b. p. 662-668.

ROSSATO, B. D. Translating personalities in *Persuasion* (2007) and *Miss Austen Regrets* (2008). **Revista Escrita** (PUCRJ. On-line), v. 17, p. 1-20, 2013a.

ROSSATO, B. D. Orgulho e preconceito e zumbis: um olhar moderno, 200 anos depois. In: IV Encontro Nacional Jane Austen Society of Brazil, 2013, Belo Horizonte. **IV Encontro Nacional Jane Austen Society of Brazil**, 2013b.

ROSSATO, B. D. Persuasão de Jane Austen pelas lentes cinematográficas. In: III Seminário Internacional de Estudos Literários, 2013, Frederico Westphalen. **Anais do III Seminário Internacional de Estudos Literários**, 2013c.

ROSSATO, B. D.; Burlamaque, F. V. Orgulho e Preconceito e Zumbis: uma versão de Jane Austen para o público juvenil contemporâneo. **Via Atlântica**, v. 2, p. 201-215, 2014.

ROSSATO, B. D.; Burlamaque, F. V. Orgulho e preconceito e zumbis: o mashup literário como possibilidade de ressignificação dos clássicos. In: **II Seminário Nacional de Língua e Literatura: teoria e ensino - hipertexto, gêneros textuais e discursivos**, 2010, Passo Fundo.

ROSSINI, T. C. N. Releitura Pop Interativa de Austen: A Hipermedialidade em *Pride and Prejudice* and *Zombies*. **Darandina Revista eletrônica**– Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. V. 5, n. 2. 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/Artigo_TayzaCristinaNogueiraRossini.pdf>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

ROZENFELD, C. C. F.; GABRIELLI, K. S. O Fórum Educacional em Cursos Virtuais de Língua Estrangeira como Ferramenta de Interação: Uma Análise Crítica de Duas Experiências. In: In: Ribeiro, A. E. Villela, A. M. N.; Sobrinho, J. C.; Silva, R. B. (Orgs.) **Linguagem, Tecnologia e Educação**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2010, p. 260 – 272.

SALES, A, S. Jane Austen Circulando no Século XXI. **Literausten**. V1, N2. 2017, p. 10 -19. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/2018/01/02/segunda-edicao-da-revista-literausten/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

- SALLES, K. **Querida Jane Austen – uma homenagem**. Arujá: Editora Leque Rosa. 2017.
- SALLES, M. S. V. **O comportamento feminino em sociedade**. Apresentação de Trabalhos no VI Encontro Nacional da JASBRA. Belo Horizonte. 2017.
- SAMPAIO, A. C.; MORAIS, G.; CARPI, PAULA. **Os segredos das Coisas**. Apresentação de Trabalhos no VI Encontro Nacional da JASBRA. Belo Horizonte. 2017.
- SANBORN, V. **Jane Austen's World**. Desde 2006. Disponível em: <<https://janeaustensworld.wordpress.com/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.
- SÁNCHEZ, M. C. R. **Historia de Los Austenitas**. Málaga: Kindle Book. 2015.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTANA, M. F. **Orgulho e Preconceito (e Zumbis): O Diálogo entre o Cânone e a Narrativa Pós-moderna**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade. Curitiba, 2012. Disponível em: <https://www.uniandrade.br/docs/mestrado/pdf/dissertacoes_2012/dissertacao_mauricio.pdf>. Acesso em: 3 de maio de 2017.
- SANTOS, A. L. B. dos. O Emprego de Grupos do Facebook Para o Ensino da Literatura – Estudo de Caso. In: Congresso Internacional ABRALIC. 9. 2015. Belém. **Anais do XIV Congresso Internacional ABRALIC**. Belém, Abralic, p. 1 - 9. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908349.pdf>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.
- SANTOS, A. F. SILVA, S. P. Edgar Allan Poe no Facebook: O Ensino de Língua Inglesa e as Novas Tecnologias. **Revista Estudos Anglo-Americanos**. n. 38. 2012, p. 70-95. Disponível em: <<http://ppgi.posgrad.ufsc.br/files/2014/08/REAA-38-5.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.
- SAVALLA, S. Os direitos dos homens e os deveres das mulheres. **Literausten**: Belo Horizonte, p. 79 - 84, 18 Jul. 2017.
- SAVALLA, S. AUSTEN, J. **Lady Susan**. Vitória: Pedrazul, 2014.
- SAVALLA, S.; AUSTEN-LEIGH, J. E. L. **Uma Memória de Jane Austen**. Vitória: Pedrazul. 2014.
- SAWYER, R. K. **Social emergence: societies as Complex Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- SCHLEMMER, E.; BACKES, L.; FRANK, P. S. S.; SILVA, F. A.; DEL SENT, D. T. ECoDI: A criação de um Espaço de Convivências Digital Virtual. In: Simpósio Brasileiro De Informática Na Educação. 2006. Brasília. **Anais Do XVII Simpósio Brasileiro De Informática Na Educação**. Brasília. 2006. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/507/493>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

SCHOLER, C. Austen Goes Pop – The Evolution of Jane Austen from Rural Writer to Contemporary Icon. **Master of Liberal Studies Theses**. V. 44. 2009 .Disponível em: <<http://scholarship.rollins.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1044&context=mls>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

SCHOLZ, T. Facebook as Playground and Factory. In: WITTKOWER, D. E. (ed.) **Facebook and Philosophy**. Illinois: Open Court, 2010.

SCHROCK, A. R. Communicative Affordances of Mobile Media: Portability, Availability, Locatability, and Multimediality. 2015. **International Journal of Communication**. V. 9, p. 1229-1246. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/3288/1363>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

SHOTTER, J.; NEWSON, J. ‘An Ecological Approach to Cognitive Development: Implicate Orders, joint Action and Intentionality’ In: Butterworth, G.; Light, P. (eds.), **Social Cognition: Studies in the Development of Understanding**. Chicago: University of Chicago Press. 1982.

SIMONS, J. Jane Austen and Popular Culture. In: JOHNSON, Claudia L.; TUIE, Clara. (Ed.) **A Companion to Jane Austen**. West Sussex, Blackwell Publishing, 2009, p. 467-477.

SILVA, G. C.; RIBEIRO, O. M.; BORGES-GUTIERRE, M. M. O Discurso Literário no Facebook: Interação, Diálogos e Sentidos. REL – **Revista Eletrônica de Letras**. V.1, n. 9. Jan-Dez. 2016.

SILVA, L. B. Tornando-se Jane: a Individualização Retrutada no Filme. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 531-538. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000300008>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

SILVA, M. **As Redes Sociais e Seus Impactos nas Relações Pessoais**. 2015. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/as-redes-sociais-e-seus-impactos-nas-relacoes-pessoais/92344/>>. Acesso em: 22 de novembro de 2017.

SILVA, R. J. B.. Jane Austen no Cinema: screwball comedy, tradução e manipulação. **Travessias**, v. 11, p. 300-314, 2017a.

SILVA, R. J. B. Jane Austen: 200 anos de ousadia. **Diário do Nordeste** - Caderno 3, Fortaleza, 18 jul. 2017b.

SILVA, R. J. B.. De Pride & Prejudice para Orgulho e Preconceito ? tradução literária e crítica. In: **XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores**. Florianópolis - SC: Editora UFSC, 2013. v. 11. p. 107-107.

SILVA, R. J. B.. Pride and Prejudice e suas Traduções para o Português Brasileiro: ironia e crítica. In: **I CONALI - Congresso Nacional de Literatura**, 2012, João Pessoa - PB. Resumos - Congresso Nacional de Literatura: I CONALI. João Pessoa - PB: Ideia, 2012. v. 1. p. 165-166.

SILVA, S. G. **Fórum Educacional Digital: dialogismo e construção do conhecimento**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. 351 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=145288>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

SILVA, V., SILVA, R. S. **Das Infovias às Ruas: O Facebook e as Manifestações Sociais na Perspectiva da Teoria do Caos / Complexidade**. Revista Rua, Campinas, N. 21. V. 2. Nov. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8642470>>. Acesso em: 12 de julho de 2012.

SILVA JÚNIOR, S. A. L. **A crise da aristocracia em Orgulho e Preconceito**. Apresentação de Trabalhos V Encontro Nacional da JASBRA. UFOP. Ouro Preto. 2016

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SMITH, A. E. **All Roads Lead to Austen – a Yearlong Journey**. Illinois: Sourcebooks, 2012.

SOUZA, V. V. S. Ambiente virtual de aprendizagem e diário de bordo: sistemas adaptativos complexos. In: PAIVA, V. L. M. O. NASCIMENTO, M. **Sistemas Adaptativos Complexos**. Campinas: Pontes, 2009.

STAFFORD, F. **Jane Austen a brief life**. New Haven and London: Yale University Press. 2017.

STEENHUYSE, V. V. **Oh, the Angst! Emotional Immersion in Jane Austen Fanfiction**. 2014. Disponível em: <<https://biblio.ugent.be/publication/5856023>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

STEINFELD, C.; et al. Online social network sites and the concept of social capital. In: LEE, et al (Eds.). **Frontiers in New Media Research**, New York: Routledge, 2012, p. 115-131.

STEWART, Ian. **Does God Play Dice? – the new mathematics of Chaos**. . London: Penguin Books, Second Edition. 1997.

STRACHAN, B. **Virtual Literature Circles**. 2008. Disponível em: <<https://www.pembrokepublishers.com/data/ff/Virtual%20Circles.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

SUE, B. RORICK, K. **The Secret Diary of Lizzie Bennet: a novel (Lizzie Bennet Diaries)**. New York: Touchstone, 2014. 400 p.

SUE, B. RORICK, K. **O Diário Secreto de Lizzie Bennet**. Tradução de Claudia Mello Belhassof. Campinas: Verus, 2014. 364 p.

SUED, M. **A problemática da distribuição de riqueza retratada nas obras de Jane Austen**. Apresentação de Trabalhos V Encontro Nacional da JASBRA. UFOP. Ouro Preto. 2016.

SULLIVAN, M. **Austenblog**. Desde 2004. Disponível em: <<https://austenblog.com/>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

SVENSSON, A. Pressure and Profit – Re-presentations of Jane Austen’s Ever-Expanding Universe. In: RAW, Laurence; DRYDEN, Robert. (Orgs.) **Global Jane Austen** – Pleasure, Passion, and Possessiveness in the Jane Austen Community. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 205-220.

SWALES, J. M. **Genre Analysis. English in Academic and Research Settings**. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

SWALES, J. M. **Aspects of Articles Introductions**. Birmingham: The University of Aston, Language Studies Unit. 1981.

TAVARES, W. **Redes Sociais Virtuais Como Espaços Para Ações Coletivas: Possibilidades de Interação e Organização em Movimentos Sociais**. 2015. 403 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Minas Gerais. 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9XSGRW>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

TAVARES, K. C. A. Os papéis e o Trabalho do Moderador de Listas de Discussão. Pesquisas em Discurso Pedagógico 3. **Revista do IPEL**, Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 72 – 88, 2005.

THE LIZZIE BENNET DIARIES. USA: Pemberley Digital, 2013. DVD (set of 9 discs).

THOMPSON, A. Trinkets and Treasures: Consuming Jane Austen. **Persuasions on-line**. V. 28, n. 2, spring, 2008. Disponível em: <<http://www.jasna.org/persuasions/on-line/vol28no2/thompson.htm>>. Acesso em: 3 de maio de 2017.

TODD, J. **The Jane Austen Treasury** – A delightful collection of insights into her life, her times and her novels. London: Andre Deutsch. 2017.

TORRES, P. L. (Org.) **Redes e Mídias Sociais**. 2ª edição. Curitiba: Appris Editora. 2017.

TREEM, J. W.; LEONARDI, P. M. Social Media Use in Organizations: Exploring the Affordances of Visibility, Editability, Persistence and Association. **Communication Yearbook**. 2012. Vol. 36. pp. 143-189. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2129853>. Acesso em: 31 de julho de 2017.

UOL. **Venda de livros cresce no Brasil e chega a 470 milhões de exemplares em 2011**. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/11/venda-de-livros-cresce-no-brasil-e-chega-a-470-milhoes-de-exemplares-em-2011-diz-pesquisa.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

VALADARES, M. G. P., MURTA, C. A. Facebook como Ambiente Virtual de Aprendizagem. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. V. 2. N. 3. 2012. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/3655/3732>>. Acesso em 12 de julho de 2017.

VALENTE, J. A. Análise dos diferentes tipos de software usados na Educação. In: VALENTE, J. A. (Org.). **O Computador na sociedade do conhecimento**. Coleção Informática para a Mudança na Educação. Campinas: Unicamp/Nied, 1999. p. 71-85.

VAN LIER, L. **The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2004.

_____. From input to affordance: Social-interactive learning from an ecological perspective. In: LANTOLF, James P. (Ed.). **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 245-259.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience**. Cambridge, MA, MIT Press. 1991.

VARGAS, M. L. B. **O Fenômeno Fanfiction** – Novas Leituras e Escrituras em Meio Eletrônico. Passo Fundo: UPF Editora, 2015.

_____. **Slash: A Fan Fiction Homoerótica do Fandom Potteriano Brasileiro**. 2011. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. 182 p. Disponível em: <<http://repositorio.puers.br/dspace/bitstream/10923/4045/1/000431730-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

VARGAS, M. L. B. Do Fã **Consumidor ao Fã Navegador-autor**: O Fenômeno Fanfiction. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2005. 209 p. Disponível em: <<http://www.ppgl.upf.br/images/pdf/maria-lucia-bandeira-vargas.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2017.

VIGNA, E. **Literatura e Internet**. In: MARTINS, A. A.; MACHADO, M. Z. V.; PAULINO, G.; BELMIRO, C. A.; Livros e Telas. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011

VIRES, P. Literature and Cyberspace. **Folklore**. V. 29. P. 153-174. 2005. Disponível em: <<https://www.folklore.ee/folklore/vol29/cyberlit.pdf>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

VILA, V. S. **Titanic: 105 anos de Transposições de suas narrativas para diferentes mídias**. 2017 (no prelo).

XAVIER, A. C. **A Era do Hipertexto** – Linguagem e Tecnologia. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009.

WALTERS, J. **Virtual Circles: Using Technology to Enhance Literature Circles & Socratic Seminars**. 2003. Disponível em: <<https://www.ncsu.edu/meridian/sum2003/circles/circles.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

WALDROP, M. M. **Complexity: The emerging science at the edge of order and chaos.** New York: Touchstone. 1993.

WANG, Q., WOO, H. L., QUEK, C. L. Exploring the Affordances of Facebook for Teaching and Learning. **International Review of Contemporary Learning Research.** V. 1. N.1 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/289583952_Exploring_the_Affordances_of_Facebook_for_Teaching_and_Learning>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

WARSCHAUER, M. **E-mail for English teaching: bringing the international computer learning network into the language classroom.** TESOL. 1995

WASSERMAN, S.; FAUST. K. **Social Network Analysis.** Methods and Applications. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

WELLMAN, B. et al. The Social Affordances of the Internet for Networked Individualism. **Journal of Computer-Mediated Communication.** 2003. V. 8 (3). Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2003.tb00216.x/full>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

WELLMAN, B. Physical Place and Cyberplace: The Rise of Personalized Networking. **International Journal of Urban and Regional Research.** 2001. V. 25 (2), p. 227-252. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2427.00309/pdf>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

WELLS, J. **Everybody's Jane Austen in the Popular Imagination.** London: Bloomsbury, 2013.

WENGER, E. Communities of Practice and Social Learning Systems: The Career of a Concept. In: BLACKMORE, C. (ed.) **Social Learning Systems and Communities of Practice.** Springer Verlag and the Open University. 2009. Disponível em: <<https://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

WENGER, E. Communities of Practice and Social Learning Systems. **Organization Articles.** V. 7 (2), 2000, p. 225-246. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/135050840072002>>. Acesso em: 15 de março de 2018.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning and Identity.** Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, E. **Communities of Practice – A Brief Introduction.** 2012. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>>. Acesso em 15 de março de 2018.

WENGER, E.; LAVE, J. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation.** Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

WENGER-TRAYNER, E.; WENGER-TRAYNER, B. **Communities Versus Networks**. 2011. Disponível em: <<https://wenger-trayner.com/resources/communities-versus-networks/>>. Acesso em 15 de março de 2018.

WILSON, R. E.; GOSLING, S. D. GRAHAM, L. T. Facebook Research in the Social Sciences. **Perspectives on Psychological Science**. v. 7. n. 3. p. 203 – 220. may. 2012. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1745691612442904>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

WITTEL, A. Ethnography on the Move: From Field to Net to Internet. **FQS – Forum: Qualitative Social Research**. Vol. 1 N.1 Art. 21. January, 2000. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1131/2517%26amp%3Bsa%3DU%26amp%3Bei%3DmkZ>>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

WITTKOWER, D. E. (ed.) **Facebook and Philosophy**. Illinois: Open Court, 2010.

WOOLGAR, S. Technologies as cultural artifacts. In W. Dutton (ed.) **Information and Communication Technology: Visions and Realities**. Oxford: Oxford University Press. 1996. pp. 87-102.

WOLSEY, T. D. Literature discussion in cyberspace: Young adolescents using threaded discussion groups to talk about books. **Reading Online**, v. 7, n.4, 2004. Disponível em: <http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=wolsey/index.html>. Acesso em: 08 de agosto de 2015.

YAFFE, D. **Among the Janeites: A Journey through the World of Jane Austen Fandom**. New York: Hmh Books, 2013.

ZAGO, G. S. Sites de Redes Sociais e Jornalismo: Explorando a Percepção dos Usuários Sobre a Circulação Jornalística no Twitter e no Facebook. **Revista Novos Olhares**. V. 12, N. 2. P. 49-59. 2012

ZANINI, D. Etnografia em Mídias Sociais. In: SILVA, T.; STABILE, M. (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016, p. 163-186.

ZARDINI, A. S. Jane Austen é Pop. In: **Anais do IX Colóquio Mulheres em Letras**. Belo Horizonte: UFMG, 2017. v. 1. p. 14-25.

ZARDINI, A. S. O Que Jane Austen Nos Ensina Sobre As Mulheres De Sua Época. **Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura**. Caxias do Sul: Educs, 2016. v. 1. p. 1239-1247.

ZARDINI, A. S.. Jane Austen, escritora conservadora ou liberal?. In: Constância Lima Duarte; Cláudia Maia; Laile Ribeiro de Abreu; Iara Christina Silva Barroca; Maria de Fátima Moreira Peres; (Org.). **Arquivos Femininos: Literatura, valores, sentidos**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014, v. 1, p. 363-373.

ZARDINI, A. S.. A Identidade Feminina Na Obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen. **Anais do IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística**. Uberlândia: UFU, 2013a. v. 3. p. 1-12.

ZARDINI, A. S. Jane Austen, Escritora Conservadora ou Liberal? **Anais do V Colóquio do Encontro Nacional Mulheres em Letras**. Belo Horizonte: UFMG, 2013b. v. 1. p. 9-16.

ZARDINI, A. S.. A Representação da Mulher na Sociedade Inglesa do Século XIX nas Obras de Jane Austen. **Anais do III Encontro Nacional da Jane Austen Sociedade do Brasil**, Recife, 2011a.

ZARDINI, A. S.. A mulher na sociedade inglesa do século XIX nas obras de Jane Austen. **Anais do III Colóquio/I Encontro Nacional Mulheres em Letras Escritoras de Ontem e de Hoje e Sempre**. Belo Horizonte: UFMG, 2011b. v. 1.

ZARDINI, A. S.. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese** (Belo Horizonte. On-line), v. 17, p. 156, 2011c.

ZARDINI, A. S. How Austen is conquering Brazil. **Jane Austen's Regency World**, v. no 47, p. 2-4, 2010.

ZARDINI, A. S.; AFONSO, L. A. Leitura Na Era Digital - Como Os Adolescentes Descobrem A Literatura? In: Seminário Nacional Sobre Ensino De Língua Materna E Estrangeira E De Literatura. IX. 2016, Campina Grande. UFCG. **Anais Eletrônicos do IX Seminário Nacional Sobre Ensino De Língua Materna E Estrangeira E De Literatura**. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, 2016. p. 1-11.

_____ Múltiplas Possibilidades De Discussões Literárias No Facebook. In: Simpósio Internacional de Estudos em Linguagens, 2013, Campina Grande. **Anais do I Simpósio Internacional de Estudos em Linguagens (I SIEL) e VIII Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura (VIII SELIMEL)**. Campina Grande: UFCG, 2013. v. 1, p. 797-806.

_____ Jane Austen na Internet – Um Relato de Experiência Com o Uso do Fórum e do Blog para Discussão Literária. In: IX Fórum Ibero-americano de Letramentos e Aprendizagens, 2011, Belo Horizonte. **Anais IX Jogo do Livro e III Fórum Ibero-Americano de Letramentos e Aprendizagens**. Belo Horizonte: UFMG. 2011. CD-ROM.

_____ Literatura discutida na Web: uma experiência com o fórum de discussão. In: **Anais do Hipertexto 2010**. Recife: UFPE. 2010. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Adriana-Sales-Zardini&Lilia-dos-Anjos-Afonso.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

ZARDINI, A. S.; AUSTEN, J. **Emma**. (tradução) São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____ **Razão e Sensibilidade**. (tradução) São Paulo: Editora Landmark, 2010.

Mansfield Park. (tradução) São Paulo: Editora Landmark, 2009.

ZARDINI, A. S.; D'Ornellas, N. Clube de Leitura. **Jornal O Tempo**, Belo Horizonte, p. 7, 29 set. 2010.

ZARDINI, A. S.; Peixoto, M. 'Orgulho e preconceito', de Jane Austen, completa 200 anos e é tema de seminário em BH. **Jornal Estado de Minas** - Caderno Divirta-se, Belo Horizonte, p. 6 - 6, 25 jan. 2013.

ZAVAM, A. S. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3602>>. Acesso em: 07 de março de 2018.

ANEXO I – Dados coletados no Facebook

Figura 84 - Seção Detalhes dos Membros – Países e Cidades

Informações do grupo	Principais países	Principais cidades
Gerenciar grupo	Brasil 4.238	São Paulo, SP 591
Pesquisar neste grupo	Estados Unidos 78	Rio de Janeiro, RJ 479
Atalhos	Reino Unido 30	Belo Horizonte, MG 203
Jane Austen Brasil (20+)	Portugal 23	Curitiba, PR 114
Jane Austen Sociedade...	França 14	Fortaleza, CE 80
Jane Austen Society of ...	Irlanda 11	Brasília, DF 79
	Itália 11	Porto Alegre, Rio Grande do Sul 77
	China 10	Recife, PE 68
	Austrália 9	Salvador, BA 61
	México 8	Campinas, SP 55

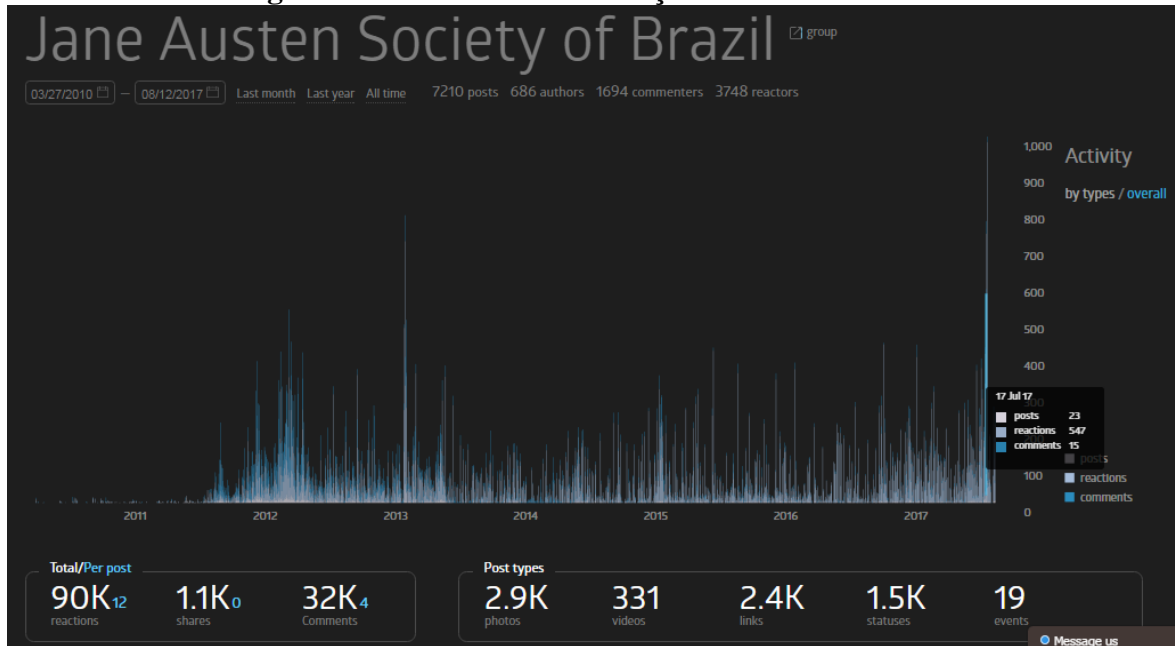
Fonte: Facebook

Tabela 4- Lista Completa de Membros e seus respectivos países

Países	Membros	Países	Membros
Brasil	4238	Angola	2
Estados Unidos	78	Turquia	2
Reino Unido	30	Rússia	2
Portugal	23	Paquistão	2
França	14	Uruguai	2
Irlanda	11	Camboja	2
Itália	11	Hong Kong	1
China	10	Nicarágua	1
Austrália	9	Finlândia	1
México	8	Honduras	1
Índia	7	Equador	1
Canadá	6	Indonésia	1
Argentina	6	Costa Rica	1
Espanha	6	Sérvia	1
Nigéria	5	Uganda	1
Holanda	5	Líbano	1
Filipinas	4	Suíça	1
Peru	3	Taiwan	1
Argélia	3	Benin	1
Alemanha	3	Croácia	1
Dinamarca	2	Japão	1
Chile	2	Venezuela	1
Bangladesh	2	Tunísia	1
Áustria	2	Malásia	1
Egito	2	África do Sul	1
Emirados Árabes Unido	2		

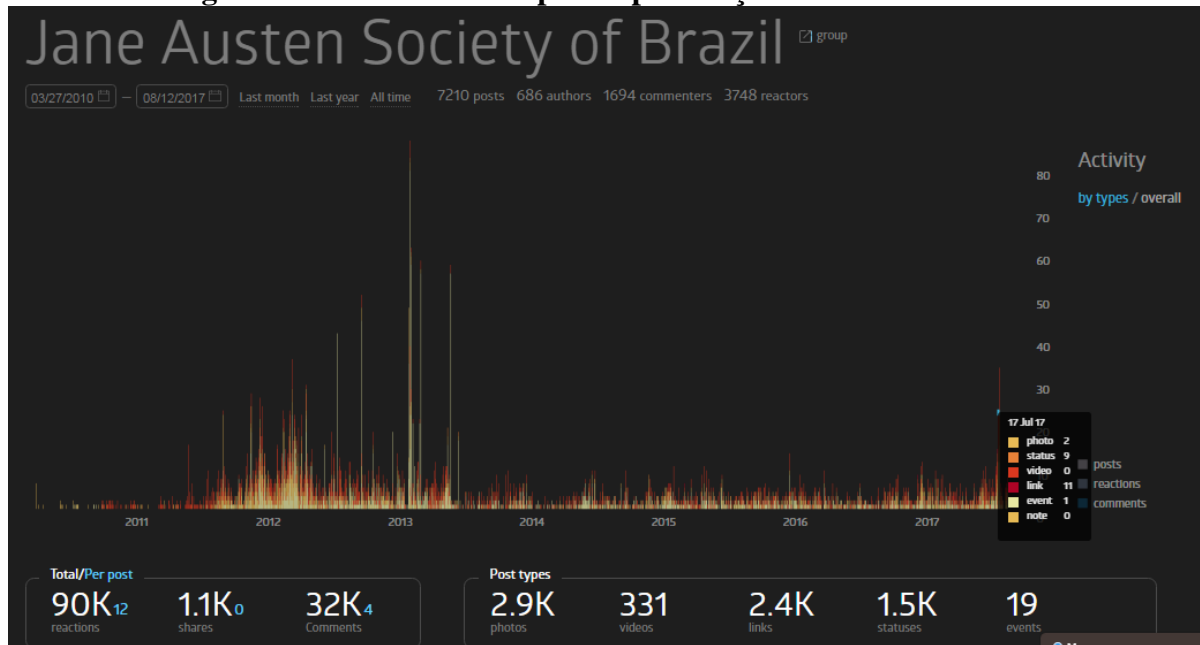
ANEXO II – Dados coletados no Sociograph

Figura 85 – Detalhes da interação no dia 17/07/2017



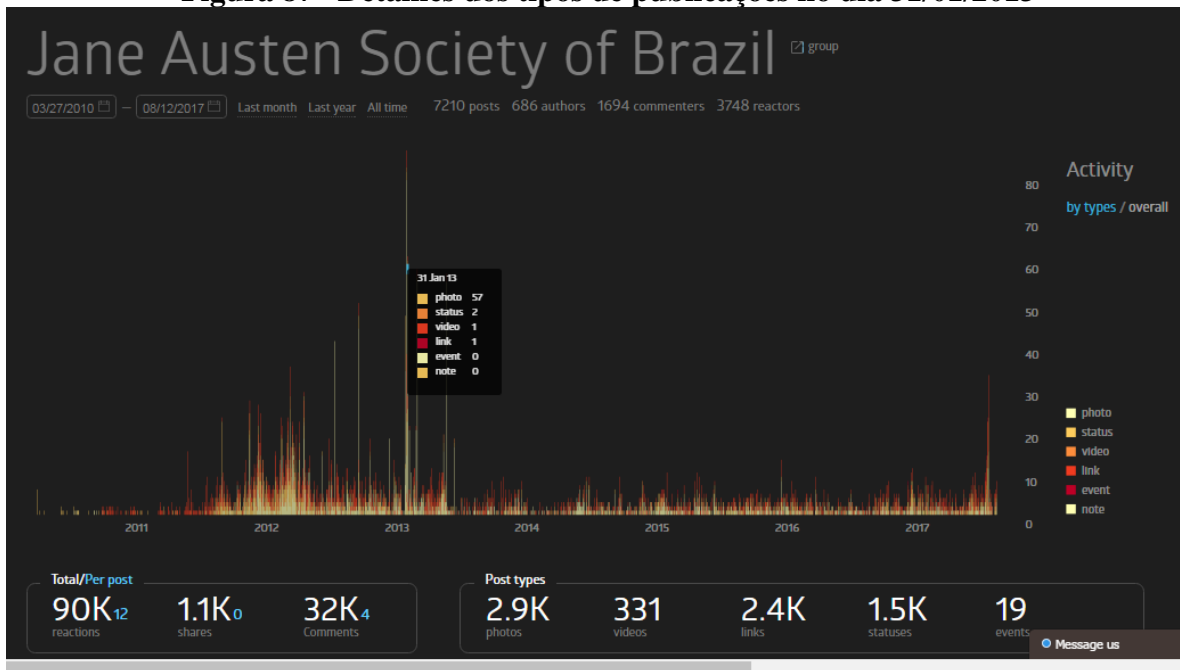
Fonte: Sociograph

Figura 86 – Detalhes dos tipos de publicações no dia 17/07/2017



Fonte: Sociograph

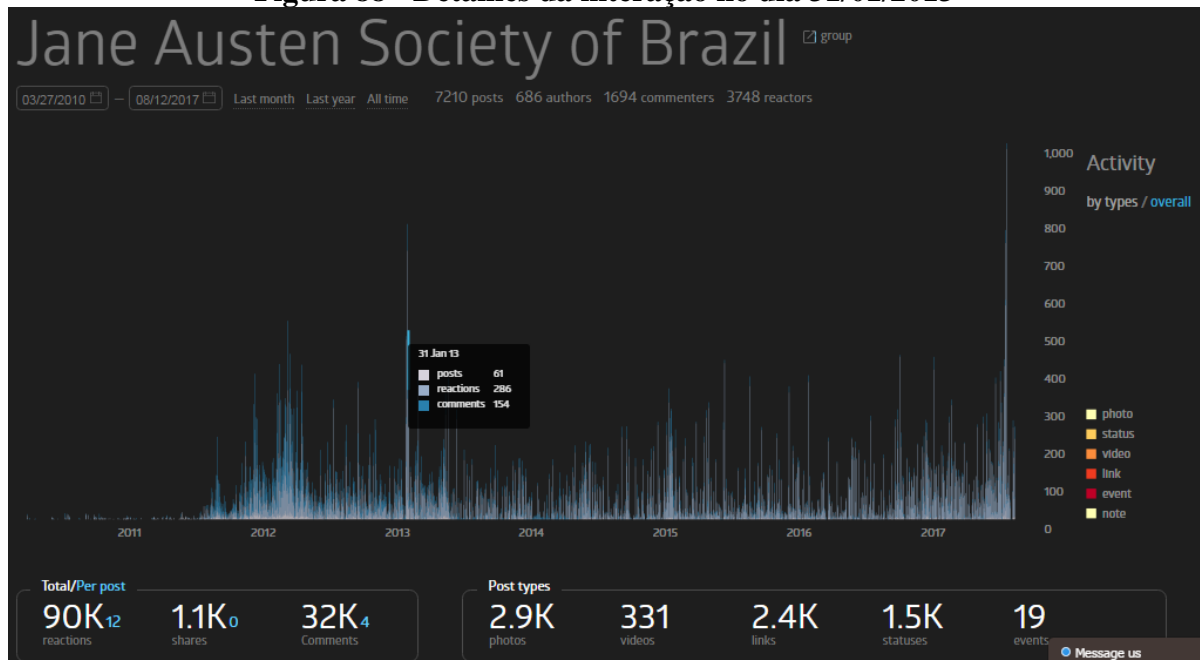
Figura 87– Detalhes dos tipos de publicações no dia 31/01/2013



Fo

Fonte: Sociograph

Figura 88 - Detalhes da interação no dia 31/01/2013



Fonte: Sociograph

ANEXO III - Filmes e séries de televisão comercializados no Brasil com legendas em português brasileiro

Tabela 5 – Filmes e séries de televisão

Título	Ano de lançamento	Empresa	Origem do filme/série
Palácio das Ilusões (Mansfield Park) (1999)	2000	Imagem Filmes	UK
Emma (1996)	2001	Europa Filmes	UK/EUA
Razão e Sensibilidade (1995)	2003	Columbia Pictures	UK/EUA
Orgulho e Preconceito (2005)	2005	Universal Pictures	FRANÇA/UK
As Patricinhas de Bervely Hills (Emma) (1995)	2005	Paramount Pictures	EUA
Amor e Inocência (2007)	2008	Focus Filmes	UK
O clube de Leitura de Jane Austen (2007)	2008	Sony Pictures	USA
Orgulho e Preconceito (1940)	2011	Versátil Home Vídeo	EUA
Persuasão (2007)	2011	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Miss Austen Regrets (2007)	2011	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Orgulho e Preconceito (1995)	2011	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Emma (2009)	2011	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Razão e Sensibilidade (2007)	2011	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Mansfield Park (2007)	2012	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
A Abadia de Northanger (2007)	2012	Logon – sob licença da BBC e ITV	UK
Orgulho e Preconceito e Zumbis (2016)	2016	Sony Pictures	EUA
Amor e Amizade (2017)	2017	Califórnia Filmes	UK/EUA

Fonte: Confecção própria

ANEXO IV – Questionário

Pesquisa com os membros da Comunidade Jane Austen Brasil no Facebook

Esta pesquisa faz parte do meu levantamento de dados para tese de Doutorado na Faculdade de Letras - UFMG

*Obrigatório

1) Como você conheceu a comunidade da JASBRA? *

- Indicação de amigo ou parente
- Indicação em livrarias ou de outros leitores
- Propaganda no Facebook
- Participava de outra comunidade ou fanpage e li sobre a JASBRA
- Indicação em outra rede social (ex. Instagram, Twitter, Facebook)
- Indicação no blog da JASBRA
- Indicação em outras fontes (ex. sites, blogs, artigos em jornais e revistas)
- Outro: _____

2) Você participa da comunidade da JASBRA no Facebook há quanto tempo? *

- Menos de 1 ano
- entre 1 a 2 anos
- 2 a 4 anos
- 5 a 6 anos
- Desde a fundação em 2010
- Não sei precisar

3) Você se interessou por Jane Austen e suas obras a partir: *

- da leitura dos livros de Austen
- da leitura de continuação das obras de Austen
- quando assisti um filme baseado em uma obra de Austen
- quando assisti uma série de televisão baseada em uma obra de Austen
- indicação de amigo ou parente
- Outro: _____

4) Há quanto tempo você é fã de Jane Austen? *

- Menos de 1 ano
- Entre 2 a 5 anos
- Entre 6 a 10 anos
- Entre 11 a 15 anos
- Entre 16 a 20 anos
- mais de 20 anos

5) Você participa da comunidade da JASBRA no Facebook por qual motivo? *

- interação com os outros membros
- para aprofundar nas obras de Jane Austen
- para saber das novidades sobre Jane Austen
- para discutir as obras de Jane Austen
- para discutir filmes e séries baseados nas obras de Jane Austen
- Outro: _____

6) Na sua opinião, a comunidade realiza a função de construção do conhecimento a respeito da escritora e suas obras aqui no Brasil? *

- sim
- não
- Outro: _____

7) Quais são os seus motivos para a resposta à questão anterior? *

Sua resposta _____

8) Você já produziu ou produz algo relacionado à Jane Austen? *

Qualquer tipo de produção textual, oral ou visual (fanart, fanfics, artigos, sites, blogs, memes, artesanato, perfil nas redes sociais)

- Sim
- Não

PRÓXIMA

Produção de informações sobre Jane Austen

Qualquer tipo de produção textual, oral ou visual (fanart, fanfics, artigos, sites, blogs, memes, artesanato, perfil nas redes sociais)

1) Você faz ou já fez alguma produção sobre Jane Austen, qual(is)? *

- Site ou blog onde publico sobre Jane Austen exclusivamente
- Site ou blog onde publico sobre Jane Austen esporadicamente
- Fanart (desenhos, imagens, banners)
- Escrevo artigos ou resenhas acadêmicas
- Participo de congressos com apresentação e trabalhos sobre Jane Austen
- produzo memes
- faço artesanato inspirado em Jane Austen
- possuo outra(s) rede(s) sociais onde divulgo sobre Jane Austen (ex. Instagram, Twitter)
- faço resenhas dos livros de Austen e/ou continuações de suas obras (fanfics)
- possuo um canal de vídeos no Youtube exclusivo sobre Jane Austen
- possuo um canal de vídeos no Youtube que publica sobre Jane Austen esporadicamente
- esquetes (apresentações improvisadas)
- encontros presenciais para discussão dos livros de Austen
- Outro: _____

2) Por gentileza, descreva as atividades anteriores e se possível coloque os nomes dos blogs, sites, fanpages ou links nas redes sociais *

Sua resposta _____

3) A(s) produção(ões) mencionada(s) acima foram motivadas ou iniciadas antes de sua entrada na comunidade da JASBRA? *

- sim
- não
- Outro: _____

4) Você acredita que a participação em comunidades como a da JASBRA motiva o participante a produzir conhecimento sobre a escritora? *

- Sim
- Não
- Outro: _____

VOLTAR

PRÓXIMA

Produção de terceiros

As produções dos demais membros do grupo lhe chamaram a atenção? Explícite seus favoritos

Existe(m) produções realizadas por outras pessoas que chamaram a sua atenção? *

- sim
- não

Quais produções lhe chamaram mais atenção? *

Sua resposta

VOLTAR

PRÓXIMA

Perfil do Participante

Antes de terminar essa pesquisa, eu gostaria de conhecer um pouco mais sobre você.

1) Idade *

- entre 12 a 18 anos
- entre 19 a 25 anos
- entre 26 a 35 anos
- entre 36 a 45 anos
- entre 46 a 55 anos
- mais de 56 anos

2) Sexo *

- masculino
 feminino

3) Mora em qual região? *

- Norte
 Nordeste
 Centro-Oeste
 Sul
 Sudeste
 no Exterior

4) Sua formação escolar *

- Ensino fundamental
 Ensino Médio
 Graduação completa
 Graduação incompleta
 Pós-Graduação completa
 Pós-graduação incompleta

5) Área de formação (caso tenha formação universitária) *

- Letras
 Humanas
 Exatas
 Biológicas
 Tecnologia
 não se aplica

6) Seu nome *

(não haverá identificação na tese, seus dados são confidenciais)

Sua resposta _____

7) E-mail *

seu e-mail será utilizado apenas quando houver necessidade de contato para tirar alguma dúvida.
Obrigada!

Sua resposta _____

VOLTAR

ENVIAR